

ROBERTO DE CARVALHO  
PELO ESPÍRITO FRANCISCO

# A lágrima do outro



 boanova  
editora



ROBERTO DE CARVALHO  
PELO ESPÍRITO FRANCISCO

# A lágrima do outro

boanova  
editora



1ª edição Fevereiro/2022 Capa e projeto gráfico Juliana Mollinari Imagem Capa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

■

Francisco (Espírito)

A lágrima do outro / pelo espírito Francisco ; [psicografado por] Roberto de Carvalho. -- Catanduva, SP : Boa Nova Editora, 2022.

e-ISBN 978-65-86374-16-2

1. Espiritismo 2. Romance 3. Obras psicografadas I. Carvalho, Roberto de. II. Título.

22-99942

CDD-133.93

■

**Índices para catálogo sistemático:**

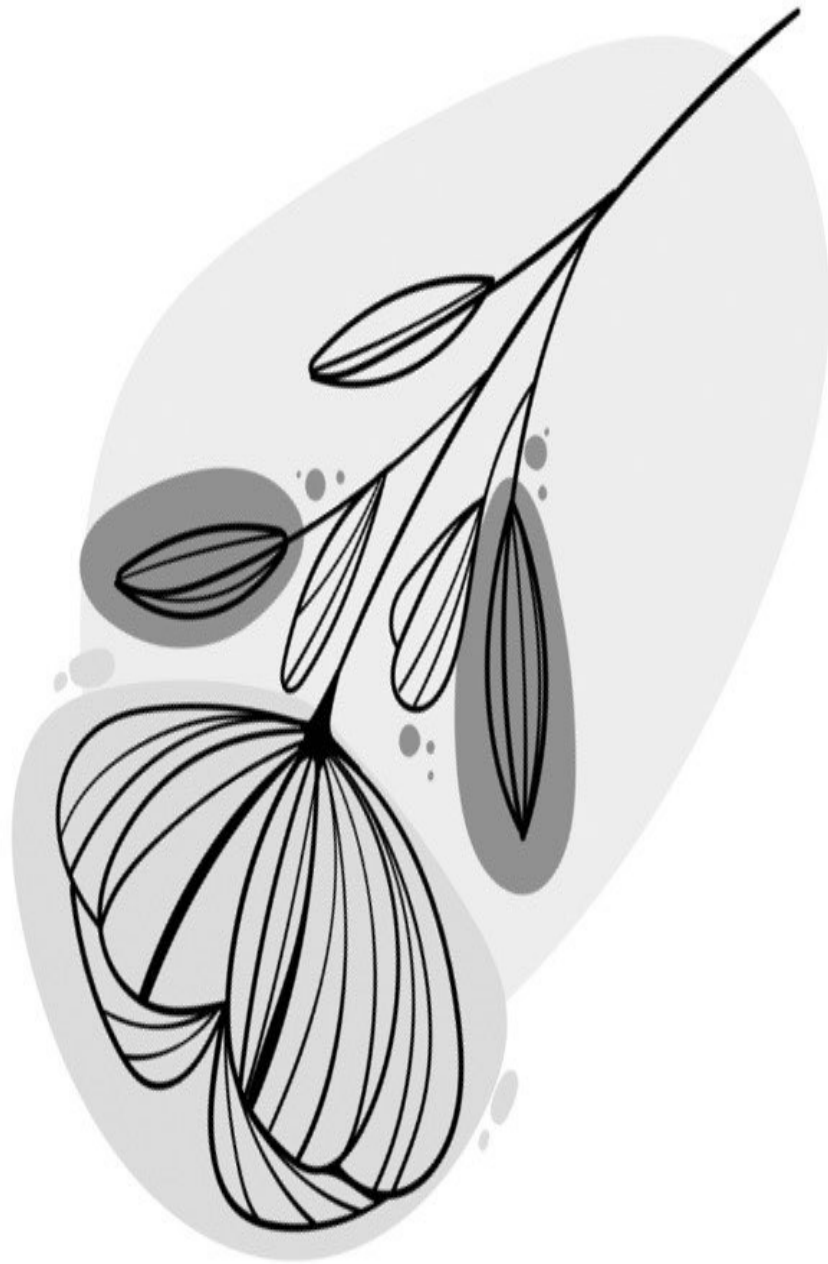
1. Romance : Espiritismo 133.93 Maria Alice

Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

ROBERTO DE CARVALHO  
PELO ESPÍRITO FRANCISCO

*A lágrima  
do outro*





**”A lágrima do outro causa maior sofrimento em quem a provoca do que em quem a derrama.”**

**(Francisco)**

Este romance foi escrito sob inspiração mediúnica e tem por finalidade divulgar o espiritismo por meio dos ensinamentos básicos de sua Doutrina, principalmente no que se refere à aplicação das leis universais como fator de correção e aprendizado ao Espírito em processo expiatório.

Embora o enredo seja baseado em fatos reais, os personagens que compõem a narrativa são fictícios. Portanto, qualquer semelhança com nomes ou descrição de pessoas ou lugares terá sido mera coincidência.





## Palavras de gratidão

Os derradeiros capítulos deste romance foram escritos durante o período de isolamento social, em razão da pandemia provocada pelo novo coronavírus, que se alastrou pelo mundo a partir do início de 2020.

Confesso que, embora tendo bastante tempo para ficar em casa, foi difícil manter a concentração e transformar em literatura o que a inspiração mediúnica sugeria, diante das tantas notícias negativas que eram propagadas diuturnamente e da inquietante incerteza em relação ao futuro.

Desse modo, tenho mais de um motivo para agradecer à espiritualidade amiga, responsável pela existência deste novo romance, e sem o apoio da qual esse período de provação imposto pelo recolhimento teria sido bem mais difícil de ser suportado.

São Paulo, julho de 2020

Roberto de Carvalho



# Sumário

[Introdução](#)

[Capítulo 1 – Solidão](#)

[Capítulo 2 – Inquietações](#)

[Capítulo 3 – Orfandade](#)

[Capítulo 4 – A curandeira](#)

[Capítulo 5 – Atribulações](#)

[Capítulo 6 – Passionalidade](#)

[Capítulo 7 – Entrevero](#)

[Capítulo 8 – Cárcere](#)

[Capítulo 9 – Oportunidades](#)

[Capítulo 10 – Bilhetes](#)

[Capítulo 11 – Entraves](#)

[Capítulo 12 – Tragédia](#)

[Capítulo 13 – Sonhos](#)

[Capítulo 14 – Estratégia](#)

[Capítulo 15 – Acidente](#)

[Capítulo 16 – Sequestro](#)

[Capítulo 17 – Apreensão](#)

[Capítulo 18 – Altercações](#)

[Capítulo 19 – Possessão](#)

[Capítulo 20 – Crime](#)

[Capítulo 21 – Artimanhas](#)

[Capítulo 22 – Depressão](#)

[Capítulo 23 – Tristeza](#)

[Capítulo 24 – Escuridão](#)

[Capítulo 25 – Verdades](#)

[Capítulo 26 – Enganos](#)

[Epílogo](#)

## **Introdução**

*A alma, deixando o corpo, tem imediata consciência de si mesma?*

*Consciência imediata não é bem o termo; ela fica algum tempo na perturbação.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 163*

Eu fazia parte de um grupo socorrista incumbido de resgatar pacientes desencarnados que se mantinham aprisionados na dimensão astral de antigo hospital localizado em uma cidade interiorana do estado de Minas Gerais. Encontramos ali um grande número de entidades agoniadas e confusas, algumas tendo retornado ao plano espiritual há décadas, sem sequer perceber que haviam feito a inevitável passagem.

Os pacientes que chegaram a óbito deixando o corpo com resignação, conhecimento de causa e sem apego aos entraves físicos e emocionais aceitavam a ajuda oferecida e se adaptavam à nova realidade sem grandes transtornos, mas, para os que desencarnaram apegados ainda a bens materiais ou atrelados ao cultivo de sentimentos inferiores, a morte física representava uma negativa e inquietante experiência.

Havia ainda aqueles que, prisioneiros de culpas e remorsos, recusavam-se a admitir a condição de desencarnados e continuavam a agir como se nada houvesse acontecido, pois temiam se deparar com o aterrador momento de encararem o julgamento de seus pecados e, em consequência, a condenação eterna na qual acreditavam piamente.

Dentre os espíritos alienados que ali se encontravam, Lindolfo me chamou a atenção. Tinha a aparência de um homem jovem, em torno dos trinta anos de idade, mas apresentava um aspecto doentio e um semblante sisudo e circunspecto, alternando períodos de apatia com outros de grande inquietação, deixando claro que era consumido pela dor lancinante da solidão e da decepção consigo mesmo.

Movido por uma atração irresistível, permaneci ao lado dele e consegui estabelecer contato mental, por meio do qual fiz uma leitura pormenorizada dos conflitos emocionais que o mantinham prisioneiro dos próprios pensamentos confusos e pessimistas, pois estava claro que somente daquele modo seria possível auxiliá-lo.

Espero que as experiências do protagonista desta narrativa possam ajudar os leitores, mostrando que as escolhas do Espírito em sua árdua tarefa de aprendizado são feitas de acordo com a vontade de cada um, em respeito à lei do livre-arbítrio concedida por Deus, mas que as consequências dessas escolhas são também responsabilidade de quem optou por elas.

Boa leitura!

Francisco

## **Capítulo 1**

### **Solidão**

*A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável: pode ser de algumas horas, como de vários meses, e mesmo de muitos anos.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 165 (Comentário de Kardec)*

Da posição em que estava deitado, Lindolfo acreditava poder ver um pedaço do céu esquadrinhado pela moldura da janela: retalho azul-claro banhado de luz, salpicado por pequenas nuvens brancas e entrecortado, às vezes, pelo voo lento dos abutres que planavam preguiçosamente entre elas. Era nisso que acreditava, pois este era o quadro que se apresentava lá fora na última vez em que, ainda encarnado, lançara o olhar naquela direção.

Os olhos agora se mantinham fechados. As pálpebras sugeriam um peso imensurável e ele acreditava que esse sintoma era consequência dos medicamentos que a enfermeira andara inoculando em suas veias para abrandar as constantes dores que se distribuía pelo corpo.

Era uma daquelas manhãs mornas de verão. Lindolfo tinha a sensação de que o sol acabara de raiar e que o leve bafejo do vento matutino, ao invadir o quarto, promovia um movimento sutil no tecido delicado da cortina de rendas. Porém nada disso era visto, mas apenas pressentido. Ele estava subjugado pela languidez angariada na soma da sensibilidade aguçada pela doença com a rotina entediante da internação.

Há quanto tempo estaria ali?, questionava a si mesmo, pois não ousava mais fazer esta pergunta para Angelina, a dedicada enfermeira que havia cuidado dele com a obstinação e o carinho de um verdadeiro anjo.

De qualquer modo, independentemente da resposta que ela desse, nada lhe tiraria a impressão de fazer uma eternidade que habitava aquele limitado dormitório, onde prevalecia um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo chilreio da passarinhada entre os galhos das mangueiras, cujas copas se nivelavam à altura das janelas do segundo andar da ala de internação.

Uma das árvores havia estirado seus ramos tão próximo da janela do quarto, que às vezes esbarravam na vidraça, promovendo um grosseiro toc-toc, como se quisessem chamar a atenção do enfermo. Quando ventava forte, ela acenava com um batalhão de folhas verde-escuras, no frenesi de um agitado adeus que não cessava nem se concretizava nunca.

Lindolfo procurava manter ocupados os pensamentos que tentavam levá-lo à loucura. Queria acreditar que em breve Angelina invadiria o aposento com seu sorriso franco, os olhos enormes, examinadores, e falaria as mesmas palavras de todas as manhãs. Diria seu nome repetidas vezes e todas as suas frases seriam

sucedidas de um ponto de interrogação:

– Como vai, seu Lindolfo? O senhor está se sentindo bem hoje? Sabe que está um belo dia lá fora, seu Lindolfo?

E, com seus braços vigorosos e as delicadas mãos de quem fez da caridade uma profissão, mexeria nas roupas da cama, no pijama, no esparadrapo que prendia a cânula do soro ao seu antebraço, na fronha...

E voltaria às indagações:

– O travesseiro está confortável, seu Lindolfo? Quer aprumar melhor o seu corpo? Quer que lhe cubra com mais um cobertor, seu Lindolfo?

Inquietava-lhe pensar que deveria abrir os olhos e corresponder ao olhar de simpatia e compaixão que a enfermeira lhe direcionava, mas as pálpebras não obedeciam.

Lindolfo pensava em dizer a ela que estava tudo bem, que não se preocupasse com nada. Apenas que não o deixasse sozinho por tanto tempo, subjugado pelo tédio da solidão. Deveria sorrir para Angelina e tranquilizá-la, mas os lábios não se moviam. Eles também estavam pesados e enrijecidos. A verdade é que foram poucas as vezes em que Lindolfo sorrisse de modo verdadeiro ao longo da vida.

Interessante é que, por meio de uma estranha anatomia que sentia existir em alguma dimensão insondável de seu ser, ele olhava para a enfermeira e conseguia descrever tudo o que havia nela, inclusive uma pequenina mancha vermelha – possivelmente gotícula do sangue de algum paciente – na gola branquíssima de seu jaleco.

Notava-lhe as rugas da maturidade balzaquiana em torno dos olhos e uma tristeza indisfarçável no semblante, mesmo quando sorria. Consequências de frustrações amorosas? Certamente. Afinal, quem não as tem?

Somente por meio dessa estrutura que lhe era ao mesmo tempo real e desconhecida, mas que concretamente lhe pertencia, ele não só conseguia ver Angelina, como sorria e se correspondia com ela. E lhe dizia que estava tudo ótimo, agradecido por tanta gentileza e dedicação:

– Deus lhe pague!

O pensamento em Deus atraiu a figura distante do padre Júlio. Vieram-lhe à memória imagens esmaecidas das missas em que atuara como coroinha, orgulhoso por usar uma espécie de batina branca sobre as calças curtas de menino brejeiro, e de fazer soar a sineta durante a consagração do vinho e da hóstia. Usava ainda um cordão de fios torcidos amarrado à cintura, cujas cores variavam de acordo com as datas comemorativas do calendário cristão.

– O Lindolfo sabe o momento exato de tocar a sineta e o faz na medida certa: nem muito alto nem muito baixo – dizia o religioso, quando se reunia com os meninos, na sacristia, onde se paramentavam para as cerimônias da igreja.

À época, Lindolfo tinha doze anos e ficava exultante com os elogios do padre. Com isso, dedicava-se ainda mais ao aprendizado de como proceder nos rituais litúrgicos. Mas havia uma distância tão grande entre o tempo passado e o presente, que ele não se atrevia a afirmar que aquele ingênuo rapazinho e o homem rude que se tornara fossem a mesma pessoa.

As perguntas voltavam a fervilhar em seus pensamentos: onde estaria Angelina? Demoraria muito para aparecer? Que horas seriam?

Por vezes, considerava a possibilidade de estar enganado. Talvez o dia ainda não houvesse raiado. Talvez a janela estivesse fechada e, em vez do céu azul e do dia ensolarado a espalhar luminosidade sobre as copas das árvores, prevalecessem trevas lá fora. Talvez o gorjeio dos pássaros fosse apenas a lembrança ilusória de um passado remoto a fingir que permanecia atual.

E, se fosse mesmo noite, haveria tempestades? Ou o céu se apresentaria estrelado, banhado pela luz de uma lua imensamente clara? Ah, se seus olhos se abrissem! Se não estivessem tão pesados...

## Capítulo 2

### Inquietações

*Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e durante o mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?*

*Não, isso depende da sua elevação. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, visto que já se libertou da matéria durante a vida do corpo, ao passo que o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, conserva por tempo mais longo a impressão dessa matéria.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 164*

Os olhos e os ouvidos com que Lindolfo via e ouvia agora – e que cada vez mais o convenciam de não pertencer ao seu esqueleto carcomido pela doença – poderiam ser aquilo que algumas vezes ouvira Donana chamar de corpo astral.

Segundo a velha parteira, tratava-se de uma cópia do corpo de carne que os humanos possuem, mas que é feito de matéria bem mais sutil, invisível aos olhos carnis, exceto para pessoas como ela, que detinha a faculdade da clarividência e da clariaudiência.

Donana dizia que é com essa espécie de corpo que os mortos interagem no alémtúmulo e é também ele que serve de molde para a estrutura física que abrigará a alma em sua próxima reencarnação.

“Será isso que me move neste momento, numa prévia alusão do que ocorrerá quando eu morrer?”, perguntava-se Lindolfo mentalmente, sem saber por qual motivo aquelas dúvidas o atazanavam tanto. “Ou a sensação de poder me manifestar, apesar da invalidez do corpo físico, será tão ilusória quanto o trinar da passarinhada entre os ramos? Como saber disso com certeza?”, e prosseguia em suas silenciosas elucubrações.

A existência do corpo astral é uma explicação razoável para pessoas como Donana, que acreditam nas concepções reencarnacionistas e no intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo físico. Mas esses conceitos não se ajustavam às crenças de Lindolfo. Mesmo os dogmas religiosos nos quais chegou a crer um dia acabaram se evaporando à medida que a paixão o impulsionou para direções conflitantes com aquilo que ele considerava algo justo, sensato e coerente.

A verdade é que ele optou por escolhas incompatíveis com os conceitos morais que aprendera na infância. Se as advertências que recebera fizessem parte de seu dia a dia, teriam assumido a função de uma rédea opressora, impedindo-o de tomar atitudes que considerava necessárias à realização de seus projetos pessoais.

Padre Júlio e Donana, apesar da discordância conceitual de suas religiões, mantinham um relacionamento amistoso entre si. Eram duas almas generosas que se destacavam pelas boas ações e, de algum modo, se completavam. Mas agora eram apenas dois vultos que tinham se perdido na poeira do tempo e que haviam tido relevância em sua vida apenas na época em que ele era muito diferente.

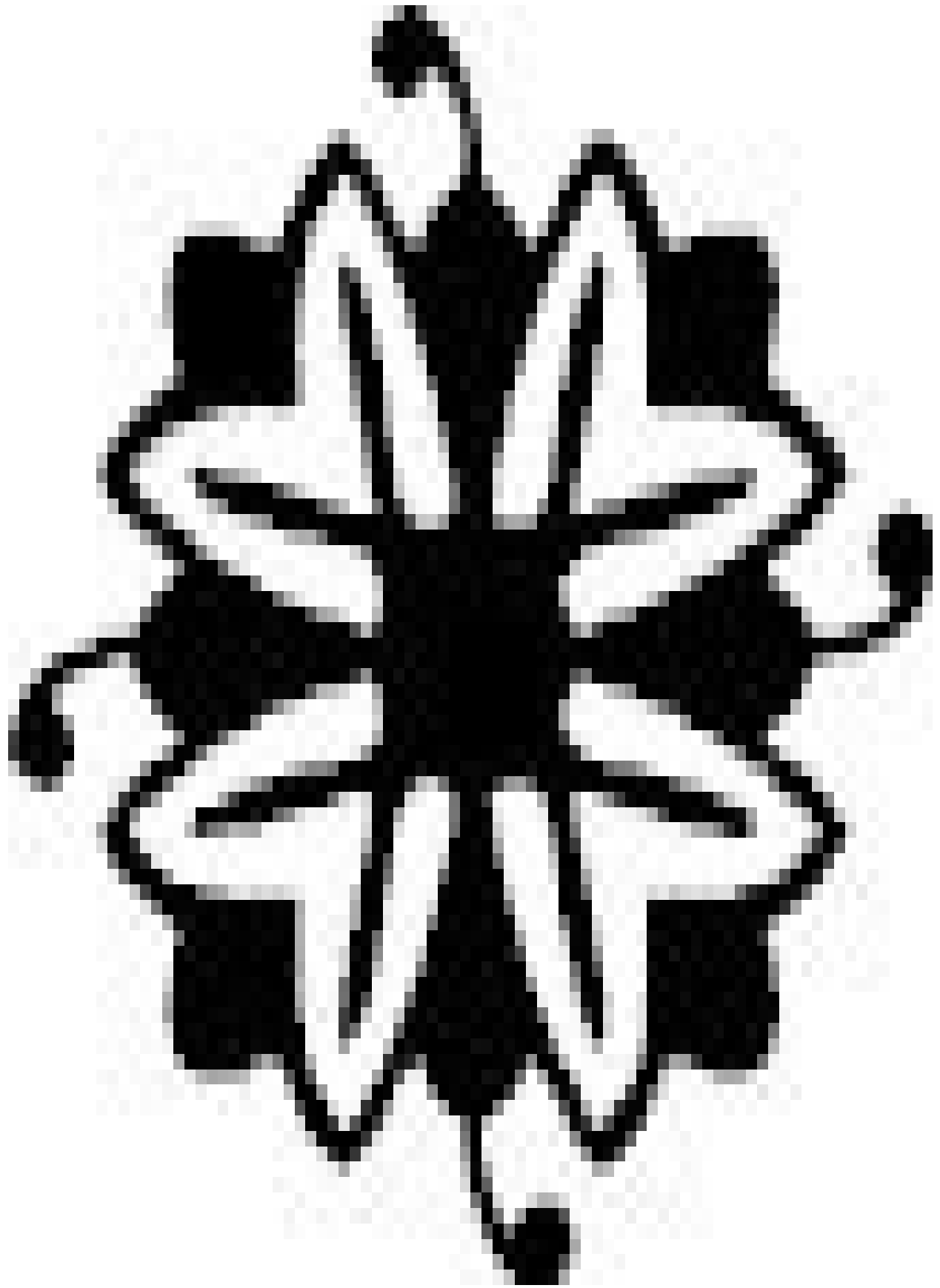
Lindolfo não possuía mais aquela ingenuidade de outrora. Entretanto, se tivesse a oportunidade de voltar atrás, não poderia afirmar que deixaria de fazer o que fez e de trilhar os mesmos caminhos, usando estratagemas que nem sempre se harmonizaram com o que a maioria das pessoas intitula de sensatez e bons modos.

Dizem que um coração apaixonado é um potro indomado ou um carro sem freios. Pouca gente poderia afirmar tal verdade, por experiência própria, como ele, pois foi justamente isso que norteou boa parte de sua existência e o levou à perdição do rumo sensato da vida.

Ou não? Mesmo agora, Lindolfo prosseguia alimentando convicções que se desentendiam e criavam um ambiente conflitante no mesmo campo de raciocínio, ampliando sobremodo a confusão mental que o mantinha cativo de algo que lhe escapava à sensatez dos sentidos.

Na solidão da clausura que criara em torno de si mesmo, ele teve muito tempo para refletir e compreender a dimensão dos atos praticados, mas certamente não o fizera. Às vezes pensava ser de propósito que Angelina desaparecera por tanto tempo. Talvez ela soubesse que o isolamento lhe era necessário, mas preferiria que não fosse daquele modo. Sentia falta da presença da enfermeira e começava a achar que a solidão imposta era um tipo de punição a que fora submetido.

Ele sabia da existência do botão de uma campainha ao alcance de sua mão. Sabia que era só apertá-lo suavemente para que alguém o socorresse, mas o braço, à semelhança dos olhos e da boca, não o obedeciam. Era inútil tentar movê-lo. Aliás, de repente ficou parecendo que tudo se tornara inútil em sua vida... A própria vida se transformou em uma grande inutilidade... Em sua inevitável introspecção, Lindolfo encarava a si mesmo e se assombrava com o que via.



Eu estava observando-o há um longo tempo quando finalmente Lindolfo percebeu minha presença e lançou um olhar ao mesmo tempo surpreso e entediado em minha direção.

– Quem é você? Médico novo por aqui? – inquiriu-me.

– Meu nome é Francisco e eu não sou médico – respondi sorrindo para tranquilizá-lo. – Na verdade estou fazendo uma visita a alguns pacientes daqui.

– Ah... E a que devo a honra da sua visita? – ele perguntou com um tom de sarcasmo na voz.

– Na verdade sou eu que me sinto honrado por merecer a sua atenção, Lindolfo. Estou aqui para conversarmos, buscarmos alguns esclarecimentos, já que você me parece bastante confuso.

– Não estou confuso. Apenas intrigado com o sumiço da Angelina. Por que ela me abandonou? Por acaso a demitiram?

– Para ser sincero, eu não conheço a Angelina, nem sei lhe informar o paradeiro dela. Mas, se você quiser, eu lhe faço companhia e nós podemos conversar sobre a sua vida.

– Não vale a pena – ele respondeu desanimado. – Minha memória anda bastante falha, mas, levando em conta o que sinto, minha vida deve ser uma desastrosa sequência de equívocos.

– E o que você sente?

– Não sei explicar direito, mas posso garantir que não tem nada a ver com alegria. É por isso que afirmo não valer a pena...

Quando Lindolfo pronunciou essas palavras, consegui notar que era justamente o medo de encarar a realidade e expurgar todos aqueles fantasmas do passado que o mantinha prisioneiro da própria consciência. Ele se recusava a admitir suas fraquezas morais, embora tivesse a certeza de possuí-las.

Deduzi que, para se libertar da condição caótica em que se encontrava desde sua

desencarnação, ele precisaria encarar a verdade e refletir sobre as ações realizadas durante o período reencarnatório, sem subterfúgios.

Falsas atitudes e fingimentos, que muitas vezes são utilizados sem serem notados até mesmo por quem os pratica, e que funcionam de modo relativamente satisfatório no plano físico, não encontram guarida no plano espiritual; pelo menos para quem já conquistou relativo grau de conhecimento sobre as leis morais.

– Olhe, meu amigo – eu disse, segurando firmemente na mão dele –, vamos fazer uma viagem. Que tal?

– Viagem para onde? – ele me encarou incomodado. – Eu não vou sair daqui. Não vou a lugar algum...

– Não precisaremos sair – respondi com calma. – Nossa viagem ocorrerá aqui mesmo. Será apenas uma retrospectiva do passado.

– Para que todo esse trabalho? – ele perguntou com um tom de voz menos aflitivo. A essas alturas começava a concordar com a minha proposta, como se soubesse, de algum modo, tratar-se de algo importante a ser feito.

Aos poucos, aquele estado de apatia ia se dissipando e Lindolfo já conseguia perceber que o que ocorria à sua volta era real, que não se tratava de mais um dos sonhos estranhos e desconfortáveis que vinha tendo ao longo daquele período.

Ao aceitar o convite, passou a compartilhar comigo seus íntimos conflitos, para que eu pudesse acompanhá-lo numa espécie de regressão. Somente assim seria possível ajudá-lo a externar as lembranças aprisionadas no bloqueio mental que ele havia imposto a si próprio.

## **Capítulo 3**

### **Orfandade**

*As gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura; cada coisa deve vir a seu tempo, e o grão semeado fora da época não frutifica.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 24 – item 4*

Nascido em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, Lindolfo era filho único de uma família bastante comum. O pai, pobre e analfabeto, passou a vida trabalhando como operário em uma indústria de laticínios de pequeno porte. Depois do expediente, ele ia sempre ao mesmo boteco, onde encontrava velhos amigos e ali passava horas e horas bebendo aguardente e jogando baralho. Esta era a única diversão que parecia satisfazê-lo.

A mãe de Lindolfo nunca se importou com as jogatinas e as carraspanas do marido. Ela não era o que se pode chamar de mulher protetora, carinhosa ou coisa que o valha. Dispensava ao filho e ao esposo uma atenção relativa e cuidava da pequena casa que possuíam sem exageros de devoção. A comida que fazia, a roupa que lavava e a arrumação dos três pequenos cômodos obedeciam a um ritual cotidiano tão casual, que pareciam inexistentes.

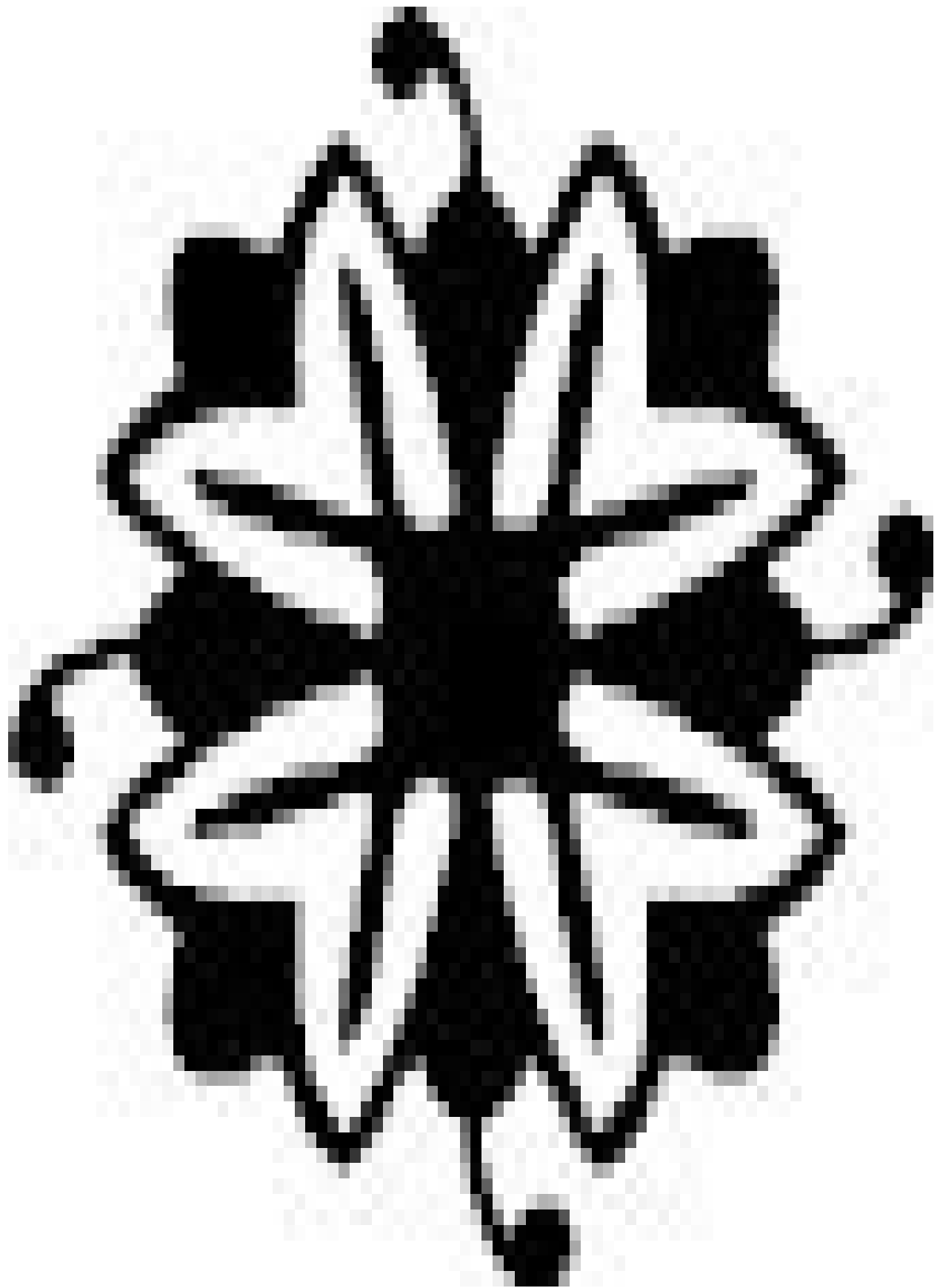
Lindolfo tinha apenas doze anos e era coroinha na igreja católica quando sua mãe morreu, vítima de impaludismo, depois de um curto período de sofrimento. Impossível mensurar o sentimento de perda que o menino órfão experimentou ao vê-la morta, mas não houve queixas, choro ou coisa assim.

A imagem que ficou nos recônditos de sua memória foi a do caixão ordinário baixando sepultura, sob o olhar inexpressivo de seu pai e os cochichos lamentosos de uma dúzia de espectadores que compareceram ao cemitério em uma manhã fria de inverno que se perdeu na distância.

Depois que a enterraram, Lindolfo e o pai tocaram a vida com poucas alterações de costumes. A diferença foi que o genitor passou a se demorar mais tempo na birosca e o filho abandonou as atividades na igreja, mesmo sob os protestos do padre Júlio e o tom ameaçador de suas palavras sempre que os dois se encontravam:

– Ovelha que abandona o rebanho fica à mercê dos lobos, meu filho. É bom que volte à casa de Deus, antes que o diabo tome conta de sua alma.

Lindolfo fingia sorrir, promovendo o falso movimento de erguer os cantos dos lábios, e prometia voltar em breve ao aprisco. Porém, mal o religioso sumia de suas vistas, a promessa caía no esquecimento.



Pai e filho viviam sob o mesmo teto, na pequena residência, mas pouco se falavam e às vezes chegavam a passar dias sem se verem, pois o homem saía muito cedo e chegava muito tarde. Nesses horários, Lindolfo costumava estar dormindo.

Não se sabe se em função da tristeza imposta pela viuvez ou da falta do que fazer em casa, o pai de Lindolfo passou a ficar mais tempo na rua e aumentou sobremodo a quantidade diária de consumo de aguardente. Então era comum vê-lo andando torto, tropeçando nos móveis, cuspiendo no piso rústico do casebre e dormindo sem tirar a roupa, sempre impregnada por um cheiro nauseabundo de soro e leite azedo, somado ao odor inconfundível de seu inseparável cachimbo.

Interessante era que, independentemente da hora em que chegasse em casa e das condições de embriaguez com que o fizesse, o viúvo jamais deixava de acordar na hora certa e nunca se atrasou um minuto sequer em suas obrigações profissionais. A única vez que deixou de se levantar no horário rotineiro foi quando amanheceu morto, cerca de quatro anos depois de ter enterrado o corpo da esposa. Embora constasse “causa indeterminada” na certidão de óbito, ele certamente havia sofrido algum tipo de mal súbito durante o sono.

Lindolfo passou o dia cuidando dos preparativos para o funeral do genitor. Quando começou a escurecer, notou que estava sozinho com o esquife no meio da casa, pois o enterro só seria realizado no dia seguinte. Dentro do caixão, o corpo inerte, adornado por uma alfombra de cravos-de-defunto, pareceu-lhe bastante assustador.

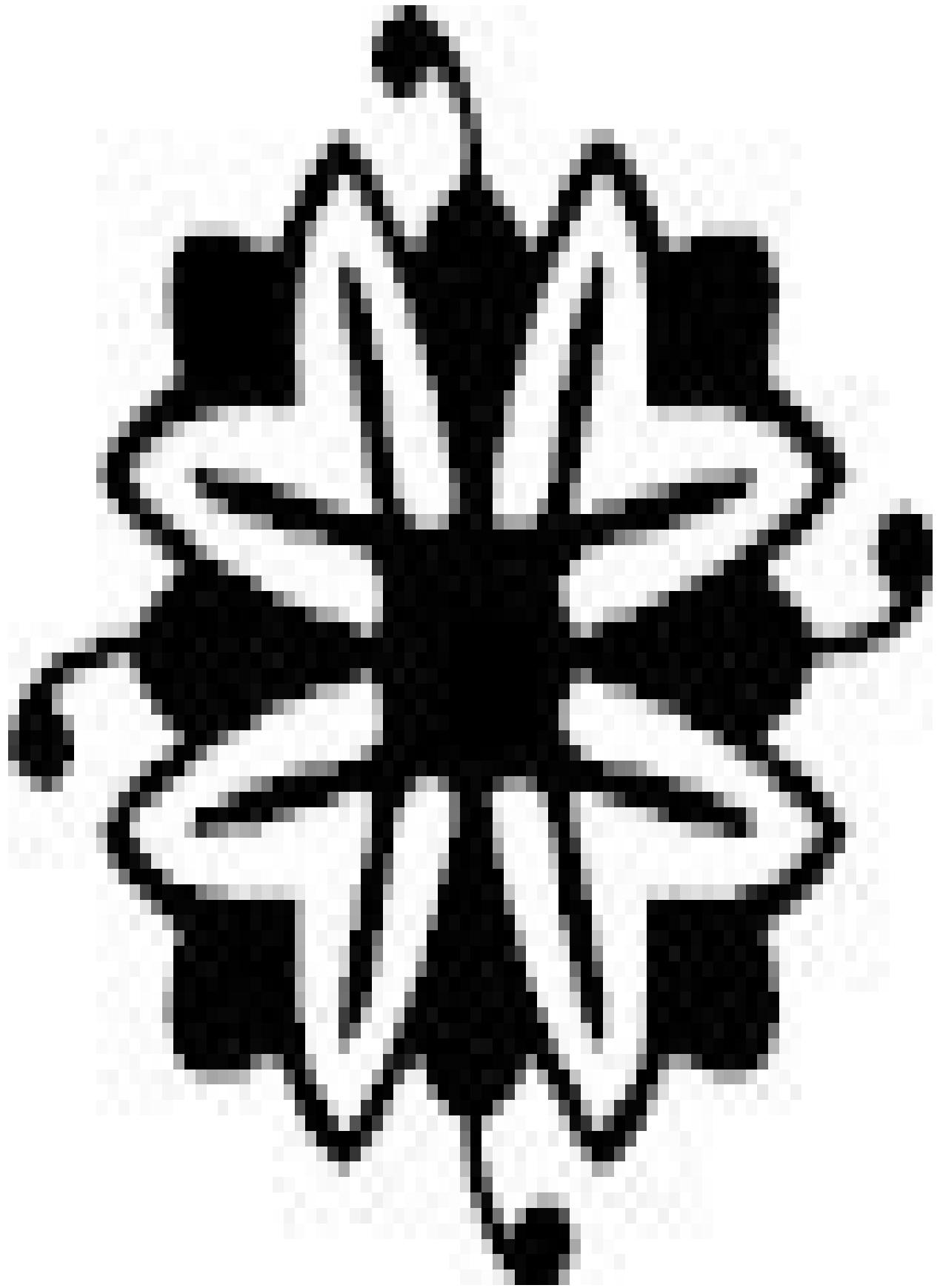
Dominado por um medo terrível, o rapazinho não quis se arriscar a passar a noite velando sozinho o cadáver que de repente o encheu de cisma. Então teve a ideia de ir até a birosca e convidar os amigos de seu pai para o velório.

A sugestão não foi muito bem-aceita, pois, embora todos parecessem tristes com aquela morte repentina, ninguém se animou a abandonar copos e cartas e trocar a animação do bar por uma noite fúnebre ao lado do defunto. Entretanto, o dono do estabelecimento, não se sabe se por piedade ou perspicaz tino de negócios, fez-lhe uma proposta:

– Por que não fazemos o velório aqui mesmo? Afinal de contas, este bar era o lugar predileto do seu pai e todos os amigos dele estão aqui.

A ideia foi logo apoiada pelos presentes, que ficaram olhando para Lindolfo e aguardando sua resposta. O rapazinho achou aquilo muito estranho, mas o medo de passar a noite sozinho velando o cadáver falou mais alto e ele respondeu:

– Está bem. Desde que vocês o carreguem.

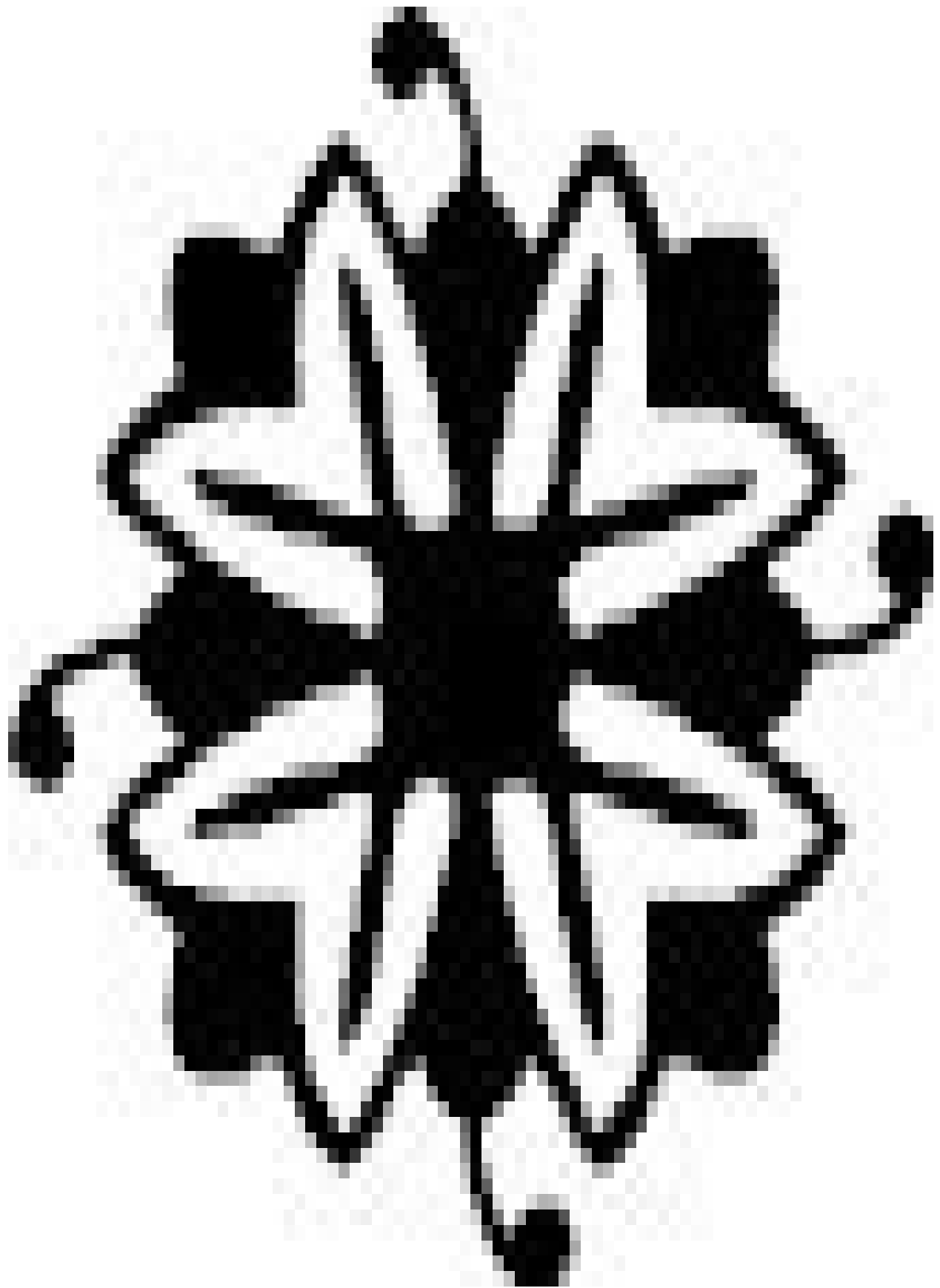


O sinistro cortejo, ocorrido ao sol-posto, causou grande estranheza na cidade, e as pessoas se benziaram ao verem o esquife sendo carregado por meia dúzia de homens bêbados e faladores.

No decurso da vigília, várias histórias foram narradas sobre o pai de Lindolfo, e a maioria delas era fruto de pilhérias que ele próprio contava, fingindo serem fatos reais e se colocando sempre como o protagonista daquelas aventuras estapafúrdias, a fim de aumentar-lhes o crédito.

Lindolfo conseguiu se manter desperto até o momento em que o sono o subjugou. Pensou em ir embora, mas faltou coragem para dormir sozinho. Ele acreditava que, enquanto não fosse sepultado, o defunto ficava zanzando pela casa. Ouvira uma vez alguém falar sobre isto e nunca mais conseguiu tirar a ideia arrepiante da cabeça. Assim, foi para os fundos do bar e dormiu entre teias de aranha, embaixo de uma mesa de bilhar que, por falta de manutenção, estava abandonada a um canto da parede.

Na manhã seguinte, realizaram novo cortejo. Desta vez, a saída foi do bar com destino ao cemitério, que não ficava tão distante, mas que teve o trajeto aumentado em muito por conta dos passos vacilantes dos homens que carregavam o esquife.



De volta ao lar, Lindolfo fez uma solitária reflexão sobre sua vida. Havia acabado de completar dezessete anos e estava sozinho no mundo. Quer dizer, possuía parentes como tios e primos, mas todos moravam em municípios distantes e sua relação com esses familiares era praticamente nula. Na verdade não passavam de pessoas estranhas das quais o rapazinho só ouvira falar, ainda assim esporadicamente.

Vasculhou a casa, onde havia uma grande quantidade de móveis velhos, imprestáveis, e objetos sem uso que serviam apenas para atravancar os três pequenos cômodos, tornando o ambiente irrespirável. Ajuntou tudo que não teria uso – inclusive as roupas de seu pai, que estavam entalhadas sobre uma antiga canastra, empestando o ar com cheiro de suor, fumo e queijo podre –, fez uma pilha no fundo do quintal e tocou fogo. Naquela época os hábitos não eram muito refinados e as pessoas pouco pensavam em preservação ambiental ou bem-estar da vizinhança. Quase todo mundo queimava seu lixo no terreiro e, com a maior naturalidade do mundo, enchia de fumaça as narinas alheias.

Como lembrança de sua mãe, Lindolfo guardou apenas um diadema multicolorido que ela usava para prender os cabelos longos e negros. Aquele pequeno objeto, com suas cores cambiantes, chamaram-lhe a atenção desde os anos mais tenros de que tinha lembrança. Do pai ele guardou um isqueiro de prata, com a estampa de um cavalo em relevo, e o velho cachimbo com um resto de fumo queimado ainda incrustado em seu interior.

Depois que a pequena residência ficou livre daquele atulhamento e de ter feito uma boa limpeza que lhe consumiu várias horas do dia, Lindolfo teve a sensação de haver mudado de casa e se sentiu mais leve. Entretanto, um problema lhe atazanava as ideias: como iria sobreviver? Ele não tinha qualquer fonte de renda para se sustentar e os mantimentos armazenados em casa deveriam durar menos de um mês.

Passados alguns dias, a preocupação havia crescido ainda mais. Lindolfo havia pedido trabalho nas poucas lojas comerciais da cidade, mas as únicas respostas que conseguiu obter foram promessas do tipo: “Talvez no futuro as coisas melhorem e eu venha a precisar dos seus préstimos”. De concreto mesmo, nada.

## Capítulo 4

### A curandeira

*Que pensar da opinião das pessoas que olham as comunicações de além-túmulo como uma profanação? Não pode haver nisso profanação quando há recolhimento, e quando a evocação é feita com respeito e decoro. O que o prova é que os Espíritos que vos afeiçoam vêm com prazer; são felizes com vossa lembrança e por conversarem convosco; haveria profanação em fazê-lo com leviandade.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora –*

*Questão 935*

Nos arredores da cidade, dona Ana Furtado ou simplesmente “Donana”, como era tratada naqueles rincões, debulhava vagens do feijão que havia colhido três dias antes, deixando-as secar ao sol, sobre uma esteira de palha estendida no terreiro que circundava seu rústico casebre.

Estava na cozinha, sentada em um toco que lhe servia de banco, com uma peneira ao colo, desempenhando a morosa tarefa com as mãos trêmulas, de pele enrugada, que denunciavam sua prolongada existência. A vista turva, as profundas rugas no rosto e a cabeleira branca, presa por um véu negro, acentuavam-lhe a idade avançada.

De repente, a idosa cessou o trabalho, fechou os olhos e permaneceu em silêncio por alguns segundos. A seguir, demonstrando ter captado uma importante informação de fonte invisível, levantou-se e colocou a peneira sobre o toco no qual estava sentada, enquanto respondia em voz alta e obediente:

– Está bem, sim senhor. Já estou indo falar com o menino.

Donana espantou para o terreiro duas galinhas que estavam cochilando sobre o peitoril da janela e girou a tramela, fechando-a. Enfiou nos pés as sandálias de couro trançado – únicos calçados que possuía –, prendeu a porta com um pedaço de embira e seguiu em direção à porteira que dava acesso à estradinha poeirenta que desembocava no centro da cidade.

Meia hora depois, a idosa bateu à porta da casa onde Lindolfo remoía suas angústias. Quando o rapazinho atendeu e viu de quem se tratava, levou um susto. Ocorre que a mulher tinha fama de mandingueira e, embora só fizesse o bem, causava um grande terror, principalmente aos mais jovens, que já a conheceram com aquele aspecto misterioso de quem transita com naturalidade tanto pelo mundo dos vivos quanto dos mortos.

Havia muitos anos que Donana supria a falta de atendimento médico naquela pequena cidade e até mesmo em municípios vizinhos também de pequeno porte, abandonados pelas autoridades constituídas. Era a pessoas como a experiente curandeira que o povo recorria quando surgia a necessidade de acudir uma parturiente, benzer uma criança enferma, curar gente ferida por cobra, aranha ou escorpião. Sempre prestativa, a idosa a todos provia com seus emplastros de ervas e as beberagens que elaborava para expurgar doenças como bronquite, pneumonia, verminoses e coisas desse tipo.

Entretanto, nem mesmo as pessoas que em algum momento foram beneficiadas por seus gestos de caridade economizavam palavras desabonadoras quando cismavam de difamá-la. Por isso Donana era mais conhecida como bruxa do que como benfeitora e praticamente todos os moradores daquela cidade eram capazes de jurar que a benzedeira tinha feito um pacto com o diabo para se comunicar com os mortos, recebendo orientações do além-túmulo para realizar suas mandingas.

O que ninguém explicava era o fato de Donana ser completamente desapegada de bens materiais, vivendo na mais flagrante pobreza e se recusando a receber os mimos que as pessoas, principalmente as mais abastadas, lhe ofereciam ao serem beneficiadas por seus gestos de caridade. Era no mínimo insensato achar que alguém pudesse se aliar ao diabo com o intuito de fazer unicamente o bem e sem receber por isso qualquer tipo de benefício.

Porém, esse questionamento era um detalhe considerado sem importância e a má fama da benzedeira se sobrepujava às suas qualidades. Por isso Lindolfo, que só conhecia Donana de vista e de “ouvir falar”, embora fosse mais um dos muitos que nasceram pelas mãos dela, estava ainda assustado quando a ouviu perguntar:

– Como você está, meu filho?

– Vai-se levando – ele respondeu, com entonação insegura na voz. – A senhora não entra? – indagou apenas por educação, torcendo por uma resposta negativa.

– Não há precisão. Só vim lhe dar um recado do seu anjo protetor – ela disse sem qualquer rodeio, demonstrando firmeza no que dizia.

– Anjo protetor? – Lindolfo perguntou desconfiado, olhando-a de soslaio.

– Ele mesmo. Seu anjo da guarda falou pra você vasculhar a cumbuca onde seu pai guardava fumo. Disse que nela tem uma coisa que vai lhe ajudar.

Lindolfo permaneceu calado, olhando-a feito um pateta. Mil palavras lhe povoavam a mente, mas ele não conseguia ordená-las o suficiente para formar uma frase de contestação, dúvida, agradecimento ou qualquer outro modo de interagir com aquela mulher que tanto o amedrontava.

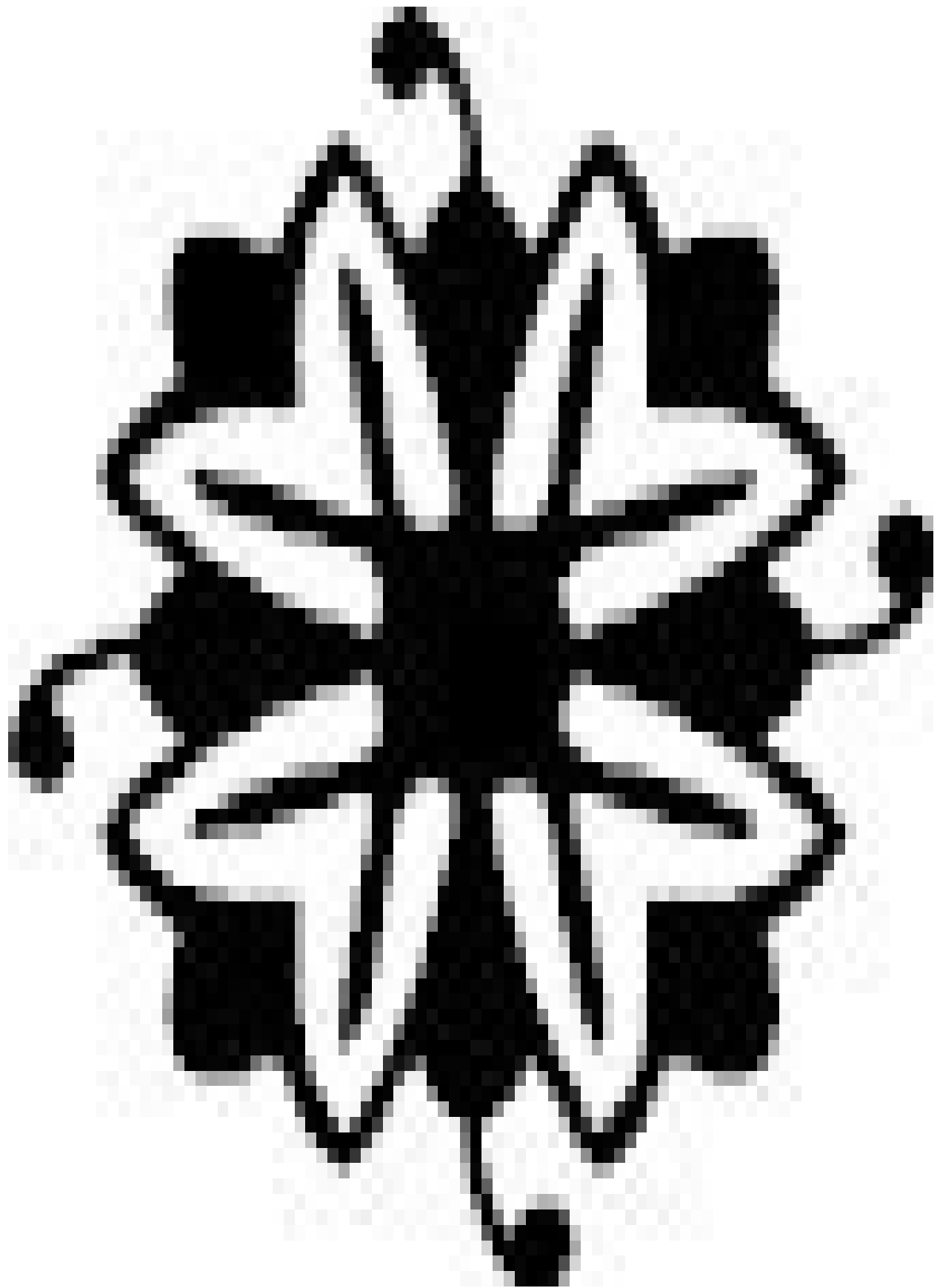
Para grande alívio, Donana moveu a mão direita em sinal de adeus, virou as costas e seguiu com os passos apressados de quem sempre tem algo importante a

fazer.

O rapaz tentou encontrar algum sentido no que ela havia dito, mas não conseguiu se convencer. Ainda assim, movido pela curiosidade, decidiu dar uma vasculhada na tal cumbuca que ficava dependurada na parede, sobre a cabeceira da cama que fora de seus pais. Aquele era um dos poucos objetos em que ele não havia mexido, quando decidiu fazer a limpeza na casa.

Dentro da vasilha, Lindolfo encontrou um saco plástico cuidadosamente amarrado. Nele havia uma quantidade considerável de cédulas, decerto fruto de alguma aposta que seu pai havia ganhado no carteadado e que não tivera tempo de perder em novas apostas.

Ficou olhando para o dinheiro durante um longo tempo, sentindo-se aliviado por possuí-lo e ao mesmo tempo se perguntando como aquela informação havia chegado ao conhecimento de Donana, mas nenhuma ideia razoável lhe passou pela cabeça.



Antes de retornar à sua casinha, Donana decidiu fazer uma visita a Carmela. Essa mulher residia em um casebre tão humilde quanto o da benzedeira e as duas moradias ficavam relativamente perto uma da outra.

Ainda no terreiro, Donana bateu palmas e a moradora saiu à porta. Estava com os cabelos desgrenhados, os pés descalços e usava um vestido desbotado de pano barato. Carmela abriu um sorriso sincero ao dizer:

– Boa tarde, Donana! Que visita boa, sô! Vamos entrando.

A benzedeira entrou no casebre em silêncio e percorreu os dois únicos cômodos com o olhar, procurando algo.

– Cadê a menina? – perguntou depois de alguns segundos.

Carmela baixou a cabeça e se entristeceu ao responder:

– Acabaram de levar. Lembra que eu falei pra senhora que tinha um casal interessado em ficar com ela?

– Lembro – Donana respondeu com um aceno de cabeça.

– Pois é. Vieram aqui hoje e a levaram. – Nesse momento, jorraram lágrimas dos olhos de Carmela, que completou entre soluços: – Eu não tinha como ficar com a minha filha. Não tenho boa saúde nem meios de sustentar. A senhora é testemunha disso...

Donana se aproximou, acolheu-a em um abraço e suspirou fundo enquanto dizia:

– Sossegue seu coração. Deus tomará conta da sua pequenina!

Os soluços de Carmela foram ficando mais altos até explodirem em um pranto incontido. Donana a estreitou mais fortemente em seus braços e fez uma silenciosa prece, enquanto contemplava, através da janela, as nuvens que naquele momento estavam magnificamente douradas pelo pôr do sol.

## Capítulo 5

### Atribuições

*Por que Deus deu a uns as riquezas e o poder, e a outros a miséria? Para os provar, cada um de maneira diferente. Aliás, o sabeis, essas provas foram os próprios Espíritos que as escolheram, e, frequentemente, nelas sucumbem.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 814*

Mais tarde, enquanto retornava finalmente para o seu casebre, Donana refletia sobre a vida desestruturada de sua infeliz vizinha. Carmela nascera em uma região distante e fazia parte de uma família numerosa e pobre. Quando ela tinha quinze anos, apaixonou-se por um aventureiro e fugiu de casa para segui-lo. Ocorre que o sujeito era um conquistador irresponsável e não demorou para deixar a moça ao deus-dará.

Sem coragem de fazer o caminho de volta e pedir guarida aos pais, Carmela passou a viver sem eira nem beira e enfrentou muitas contrariedades. Era bem jovem ainda quando, faminta e desesperada, apresentou-se em uma casa de prostituição onde foi acolhida e fez grande sucesso. Ela não era muito bonita, mas, devido à pouca idade, era bastante requisitada pelos frequentadores do bordel.

Dois anos se passaram e Carmela acabou engravidando. A proprietária da casa de prostituição, ao tomar conhecimento do fato, foi taxativa:

– Mulher da vida não pode se dar ao luxo de ser mãe. Teremos de providenciar o aborto.

Temerosa de perder as regalias de que dispunha naquele trabalho, a jovem Carmela concordou e submeteu-se a um processo primitivo para interrupção da gravidez. O feto foi arrancado de suas entranhas, mas o procedimento invasivo provocou uma grave hemorragia e a moça passou um longo período entre a vida e a morte.

A cafetina, que havia promovido o aborto em um cômodo do prostíbulo destinado a esse tipo de ação, já que a gravidez de suas meretrizes era algo bastante corriqueiro, chegou a cavar uma cova no fundo do quintal para se livrar do corpo de Carmela, caso a moça não sobrevivesse.

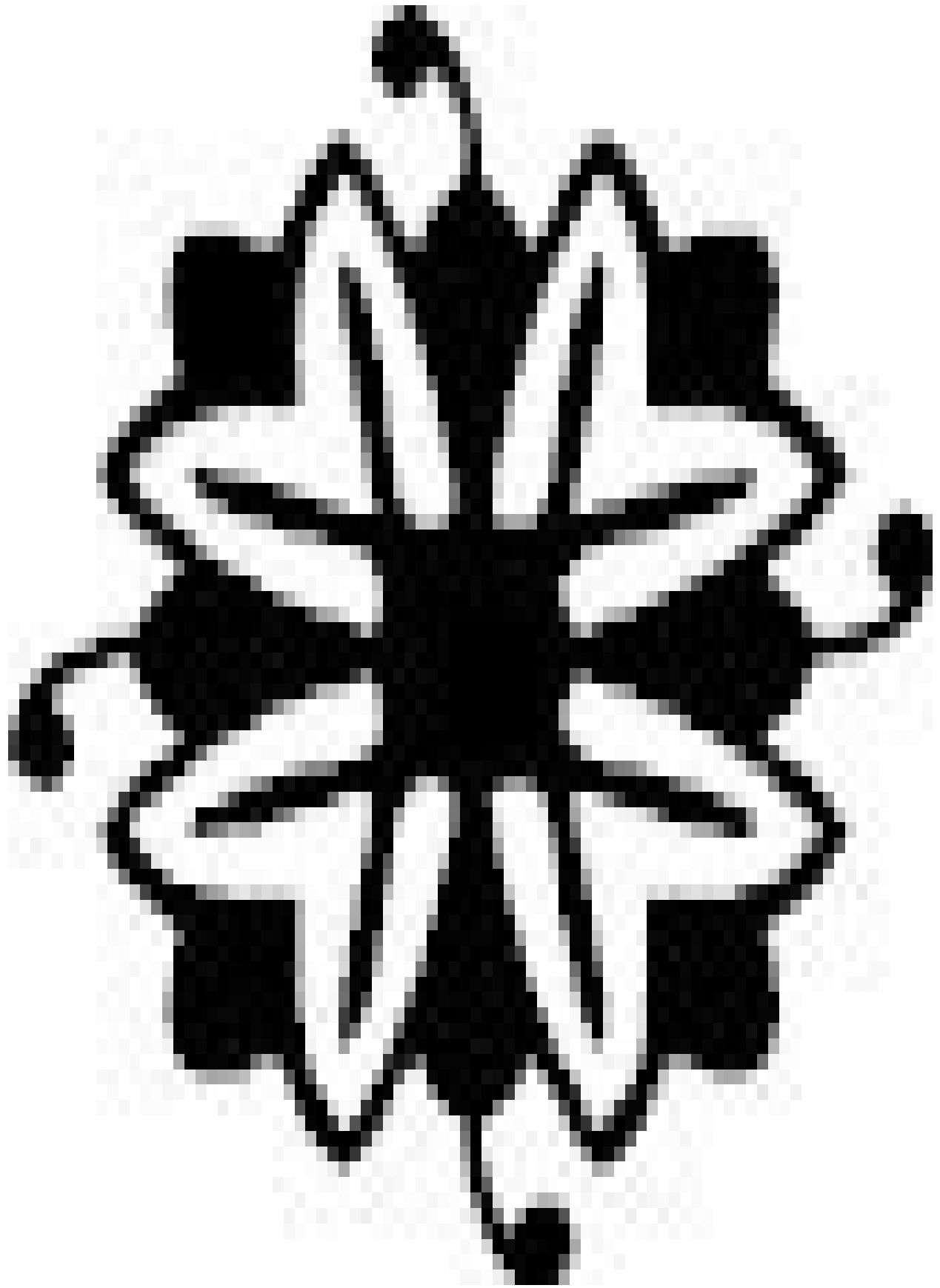
Entretanto, com o passar do tempo, a jovem foi se recuperando e readquirindo forças. Dois meses depois, estava de volta ao trabalho, mas apresentava agora um aspecto doentio e já não era tão requisitada pelos fregueses do prostíbulo, que temiam algum tipo de contaminação.

Desnutrida e com o organismo cada vez mais debilitado, Carmela adquiriu uma doença pulmonar durante o inverno e voltou a ficar muito mal. Mesmo tendo recuperado parte de sua vitalidade quando a primavera descortinou o sol e

aqueceu a paisagem, ela acabou rechaçada pela cafetina, que, sem qualquer rodeio, justificou-se:

– Você é uma mulher de natureza fraca e não tem serventia para esse tipo de trabalho. Melhor que vá cavar sustento de outro modo.

Carmela estava tão debilitada que não teve ânimo nem para contestar. De volta à vida errante, zanzou pelo mundo tentando sobreviver. Sofreu humilhações, enfrentou todo o tipo de preconceito que se possa imaginar, mas agarrou-se com afinco ao desejo de viver, embora se perguntasse muitas vezes se valeria mesmo a pena manter-se viva.



Dois anos depois de ter sido dispensada pela cafetina, Carmela, em suas andanças aleatórias, acabou parando no local onde agora vivia. Chegou em um fim de tarde e pediu alimento ao viúvo sexagenário que ali morava. Um pouco por piedade, mas também por ver na jovem andarilha uma promissora companhia para os seus dias de solidão, o homem a convidou para viver com ele.

Inicialmente Carmela rejeitou o convite e voltou à estrada depois de satisfazer o apetite. Porém, sem alternativas mais atraentes, voltou uma semana depois e não saiu mais dali. Com o passar do tempo, acabou se acostumando ao novo tipo de vida e se acomodou ao lado do homem que, apesar de idoso, ofereceu, além de abrigo e alimento, o carinho que o mundo havia lhe negado até então.

Alguns anos mais tarde, o companheiro faleceu e Carmela herdou aquela pequena propriedade. Em função da vida regrada e da alimentação regular dos últimos tempos, ela havia recuperado a saúde e até mesmo alguns traços de juventude voltaram a iluminar-lhe o semblante.

Como não estava habituada ao trabalho braçal e vendo-se desprovida de recursos financeiros para tocar a vida, Carmela decidiu exercer a antiga profissão. Assim, utilizando estratégias de sedução, andou fisingando uns sujeitos desavisados e angariou uma pequena, porém fiel clientela que era atendida ali mesmo em seu casebre e que a provia do necessário para a subsistência.

A ação, moderada e sigilosa no início, acabou se tornando de conhecimento público e a má fama da meretriz logo se espalhou. Entretanto, devido ao comportamento discreto e ao confinamento em que vivia, os fuxicos e as provocações de que era vítima não chegaram a afetar aquela mulher calejada pelo sofrimento, nem a fizeram desistir de seu censurado labor.

Carmela usava todos os recursos que aprendera no prostíbulo para não engravidar. Entretanto, mesmo com todos esses cuidados, acabara tendo três filhos até aquele momento. Na primeira gestação, ela, que já conhecia Donana, pediu ajuda para abortar o feto.

– Não faça isso, minha filha! – aconselhou a benzedeira. – Há uma pessoinha vivendo em seu ventre e você não pode matá-la.

– Mas eu já fiz isso uma vez – replicou Carmela.

– Isso não lhe dá o direito de fazer de novo. Pelo contrário, é a sua oportunidade de se regenerar aos olhos de Deus. De mostrar que agora não agirá mais como uma assassina.

A mulher arregalou os olhos e falou com aflição:

– Mas, Donana, como é que eu vou fazer? Nem sei quem é o pai desta criança e não tenho condições de criar um filho.

– Então não crie – disse a curandeira. – Mas não faça o aborto, pois isso é crime de assassinato. Se você quer ajuda pra trazer o filho ao mundo, pode contar comigo, mas, se for pra matá-lo, esqueça que eu existo.

– Ah, Donana... Ninguém precisa saber disso...

– Mas Ele sabe – a idosa falou apontando para o alto. – E não há justiça mais importante do que a de Deus, minha filha! Ouça o que eu digo: aconteça o que acontecer, não tire essa criança do seu ventre antes do nascimento. Isso não se faz!

Foi preciso muita orientação para que Carmela se convencesse a desistir de abortar o filho, que foi doado poucos meses depois de nascido. Essa situação se repetiu mais duas vezes em doze anos, sendo a última gravidez a da pequenina que Carmela acabara de doar.

Enquanto fazia mentalmente a retrospectiva do que sabia a respeito da vida de Carmela, Donana sentia pena da amiga por ser tão fugaz em suas atitudes. Ao longo daquele período de convivência, dera-lhe muitos conselhos, apontara-lhe caminhos mais nobres que poderiam ser trilhados, mas Carmela não lhe dera ouvidos.

Era uma mulher de personalidade rude, moldada por frustrações seguidas, e estava habituada a levar a vida como bem lhe convinha. Por isso Donana, mesmo reprovando o fato de Carmela doar os filhos, já se dava por satisfeita sabendo que essa atitude era menos grave do que o aborto. Assim, o que lhe restava fazer era repetir sempre o mesmo conselho:

– Não arranje mais criança, minha filha!

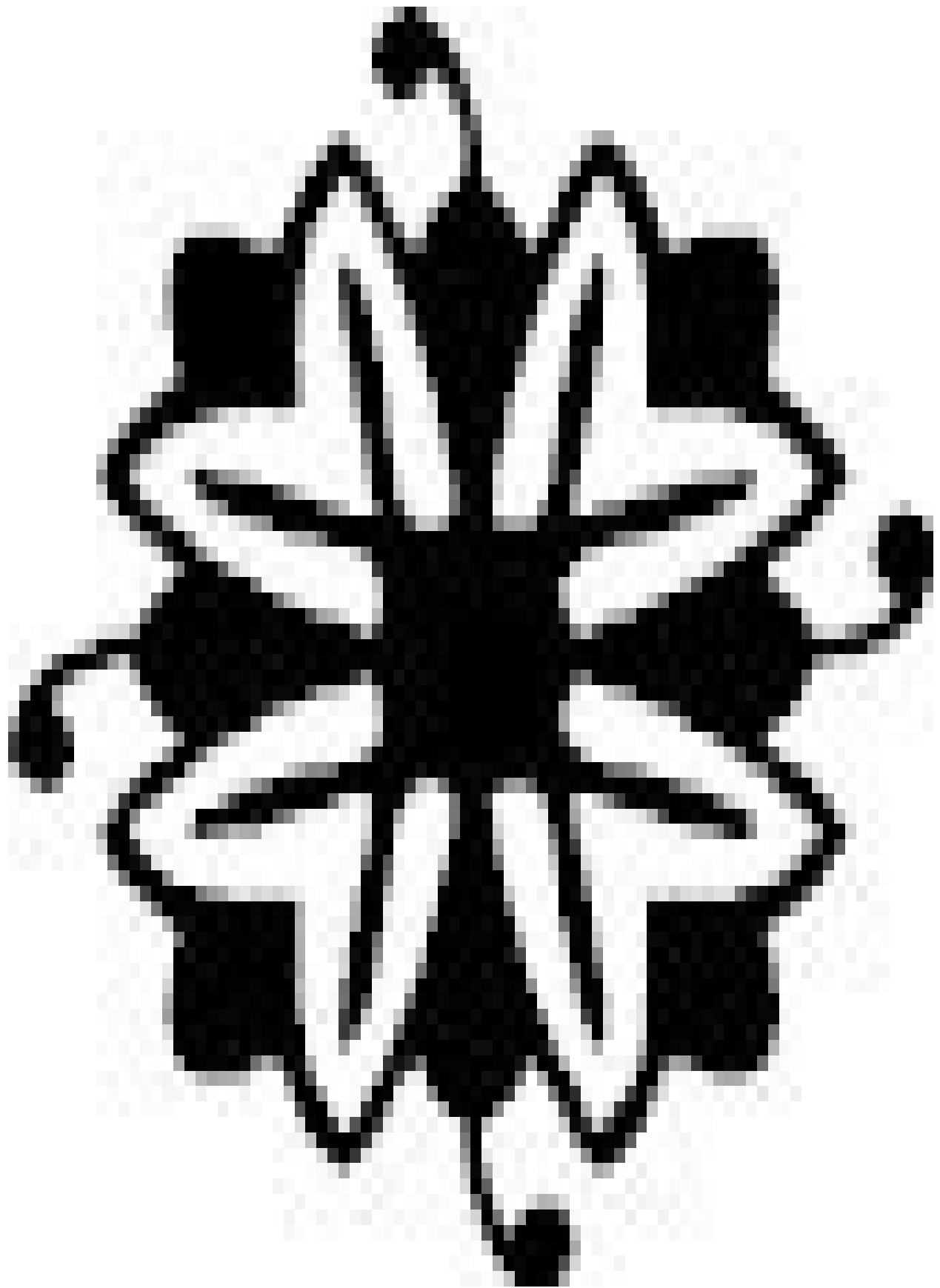
Carmela jurava por todos os santos que nunca mais iria engravidar. Tempos

depois, constrangida, procurava a parteira, expunha a barriga intumescida e choramingava:

– Ah, Donana, não sei como isso foi acontecer. A senhora me ajuda?

E a curandeira repetia o velho bordão:

– Se for pra trazer ao mundo, pode contar comigo.



Durante dois meses, Lindolfo usou o dinheiro encontrado na cumbuca de fumo para se alimentar, até que gastou a última cédula e a preocupação voltou a atormentá-lo. Estava novamente pensando no que fazer, quando recebeu outra visita de Donana. Uma aparição tão inesperada e abrupta quanto a primeira. Desta vez, o rapaz se sentiu mais seguro na presença da idosa e ouviu com atenção quando ela disse que havia recebido outra comunicação de seu anjo protetor.

– Ele mandou perguntar por que você ainda não procurou o ex-patrão do seu pai para pedir emprego na fábrica de laticínios.

Lindolfo chegou a arregalar os olhos de surpresa. Como não pensara naquilo?

Naturalmente ele não acreditou que o recado houvesse partido de uma entidade espiritual. Para ele, a ideia surgira na mente da própria Donana ou de algum amigo de seu pai que, preocupado com a situação caótica em que ele se encontrava, induzira-a a usar aquela estratégia para melhor convencê-lo. De qualquer modo, a sugestão era interessante e Lindolfo se perguntou por que ainda não havia pensado sobre aquilo.

No dia seguinte, mesmo descrendo da origem atribuída à comunicação, decidiu procurar o ex-patrão de seu pai e expôs a ele as dificuldades que vinha enfrentando.

– Lindolfo, você me parece ser um rapaz responsável e educado – o empresário falou, depois de ouvir-lhe o desabafo. – Então eu vou lhe dar a oportunidade de provar que não estou errado. Você quer mesmo trabalhar aqui?

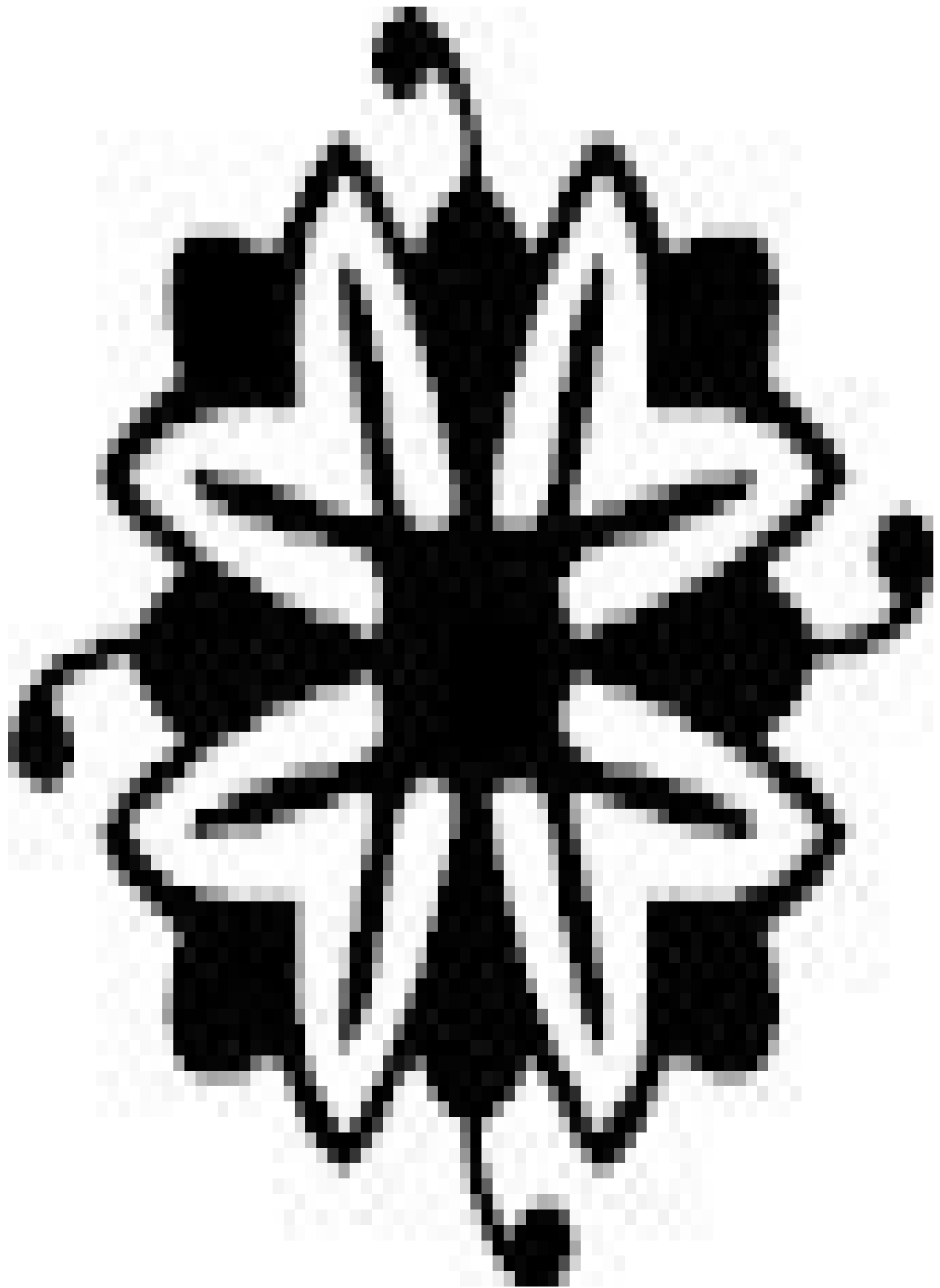
Na verdade Lindolfo não queria seguir os passos do pai em relação à vida profissional. Sabia que aquilo significava ter uma condição bem limitada de recursos, sem chance de crescimento. Porém, por outro lado, a proposta não era de todo ruim. Aliás, muita gente naquela cidade gostaria de ter um emprego como aquele, principalmente os que deixaram o colégio ao atingir o maior grau dos estudos que, à época, eram oferecidos nos pequenos municípios.

Nas cidades de pequeno porte, havia três tipos de pessoas: as que nunca frequentaram uma sala de aula e que geralmente se tornavam trabalhadores rurais; as que estudavam até o grau máximo ofertado pelo município e que

lidavam no comércio ou em cargos públicos de menor relevância; e as que, depois de concluírem os estudos ali oferecidos, davam continuidade à formação nas capitais ou até mesmo no exterior, dependendo das condições financeiras de sua família, e se tornavam médicos, engenheiros, advogados...

Lindolfo se enquadrava na segunda categoria. Portanto, sonhar com um emprego melhor do que aquele era uma grande utopia e ele tinha perfeita noção disso. Assim pensando, deu uma resposta positiva ao dono da fábrica e agradeceu pelo favor que ele lhe prestava.

– Faço isso em consideração ao seu pai, que sempre foi um funcionário exemplar – o empresário falou. – Já a sua permanência aqui dependerá de seus próprios esforços.



As atribuições iniciais de Lindolfo eram as mesmas funções operacionais executadas por seu pai. Entretanto, dois meses depois, devido à demissão de um funcionário desleixado no setor administrativo, o patrão o remanejou para o escritório, onde ele passou a auxiliar no trabalho burocrático da empresa e a resolver questões externas, usando uma bicicleta para se locomover.

O salário era limitado, mas dava perfeitamente para cobrir as poucas despesas. Foi assim que Lindolfo passou a tocar a vida, sem perspectiva de um futuro promissor, mas também sem grandes preocupações financeiras. Nunca lhe passou pela cabeça a ideia de agradecer à Donana e menos ainda à provável entidade espiritual que havia lhe indicado o caminho das pedras, pois jamais estivera totalmente convencido de que aquilo fosse verídico.

## Capítulo 6

### Passionalidade

*Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?*

*As paixões são como um cavalo que é útil quando está dominado, e que é perigoso, quando ele é que domina. Reconhecei, pois, que uma paixão se torna perniciosa do momento em que não podeis governá-la, e que ela tem por resultado um prejuízo qualquer para vós ou para outrem.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 908*

Lindolfo tinha dezenove anos quando viu Rosana, a moça que se tornaria um divisor de águas em sua vida. Antes dela, ele tinha uma visão mais ampla sobre o mundo, percebendo tudo e todos à sua volta. Depois de Rosana, seus olhos se voltaram para uma direção única. Tudo o que ele viria a fazer a partir de então seria somente em função do desesperado e doentio modo de amar que se desenvolveu em seu coração.

À época, Rosana tinha dezesseis ou dezessete anos. O pai dela, seu Djalma, guarda-chaves da companhia ferroviária, fora transferido para assumir o controle da estação de trens daquela cidade, pois o antigo funcionário havia acabado de se aposentar.

Além de Rosana, seu Djalma e dona Emma tinham outra filha, chamada Roseli, que era alguns anos mais velha que a caçula. Em função de uma doença adquirida na infância, essa moça se tornara deficiente física nos anos iniciais da vida. Suas pernas perderam a mobilidade e se atrofiaram, de modo que ela dependia de muletas para andar e mesmo assim o fazia com muita dificuldade.

Além da locomoção, a doença também a comprometera mentalmente, provocando-lhe desmaios, irritabilidade e comportamentos agressivos. Mas tudo isso ocorria em ocasiões bastante espaçadas. Na maior parte do tempo, Roseli tinha um temperamento natural; era alegre, bem-humorada e demonstrava ser o membro mais inteligente daquela família.

O interesse de Lindolfo pelos familiares do ferroviário ocorreu porque ele se apaixonou perdidamente no mesmo instante em que olhou para Rosana. O interessante é que ele nunca havia considerado que tal situação fosse possível. Sempre achou que essa coisa de “amor à primeira vista” não passasse de um clichê ingênuo e desgastado para arrancar suspiros e lágrimas das mocinhas sonhadoras que vivem a ler romances.

Porém aconteceu. Não necessariamente “amor”, mas “paixão à primeira vista”, e agora não havia mais como negar a existência daquela coisa estranha a lhe comandar as vontades; fruta de sabor amargo e doce ao mesmo tempo.

Lindolfo percebeu que a paixão funciona como uma doença desconhecida, cuja cura não pode ser alcançada por meio dos remédios criados pela Medicina. Assemelha-se ainda a um vício que não tem como ser vencido apenas pela vontade ocasional do dependente. A vida se torna um inferno que eventualmente

leva o ser apaixonado ao céu. Porém, mesmo este céu é carregado de angústias, inseguranças, instabilidades emocionais e todos os males somados a tais destemperos.

Mas a parte mais torturante de seu calvário só iria ocorrer bem mais à frente, pois, nos momentos iniciais daquele destempero, o objetivo era apenas vencer os entraves que surgissem e conquistar o coração de sua eleita.

Ora, apesar da pobreza em que vivia, Lindolfo era um moço de boa aparência, relativamente culto e responsável, de forma que ele e a filha do guarda-chaves poderiam formar um belo casal. Contudo, isso se tornou complicado, pois Rosana desenvolveu uma paixão tão intensa quanto a dele, embora por outro rapaz.

Eugênio era conterrâneo de Lindolfo, os dois tinham a mesma idade e partilharam uma convivência até que estreita na infância, quando frequentavam as mesmas salas de aula e jogavam bolinhas de gude nas horas de recreação. Entretanto, depois de crescidos, não dava para dizer que ainda fossem amigos, pois Lindolfo começou a notar fortes traços de presunção, arrogância e egoísmo em seu colega.

Eugênio era descendente de uma família espanhola, dona de duas ou três fazendas no município, que tinha recursos financeiros bem acima da média da maioria dos moradores daquela cidade. Muitos de seus parentes viviam na Espanha.

Mas muita gente não via aquele jovem pelo mesmo viés negativo com que Lindolfo o encarava. Eugênio vivia cercado de amigos e praticamente todas as moças da cidade suspiravam quando o viam passar. No entanto, ele também não deveria ter uma opinião muito favorável a respeito de Lindolfo, pois, depois de certa idade, nunca mais lhe dirigiu qualquer palavra ou gesto de cordialidade.

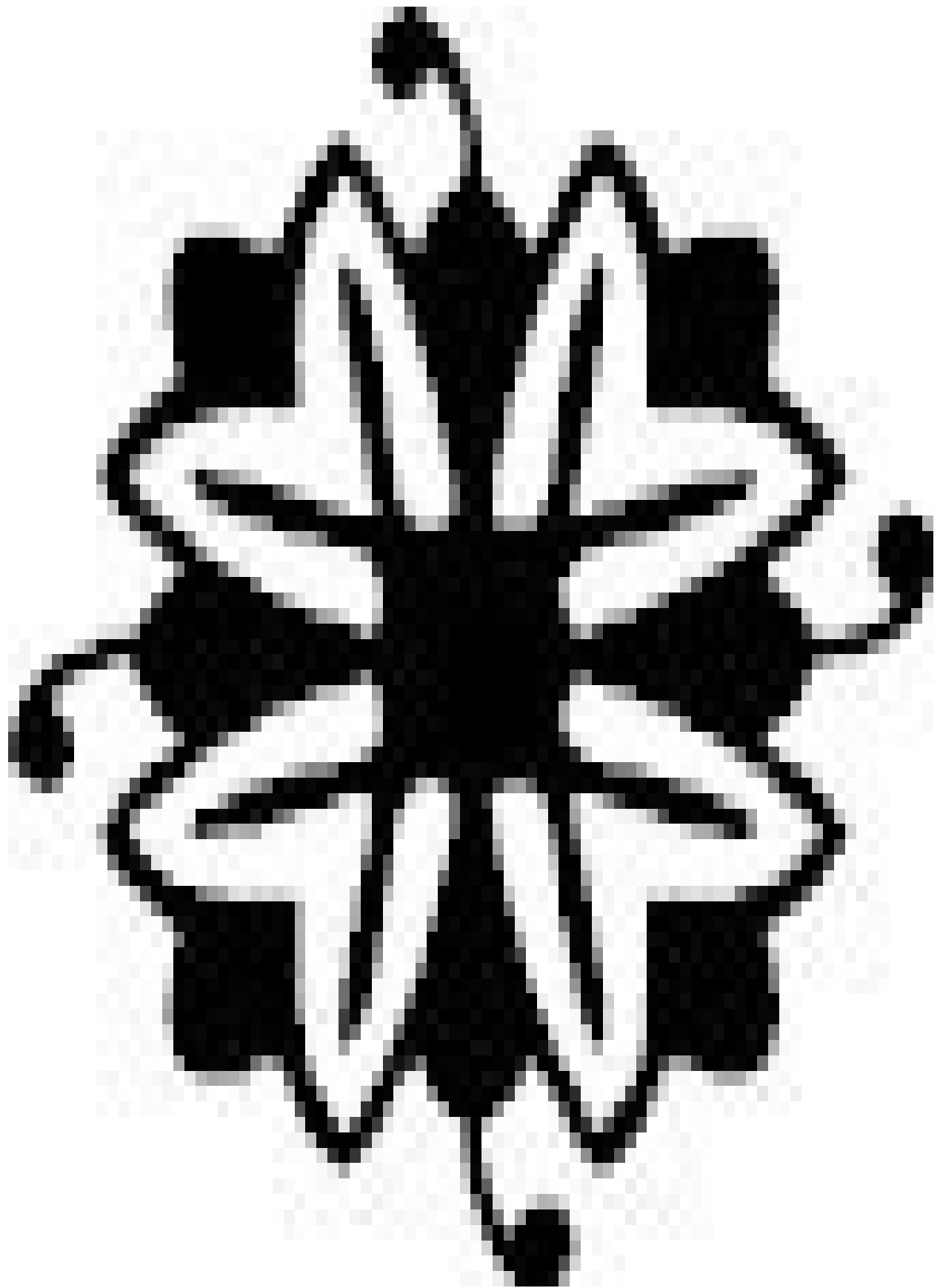
Porém nenhuma das características do jovem rico deixava Lindolfo mais incomodado do que o fato de ele haver conquistado o coração da única moça que conseguia lhe tirar a paz, o sono e a fome. Rosana possuía uma silhueta miúda e um rostinho tão delicado, que era impossível não compará-la à imagem da Virgem Maria, que ficava exposta no altar da igreja.

Ela conseguia realizar a façanha de, sem nem mesmo olhar para Lindolfo, deixá-lo completamente desorientado e morto de ciúmes ao dirigir seus olhos cor de

mel em direção a qualquer pessoa, mas, principalmente, se o receptor de tal atenção fosse Eugênio.

Todos os dias, chovendo ou fazendo sol, o objetivo do jovem apaixonado era estar perto dela, e ele fazia qualquer coisa para alcançar tal intento. Por esse motivo, Lindolfo se aproximou de Roseli, que era bem mais receptiva às suas investidas de amizade. Passou a procurá-la sempre, com os pretextos mais inusitados. E essa não era uma tarefa fácil, já que entre os dois não havia praticamente nada em comum.

Com dona Emma, que devotava grande simpatia ao catolicismo, Lindolfo conseguiu estreitar laços de simpatia tão intensos que, com o tempo, a mulher passou a tratá-lo como membro da família. Para isso, o rapaz usou a estratégia da persuasão religiosa. Nesse ponto, as aulas de catecismo e as histórias contadas pelo padre Júlio se ajustavam perfeitamente.



Tudo começou num dia em que Lindolfo ciscou tanto em torno de Roseli, que acabou convencendo-a a convidá-lo para almoçar em sua casa, no sábado seguinte. Ele chegou no horário combinado e ficou na sala, tagarelado com a amiga, enquanto dona Emma, ajudada por Rosana, lidava com as panelas e distribuía pratos e talheres sobre uma mesa redonda que ficava posicionada no centro da grande cozinha. Seu Djalma o cumprimentou de modo amistoso, mas não os acompanhou à refeição, pois teria de cuidar da manobra de uma locomotiva naquele horário.

Enquanto almoçavam, Lindolfo iniciou uma conversa com a qual pretendia atrair a atenção das três mulheres, mas principalmente de dona Emma. Por várias vezes, desde a infância, ouvira um adágio bastante comum entre as pessoas de seu convívio que dizia assim: “Para fisgar o peixe, é necessário adular a lagoa”. A lagoa, naquele caso, era a mãe de Rosana e ele teria que adulá-la intensamente, pois o peixe que lhe interessava mostrava-se arisco demais para morder-lhe o anzol.

– Dona Emma, a senhora sabia que São Sebastião foi alvejado por flechas e executado de modo cruel, porque defendia o cristianismo? – perguntou lançando um olhar enviesado para a filha caçula do guarda-chaves, antes de encarar a mãe dela.

A mulher arregalou os olhinhos miúdos e verdes como as asas de um louva-deus e disse:

– É mesmo? Conte-nos como foi isso, meu filho.

Lindolfo assumiu um tom professoral e iniciou a narrativa mais ou menos do modo como a ouvira no passado, contada pelo vigário:

– São Sebastião se alistou no exército romano apenas com o objetivo de se aproximar dos prisioneiros que eram torturados e mortos por praticarem e defenderem o cristianismo. Ele levava conforto a essas pessoas e as incentivava a não negarem sua fidelidade ao Cristo. Quando as autoridades perceberam que aquele soldado tratava os prisioneiros com tanta ternura, acusaram-no de traidor e exigiram que ele provasse não ser cristão. São Sebastião não quis negar a sua fé e, por isso, foi condenado à morte, por meio de flechas disparadas contra seu corpo.

– Então foi assim que ele morreu? – dona Emma perguntou, durante a breve pausa que o rapaz fez, justamente para ter certeza de lhe ter total atenção.

– Não, senhora – ele falou meneando a cabeça em negação. – Apesar das flechadas que levou, ele sobreviveu. Mas os executores achavam que estivesse morto e jogaram seu corpo em um rio. Santa Irene o socorreu e cuidou dele. Então, em vez de fugir, são Sebastião se apresentou às autoridades, mas não foi perdoado. Condenado novamente, ele foi espancado até a morte e terminou lançado no esgoto público. Dessa vez foi santa Luciana que resgatou seu corpo e, depois de limpá-lo cuidadosamente, providenciou para que fosse enterrado nas catacumbas.

E Lindolfo narrou a história do mártir de modo tão dramático, que a mulher do guarda-chaves, demonstrando forte emoção, chegou às lágrimas. Depois falou, encarando-o com olhos de admiração e respeito:

– Que lindo, meu filho! Tão jovem e tão conhecedor das coisas de Deus. Sua mãe deve se orgulhar muito de você.

Essa observação era tudo que ele precisava para amolecer ainda mais o coração da mãe de Rosana com sua história de vida.

– Minha mãe está morta – respondeu com voz melancólica. – Morreu quando eu era ainda menino.

Dona Emma e Roseli o olharam enternecidas. Até Rosana, ouvindo aquelas palavras, voltou os olhos em direção a ele, mas seu olhar não traduzia sentimento algum. Apenas curiosidade.

Lindolfo aproveitou a atenção das três e expôs, de modo comovente e cheio de autopiedade, como a vida lhe fora difícil sem a proteção e o carinho da genitora. É claro que exagerou bastante na narrativa, pois, como já foi dito, sua mãe não era do tipo que distribui carinhos, afagos e abriga o filho no colo por razões pueris.

Depois ele falou sobre a morte do pai, o que fez aumentar ainda mais a compaixão de dona Emma. O modo enternecido como ela o olhou depois de conhecer sua triste história de vida deu a entender que a “lagoa” estava devidamente adulada. Faltava agora fisgar o “peixe” que realmente lhe interessava.

– Mas, diga-me, o que a senhora achou da história de são Sebastião? – indagou Lindolfo após um breve intervalo, que fez de propósito para que as três digerissem as informações sobre seus infortúnios.

– É linda e emocionante – dona Emma falou fitando-o com os olhos umedecidos. E, voltando-se para a filha mais velha, perguntou: – Você não achou, Roseli?

– É linda e triste – a mocinha respondeu sorrindo com sutileza.

Como ninguém tomasse a iniciativa de perguntar à caçula, Lindolfo mesmo o fez:

– E você, Rosana, o que achou da história?

Quando ela o encarou, Lindolfo teve a impressão de que Rosana acabara de chegar de um mundo distante, onde estivera viajando mentalmente durante boa parte da conversa. Com uma expressão aborrecida, ela respondeu perguntando:

– A que história você está se referindo?

Antes que o jovem respondesse, Roseli o acudiu:

– A história tão linda de são Sebastião, que o Lindolfo acabou de contar, mana. Você não ouviu?

A resposta que ela deu desta vez foi seguida de um movimento negativo de cabeça:

– Desculpem-me! Não ouvi nada.

Lindolfo se aprumou na cadeira e sugeriu contar tudo de novo.

– Agora não – Rosana pôs fim à conversa, levantando-se e já deixando a mesa. – Estou atrasada para encontrar minhas amigas.

## Capítulo 7

### Entrevero

*As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o ajudam na realização dos objetivos da Providência. Mas se, em lugar de as dirigir, o homem se deixa dirigir por elas, cai nos excessos, e a própria força que, em sua mão, poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 908 (Comentário de Kardec)*

Meia hora depois, ao passar pela Rua do Comércio, onde ficavam situados os estabelecimentos mais importantes e os prédios da prefeitura e da câmara de vereadores, Lindolfo constatou, com muito desgosto e ciúme, que não havia amiga nenhuma no tal encontro. Rosana estava recostada ao tronco de um frondoso jacarandá que dava nome popular à praça central do município, em animado colóquio com Eugênio. O nome oficial dessa praça homenageava uma figura importante do cenário político nacional, mas quase ninguém sabia disso.

A sensação que o rapaz experimentou naquele momento foi algo inexplicável. Sentiu-se traído e achou que deveria tomar uma medida urgente. Todos os moradores da cidade sabiam que Eugênio estava prestes a deixar o Brasil. Seu pai, cheio de orgulho e empáfia, havia espalhado que o filho iria estudar na Espanha. Inconformado, Lindolfo achou que seria justo os familiares de Rosana tomarem conhecimento da informação, pois duvidava de que aquele almofadinha houvesse dito a ela qualquer coisa a respeito de sua breve mudança para a Europa.

Assim pensando, retornou à casa da estação ferroviária, onde foi atendido à porta por dona Emma, que usava um avental todo molhado. Decerto estava lavando a louça do almoço. Roseli deveria estar descansando em seu quarto e seu Djalma finalizava a lida com a manobra do trem.

– Já de volta, meu filho? Esqueceu alguma coisa? – ela perguntou sem maldade alguma. Estava apenas surpresa com o inesperado retorno do rapaz.

Apesar de um pouco encabulado, sem saber exatamente como tratar do assunto, ele disse sem muita delonga:

– Não esqueci nada, dona Emma. Queria apenas lhe falar uma coisa que julgo de grande relevância.

A mulher ficou séria de repente.

– Então entre. Vamos conversar lá dentro.

Lindolfo espalmou a mão direita em direção a ela.

– Se a senhora não se importar, podemos nos falar aqui mesmo. O assunto é curto.

– Está bem. Do que se trata?

– É sobre o Eugênio...

Ela o olhou curiosa.

– Quem é Eugênio?

– Bem... É um rapaz aqui da cidade, filho de gente rica... Neste momento, a Rosana está de chamegos com ele lá na Praça do Jacarandá e...

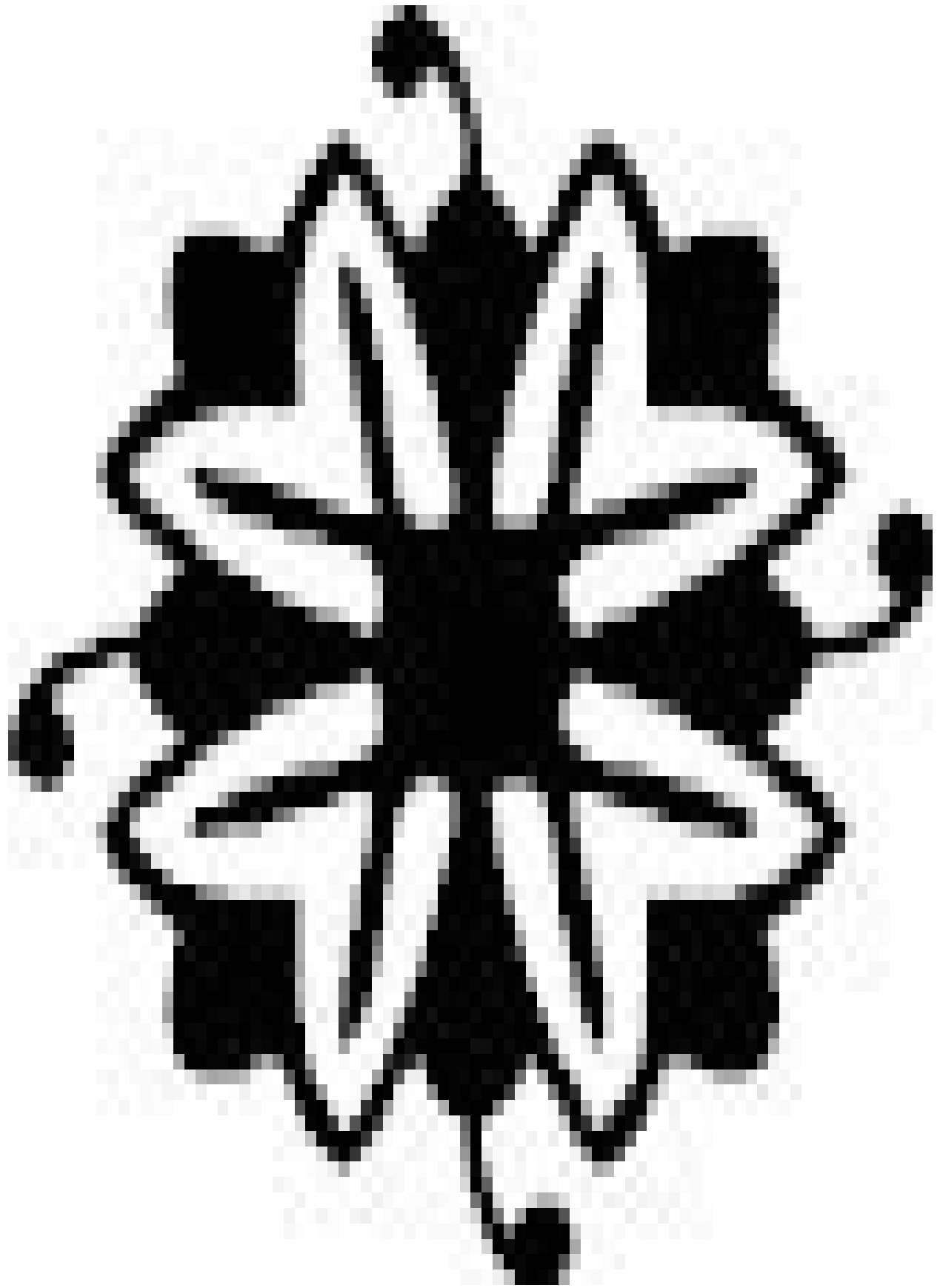
– Não, meu filho – ela o interrompeu. – A Rosana foi se encontrar com umas amigas. Minha filha está tentando se enturmar com as moças da cidade e...

– Dona Emma, eu acabei de ver a Rosana e o Eugênio cheios de intimidades – Lindolfo a interrompeu e ficou surpreso com a irritação de seu próprio tom de voz. – Não há nenhuma moça com eles. O que quero dizer é que a sua filha pode estar sendo ludibriada por esse cafajeste. Ele está prestes a deixar o Brasil para estudar na Espanha, onde tem vários parentes. Acho importante que a Rosana saiba disso, para não ser trapaceada e não ficar remoendo tribulações depois que o caldo entornar.

Havia um desesperado tom de súplica na voz de Lindolfo. A esposa do guarda-chaves ficou em silêncio por uns segundos até se manifestar.

– Está bem, meu filho – disse finalmente. – Agradeço por sua preocupação. O Djalma já está terminando o trabalho. Eu vou conversar com ele e pedir que tire essa história a limpo.

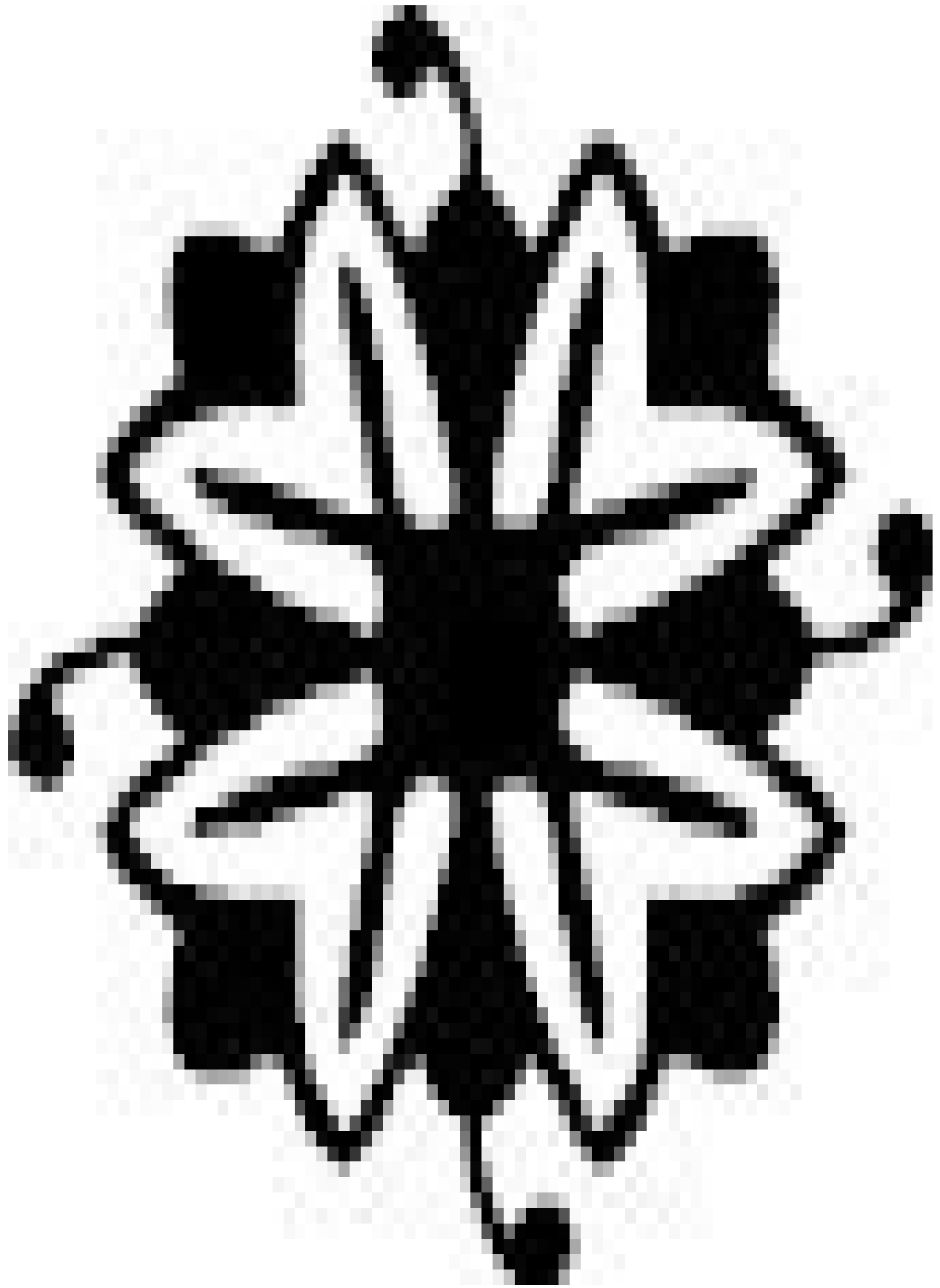
Lindolfo se despediu um pouco aliviado e foi embora sem mais delongas. Dessa vez mudou o percurso, para não passar novamente em frente à praça. Não queria experimentar de novo a horrível inquietação da vez anterior.



Na noite daquele mesmo sábado, Lindolfo resolveu dar uma volta pela Rua do Comércio. Era em torno do jacarandá da praça que as pessoas, principalmente os jovens, se reuniam. Ele costumava ficar por ali também, embora tivesse pouquíssimos amigos com quem conversar. Não que fosse tímido, calado ou coisa assim. O problema era que os assuntos entediados e repetitivos daquela gente o cansavam. Nenhuma novidade, nenhuma notícia interessante, apenas os casos antigos, desgastados. De novo mesmo, só as fofocas.

– Estão sabendo da última? – perguntava um daqueles fuxiqueiros, com os olhos esbugalhados, como se fosse contar algo importante. E, depois de reunir o grupelho curioso em seu entorno, sapecava um comentário malicioso.

Gargalhadas ecoavam pelos ares e os transeuntes olhavam desconfiados para o grupinho maldoso, certamente pensando qual deles estaria sendo o protagonista da fofoca mais recente.



Pois bem, naquela noite, Lindolfo estava sentado solitariamente em um dos bancos. Como de costume, não havia encontrado ninguém com quem valesse a pena conversar. Na verdade, seus pensamentos estavam voltados para a ocorrência de algumas horas antes. Ele estava curioso para saber quais tinham sido as consequências de sua atitude, mas não ousava ir à casa de Rosana para investigar.

Estava tão distraído, que não percebeu a aproximação de Eugênio. Este, chegando sutilmente por trás, golpeou-o na nuca com o punho cerrado. E o fez com tanta força, que jogou Lindolfo ao chão. Nesse momento, o rapaz agredido ouviu a gritaria das pessoas que se aproximavam correndo, incentivando a contenda.

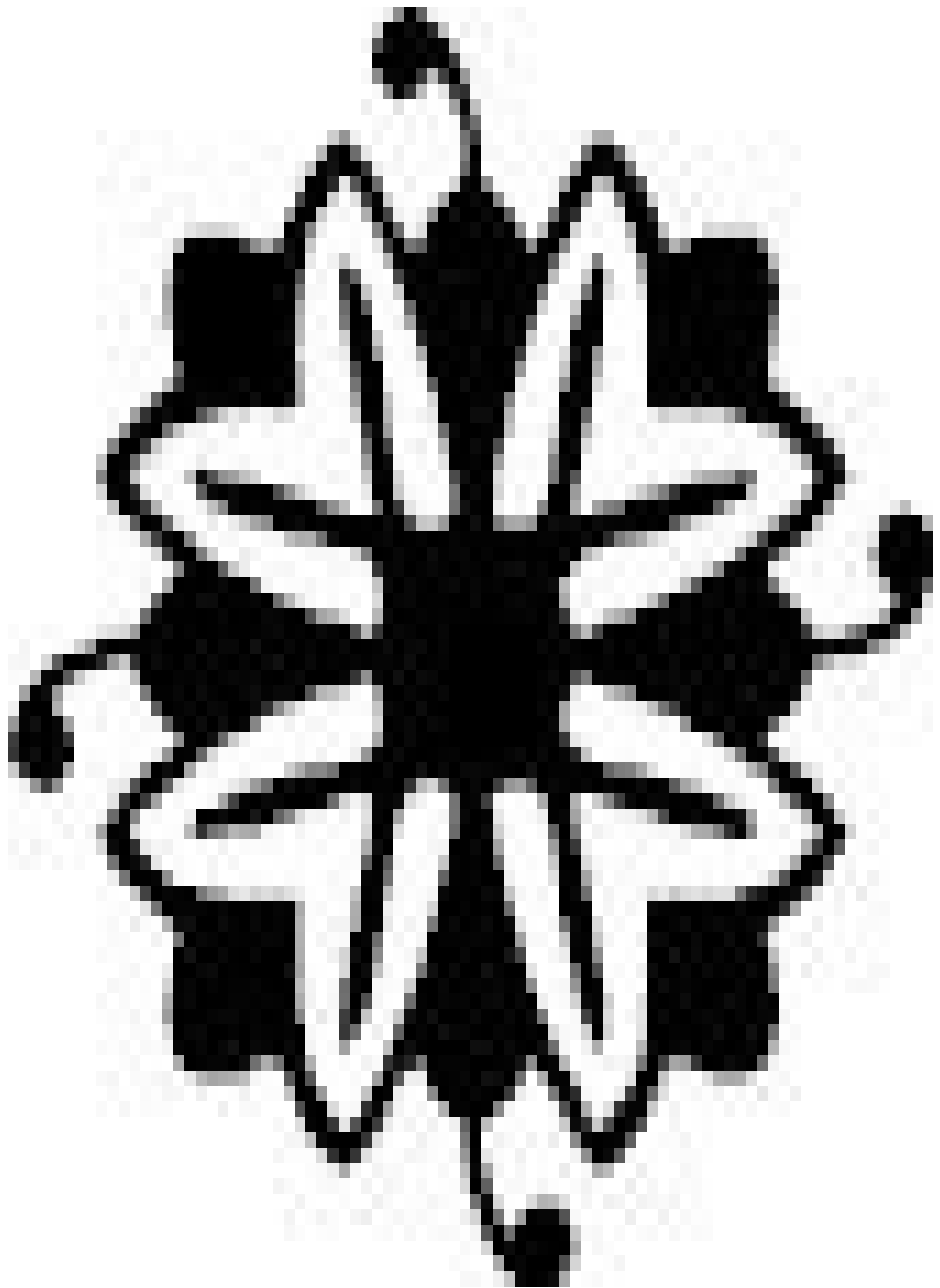
– Maldito fofoqueiro – Eugênio gritou enquanto aplicava vários chutes no corpo de Lindolfo, aproveitando-se do fato de que ele continuava caído. – O que você ganhou falando de mim para os pais da Rosana? Quem lhe deu esse direito? Seu verme, morto de fome...

Aqueles golpes e a maneira como Eugênio o provocava com suas palavras ferinas despertaram uma raiva incontrolável em Lindolfo. Agarrando-se às pernas do agressor, ele se levantou em um movimento brusco e revidou o ataque, socando-lhe o rosto com uma força descomunal. Eugênio cambaleou e Lindolfo o derrubou com uma rasteira. Jogou-se sobre ele e continuou a socá-lo sem piedade.

De repente, Eugênio moveu a mão direita com rapidez, apanhou uma faca que trazia presa à cintura e feriu o braço de seu adversário. Lindolfo sentiu um ardor terrível e o sangue começou a jorrar do corte. Ainda assim, concentrou-se em tomar a arma do agressor e os dois entraram em uma luta frenética. Em outro movimento rápido de seu oponente, Lindolfo foi atingido na barriga, sofrendo um ferimento na lateral do ventre, à altura do umbigo.

Depois disso, empreendeu todas as forças no sentido de desarmar Eugênio, pois estava claro que, se não o fizesse, seria assassinado. Pressionou os joelhos sobre o braço esquerdo do oponente, imobilizando-o. Segurou a mão direita dele com suas duas mãos e passou a batê-la contra o piso de cimento até conseguir fazer com que o outro soltasse a arma.

Porém, no mesmo instante em que se apossou da faca e a ergueu, cheio de ódio, sem saber exatamente se pretendia jogá-la longe ou vingar-se dos ferimentos sofridos, foi atingido por uma forte pancada na cabeça. Suas vistas escureceram e ele perdeu os sentidos.



Lindolfo não tinha noção de quanto tempo ficou desacordado quando recuperou a consciência e se viu trancado em uma cela da delegacia. O delegado Uribe e um policial agressivo, conhecido por Carranca, o encaravam com irritação.

– Ah, finalmente acordou, hein? – disse o delegado. – Agora vamos colocar essa história em pratos limpos. Por que você tentou matar o Eugênio?

Lindolfo estava morrendo de dor. Além do dolorimento na cabeça, os ferimentos no braço e no ventre provocavam-lhe um ardor insuportável.

– Não tentei matar ninguém – ele respondeu com um gemido. – Foi aquele infeliz que me atacou...

– Mas você tentou esfaqueá-lo – interveio o Carranca. – Se eu não houvesse chegado na hora exata e batido com o cassetete em sua cabeça, você o teria matado.

– Eu apenas tirei a faca da mão dele. Vejam... Quem está ferido sou eu... – o rapaz protestou expondo os cortes.

– Você está ferido porque o Eugênio soube se defender – acusou o policial. – Ele falou que a faca é sua.

– Não, não é. A faca é dele. Foi ele que tentou me matar – insistiu Lindolfo, irritado com aquelas acusações infundadas.

Uribe ficou olhando muito sério para ele e disse, depois de algum tempo:

– Bem... Já que os dois se acusam mutuamente, vamos ter de confrontá-los. – Dirigiu-se ao policial e perguntou: – Cadê o Eugênio?

– Ué, foi embora cuidar dos ferimentos. O coitado estava todo quebrado, com o olho do tamanho de um caroço de abacate.

– Pois terá de voltar aqui. Vamos confrontá-los para tirar essa história a limpo.

– Mas a essas horas? – protestou o Carranca. – O senhor não acha que está muito tarde?

O delegado pensou um pouco e disse:

– Vá amanhã bem cedo à casa dele e diga que o estou esperando.

O soldado anuiu com a cabeça e os dois saíram da cela. Enquanto a trancavam, Lindolfo perguntou:

– Ei! Vão me deixar aqui? Por que estou preso? Vocês não vão me libertar?

– Está preso para averiguação – o delegado respondeu. – Até que prove o contrário, você tentou matar o filho de um dos homens mais respeitáveis da cidade. Ficarão trancafiado até que essa história seja esclarecida.

– E os meus ferimentos?

– Alguém virá cuidar deles – disse o policial. – Não se preocupe.

Eles se afastaram e Lindolfo ficou sozinho na penumbra do catre. Uma frôuxa luminosidade, projetada da lâmpada da recepção, alcançava uma pequena parte do corredor que dava acesso à cela. Pelo silêncio, deu para notar que ele era o único prisioneiro ali naquela noite.

Estirou-se em um canto e ficou reprisando o ocorrido. Talvez o Carranca não estivesse totalmente errado. Lindolfo não sabia o que teria feito se não fosse pela interferência do policial. Estava com muita raiva e cheio de dores. Talvez tentasse mesmo assassinar Eugênio no momento em que conseguira lhe subtrair a arma.

## Capítulo 8

### Cárcere

*O homem poderia sempre vencer suas más  
tendências pelos seus esforços?*

*Sim, e, algumas vezes, por fracos esforços. É a vontade que lhe falta. Ah! Quão poucos dentre vós fazem esforços!*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 909*

Lindolfo estava ainda pensando sobre o ocorrido, quando ouviu passos arrastados no corredor e Donana apareceu acompanhada pelo policial, que destrancou a cela. A benzedeira entrou em silêncio, acendeu um toco de vela, aproximou-se e começou a inspecionar-lhe os ferimentos. Só depois de algum tempo dirigiu-se ao Carranca e disse:

– Não há nenhuma ferida grave no moço.

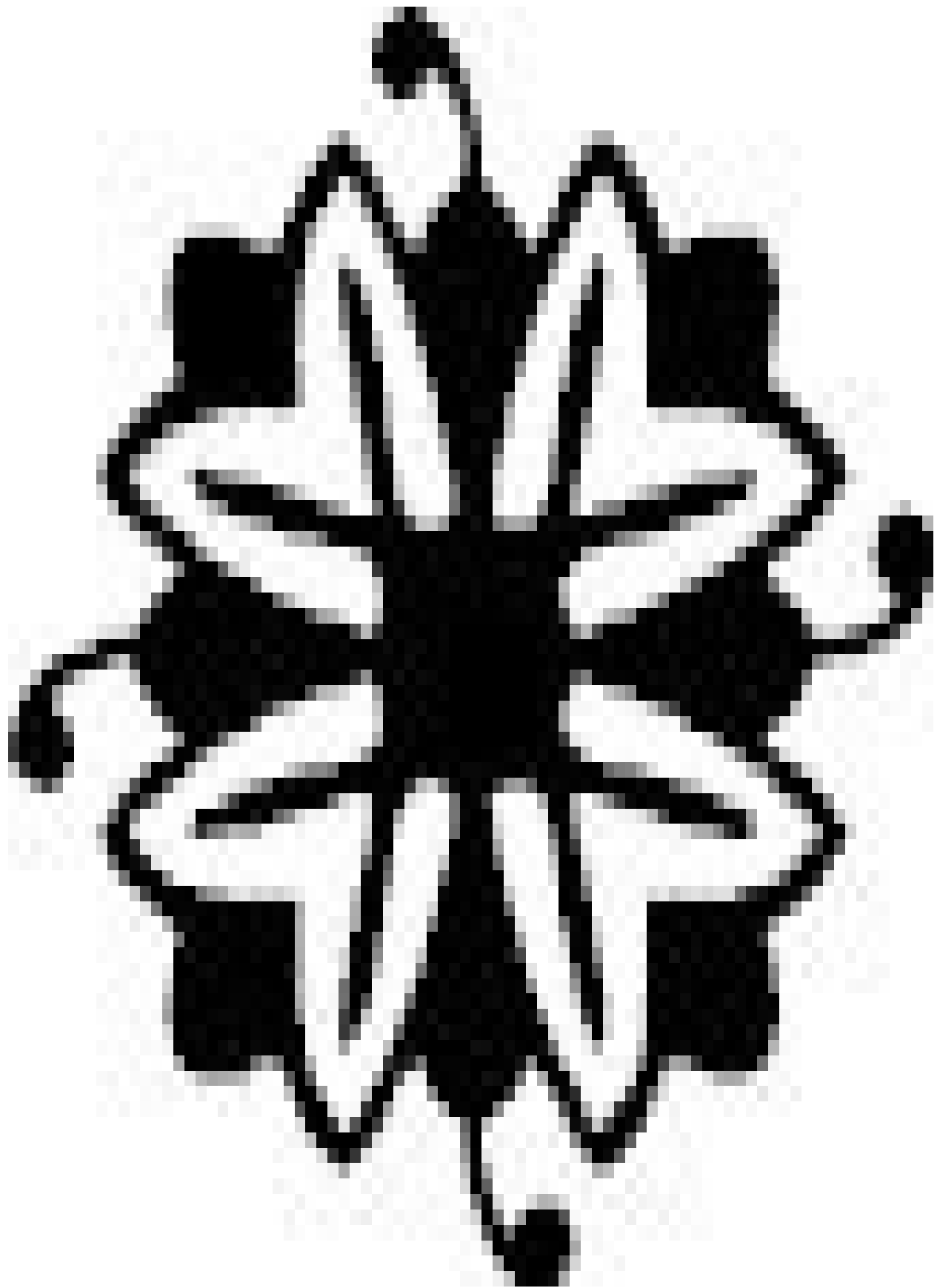
– A senhora pode cuidar disso? – ele perguntou.

– Posso, sim.

E Donana, munindo-se de uns unguentos e de uns trapos que trazia a tiracolo, começou a tratar os ferimentos. Um ardor terrível provocou gritos e caretas em Lindolfo.

– Aguenta firme – disse a mulher. – O que não arde não cura.

Antes de sair, Donana o mandou tomar uma beberagem de sabor amargo, que lhe provocou uma forte sonolência. Em poucos minutos Lindolfo pegou no sono.



No dia seguinte, domingo, logo pela manhã, Lindolfo acordou ouvindo as vozes de Eugênio e do pai dele conversando com o delegado.

– Mandei chamá-los aqui para esclarecer uns fatos – disse o delegado Uribe. – Eugênio disse que a faca que foi apreendida ontem, durante a briga dele com Lindolfo, não lhe pertence. Mas o rapaz, que está preso desde ontem à noite, negou que a arma seja dele. Então nós precisamos saber quem está mentindo.

O pai de Eugênio começou a falar, mas o tom de sua voz era baixo e Lindolfo não pôde ouvir tudo o que ele dizia. Porém conseguiu captar uns trechos que diziam mais ou menos assim:

– A faca é do meu filho... Ele vai para a Espanha em breve... Peço que releve... Ninguém morreu, meu amigo...

A seguir, o delegado fez um longo sermão dirigido a Eugênio e completou dizendo:

– Olhe, rapaz, em consideração ao seu pai, que é um homem digno, eu vou fingir que nada disso aconteceu. Mas quero que vá fazer as pazes com Lindolfo. Ele está lá no fundo do corredor. Tenham a decência de pedir desculpas um ao outro.

Lindolfo ouviu passos no corredor e se aproximou da grade. Apesar de tudo, havia dormido bem, já não sentia tanta raiva e estava disposto até a apertar a mão de seu desafeto. Eugênio estava sozinho, aproximou-se e falou em voz alta, para que o delegado e o pai ouvissem de onde estavam:

– Ó Lindolfo, meu amigo de infância! O que andamos fazendo ontem, rapaz? Brigando como dois bichos. Por favor, aceite as minhas desculpas...

Nesse momento, Lindolfo ouviu a voz do padre Júlio, que havia acabado de chegar à delegacia e entabulara animada conversa com o delegado e com o pai de Eugênio. Aproveitando que os três estavam concentrados no diálogo, Eugênio chegou bem perto de Lindolfo e sussurrou com voz rancorosa:

– Seu miserável! Morto de fome! João-ninguém! Acha que estou sendo sincero ao pedir desculpas? Olha o que você fez comigo, seu maldito. – Ele mostrou um hematoma enorme que lhe deixara o olho roxo e bastante inchado, certamente

consequências do soco que Lindolfo havia lhe acertado em cheio.

Lindolfo ergueu a camisa e expôs o corte em sua barriga. Mostrou também o ferimento no braço. Mas Eugênio fez pouco-caso daquelas feridas e continuou a provocá-lo:

– Queria que você estivesse morto a essa hora. Quem iria sentir a sua falta, seu imprestável? Ah, e quanto à Rosana, eu sei que você anda arrastando asinhas para o lado dela. Pois eu vou lhe dizer uma coisa: ela será minha, ouviu? Mesmo se não gostasse dela, eu iria conquistá-la só para vê-lo sofrer.

E, antes que Lindolfo pudesse perceber sua ignóbil intenção, Eugênio lhe deu uma cusparada no rosto, reativando a raiva, que voltou com força redobrada. O prisioneiro começou a gritar, enquanto esmurrava a grade da cela:

– Seu covarde! Entre aqui, se for homem! Vou lhe mostrar quem é o imprestável...

Todos correram para junto dos dois. Eugênio fez um ar de inocente e disse:

– Está vendo, seu delegado? Eu tentei, mas ele não quer fazer as pazes. Esse cara deve ter sérios problemas de cabeça.

Lindolfo foi fuzilado pelos olhares de repreensão de todos, inclusive do padre Júlio. E o pai de Eugênio falou, lançando para ele um olhar de repulsa e desprezo:

– É nisso que dá nos misturarmos com essa gatinha medíocre, sem eira nem beira. Bem diz o ditado que, quem com porcos se junta, farelo come. – E, voltando-se para o delegado, perguntou: – Podemos ir embora? Afinal de contas, já está tudo esclarecido por aqui, ou não está?

– Está, sim. Podem ir – respondeu Uribe, que se dirigiu a Eugênio e aconselhou:  
– Tome juízo, rapaz. Respeite e honre o nome da sua família.

Eugênio aquiesceu com fingida resignação e saiu acompanhado do genitor. Nesse momento, o padre Júlio pediu para conversar com Lindolfo. Entrou na cela, sentou-se no catre ao lado dele e iniciou um sermão bastante repreensivo, lembrando, inclusive, de tê-lo prevenido sobre as consequências de haver abandonado a igreja.

– Ovelha que se afasta do rebanho...

– Fica à mercê dos lobos – Lindolfo completou irritado. – O senhor já me falou isso mais de mil vezes.

– E pelo jeito não adiantou muito, não é?

– O problema não é estar dentro ou fora da igreja, padre Júlio. O problema é conviver com um pilantra feito o Eugênio...

– O problema está em não conseguir conter os maus instintos – o religioso corrigiu. – A igreja pode não livrá-lo da maldade dos outros, mas pode atenuar a maldade que há em você, meu rapaz.

Lindolfo baixou a cabeça. Depois a ergueu subitamente e perguntou:

– Como o senhor soube que eu estava preso?

– Foi a Donana que me contou ontem à noite, depois de ter cuidado dos seus ferimentos. Por isso vim para cá assim que terminei de celebrar a missa vespertina.

– O delegado vai me soltar?

– Sim. Eu pedi isso a ele, mas nem havia necessidade. O pai de Eugênio admitiu que a faca usada na briga era mesmo do filho. Ficou claro que você estava se defendendo...

– Então Eugênio não deveria ficar preso? Se fosse eu que tivesse confessado, estaria perdido.

Padre Júlio sorriu sutilmente ao dizer:

– Dê-se por satisfeito com o resultado dessa desinteligência. Querer que os ricos recebam o mesmo tratamento dos pobres é exigir demais no mundo em que vivemos.

– Aquele crápula, fingindo pedir desculpas, disse-me desaforos e cuspiu em meu rosto, padre.

– Eugênio está errado, Lindolfo. Mas você não acha que errou também ao procurar dona Emma para falar mal dele? Para tecer fuxicos sobre a vida do rapaz?

– Eu não falei mal dele. Apenas expus a verdade para proteger uma mocinha ingênua que está sendo ludibriada... Ei, como é que o senhor ficou sabendo desses detalhes?

– Cidade pequena, meu jovem. As notícias se espalham com extrema rapidez.

– Bando de fofoqueiros – Lindolfo vociferou. Mas logo se arrependeu de ter usado esse termo, pois o vigário lançou para ele um olhar de reprovação, como se perguntasse: “E o que você fez não é fofoca?”.

O rapaz voltou a baixar a cabeça e o religioso apoiou a mão no ombro dele, dizendo:

– Para o seu próprio bem, meu filho, esqueça o que aconteceu. Rosana tem a família para protegê-la. Além disso, daqui a pouco Eugênio vai para a Espanha e vocês não voltarão a se ver tão cedo.

– Tão cedo? Espero não vê-lo nunca mais em minha vida – Lindolfo falou com raiva.

Padre Júlio reassumiu a postura pacificadora.

– Até lá vocês estarão mais amadurecidos e essa briga terá caído no esquecimento.

– Posso até esquecer a briga – o outro respondeu com um olhar endurecido pela revolta –, mas nunca as palavras humilhantes que ele me disse e a cusparada em meu rosto.

Na verdade, o que deixou Lindolfo mais inquieto e revoltado foi o que Eugênio disse sobre Rosana. Para ele, seu rival tencionava tirar proveito da ingenuidade da mocinha. Estava claro quanto Rosana estava vulnerável por causa daquela paixão desmedida.

– Vou rezar para que esqueça tudo isso – disse o vigário. Depois, estendendo a mão para ajudar Lindolfo a se levantar, falou: – Vamos embora deste lugar

horrível. Está ficando muito abafado aqui.

– Ué, mas eu já posso ir? – Lindolfo perguntou surpreso.

– Sim. Você não percebeu que a cela está destrancada?

Realmente ele não havia notado aquele detalhe. Saíram e, ao passarem próximo à mesa do delegado Uribe, ele falou olhando para o jovem:

– Juízo, rapaz! Se eu tiver que prendê-lo de novo, garanto que não serei tão condescendente como desta vez, hein!

Lindolfo acenou positivamente com a cabeça, mas sua vontade era perguntar por que Eugênio não ficara preso, já que havia atentado contra sua vida. Percebendo-lhe o propósito, o padre Júlio o puxou pelo braço e, chegando à rua, disse:

– Vá para casa, meu filho. Mais tarde, Donana irá cuidar dos seus ferimentos. Você precisa estar em condições de trabalhar amanhã cedo.

Não havia o que fazer a não ser obedecer à recomendação do religioso, e Lindolfo o fez sem mais questionamentos.

Em casa, além das dores das feridas – que por sorte tinham sido mesmo superficiais –, o jovem se inquietava com sentimentos de indignação e revolta. Aquela cusparada no rosto e as palavras de Eugênio em relação a Rosana pareciam doer muito mais do que os cortes em seu corpo.

## Capítulo 9

### Oportunidades

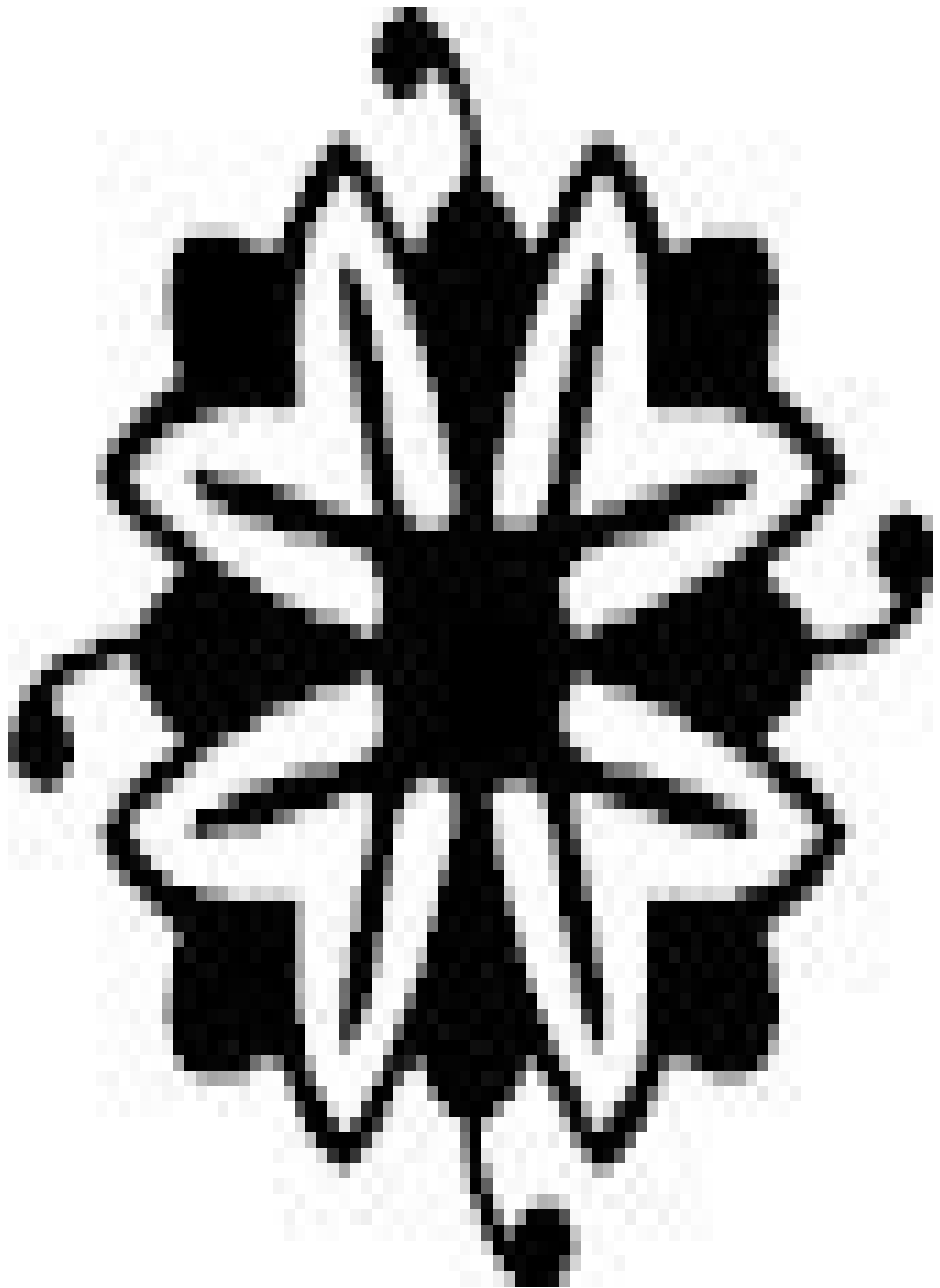
*Empregam-se, sem dúvida, louváveis esforços para fazer avançar a Humanidade; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos mais do que em nenhuma outra época e, todavia, o verme roedor do egoísmo é sempre a chaga social. É um mal que recai sobre todo o mundo e do qual cada um é, mais ou menos, vítima.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 917 (Comentários de Kardec)*

O domingo se arrastou lento, com uma chuvinha enfadonha que durou o dia todo. Donana esteve na casa de Lindolfo por breves minutos. Praticamente sem falar nada, cuidou das feridas com seus unguentos à base de ervas curtidas no álcool, deu-lhe mais um gole da beberagem amargosa e desapareceu.

Lindolfo não queria admitir, mas no fundo estava constrangido com o que houvera feito e pretendia passar um bom tempo sem ficar zanzando pelas ruas e sem colocar os pés na casa do guarda-chaves. Não sabia exatamente o que havia acontecido. Estava curioso, mas a vergonha de ser tachado de fofoqueiro e de ter passado a noite na cadeia falava mais alto naquele momento.

Na segunda-feira acordou praticamente sem dores. Renovou os curativos conforme fora orientado por Donana, escondeu os ferimentos sob a camisa, montou na bicicleta que o patrão o havia autorizado a usar nos fins de semana e foi trabalhar normalmente. Porém mudou o percurso entre sua casa e a fábrica, pois a estação ferroviária ficava a meio caminho. Em função disso, aumentou a distância em quase um quilômetro, com medo de encontrar Rosana, que, imaginou, deveria estar com tanto ódio dele quanto Eugênio.



Os dias se passaram sem novidades e Lindolfo não se deparou com nenhum personagem da trama urdida no sábado anterior. Porém, no início da noite de sexta-feira, precisou ir ao armazém comprar uns mantimentos. Quando estava saindo do comércio, ouviu gritos chamando seu nome. Voltou-se e se deparou com Roseli. Ela estava sentada no banco do carona do jipe de seu pai, que se encontrava estacionado em frente à Praça do Jacarandá.

– Ah, Lindolfo, por que anda tão sumido? – ela ralhou com voz autoritária quando ele se aproximou bastante cauteloso. – Não o vimos a semana inteira e ficamos preocupados com você.

– Estive muito ocupado – o rapaz respondeu timidamente.

Roseli deu uma risada e falou:

– Eu sei. Teve que se livrar das garras do delegado, não foi?

Lindolfo chegou mais perto e perguntou em voz baixa:

– O que você está sabendo sobre isso?

– Ora, o que todo mundo já sabe. Você e o Eugênio se engalfinharam ali na praça e foram presos.

– Fomos, não. Apenas eu fui preso. O policial não teve coragem de prendê-lo também. Só porque o almofadinha é filho de gente importante.

Nesse momento, seu Djalma, que tinha ido comprar alguma coisa na loja de ferragens, aproximou-se e o cumprimentou:

– Como vai, Lindolfo? Preciso lhe agradecer pelo que fez.

O jovem fingiu não saber do que o ferroviário estava falando.

– Como assim? Agradecer pelo quê?

– Por você ter alertado a Emma sobre aquele galinho de granja chamado Eugênio. Esses rapazes acham que só porque são de família rica podem fazer o

que bem quiserem. Assim que você saiu lá de casa, minha esposa contou o motivo de sua visita. Eu vim aqui na praça e flagrei minha filha e o sujeitinho aos beijos. Falei uns desaforos para aquele sem-vergonha e levei Rosana para casa arrastada pela orelha.

Ouvindo aquilo, Lindolfo ficou feliz e enciumado ao mesmo tempo. Feliz por saber que a história tivera um desfecho positivo para ele, já que os pais de Rosana não aprovavam aquele relacionamento. Porém estava enciumado por confirmar que o envolvimento do casal havia chegado a um ponto delicado. Naquela época, uma moça só permitia ser beijada por um homem se estivesse realmente envolvida com ele. Isso o deixou bastante agastado.

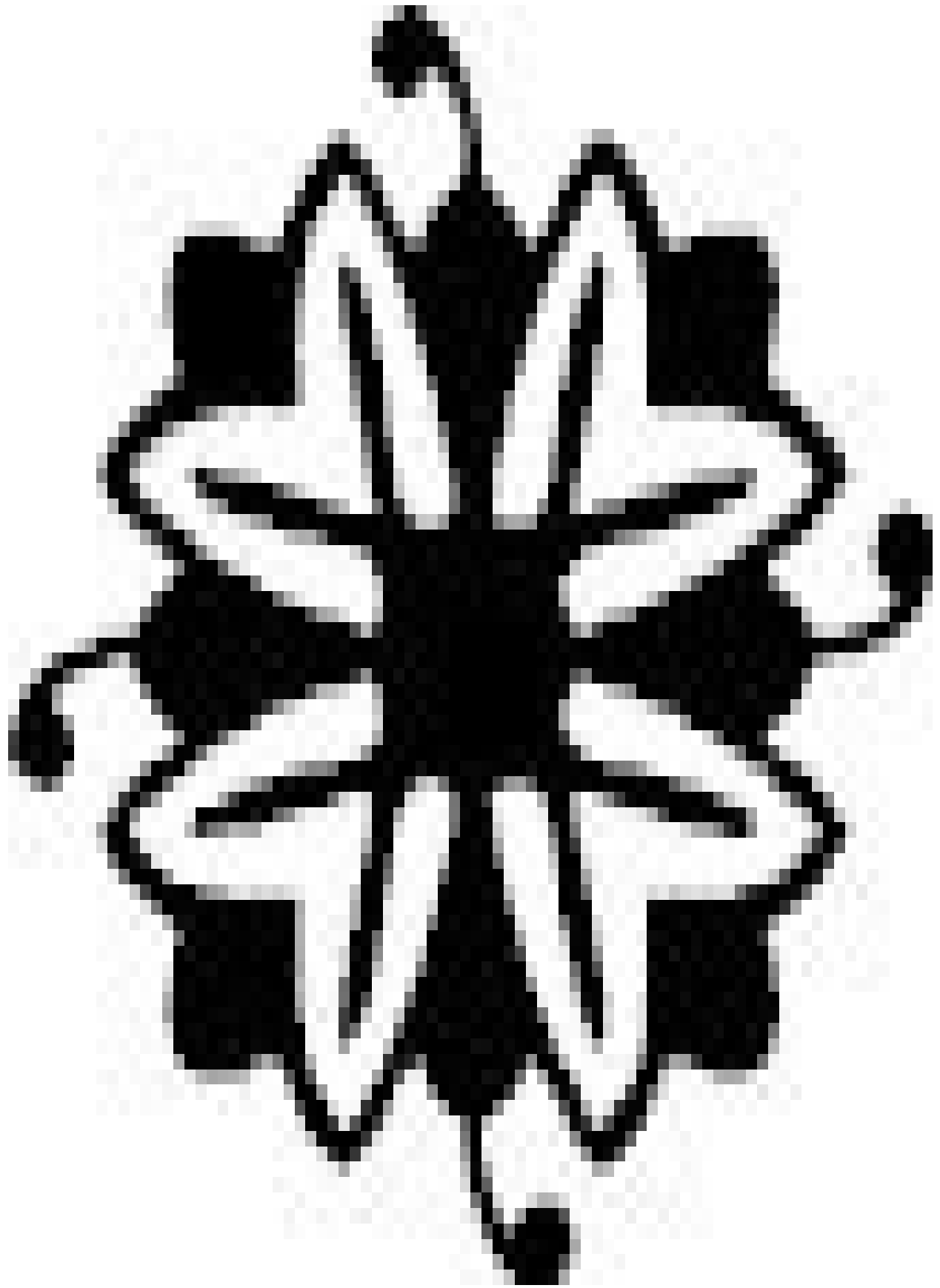
– Apareça lá em casa – o guarda-chaves falou enquanto colocava o carro em movimento. – Vá tomar café conosco. Ou melhor, vá jantar amanhã. Vou falar para a Emma caprichar na comida.

Enquanto o jipe se distanciava, Lindolfo ficou pensando que seria melhor não aceitar o convite. Porém o desejo de ver Rosana se sobrepunha a qualquer advertência ou sensatez.

Assim, quando chegou o sábado, por volta das dezoito horas, ele colocou a melhor roupa que tinha, perfumou-se discretamente e foi saborear a tal comida caprichada que dona Emma devia ter preparado.

Como sempre, foi recebido com alegria e cordialidade pela família, menos por Rosana, que não deu as caras. Lindolfo teve muita vontade de perguntar por ela, mas lhe faltou coragem.

Durante o jantar, os quatro conversaram sobre muitas coisas, mas não foi mencionada uma palavra sequer sobre os acontecimentos do sábado anterior, menos ainda sobre o desfecho desastroso para todos os envolvidos na confusão que o rapaz havia criado com seu ciúme.



Depois do jantar, seu Djalma o chamou para conversar do lado de fora da casa, que era contígua à estação ferroviária. Ali, na plataforma de embarque, que era uma espécie de pátio da residência e se encontrava completamente vazia àquela hora, havia uns bancos de madeira rústica fixados ao cimento do piso.

– Lindolfo, você me parece ser realmente um bom rapaz – disse o ferroviário, após se acomodarem lado a lado em um dos bancos. – Pelo que Emma me disse, a vida não lhe tem sido muito generosa, mas eu não o vejo desanimado, revoltado ou coisa assim. Aliás, vejo-o com grande senso de responsabilidade, trabalhando duro, preocupado em proteger as pessoas indefesas, como fez com minha filha caçula. Admiro-o por agir desse modo, mesmo sendo tão jovem.

– Nunca parei para pensar sobre essas coisas, seu Djalma. Apenas vivo um dia de cada vez e faço aquilo que julgo correto e necessário – Lindolfo respondeu fingindo naturalidade, mas compenetrado em adular o outro lado da “lagoa”.

O guarda-chaves o encarou em silêncio por algum tempo antes de perguntar:

– Você está satisfeito com o emprego na fábrica?

– Não tenho do que me queixar... – o rapaz respondeu sem pensar muito.

– Não foi isso que perguntei – disse o ferroviário, voltando a encará-lo. – Por favor, responda à minha pergunta.

Lindolfo refletiu por alguns segundos antes de responder:

– Bem... Para ser sincero, não é o tipo de função que eu gostaria de ocupar. Tenho sonhos um pouco mais ambiciosos. Gostaria de ter um emprego mais rentável e importante...

Ele silenciou de novo, mas desta vez ficou olhando para o céu, como se mostrasse a altura que almejava chegar em termos profissionais e financeiros. Seu Djalma se mostrou mais animado quando voltou a falar:

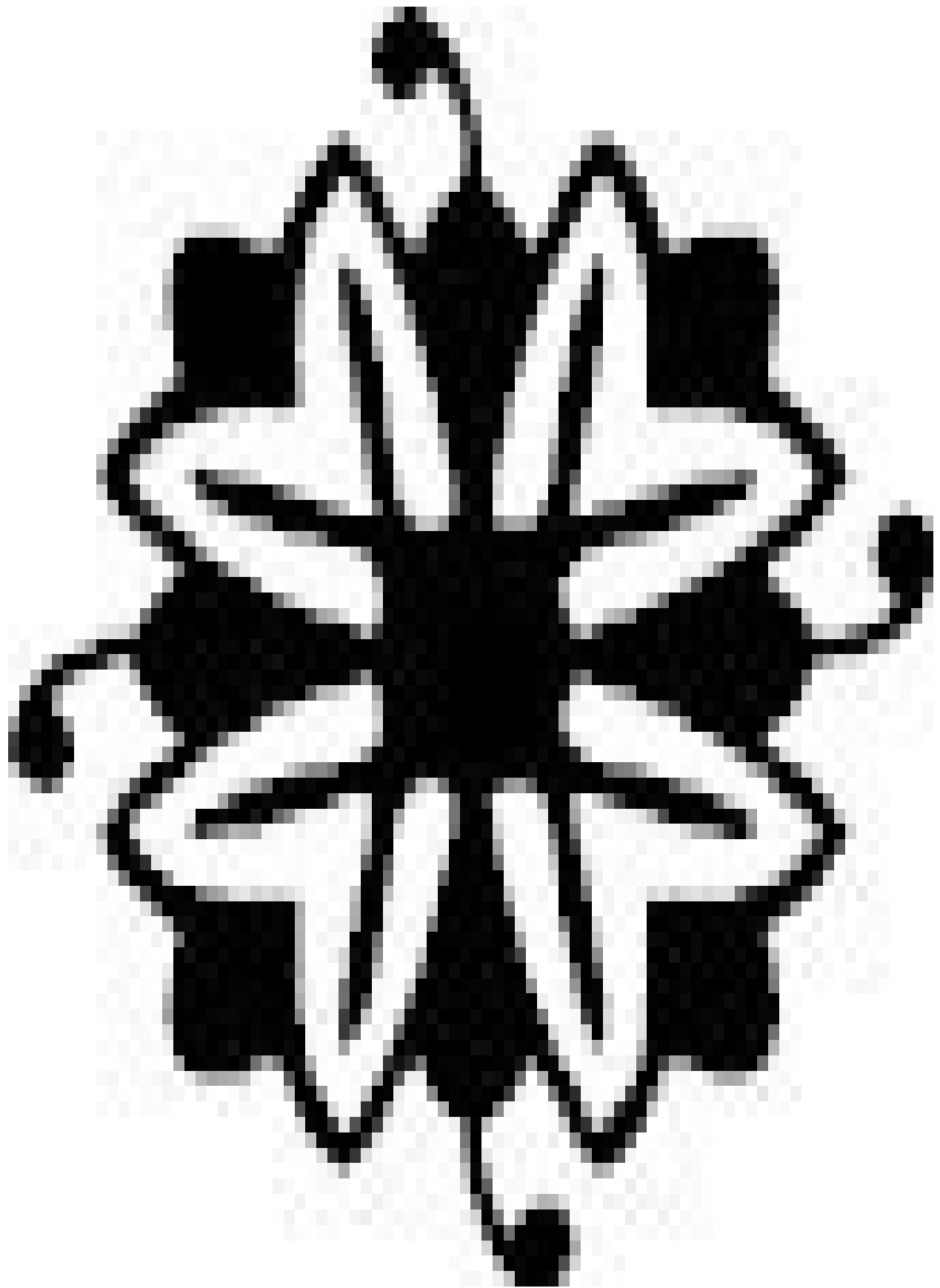
– Comunicativo, inteligente e disposto como você é, meu rapaz, eu acho que poderia lhe ajudar a conseguir um emprego mais interessante e bem mais rentável. O que você acha?

– Acho maravilhoso – Lindolfo respondeu com um largo sorriso de interesse.

Seu Djalma disse que um de seus primos era sócio de uma distribuidora de insumos e equipamentos agropecuários. A empresa situava-se na capital, mas eles estavam expandindo praças em diversas regiões do estado.

– Veja bem – ele falou com entusiasmo –, esta cidade, apesar de pequena, fica próxima a diversos outros municípios, alguns a apenas vinte, trinta quilômetros daqui. As estradas que os unem são bem conservadas. Então você poderia se tornar um representante comercial e atender toda a região. Certamente faria um bom volume de vendas, o que compensaria a vinda de um caminhão uma ou duas vezes por mês para fazer as entregas.

Lindolfo percebeu que era uma oportunidade maravilhosa, principalmente quando seu Djalma falou sobre os valores, que, entre o salário fixo que o primo pagava e a comissão sobre vendas, eram imensamente maiores do que o minguido ordenado que ele recebia na fábrica.



A conversa evoluiu para a ação. Sob o constante incentivo de seu Djalma, Lindolfo pediu dispensa no trabalho uma semana depois e viajou para a capital, onde se reuniu com os sócios da distribuidora e passou dez dias em treinamento. Quando retornou, tinha consigo todos os apetrechos necessários à realização dos trabalhos e uma desmedida vontade de ganhar dinheiro.

Com a chegada à estação, seu Djalma o recebeu de braços abertos e, é claro, antes de ir para casa, Lindolfo teve de almoçar com sua família para contar-lhes as novidades. O guarda-chaves, dona Emma e Roseli queriam saber de todos os detalhes. Rosana novamente não deu as caras e deixou o rapaz realmente decepcionado, pois ele estava morrendo de saudades dela.

Dessa vez, Lindolfo venceu o constrangimento e perguntou:

– Dona Emma, como a Rosana está? Faz tempo que não a vejo.

– Minha filha está um bagaço – a mulher respondeu com um semblante tenso e a voz contida para não chegar aos ouvidos da caçula. – Faz três dias que o tal Eugênio viajou para a Espanha. Eu não sei como a notícia chegou ao conhecimento da Rosana, mas ela entrou em desespero. Chorou feito uma louca durante um dia inteirinho. Depois se trancou no quarto e está vivendo praticamente à base de água e biscoito.

– Foi Lígia, aquela fuxiqueira, que deu a notícia – observou Roseli. – Tudo o que acontece naquela casa ela conta para a Rosana.

Estava esclarecido. Lígia era irmã de Eugênio, mas, em contraste aos encantos físicos do irmão, não possuía o menor resquício de beleza. Além de desengonçada, era de uma antipatia irritante, mimada e insolente. Aliás, nesses quesitos morais, Lindolfo achava os dois bem parecidos.

Possuindo Lígia tantas características negativas, estava claro que Rosana só havia se aproximado dela com o intuito de obter notícias de Eugênio. E, assim sendo, a amizade era mantida para que as informações fossem atualizadas periodicamente.

– Mas, dona Emma, a Rosana não pode ficar assim... Vai acabar adoecendo – Lindolfo observou, achando que poderia contribuir de alguma forma para tirar a

filha do ferroviário daquele atoleiro emocional.

– E o que se pode fazer? – perguntou o chefe da família. – Conselhos não faltaram. Cheguei a ameaçar surrá-la, caso ela insistisse em ficar trancada no quarto, sem se alimentar, mas isso só piorou a situação.

– A Rosana não está se importando com nada – completou Roseli. – Ela disse que tanto faz estar viva ou morta, que dá no mesmo.

– Depressão da braba – emendou dona Emma, arregalando seus olhinhos verdes. – De minha parte, tenho rezado o terço todos os dias, porque parece que o diabo tomou conta da alma da minha caçula. Tão jovem e já tão infeliz!

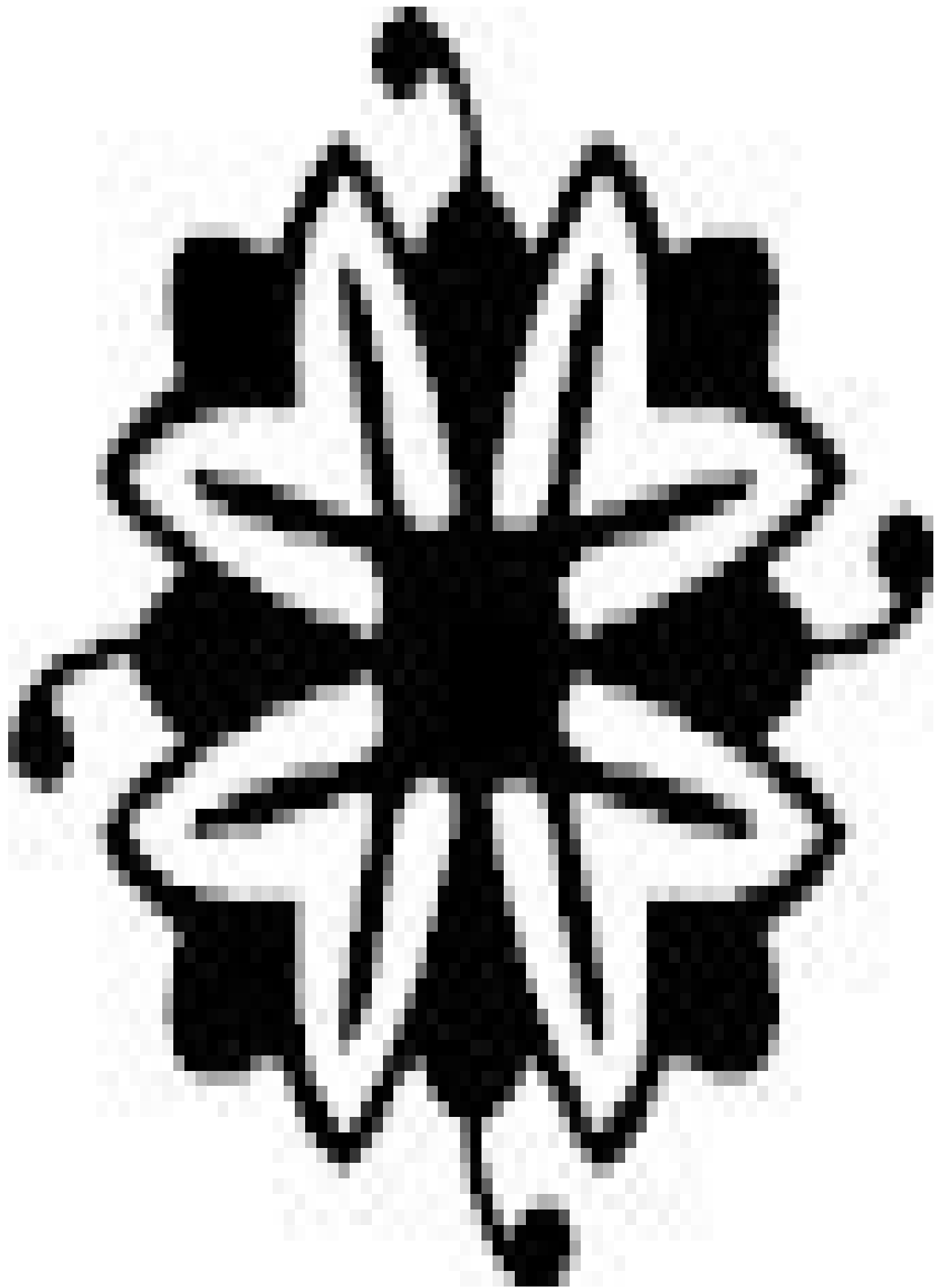
– Só se for um diabo chamado Eugênio – exasperou-se o ferroviário. – Eu deveria ter dado uma surra naquele infeliz, quando os flagrei aos beijos lá na praça.

Essa lembrança deixou Lindolfo irritado de novo. Por sorte, Roseli pediu à mãe que lhe servisse um pouco mais de tutu com torresmo e a conversa foi desviada para o tempero impecável da comida. Seu Djalma elogiou a couve e o arroz, mas disse que o tutu estava um pouco salgado. Dona Emma disse que havia errado a mão no sal porque sua pressão arterial estava muito baixa. Lindolfo não entendeu a correlação entre uma coisa e outra, mas aproveitou para ganhar mais uns pontos com a sogra que sonhava conquistar.

– Pois eu vou lhe dizer uma coisa, dona Emma, nunca em minha vida comi tão bem quanto em sua casa. Se a senhora abrisse um restaurante, iria ficar rica. Ah, e eu seria o seu cliente mais assíduo!

A mulher sorriu orgulhosa e contou uma longa história sobre sua infância. Havia aprendido a cozinhar aos dez anos, porque a mãe se tornara caduca de uma hora para outra e dona Emma era a filha mais velha em uma família de cinco irmãos famintos.

Levando em conta que àquela época somente as mulheres se encarregavam dos trabalhos domésticos, sua narrativa não causou nenhuma estranheza. Até porque, em casos de doença incapacitante ou morte da genitora, era comum que meninas ainda bem novinhas assumissem o lugar nas tarefas cotidianas.



A situação caótica de Rosana deveria ter deixado Lindolfo penalizado, mas ele estaria mentindo se dissesse que sentira qualquer outra coisa que não fosse satisfação. A ida de Eugênio para a Espanha abria caminho para que se aproximasse dela, e era somente isso que lhe interessava.

Até ali, tudo estava de acordo com o que Lindolfo houvera planejado. Não somente dona Emma, mas toda a “lagoa” estava adulada. A cada dia que se passava, Roseli se tornava mais simpática e receptiva à sua manifestação de amizade. Certamente seria uma cunhada perfeita. O chefe da família, principalmente depois de ter livrado sua filha caçula das garras de um aproveitador, tornara-se tão amigo, que se empenhara em lhe arranjar um ótimo emprego. Então não havia dúvidas para Lindolfo de que seu Djalma via nele um maravilhoso candidato a genro.

Lindolfo acreditava que todos os familiares de Rosana estavam em suas mãos e que, com o afastamento de Eugênio, só faltava agora descobrir o melhor meio de ocupar espaço no coraçãozinho magoado de sua eleita e levá-la ao altar o mais rapidamente possível. Ele tinha certeza de que, uma vez casados, o resto se resolveria sem sustos, aborrecimentos ou contratemplos.

## Capítulo 10

### Bilhetes

*O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um, desenvolver o outro, tal deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, se quer assegurar sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 917 (Comentários de Kardec)*

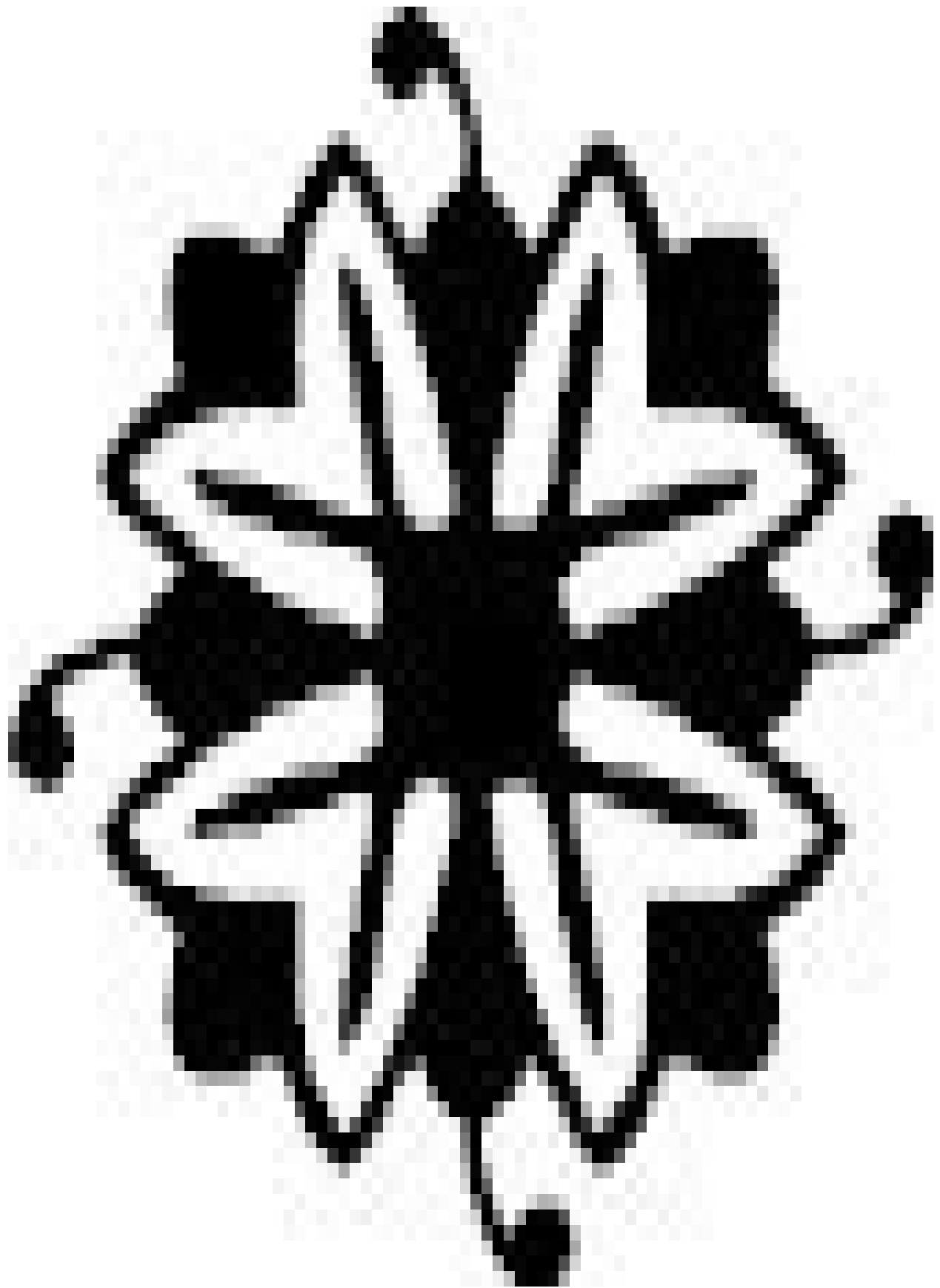
Seis meses depois de ter iniciado os trabalhos de representante comercial, o desempenho profissional de Lindolfo estava sendo tão surpreendente, que ele foi chamado de volta à capital. Recebeu elogios e orientações, além de fazer umas aulas de direção. Precisava aprender a dirigir, pois passaria a ter um veículo para se locomover. Um dia antes de retornar à sua cidade, o patrão o levou ao pátio da empresa, apontou para uma caminhonete quase nova que ali estava estacionada e disse:

– Lindolfo, a partir de agora você vai trabalhar com este veículo. Por enquanto ele é da empresa, mas, dependendo do resultado das vendas, brevemente será seu. De carro, você poderá visitar todas as cidades da sua região em menos tempo do que faz hoje de trem, carroça, ou sei lá como se vira. – E, batendo com força no ombro dele, completou: – Tempo é dinheiro, meu rapaz. E dinheiro é o que move o mundo!

No dia seguinte, bem cedo, Lindolfo deu partida na caminhonete e ganhou estrada – inicialmente com as pernas trêmulas e dirigindo em baixíssima velocidade, mas aos poucos foi se tornando mais seguro de si e logo estava dominando perfeitamente a direção do veículo.

Naquela época, havia poucos carros motorizados circulando pelas estradas e os acidentes automobilísticos eram bem raros. De qualquer modo, somente alguns anos mais tarde ele passaria a ser um motorista oficialmente regulamentado e confiante.

Desse modo, os trabalhos ganharam um vulto impressionante. Lindolfo se tornou o melhor vendedor da empresa e, enquanto esteve na ativa, jamais foi superado por qualquer outro funcionário da área comercial. Não demorou muito para que a caminhonete estivesse registrada em seu nome e, de tempos em tempos, ele trocava o veículo usado por outro mais novo.



Um dia, seu Djalma fez uma visita surpresa ao amigo. Embora Lindolfo estivesse sempre na casa da estação, era a primeira vez que o ferroviário ia à sua residência. Sempre conselheiro, disse-lhe paternalmente, depois de observar a propriedade:

– Lindolfo, por que você não derruba esta casinha velha e aproveita melhor o terreno, que é bem extenso? Dá para construir uma residência grande, com varanda, um muro alto na frente e uma garagem para o seu carro. – Piscou o olho. – Você não vai ficar sozinho a vida toda. Daqui a pouco arranja casamento, constitui família, gera filhos...

Numa atitude precipitada, Lindolfo esteve tentado a dizer que sua eleita já existia, mas mudou de ideia. Era preciso, antes de qualquer coisa, conquistar o coração de Rosana.

– O senhor está certo, seu Djalma. Afinal de contas, capital para isso eu tenho – foi a resposta que ele deu.

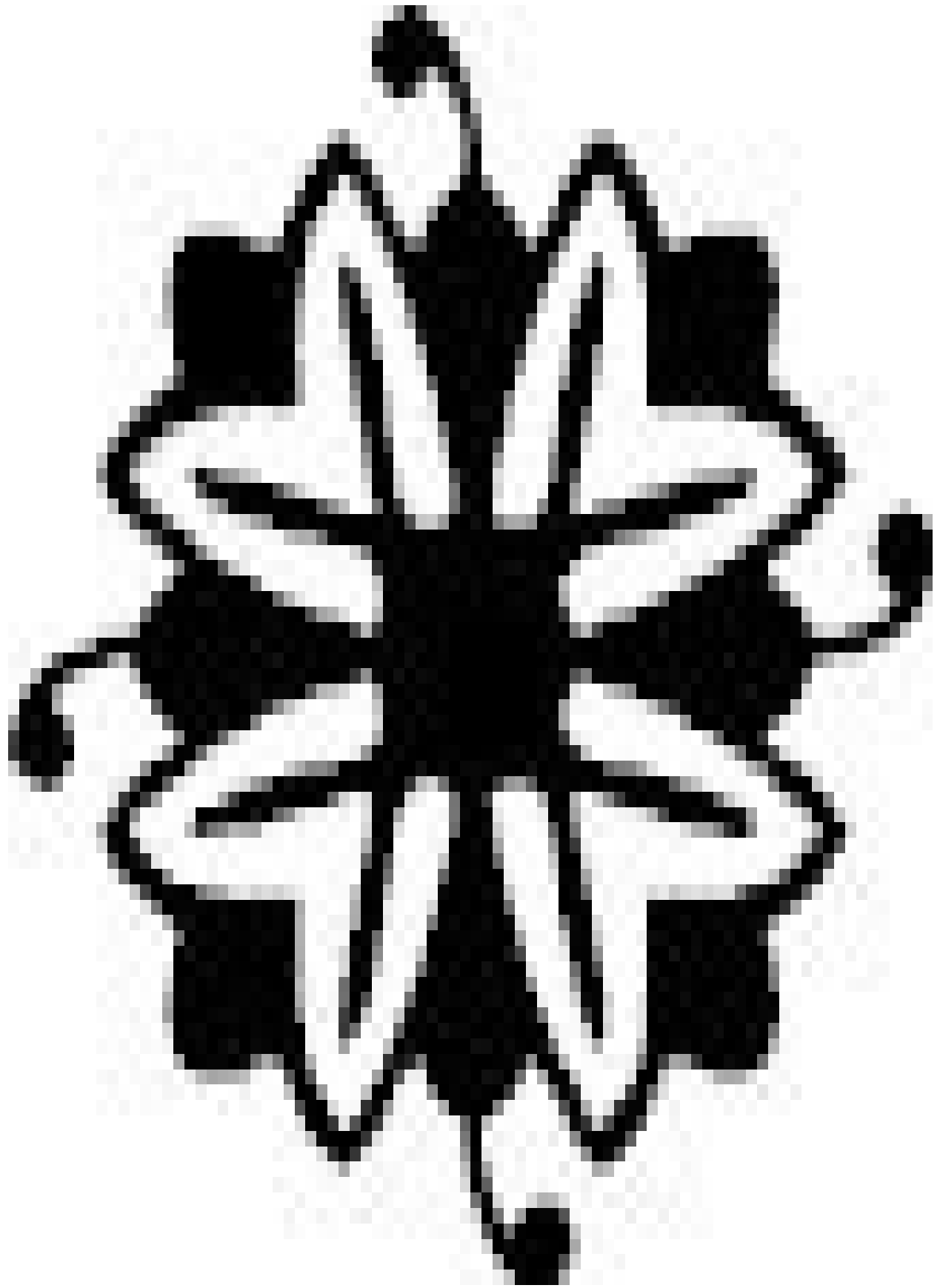
E, àquela altura, Lindolfo havia mesmo ajuntado uma boa quantia em dinheiro em uma conta bancária. Desde que passara a trabalhar como vendedor, sua situação financeira dera um salto espetacular.

Não demorou muito para que, sob o comando do competente arquiteto que contratou em uma cidade vizinha, a suntuosa residência, com uma grande varanda à frente, estivesse erguida onde antes havia a casinha modesta de seus pais, cercada por mourões apodrecidos e uns fios de arame enferrujados recobertos por ramas de chuchu e maracujá.

A obra ficou tão bonita e imponente, que os moradores daquela rua que tinham condições financeiras suficientes contrataram o mesmo arquiteto para construírem ou reformarem suas residências.

O bairro se tornou um lugar aprazível e a prefeitura tratou de providenciar serviços de saneamento, pavimentação e iluminação pública da via, deixando-a com o mesmo aspecto elegante da Rua do Comércio. Na verdade, essa rua era uma extensão da via principal, mas, antes, era completamente abandonada pelas autoridades.





Lindolfo estava com apenas vinte e cinco anos e já tinha um bom emprego e uma casa linda. Desfilava pelas ruas com roupas elegantes, ao volante de um carro que somente os homens ricos podiam comprar. Tornara-se um bom partido para as moças casadoiras e as via frequentemente lançando-lhe olhares sedutores.

Entretanto, ainda que fossem bonitas e atraentes, elas não conseguiam vencer o forte sentimento que mantinha o rapaz atrelado aos encantos de Rosana. Ele estava decidido a se casar com a filha do guarda-chaves ou a ficar solteiro para sempre, se não pudesse desposá-la.

Um dia em que estava sentado em frente à Praça do Jacarandá, fazendo umas anotações em seu talão de vendas, três adolescentes, usando uniformes colegiais, pararam a alguns metros de onde ele estava e começaram a rir baixinho, enquanto se acotovelavam, nervosas.

– Vai lá – disse uma delas.

– Eu não. Vai você – retrucou a outra.

– Deixa que eu vou. Se depender de vocês a gente não ganha o sorvete que ela prometeu – falou por fim a terceira, aproximando-se de Lindolfo com um pequeno envelope na mão.

– Moço, faça o favor de aceitar este bilhete? – ela disse cabisbaixa, sem coragem de olhá-lo no rosto.

Lindolfo pegou o envelope e ia perguntar quem o mandara, mas as meninas saíram em disparada, feito seriemas no campo, e desapareceram das vistas dele. Tratava-se de um bilhete escrito com letras bem desenhadas em um papel perfumado e ilustrado com arabescos coloridos. Este era o seu conteúdo:

*Meu caro Lindolfo,*

*Perdoe-me a ousadia de lhe escrever, mas me falta coragem para falar pessoalmente sobre o que se passa comigo.*

*Sei que você nunca me notou, mas isso não foi o suficiente para que eu deixasse de amá-lo e de pensar em você todos os dias de minha vida.*

*Não há uma só noite em que eu não sonhe que estou em seus braços, aquecida pelo seu corpo, sentindo seus lábios beijando os meus.*

*Espero que a confissão de meus secretos sentimentos não o afaste ainda mais de mim, nem o leve a pensar que sou uma moça vulgar.*

*Estou somente sendo fiel ao meu coração, no qual apenas uma pessoa tem ocupado todos os espaços: você!*

*O vendedor se sentiu lisonjeado com aquela declaração de amor, mas também frustrado, pois o bilhete não estava assinado. Ficou pensando e chegou à conclusão de que pelo menos dez moças poderiam ter escrito a mensagem, mas preferiu acreditar que a autora fosse Rosana. Era uma ideia absurda, mas que se encaixava de alguma forma em seus devaneios.*

Passados alguns dias, outro bilhete, com as mesmas características do anterior, foi deixado em sua caixa de correios. Trazia idênticas declarações de amor, mas desta vez, para grande decepção, estava assinado por uma das poucas pessoas que nem passara pela cabeça de Lindolfo. Tratava-se de Lígia, a desenxabida, presunçosa e antipática irmã de Eugênio.

Abaixo da assinatura, ela escreveu:

*P.S.: Agora que arranjei coragem para me identificar, aguardarei ansiosa por uma iniciativa sua. Caso não me procure nos próximos dias, hei de entender que não sou merecedora do seu carinho e me resignarei.*

*Lindolfo nunca havia notado qualquer atitude por parte de Lígia que a colocasse na lista das moças que tinham interesse por ele. Porém, refletindo melhor, seria impossível perceber qualquer coisa relacionada à irmã de Eugênio, pois simplesmente não reparava nela. Como se não bastasse o seu comportamento arrogante, pesava contra ela o fato de pertencer à família do sujeito que o tinha humilhado diante da cidade inteira – fazendo-o passar uma*

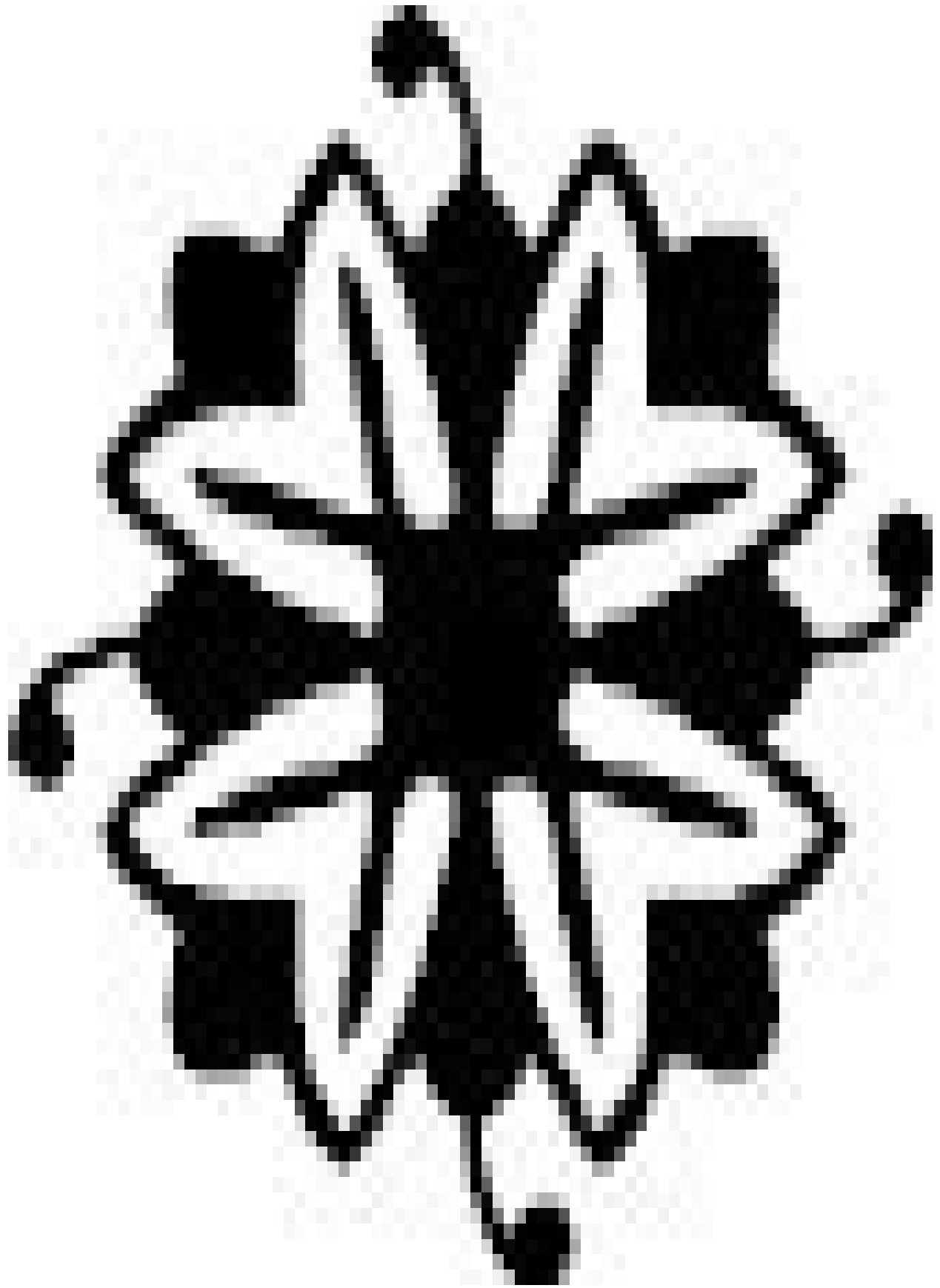
*noite inteira enjaulado – e ainda por cima cuspidos em seu rosto e dito tantas grosserias contra ele.*

Lembrando-se do adágio que o pai de Lígia havia dito na delegacia, em tom de zombaria, Lindolfo perguntou para si mesmo, em voz alta:

– Ué, a filhinha do fazendeiro está querendo se juntar aos porcos? Não está preocupada em comer farelo?

Pegou os dois bilhetes – o primeiro estava guardado no porta-luvas da caminhonete –, rasgou-os em pedaços bem miúdos e os jogou no lixo. O que Lindolfo sentiu naquele momento em relação a Lígia e seus familiares foi a ampliação da antipatia que lhes devotava.

Nos dias seguintes percebeu que a autora das mensagens andara rondando por alguns lugares que ele costumava frequentar e a ignorou completamente. Depois, como havia prometido no segundo bilhete, Lígia desapareceu de suas vistas e voltou a ter para ele a insignificância de sempre.



Um dia em que Lindolfo foi novamente convidado para almoçar com a família de seu Djalma, estranhou, pois Rosana voltara a se ausentar. O clima estava um pouco tenso no ambiente, de modo que ele não conseguiu deixar de perguntar por ela.

– Rosana está trancafiada no quarto de novo – segredou-lhe dona Emma, com os olhos pesarosos, antes que seu Djalma e Roseli se juntassem aos dois à mesa. – Teve notícias daquele infeliz que está na Espanha.

– Ah, a irmã dele deve ter trazido novidades – Lindolfo falou tentando disfarçar a curiosidade e fingindo estar solidário às preocupações da família. – Tomara que sejam notícias venturosas.

Dona Emma fechou o semblante, enrugou a testa e apertou os olhinhos miúdos ao dizer:

– Quem dera, meu filho! Quem dera! As notícias são terríveis... O rapaz decidiu que não vai mais voltar ao Brasil. Lígia contou a Rosana que ele se apaixonou por uma espanhola. Parece que está namorando sério e já tem até planos de casamento.

A vontade que ele teve foi de levantar-se da cadeira e começar a dar pulos, feito uma criança excitada, mas precisou se conter. Roseli chegou dando pulinhos, pois havia dispensado as muletas. Vinha amparada pelo pai e usava uma maquiagem pesada. Olhou para o amigo, abriu um largo sorriso e indagou sorrindo:

– E então, o que achou?

– O que achei do quê? – Lindolfo perguntou distraído, pois estava ainda vibrando com a notícia que acabara de receber.

– Da minha nova aparência – ela disse encarando-o. – Não reparou nada de diferente em mim?

– Ah, mas é claro! – ele exclamou, fingindo que a alegria que lhe invadia o coração naquele momento era fruto daquilo. – A sua maquiagem. Você está linda!

Roseli riu com ironia.

– Também não precisa exagerar, senhor galanteador! Resolvi que daqui por diante vou me cuidar mais, realçando o meu encanto natural com os produtos de beleza que a ciência tem desenvolvido para nós, mulheres fatais! – Deu uma gargalhada e completou: – Mas não sou tão ingênua assim, ouviu? Não precisa ser tão efusivo em seus elogios.

Lindolfo achou graça do modo jocoso como ela falou, mas ao mesmo tempo ficou constrangido, pensando em uma resposta sensata. Seu Djalma, que até então se mantivera em silêncio, o socorreu:

– Filha, você precisa melhorar sua autoestima. Se o Lindolfo está dizendo que você está linda, é porque está. Aliás, eu concordo com ele. Você está simplesmente irradiante.

– Pena que Rosana não venha se juntar a nós – Lindolfo lamentou sem pensar nas palavras que saíram quase involuntariamente de sua boca.

O chefe da família baixou a cabeça. Roseli começou a devorar uma coxa de frango. Dona Emma, depois de lançar para ele um discreto olhar de cumplicidade, como a pedir segredo sobre o que acabara de contar, falou sem entusiasmo:

– Ela está um pouco indisposta hoje. Coisa de gente jovem. Daqui a pouco estará bem de novo.

## Capítulo 11

### Entraves

*Muitas faltas que cometemos passam despercebidas para nós; se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais*

*frequentemente nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem o perceber, por falta de perscrutar a natureza e o móvel de nossos atos.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 919 (Comentários de Kardec*

Depois daquela notícia, que Lindolfo comemorou como um grande trunfo, ele percebeu que não havia mais razão para perder tempo. Nos meses seguintes, vendo Rosana amuada, chorosa pelos cantos, sempre a folhear o único livro que havia na estante de sua casa, decidiu investir no que ela gostava.

Em uma das viagens que fazia periodicamente à capital, comprou uma boa quantidade de obras indicadas pelo livreiro. A prosa escolhida foi principalmente de Machado de Assis, mas outros autores de renome se inseriram no contexto. Os versos ficaram por conta de Drummond, Cecília Meireles e Manuel Bandeira.

– Obras da melhor qualidade, para quem tem bom gosto literário – garantiu-lhe o livreiro, empolgado com o que deve ter sido a melhor venda realizada em seu estabelecimento.

Adulou Lindolfo com alguns opúsculos gratuitos e praticamente o fez jurar fidelidade comercial, enquanto o ajudava a enfiar o imenso e pesado fardo na carroceria da caminhonete.

Quando entregou o pacote a Rosana, com o argumento de que a leitura deveria distraí-la e abrandar a amargura de seu coração, a moça ficou tão feliz que quase lhe deu um abraço. Lindolfo não chegou a ser contemplado com esse prêmio, mas pela primeira vez conseguiu arrancar dela um maravilhoso sorriso.

Roseli amou. Fez charminho cruzando os braços e perguntou enciumada:

– E para mim? O que você trouxe?

– Ora essa. Os livros são para todos – respondeu o rapaz.

– Então por que você os entregou a Rosana?

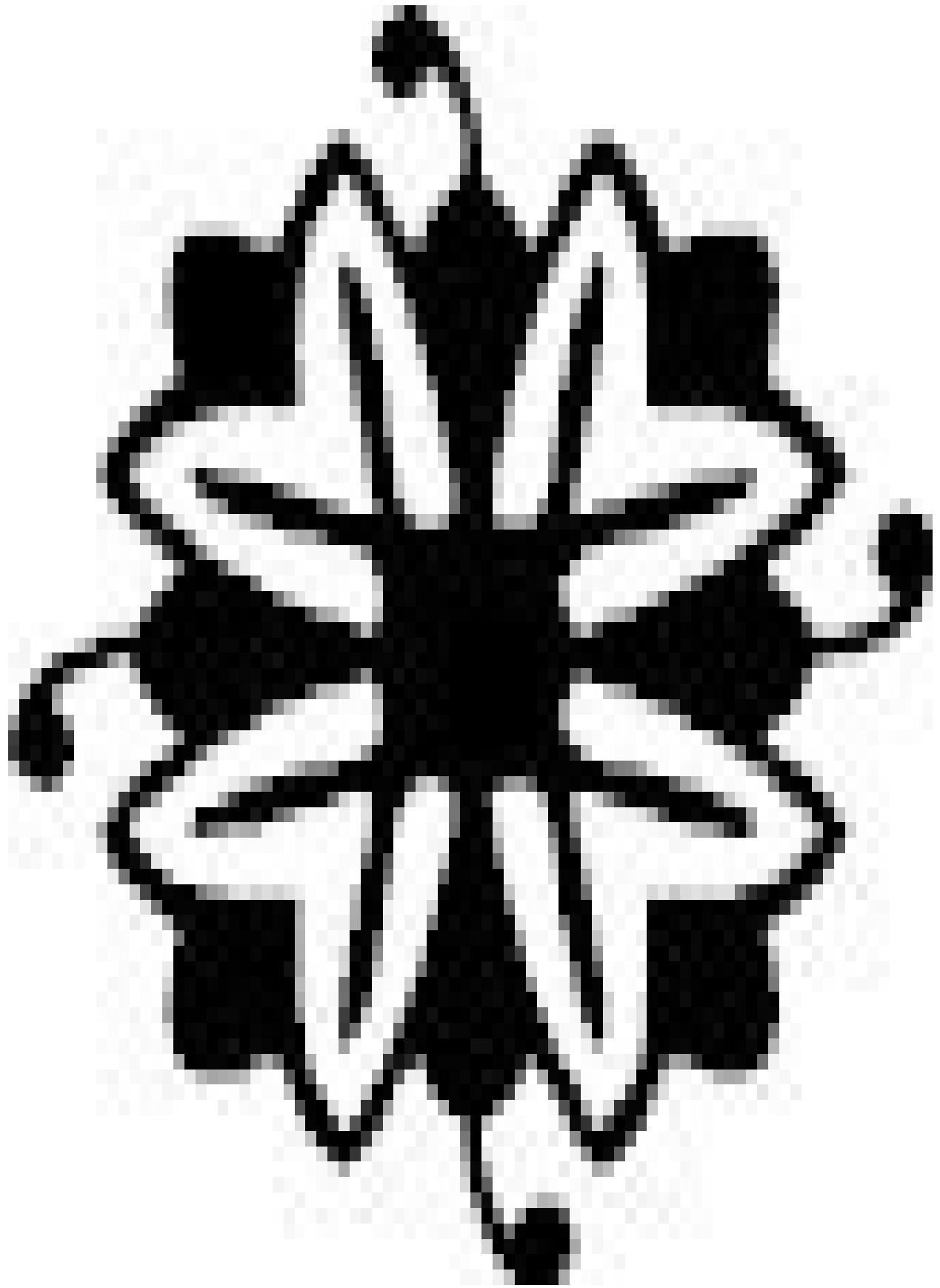
– Porque me parece que ela é a pessoa mais interessada em literatura aqui.

– Ótimo! Você deu um presente para todos, sabendo que apenas Rosana iria gostar.

A atitude de Roseli deixou Lindolfo irritado. Quem havia dado àquela sirigaita o direito de questionar as suas decisões? Comprara os livros com o seu dinheiro, portanto poderia dá-los a quem bem quisesse.

Percebendo o mal-estar que havia provocado, a filha mais velha de dona Emma deu uma gargalhada e disfarçou:

– Não precisa ficar bravo, Lindolfo! Eu só estava brincando. – Mas suas palavras não convenceram nem a ela mesma.



A partir daquele dia, o tratamento de Rosana em relação a Lindolfo melhorou um pouco. Agora, quando ele visitava a casa da estação, a moça aparecia sorridente e o cumprimentava com educação. Às vezes tecia um ou outro comentário sobre o que estava lendo. O rapaz fingia interesse, mas não tinha a menor vocação para literatura. Na verdade, nem prestava atenção ao que ela dizia, hipnotizado pelo brilho fascinante daqueles lindos olhinhos cor de mel. De qualquer modo, a mudança de atitude de Rosana o encheu de esperança e sua vida ganhou um novo colorido desde então.

Entretanto, a desmedida atenção que dona Emma, seu Djalma e Roseli sempre dispensaram a ele, e que antes o deixavam bem à vontade, agora era motivo de irritação e impaciência, pois não lhe davam a oportunidade de ficar a sós com Rosana.

Lindolfo andou pensando em um modo de conversar com ela longe dos familiares, mas nada lhe ocorria. Porém, numa tarde em que passava de carro pela Rua do Comércio, avistou-a saindo do armazém carregando uma pesada sacola de compras. Seu coração entrou em descompasso. Aquela era a grande oportunidade de se abrir com Rosana, expor os seus sentimentos e torcer para que ela os retribuísse. Alcançou-a, parou a caminhonete ao lado dela e ofereceu carona.

– Não há necessidade de se preocupar – ela respondeu sem se deter. – Estou acostumada a carregar peso.

– De modo algum – o rapaz retrucou com a voz meio embolada pelo nervosismo. Uma mão estava no volante e a outra esticada em direção à moça para ajudá-la a colocar a sacola dentro do carro. – Não me custa nada levá-la em casa.

Rosana olhou para os lados. Depois o encarou e disse, embarcando:

– Está bem. Já que insiste.

Sem saber se teria uma nova chance como aquela, Lindolfo resolveu arriscar todas as fichas e, enquanto dirigia bem devagar para alongar a viagem ao máximo, foi logo abrindo o coração:

– Rosana, faz tempo que estou querendo lhe falar. Você já deve ter percebido que eu faço qualquer coisa para estar ao seu lado. Não sei o que sente por mim, mas meu desejo é pedir a sua mão em casamento. O que você me diz sobre isto?

Ela ficou com o rosto totalmente corado. Ameaçou olhar para ele, mas desistiu e baixou a cabeça sem dizer nada. Lindolfo insistiu:

– Pelo amor de Deus, não me deixe sem uma resposta! Mesmo que seja negativa, eu preciso saber o que você pensa, para que eu possa definir o rumo da minha vida...

Finalmente ela ergueu a cabeça, encarou-o muito séria e falou com firmeza:

– Lindolfo, como é que você pode me propor uma loucura dessas? Não percebe o que está fazendo?

– Não vejo nada de mais em minha atitude. Eu a amo e estou pedindo que se case comigo. O que há de errado nisso? – ele rebateu quase em desespero.

– Lindolfo, será que você não está mesmo entendendo a situação? Ou se faz de tolo?

– Não estou me fazendo de tolo, Rosana. Do que você está falando, afinal?

Ela fechou os olhinhos cor de mel, suspirou fundo e os reabriu ao esclarecer:

– Para a minha família, você e a Roseli estão namorando. Meus pais vivem sonhando com o momento em que você pedirá minha irmã em casamento. É por esse motivo que o tratam como um filho. Aliás, por que acha que meu pai se interessou tanto em lhe conseguir o emprego com o primo dele?

Aturdido com o que acabara de ouvir, Lindolfo freou o carro abruptamente e quase gritou:

– Que loucura é essa?

– Uma loucura que você alimentou – respondeu Rosana, surpreendida pelo movimento brusco do veículo. – Há quanto tempo frequenta a nossa casa e se desdobra em atenção à Roseli? Minha irmã nunca teve a dedicação de um rapaz como tem de você. Ora, não se faça de desentendido.

– Ai, ai, ai, meu Deus! – o vendedor exclamou estapeando a própria testa. – Essa foi a única maneira que encontrei de ficar perto de você, Rosana. Tenho pela Roseli um carinho especial de amigo, irmão... Sei lá. Mas apenas isso.

– Mas a Roseli está apaixonada por você, Lindolfo. Ela o ama muito!

Ele respirou fundo e espalmou as duas mãos em direção a Rosana, tentando acalmar as coisas.

– Está bem, eu cometi um erro – falou com um tom mais brando na voz. – Mas diga-me, deixando a sua irmã de lado, você se casaria comigo?

A moça lançou para ele um olhar de reprovação e questionou indignada:

– O quê? Deixando minha irmã de lado? Você pensa que é simples assim? Que ela não tem sentimentos? Que pode simplesmente ser descartada como um sapato velho?

– Perdoe-me, pelo amor de Deus! – Lindolfo implorou. – Não foi isso que eu quis dizer. O que quero saber é: se a sua irmã não fosse apaixonada por mim, você se casaria comigo?

Rosana voltou a encará-lo ao responder:

– Isso não vem ao caso, Lindolfo. A realidade é que minha irmã o ama e eu jamais iria traí-la. Considere a possibilidade de fazê-la feliz. Case-se com ela. Apenas para que você tenha uma ideia do que estou falando, vou lhe contar algo que deveria ser um segredo de família: no dia em que você me presenteou com os livros, depois que saiu lá de casa, Roseli sofreu uma crise que há muito tempo não tinha.

– Crise? Que tipo de crise?

– Um desequilíbrio emocional muito grave. Ela começou gritando que ninguém a amava, que estava cercada de gente falsa, e passou a morder os braços e a arrancar os próprios cabelos, antes de convulsionar e perder os sentidos. Durante três dias, ela precisou fazer uso de um medicamento forte, que há anos não tomava.

Depois de dizer essas palavras, Rosana abriu a porta do veículo.

– Espere – Lindolfo disse. – Não precisa ir embora assim. Faço questão de deixá-la em casa.

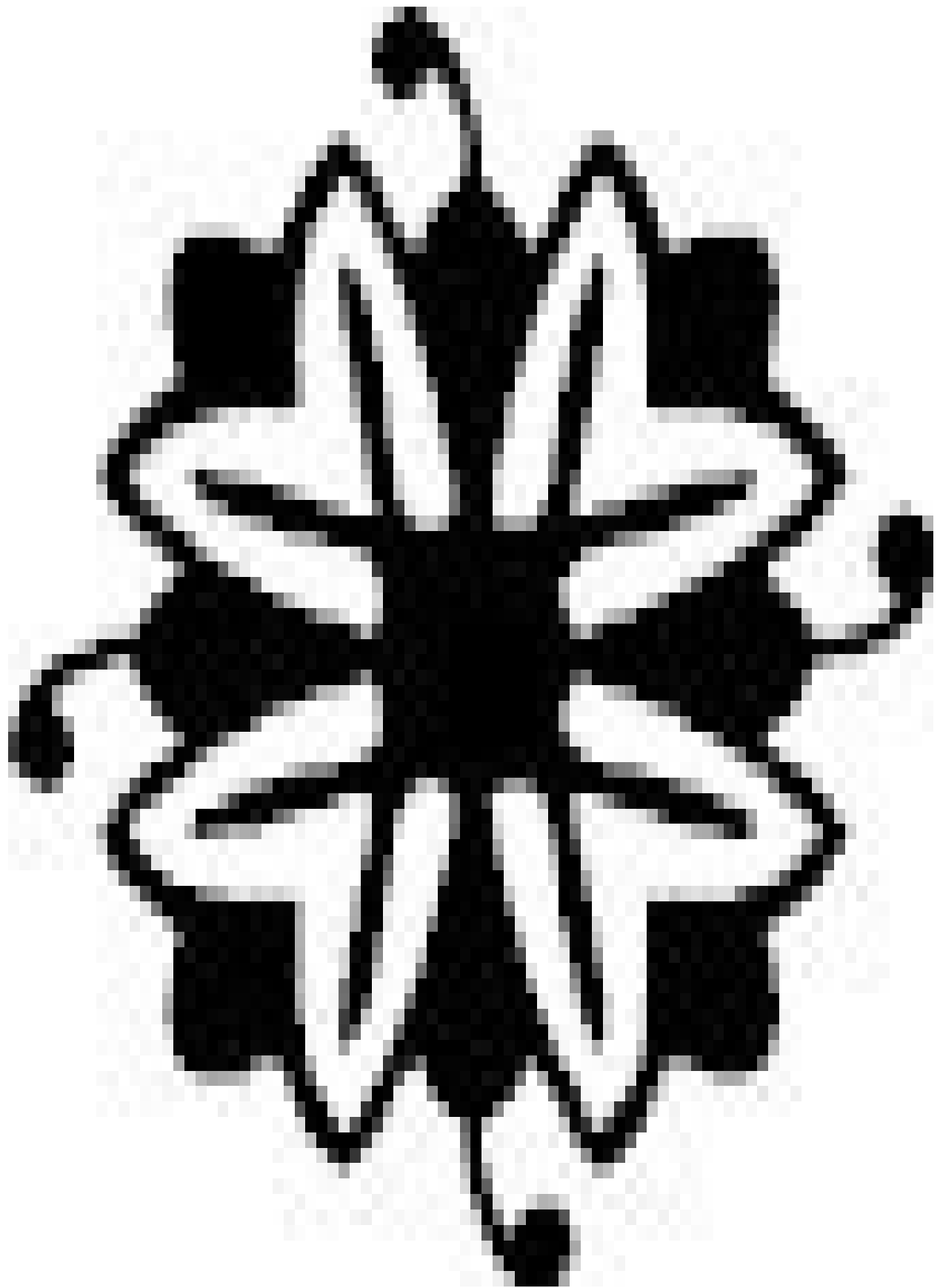
– Não há necessidade – Rosana respondeu. – Já estamos bem perto.

Desembarcou, acenou timidamente e seguiu para casa em passos apressados, deixando-o bastante pensativo.

Aquela revelação provocou surpresa e irritação em Lindolfo. Ora, então ele teria de abrir mão de Rosana por causa do capricho da irmã dela? Não.

Definitivamente, não. O obstáculo mais difícil, que era Eugênio, havia se afastado, então ele teria que dar um jeito de se livrar daquele novo empecilho para chegar aonde pretendia.

Rosana não afirmara que se casaria com ele se não fosse aquele absurdo sentimento de sua irmã, mas também não negara essa possibilidade. E era a isso que Lindolfo se agarrava para alimentar a esperança de desposá-la. Ele só precisava pensar num meio de tirar Roseli do caminho... Mas como?



Lindolfo andou sumido da casa da estação. Precisava digerir aquela novidade e programar suas futuras ações. Porém, alguns dias depois, a saudade de Rosana fez com que retornasse à residência do ferroviário. Roseli, como sempre, brigou por ele ter desaparecido e lhe pareceu bem mais atenciosa e dedicada do que antes. Só então o esclarecimento feito por Rosana ficou bastante óbvio: a filha mais velha de seu Djalma estava realmente apaixonada por ele.

Essa constatação voltou a irritá-lo, mas Lindolfo precisava agir com prudência. Mesmo considerando um absurdo o sentimento que despertara sem querer no coração da moça e de nem lhe passar pela cabeça a ideia de se casar com ela, a proximidade com Roseli continuava sendo a garantia de seu acesso à família e, conseqüentemente, a Rosana.

Assim, achou melhor continuar se fazendo de desentendido e a tratou com a costumeira atenção, apenas tomando o cuidado de não exagerar nos gestos de carinho e nas palavras elogiosas, como descuidadamente fizera no passado.

– Devido a esse calor insuportável, estou com vontade de fazer um piquenique na beira do rio – Roseli falou com voz manhosa, a certa altura da conversa que travavam animadamente. – Você teria coragem de me levar? – ela finalizou lançando para o rapaz um olhar de súplica.

Lindolfo já ia inventar uma desculpa para recusar, quando dona Emma interferiu dizendo:

– Que ideia maravilhosa, minha filha! Mas seria bom que levassem a Rosana com vocês, para evitar falatórios e ver se ela se anima um pouco mais e desamarra aquela cara de velório.

Ouvindo tais palavras, Lindolfo abriu um largo sorriso e falou com exagerada empolgação:

– É mesmo uma ideia maravilhosa, Roseli! É claro que poderei levá-la ao piquenique. Mas, como sua mãe bem observou, não seria sensato irmos sozinhos. Do jeito que o povinho desta cidade é fuxiqueiro, em pouco tempo seremos alvos de maledicências.

O rosto da moça irradiava alegria quando ela disse:

– Ah, Lindolfo, que bom você ter concordado! Quanto a Rosana, não se preocupe. Eu vou convencê-la a nos acompanhar.

– Mas será que ela vai aceitar o convite? Por que não pergunta agora?

Roseli o encarou de um modo estranho e só então Lindolfo percebeu quanto estava sendo atabalhoado. Imediatamente mudou a postura e falou com fingido desinteresse:

– Bem... Isso é problema de vocês, não é? Eu só não quero dar motivo a essa gente para pensar mal de nós e...

– Eu já disse para não se preocupar – Roseli o interrompeu sem desviar os olhos do rosto do rapaz. E, demonstrando estudar a fundo a reação dele, completou: – Se a Rosana não for, não tem problema. Não me importo com a opinião dos outros a meu respeito, pois não devo nada a eles.

Sentindo-se observado, Lindolfo precisou fazer um esforço enorme para não denunciar seus sentimentos. A vontade que teve foi de dizer que não iria a lugar algum com ela sem a presença de Rosana, mas se conteve e disse apenas:

– Está bem, você é quem sabe. Quando poderemos ir?

Roseli voltou a sorrir e respondeu perguntando:

– Que tal no próximo domingo?

– Por mim está ótimo – falou Lindolfo, acenando positivamente com a cabeça enquanto fingia sorrir.

Mais tarde, ele foi para casa sentindo-se otimista, ainda que sem saber se Rosana aceitaria mesmo o convite para ir junto ao piquenique. Se ela não concordasse, ele pensou em inventar uma desculpa qualquer de última hora; diria estar indisposto, resfriado, e daria um jeito de ir adiando indefinidamente o tal passeio.

## Capítulo 12

### Tragédia

*Aquele que não crê na eternidade, que crê que tudo nele se acaba com a vida, se está oprimido pelo desgosto e pelo infortúnio, não vê seu fim senão na morte; não esperando nada, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar suas misérias pelo suicídio.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 5 – item 15*

No domingo, pela manhã, Lindolfo passou na casa da estação e descobriu que não precisaria lançar mão de nenhuma desculpa para adiar o piquenique. Tomando café com a família, verificou com grande satisfação que, assim como Roseli, Rosana estava vestida para o passeio.

Colocou na caminhonete todos os apetrechos e alimentos que as irmãs haviam preparado e partiram para um lugar sossegado; uma pequena clareira em meio à mata, onde o rio formava um remanso em uma das margens, a que as pessoas deram o nome de Prainha.

O dia estava muito quente. Rosana, sempre em silêncio, abriu um dos livros com que Lindolfo a presenteara, sentou-se à sombra de uma quaresmeira e começou a ler. Roseli, secando com o dorso da mão o suor que lhe escorria pela testa, olhou para o amigo e disse:

- Ah, como eu gostaria de entrar no rio.
- E por que não entra? – Lindolfo perguntou.
- De muletas? Você está louco?
- Se você quiser, eu posso levá-la.

A moça começou a rir e o desafiou:

- Duvido, seu falastrão!

Lindolfo a pegou no colo, caminhou em direção ao rio e entrou até que a linha d'água ficasse à altura de seu peito. Ao contato com a água fria, Roseli dava uns gritinhos estridentes e gargalhava, sentindo fortes arrepios na pele. Depois o rapaz, sempre com ela ao colo, seguiu em direção ao barranco onde havia um emaranhado de cipós que desciam da copa de uma árvore e formavam uma espécie de rede rente ao espelho d'água.

- Agarre-se aqui – ele falou para Roseli.

A moça agarrou-se aos cipós e começou a exultar de alegria, agitando as águas com suas perninhas magras e defeituosas.

– Que delícia! Nunca me senti tão independente e feliz. – Olhou embevecida para o amigo e falou com voz dengosa: – Você é o homem mais gentil, atencioso e carinhoso que existe no mundo, sabia?

Aquele elogio, em vez de agradar, provocou em Lindolfo uma imensa irritação. O que dava a ela a petulância de se meter em sua vida? De atrapalhar os seus planos com Rosana?, ele se perguntava encarando-a.

Com essas perquirições em mente, chegou-se, envolveu Roseli em um abraço e roçou levemente sua boca no rosto dela. Roseli fechou os olhos e esticou os lábios, achando que Lindolfo fosse beijá-la. Mas o rapaz se esquivou e cochichou bem próximo ao ouvido dela:

– Você quer se casar comigo?

Roseli arregalou os olhos, que eram verdes como os da mãe, e lacrimejou de emoção ao responder:

– Sim! Eu quero muito!

Nesse momento, Lindolfo se afastou um pouco para encará-la e Roseli se deparou com um olhar tão endurecido e frio, que se assustou.

– Mas eu não quero me casar com você – ele falou com rudeza e crueldade, mas tomando cuidado para que seu tom de voz não se sobrepusesse ao barulho das águas correntes e chegasse aos ouvidos de Rosana. – Nem se você fosse a única mulher no mundo serviria para ser minha esposa, entendeu?

Percebendo um estremecimento repentino no corpo de Roseli, ele prosseguiu, segurando-a com grosseria pelos braços:

– Eu amo Rosana e é com ela que vou me casar. Consegue entender isso de uma vez por todas? Se você tem consideração por sua irmã, não atrapalhe a nossa felicidade. Não seja um estorvo em nossas vidas.

Grossas lágrimas jorraram dos olhos de Roseli, que agora o encarava de um modo estranho. Aos poucos suas retinas foram ficando foscas. Ela se manteve em silêncio, mas dava a impressão de que iria explodir a qualquer momento.

Demonstrando satisfação, Lindolfo começou a se afastar enquanto dizia com a

maior serenidade do mundo:

– Continue segurando firme nos cipós. Vou pegar uma toalha no carro, pois quando você sair da água estará tiritando de frio. Não se solte, hein! Se o fizer, a correnteza a arrastará.

Saiu calmamente do rio e caminhou em direção à caminhonete, que estava estacionada a uma boa distância dali. No trajeto passou por Rosana, que continuava concentrada na leitura, e perguntou, agachando-se ao lado dela:

– E então, está se divertindo?

– Sim. O livro é maravilhoso – Rosana respondeu erguendo os olhos e procurando um contato visual com a irmã. – Cadê a Roseli? Você a deixou sozinha no rio?

– Só por um instante. Ela está bem segura agarrada aos cipós – ele explicou. – Sua irmã me pediu para pegar uma toalha no carro. A água está muito fria e ela vai precisar se secar assim que sair de lá.

Rosana fechou o livro e o colocou sobre a toalha, ao lado da cesta de piquenique.

– Vou fazer companhia a ela – disse, levantando-se e espanando com as mãos alguns fiapos de capim que estavam grudados em sua blusa.

Rosana se encaminhou para a beira do rio e Lindolfo seguiu para a caminhonete. Enquanto ele revirava umas bolsas que as irmãs tinham levado, procurando uma toalha, ouviu gritos:

– Não venha aqui! Não quero que se aproxime de mim! – Roseli se esgoelava a plenos pulmões.

– Calma! Fique calma, por favor... – Rosana tentava controlar a irmã, que aparentemente estava sofrendo outra crise nervosa.

Roseli continuava insistindo para que a irmã não se aproximasse dela. Em desespero, Rosana pediu ajuda:

– Lindolfo! Lindolfo! Venha aqui. Rápido, pelo amor de Deus...

O rapaz correu para o local onde se desenrolava uma cena bastante delicada: Rosana estava a alguns metros da margem, enquanto Roseli, chorando copiosamente, ia se livrando dos cipós que ele havia enleado ao corpo dela. Aos poucos, a moça deficiente começava a ser arrastada para o meio do rio, onde a correnteza era bastante forte.

– Eu quero morrer! – Roseli gritava em completo descontrole emocional. – Ninguém me ama neste mundo. Estou cercada de gente falsa, que me apunhala pelas costas sem a menor piedade. Não quero mais ser estorvo para ninguém...

– Espere – gritava Rosana, também aos prantos. – Você não está dizendo coisa com coisa... Eu amo você, minha irmã! Não faça nenhuma besteira... – e, voltando-se para Lindolfo, implorava: – Ajude-me aqui, pelo amor de Deus!

O rapaz parecia dividido em duas partes distintas. Enquanto uma das partes o chamava à razão, aconselhando-o a agir imediatamente e salvar Roseli, a outra o mantinha em uma inércia inexplicável e o aconselhava a adiar ao máximo o momento da ação.

Quando Lindolfo tomou finalmente a decisão de mergulhar no rio, preciosos segundos haviam se passado e o corpo da moça já estava sendo perigosamente arrastado pelo fluxo das águas. A correnteza o impulsionou para a mesma direção, mas ele não conseguia alcançar Roseli, que estava a uma grande distância.

Lindolfo se deixou conduzir rio abaixo, tentando não se afogar, enquanto via o corpo de Roseli afundar e emergir algumas vezes, até ser detido pelo banco de areia que se formava em uma das margens.

Com muito esforço, conseguiu nadar até o local. Estava extenuado. Atirou-se sobre a areia e precisou tomar fôlego por algum tempo antes de fazer qualquer coisa. Quando recuperou as forças, pegou Roseli nos braços e a afastou ainda mais da margem do rio.

Depois o corpo no solo e debruçou-se sobre ele, com a intenção de tentar reanimá-lo utilizando práticas de primeiros socorros, como massagem cardíaca e respiração boca a boca, mas as duas partes que lhe disputavam a atenção ainda duelavam em seu íntimo e uma delas o convenceu de que seria inútil tentar salvar a moça, pois ela já estava morta. Desse modo, Lindolfo acabou desistindo da ideia, jogou-se ao lado do cadáver e ficou olhando para o alto, a ouvir o ruído

estridente de um batalhão de cigarras.

Depois de descansar um pouco, o rapaz voltou a pegar no colo o corpo frio de Roseli e seguiu pelo meio da mata, fazendo o percurso oposto ao que fizera por dentro do rio. De um lado, encontrava-se angustiado com o ocorrido. Porém, de outro, uma voz – que ele não sabia se era sua ou de algum demônio oportunista – assoprava-lhe ao ouvido:

– Pronto! Agora você está livre para conquistar o coração de sua amada. Outro empecilho deposto, Lindolfo. Você é mesmo um homem de sorte!

Cerca de meio quilômetro acima encontrou Rosana, que chorava em desespero. Ela correu em sua direção, olhou para o rosto inerte da irmã e perguntou:

– Roseli está morta?

Lindolfo respondeu que sim com um leve aceno de cabeça enquanto depunha o cadáver sobre a toalha de piquenique e acolhia Rosana em um abraço de amparo. Era a primeira vez que seus corpos se estreitavam daquele jeito e ele nunca conseguiu explicar a sensação incrível que o envolveu naquele momento, fazendo-o sentir-se o homem mais realizado do mundo.

Lindolfo chorou muito, mas não pela morte de Roseli. Suas lágrimas eram em solidariedade ao pranto de Rosana, que o comoveu terrivelmente. Aliás, as únicas coisas que lhe moviam os sentimentos eram as que afetavam os sentimentos daquela criatura que lhe parecia tão frágil e tão poderosa ao mesmo tempo. O que estivesse bom para ela estava ótimo para Lindolfo. Porém tudo aquilo que a atingisse negativamente dilacerava-lhe a alma.

Olhando para o corpo inanimado de Roseli estirado sobre a toalha florida, ele agradecia intimamente por ela haver lhe proporcionado a chance de receber aquele abraço de Rosana. E, ao se comportar daquele modo, as dúvidas deixaram de existir: a voz que andara sussurrando ideias inconfessáveis em seus ouvidos era a dele mesmo. Se houvesse algum demônio naquela história, Lindolfo poderia se deparar com ele a cada vez que se visse no espelho.

## Capítulo 13

### Sonhos

*Quando um Espírito diz que sofre, qual a natureza dos sofrimentos que experimenta?*

*Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 255*

Muito natural que a morte de Roseli deixasse Lindolfo preocupado. Ele se perguntava de que modo os pais dela encarariam aquela tragédia. Iriam culpá-lo? Sua insegurança tinha razão de ser, pois, assim como lhe arranjava aquele importante emprego, seu Djalma poderia tirá-lo quando bem quisesse. As pessoas que o haviam contratado eram ligadas ao ferroviário, e não a ele. Além disso, a própria Rosana já havia lhe dito que o interesse em ajudá-lo se dera pelo fato de o guarda-chaves achar que Lindolfo estivesse tencionando casar-se com Roseli. Com a morte da moça, essa razão deixava de existir.

Entretanto, a postura de Rosana em relação ao ocorrido foi surpreendente. Em seu depoimento, ela isentou o rapaz de qualquer responsabilidade, afirmando ter presenciado tudo.

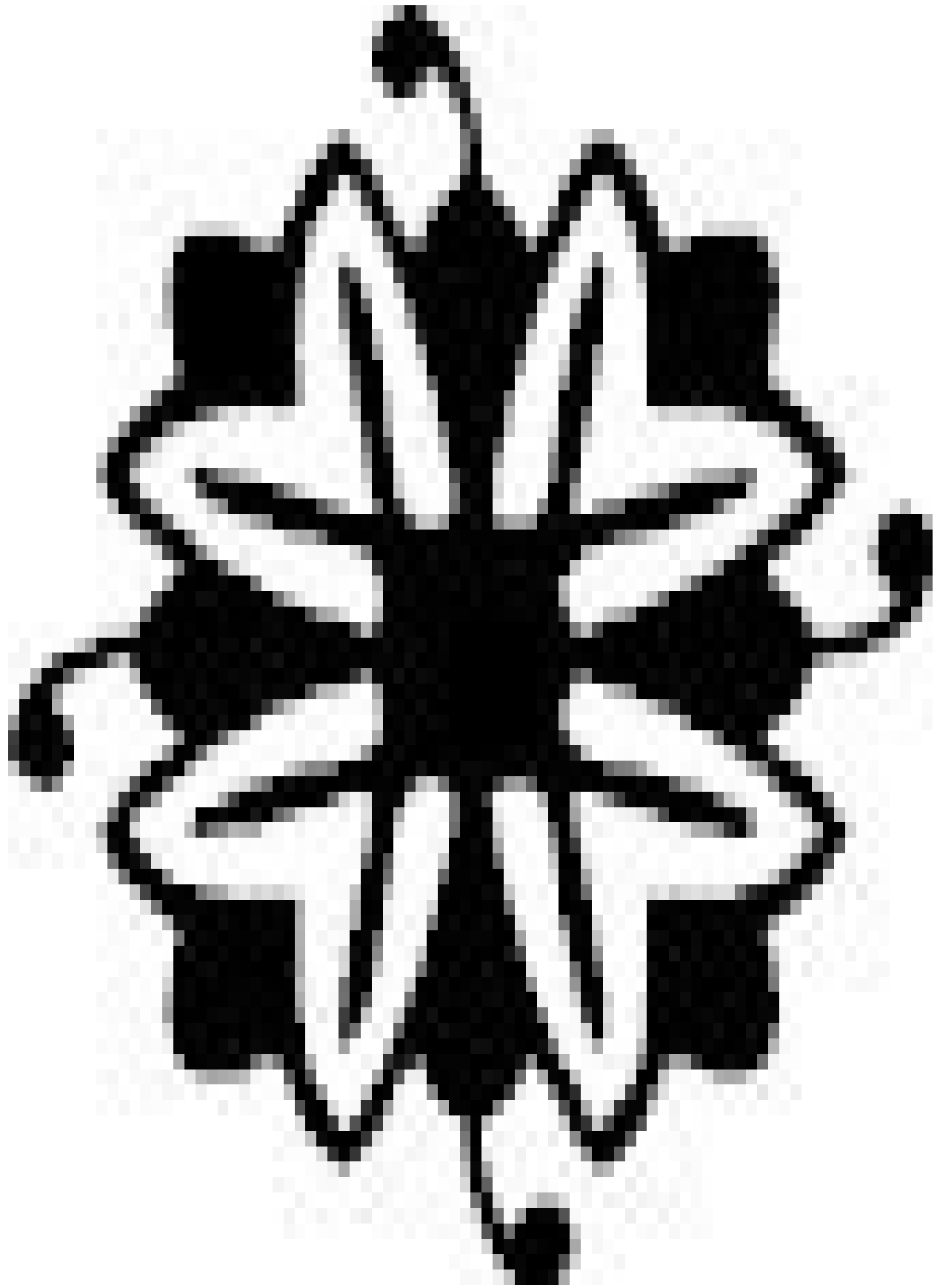
– Minha irmã comentou que queria muito entrar no rio por causa do calor – ela explanou chorando. – Lindolfo foi muito gentil, pegou-a no colo, levou-a para a margem e ficou com ela o tempo todo. Então ele foi buscar uma toalha no carro para a Roseli se secar quando saísse da água, que estava muito fria. Lindolfo deixou minha irmã enleada a um cipóal, bem próximo ao barranco, onde as águas formam um remanso. Era muito seguro. Não havia a menor possibilidade de ela afundar nem de ir para o meio do rio.

Depois de uma pausa para conter o choro, ela prosseguiu:

– Enquanto ele pegava a toalha, numa ação que levou no máximo um ou dois minutos, eu me aproximei da margem e vi quando Roseli estava tendo um daqueles surtos que teve muitas vezes no passado. Ela começou a gritar palavras desconexas e disse que queria morrer. Então, deliberadamente, se despreendeu dos cipós e se deixou arrastar pela correnteza. Lindolfo mergulhou a seguir e, mesmo correndo o risco de se afogar, fez de tudo para alcançá-la, mas a correnteza estava muito forte. Infelizmente, Roseli cometeu suicídio. Não foi acidente e ninguém teve culpa. Foi ela quem decidiu dar fim à própria vida.

O depoimento de Rosana eliminou qualquer possibilidade de culparem Lindolfo por aquela trágica ocorrência. Não poderiam nem dizer que houve negligência ou omissão de socorro em seu comportamento. Segundo as palavras dela, o rapaz não havia negligenciado nem deixado de tentar socorrer sua irmã, mesmo colocando em risco a própria vida. Além disso, Rosana afirmou que Roseli dissera claramente que queria morrer, o que não deixava dúvidas sobre a

consecução do suicídio.



Os dias que se seguiram foram tristes e cinzentos na casa do ferroviário. A morte da moça provocou grande sofrimento aos familiares, principalmente a seu Djalma, que era o mais apegado a ela. O guarda-chaves se deprimiu, tornou-se chorão e buscou o isolamento. Quando não estava trabalhando, recolhia-se em seu quarto ou ficava sentado em um banco da estação deserta, com o olhar perdido na distância.

Lindolfo aproveitou o momento de fragilidade da família para se aproximar ainda mais de Rosana. Agora, sem a atenção de Roseli, era a irmã caçula que assumia o papel de anfitriã. A impressão que ele tinha era a de que a morte de Roseli havia criado um vínculo positivo entre os dois. Dona Emma não mudou muito de comportamento, mas em seus olhinhos verdes o sentimento de tristeza era bastante expressivo.

Um dia em que Lindolfo estava almoçando na casa da estação, seu Djalma apareceu com os olhos inchados e vermelhos. Sentou-se em silêncio e começou a remexer a comida com o garfo, demonstrando falta de apetite.

– A noite passada eu sonhei com a Roseli – ele falou com voz de choro.

Dona Emma segurou carinhosamente na mão dele e perguntou:

– É mesmo, meu querido? E como foi esse sonho?

– Nossa filha estava muito triste, ficava subindo e descendo por uma trilha estreita à margem do rio, tentando encontrar o caminho de casa. Ela chorava o tempo todo e me falou umas coisas estranhas... – ele respondeu melancólico.

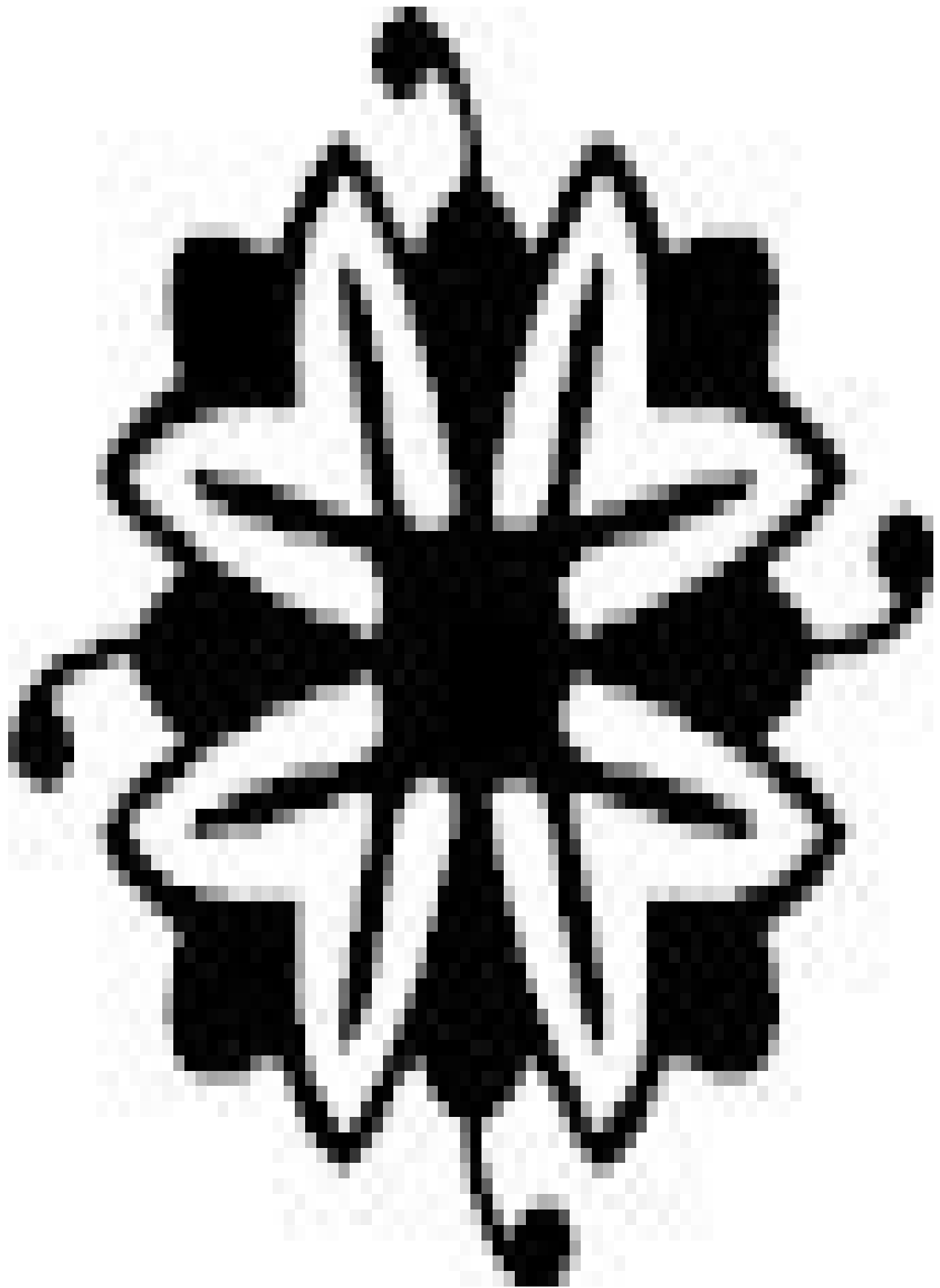
– Que tipo de coisas, meu querido?

– Não lembro bem quais eram as palavras, mas elas me deixaram desesperado.

– Ah, Djalma, não se torture! Os mortos não falam com os vivos. O que você viu e ouviu foi um reflexo da sua própria tristeza, não foi a Roseli que lhe disse.

O guarda-chaves olhou fixamente para cada um dos que estavam à mesa, detendo o olhar um pouco mais de tempo sobre Lindolfo. Depois deu um profundo suspiro e voltou a silenciar. O rapaz sentiu um arrepio percorrer-lhe a

espinha desde o cóccix até a nuca. Por um breve momento, teve a sensação de que o olhar de seu Djalma traduzia uma grave acusação contra ele.



O ferroviário, perturbado por aqueles pesadelos constantes com a filha, comentou sobre isso com pessoas que o aconselharam a procurar Donana. Disseram-lhe que ela tinha uma explicação bem diferente da que era dada pelo padre Júlio sobre os sonhos com pessoas mortas.

Movido pela dor e pelo desejo de desvendar tais mistérios, e sem revelar a ninguém o que decidira fazer, seu Djalma bateu à porta do casebre da parteira num início de noite. Ao se deparar com o olhar de sofrimento do visitante, Donana nem precisou fazer perguntas, apenas o convidou a entrar e sentar-se num dos troncos de madeira que serviam de banco.

Depois de um longo silêncio em que permaneceu de olhos fechados, a mulher finalmente começou a falar:

– A dor que o traz aqui é muito forte, meu irmão. Uma parte dela é sua e a outra é da menina que se afogou nas águas do rio.

Seu Djalma envolveu o rosto com as mãos e choramingou:

– Eu tenho sonhado demais com a minha filhinha... Sabe, Donana, quase toda noite ela me procura e fala umas coisas que me deixam muito triste.

– Não é sempre que nós sonhamos com os mortos – Donana explicou, ainda de olhos fechados, como se estivesse em transe. – Muitas vezes, enquanto dormimos, nós nos encontramos realmente com eles.

– Quer dizer que durante a noite eu tenho deixado a cama e ido ao encontro de Roseli? – o ferroviário perguntou ainda entre soluços. – Como isso pode ser possível?

– Na verdade, os nossos mortos vivem bem próximos a nós – respondeu a benzedeira. – O fato de a maioria das pessoas não poder enxergá-los não quer dizer que não estejam ao nosso lado. Além disso, o corpo com o qual nós interagimos com eles não é de carne e osso, meu irmão. Esse permanece na cama, adormecido. Nossa relação com os mortos é de alma para alma, mas, acredite, é muito verdadeira.

– Minha filha tem clamado por vingança, e é isso que eu não consigo entender.

Vingança contra quem? – perguntou seu Djalma, olhando seriamente para Donana, que mergulhava cada vez mais profundamente naquele estado de êxtase mediúnico.

Depois de um longo silêncio, em que a parteira parecia refletir sobre como responder àquela pergunta sem agravar a situação, que por si só já era tão complicada, ela falou por fim:

– Isso não importa, meu irmão. Ajudar a sua filha a se vingar de quem quer que seja só irá aumentar o sofrimento dela. O que devemos fazer agora é rezar para que ela encontre paz e tire essa ideia de vingança da cabeça. Essa é a verdadeira ajuda que podemos oferecer a quem se encontra perdido do lado de lá.

A seguir, Donana fez uma longa e reverente prece pedindo a Deus e às almas benditas que amparassem Roseli e a acalmassem. Apesar de ter deixado a vida física pelas vias equivocadas do suicídio, a filha do ferroviário era portadora de distúrbios mentais que tinham sido fortemente agravados pelas circunstâncias do trágico momento em que se deixara levar pela correnteza, o que representava um atenuante à falta cometida.

Esse atenuante, embora não a eximisse de reparar no futuro o mal praticado, dava a ela a condição de ser amparada imediatamente pelos benfeitores espirituais, desde que conseguisse superar a revolta e o desejo de vingança que a mantinham presa em um território de sofrimento criado por seus próprios sentimentos negativos.

Por se tratar de uma alma dócil, que apenas passava por um período temporário de descontrole emocional, Roseli fez por merecer a assistência invocada por Donana, ao retomar o controle de suas emoções e pacificar-se. Com a faculdade mediúnica da clarividência, a benzedeira viu o momento em que a filha do ferroviário se deixou envolver pelos eflúvios amorosos de sua oração e, equilibrando as próprias vibrações, aceitou o amparo de socorristas espirituais que a conduziram a um lugar apropriado para assistência e esclarecimentos.

Aliviada e agradecida ao ver que Roseli fora recolhida, Donana pôde finalmente cuidar de seu Djalma, que, tomado ainda por forte emoção, continuava chorando.

– Procure se acalmar, meu irmão! Sua filha não está mais em sofrimento – ela falou olhando-o compadecida. – E a melhor forma de ajudá-la agora é deixando

essa tristeza de lado.

– Bem que eu queria, mas não consigo – o ferroviário respondeu, tentando inutilmente secar os olhos. – A saudade é muito grande...

Donana impôs as mãos sobre a cabeça dele e voltou a orar. Aos poucos seu Djalma foi se acalmando e, sentindo-se mais aliviado, decidiu ir embora.

– Obrigado, Donana! Eu não sei como a senhora conseguiu, mas já estou me sentindo bem melhor.

– Agradecemos a Deus, meu irmão! Volte sempre que precisar. Que Jesus o ilumine e guie os seus passos.

O sol havia se posto e as primeiras estrelas salpicavam o firmamento quando seu Djalma deu partida no jipe e se afastou da casa de Donana, deixando um rastro de poeira na estradinha.

## **Capítulo 14**

### **Estratégia**

*Não basta que dos lábios gotejem leite e mel; se o coração nada tem com isso, há hipocrisia.*

*Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 9 – item 6*

Chegando em casa, o ferroviário contou à esposa sobre o que havia feito. Dona Emma se benzeu, beijou o crucifixo que usava preso a uma correntinha de prata e ralhou com o marido:

– Às vezes eu desconfio que você não tem juízo algum, sabia? Por que foi procurar aquela mulher esquisita para falar sobre um assunto tão pessoal?

– Eu precisava de uma explicação...

– E encontrou?

– Bem... Donana disse que Roseli estava precisando de ajuda e me garantiu que ela foi socorrida pelas almas benditas. Disse que agora nossa filha está em paz.

– Vê como eu tenho razão? – dona Emma falou irritada. Embora aparentasse ser uma mulher calma, acabava se descontrolando sempre que sua crença religiosa era posta à prova. – Quem é essa dementada para socorrer as almas sofredoras? Somente na igreja, a pedido do santo padre, é que se pode fazer esse tipo de coisa.

– Donana me pareceu ser uma mulher boa e caridosa...

– Boa e caridosa? Pois eu lhe digo que ela não deve nem saber o que faz...

– Sabe, sim. Eu nem precisei falar o que tinha ido fazer lá, pois ela já sabia de tudo.

– Ah, mas é claro que sabia! Numa cidade pequena como esta, quem é que não sabe de tudo que acontece? Ou você acha que essa tal Donana não tomou conhecimento do afogamento da Roseli? Mesmo tendo se passado quase um ano, ainda não se fala em outra coisa neste bendito lugar.

O ferroviário se calou pensativo e dona Emma aproveitou para concluir o seu raciocínio:

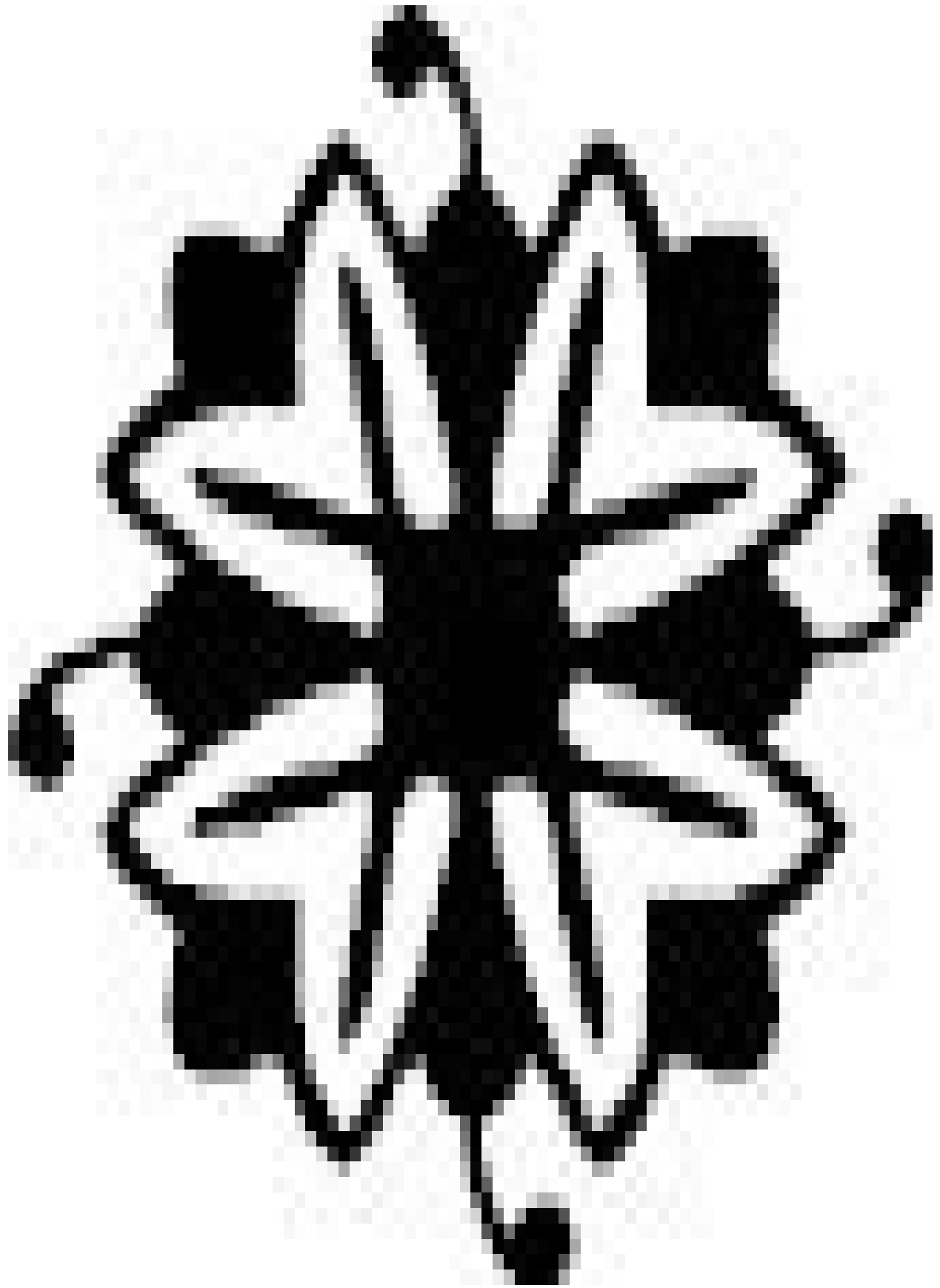
– Esqueça as coisas que essa mandingueira falou. Melhor ouvir o que diz o padre Júlio. Os mortos não possuem autorização de Deus para falar com os vivos. Essas falsas comunicações são artimanhas do demônio para tirar a paz de quem perde os entes queridos. Essa tal Donana é uma mulher aluada, que não merece

credibilidade. O padre, sim, é um homem santo, ungido e preparado para ouvir e transmitir a palavra de Deus.

O guarda-chaves preferiu não discutir mais. E dona Emma, sem se dar conta, havia prestado um desserviço ao marido, pois, ao duvidar das palavras de Donana, só fez diminuir no coração do marido a convicção de que Roseli fora auxiliada naquele dia e que se encontrava em paz.

Com isso, uma avalanche de questionamentos voltou a inquietar a alma de seu Djalma: Donana seria uma charlatã e teria inventado tudo aquilo? Roseli estaria mesmo em um lugar melhor ou continuaria em sofrimento? Aquela história de vingança seria verdadeira? E, se fosse, contra quem seria?

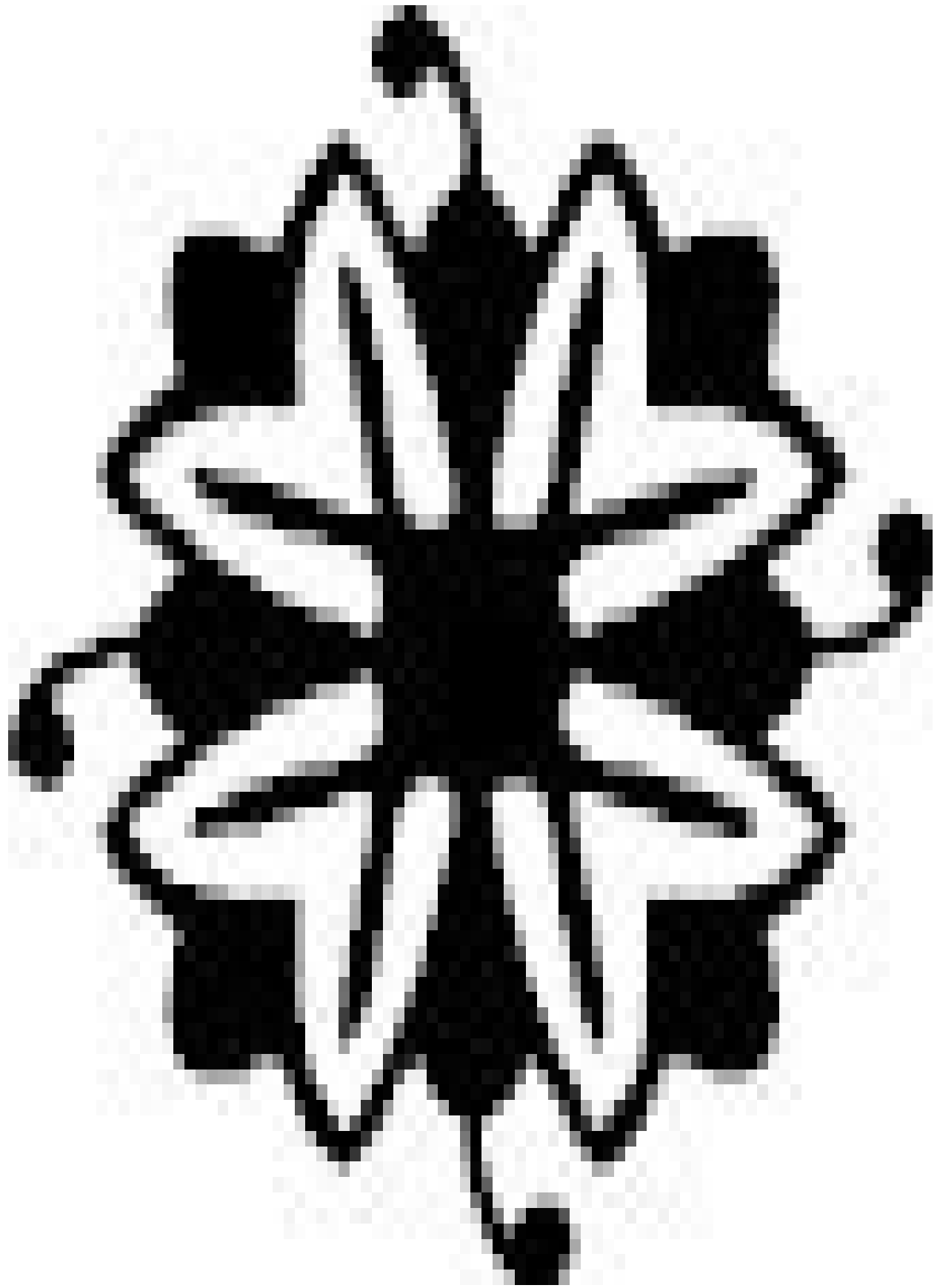
Assim pensando, a sensação de alívio que desfrutara até minutos atrás deixou de existir e ele voltou a se infiltrar no território pesaroso e perturbador que o vinha subjugando nos últimos tempos. Agora não eram os apelos de Roseli que criavam aquele transtorno, pois a moça, amparada pelos benfeitores espirituais, e consciente de que deveria se manter em equilíbrio, já não se ligava mentalmente ao genitor. O que gerava tamanha inquietação na alma de seu Djalma era a lembrança das queixas que a filha havia feito antes de ser socorrida, somada agora à dúvida levantada por sua esposa.



Quando dona Emma contou a Lindolfo o que o marido havia feito, o rapaz ficou torcendo para que seu Djalma seguisse o conselho dela e levasse em consideração apenas o ponto de vista do padre Júlio, ou seja, que aqueles sonhos não passavam de ilusões criadas pelo sentimento de perda, e não um fenômeno espiritual por meio do qual Roseli poderia expor as reais circunstâncias de sua morte e o sentimento de revolta que comandava suas ações no plano astral.

Lindolfo estava inseguro em relação àquelas ocorrências e pressentiu que os sonhos do guarda-chaves poderiam lhe criar algum tipo de problema, desde que ele decidisse levar a sério as orientações de Donana.

Embora não estivesse totalmente convicto dos dons de falar com os mortos que a parteira parecia possuir, o rapaz jamais se esquecera dos recados recebidos por intermédio dela, pouco depois da morte de seu pai, e que o ajudaram bastante naquele período.



Com o passar do tempo, Lindolfo voltou a conversar com Rosana a respeito da proposta que havia feito tempos atrás, sobre a possibilidade de se casarem. Para forçá-la a tomar logo uma decisão, disse que estava cansado de ficar sozinho e que não tardaria em procurar uma esposa que pudesse lhe dar herdeiros.

Rosana acabou deixando-o sem uma resposta concreta. Falou apenas que a morte de sua irmã era muito recente e que isso não a deixava pensar em outra coisa. Explicou também que estava preocupada com o estado de sofrimento do pai, achando que não era um assunto para ser tratado naquele momento.

Sua reação deixou Lindolfo novamente irritado e inquieto. Até quando Rosana pretenderia adiar um projeto que era tão importante para ele? Até quando duraria a sua indiferença ao forte sentimento afetivo que ele lhe devotava? E se, mesmo depois de passar anos à espera de uma resposta, a filha do ferroviário resolvesse despachá-lo de vez para ficar solteirona ou, pior, casar-se com outro?

Dias depois, em visita à família de Rosana, percebeu que a moça estava intratável, fazendo lembrar os tempos em que ficava trancada em seu quarto, sofrendo por causa de Eugênio.

– O que houve com sua filha? – perguntou sigilosamente a dona Emma. – Por que está com cara de quem andou chupando limão?

– Notícias da Espanha – ela respondeu fazendo uma careta de desgosto.

– De Eugênio? – Lindolfo perguntou de modo patético, já que a resposta era óbvia.

– E de quem mais poderia ser? – disse dona Emma, apertando os lábios e repuxando-os para um lado do rosto. – Lígia esteve aqui ontem e trouxe uma foto da filha que Eugênio teve com a esposa espanhola.

– Mas assim, tão rápido?

– Pois é. Parece que foi uma gravidez inesperada e o casamento teve de ser feito às pressas. Depois que Lígia foi embora, Rosana voltou a se trancar no quarto e, pelo jeito, chorou a noite inteirinha.

Novamente Lindolfo foi envolvido por aquele estranho sentimento, misto de ciúme e satisfação. Ele achava que Rosana já havia superado a paixão por Eugênio e ficou decepcionado ao constatar que tinha se enganado. Porém, por outro lado, o fato de o rival ter se tornado pai de família praticamente eliminava a possibilidade de uma reaproximação entre ele e sua eleita, o que, de certo modo, o tranquilizava.

Naquele momento, uma ideia genial lhe passou pela cabeça e Lindolfo não perdeu tempo, colocando-a em prática na mesma hora. Fitou a esposa do guarda-chaves com um olhar implorativo e falou:

– Dona Emma, estou com muita vontade de saborear aquela lasanha deliciosa que só a senhora sabe fazer.

A mulher abriu um sorriso enorme, pois adorava quando elogiavam a sua comida.

– Ora, isso não é problema – ela falou sorrindo. – Quando você quer que eu faça?

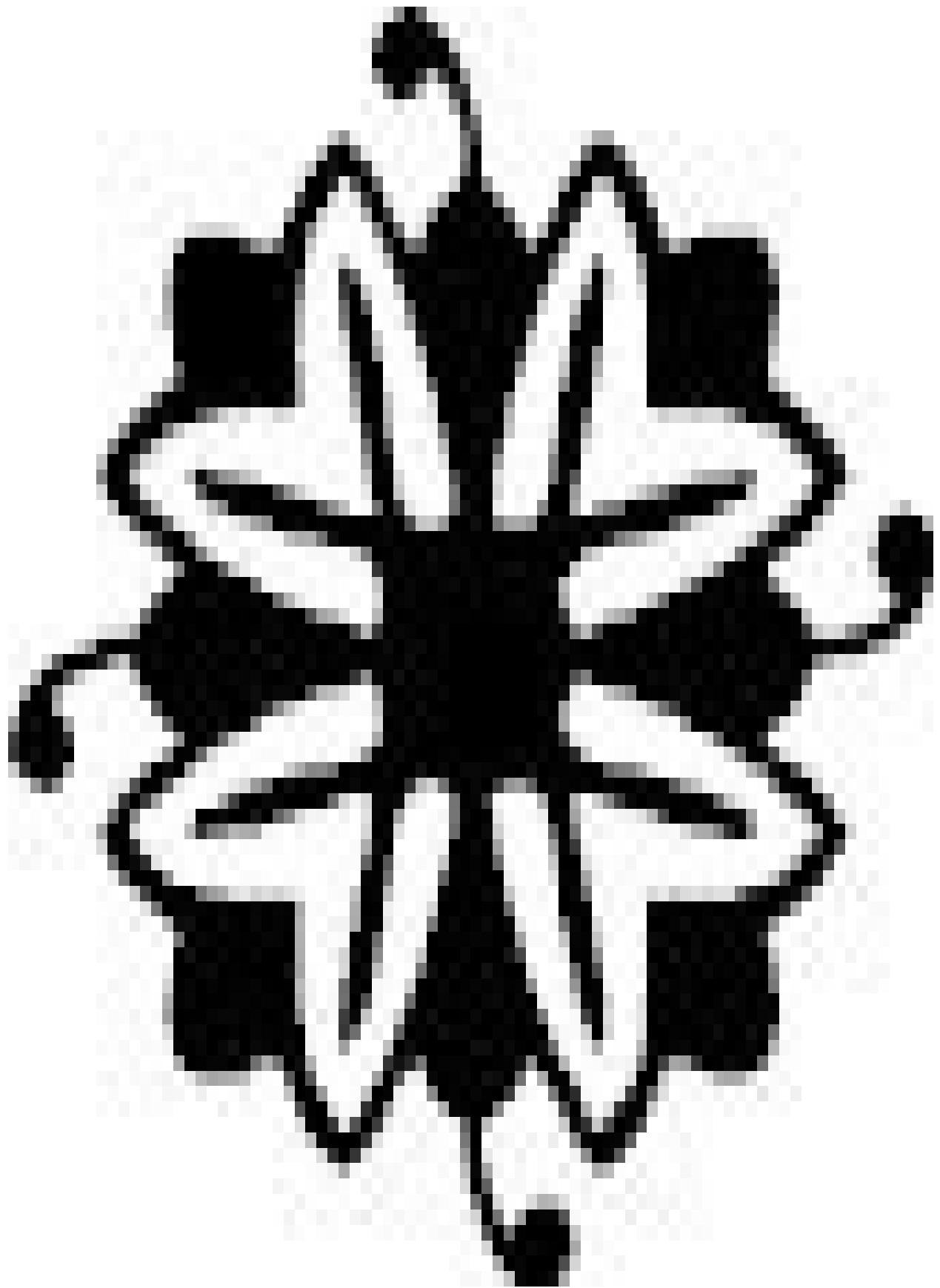
– Pode ser no domingo?

– Pode. No almoço ou no jantar?

– No almoço, se não for incômodo...

– Claro que não será incômodo, meu filho! Venha almoçar conosco no domingo. Quem sabe assim Rosana não fica um pouco mais animada?

Saindo dali, Lindolfo foi direto procurar a pessoa que possibilitaria a consecução de seu plano.



No domingo, por volta das onze horas, ele chegou à casa da estação. Seu Djalma, como sempre, estava às voltas com as manobras de um trem. Dona Emma o recebeu com a alegria de sempre, mas se mostrou surpresa ao ver que o rapaz não estava sozinho.

– Bom dia, Lindolfo! Ah, a Lígia veio com você?

Rosana estava em seu quarto e aparentemente não pretendia participar do almoço, mas ao ouvir o nome da irmã de Eugênio surgiu rapidamente na sala, onde Lindolfo e Lígia já estavam acomodados no sofá. Lançando um olhar de espanto para os dois, ela se dirigiu à moça:

– Lígia, que surpresa boa! Pegou uma carona com o Lindolfo?

Antes que ela respondesse, o rapaz tomou a dianteira:

– Na verdade, eu convidei Lígia para almoçar conosco, Rosana. Espero não ter sido inconveniente, afinal, que eu saiba, ela é sua amiga e há tempos frequenta a casa de vocês, não é mesmo?

– Não foi inconveniente algum – dona Emma se adiantou, pois Rosana não conseguiu dizer nada.

Depois de um silêncio constrangedor, Lígia se levantou e perguntou:

– Podemos conversar em seu quarto, Rosana?

– Ah, sim... Claro!

As duas saíram. A seguir, dona Emma pediu licença e foi para a cozinha. Lindolfo ficou sozinho na sala, fingindo ler um livro que Rosana deixara sobre a mesinha de centro. Ele estava exultante por ver que o embuste estava funcionando melhor do que havia programado.

O almoço foi silenciosamente constrangedor. A impressão que Lindolfo teve foi a de que ninguém ali estava à vontade com a presença de Lígia, principalmente por ter sido convidada por ele. Tratava-se de uma delicada estratégia de resultado imprevisto, mas Lindolfo estava convencido de que valia a pena correr

o risco.

Para tornar ainda mais convincente o plano, procurou tratar a moça com especial atenção, dando a entender que os dois estavam enamorados. E ficou muito claro para ele que Rosana, embora tentando disfarçar ao máximo o incômodo que sentia, estava bastante enciumada. Finalmente, seu “peixinho” tão escorregadio parecia ter mordido a isca.

## Capítulo 15

### Acidente

*O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; que são brandas contanto que nada as machuque, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua dourada, quando falam face a face, se transmuda*

*em dardo envenenado quando estão por detrás.*

*Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 9 – item 6*

Na segunda-feira pela manhã, enquanto Lindolfo se arrumava para viajar a trabalho, ouviu o toque da campainha de sua residência e foi atender. Para grande surpresa, deparou-se com Rosana estacada ao portão. Nem no mais otimista dos prognósticos ele poderia esperar um resultado tão positivo e tão rápido.

– Bom dia! – cumprimentou-a tentando conter o entusiasmo. – Vamos entrando, por favor...

– De jeito nenhum – ela respondeu sem rodeios. – Tem alguém aí com você?

– Estou sozinho, Rosana, pode entrar – o rapaz insistiu.

Ela colocou as duas mãos na cintura e falou:

– Pois é justamente por isso que eu não entrarei. Podemos conversar aqui mesmo?

– Se você prefere assim, não há razão para me opor.

Rosana o encarou ao perguntar:

– Responda-me uma coisa com toda a sinceridade do seu coração: você e Lígia estão namorando?

– Bem... É... – Intencionalmente, Lindolfo arrastou umas interjeições fingindo que não sabia o que dizer, deixando-a sem resposta.

O rosto da filha do ferroviário ficou ruborizado.

– Pelo jeito estão mesmo namorando, não estão? – ela perguntou em um tom de voz que sugeria indignação. – E aquela história de me amar? De querer me pedir em casamento? Era tudo balela?

Lindolfo sentiu o coração aquecido diante da reação de Rosana. As palavras se projetaram praticamente sozinhas de sua boca:

– Ouça-me, por favor! Eu disse que não quero me tornar um solteirão solitário, que pretendo me casar e gerar herdeiros. Entretanto, nada no mundo me faria

mais feliz se a mãe dos meus filhos fosse você.

Rosana voltou a encará-lo, enquanto perguntava com despeito:

– Ué, a Lígia não serve?

Lindolfo meneou a cabeça negando e, quando ia dizer alguma coisa, foi interrompido pela jovem:

– Se não serve, então por que aquele chamego todo com ela ontem? Por que a convidou para almoçar em minha casa?

O rapaz voltou a movimentar negativamente a cabeça e respondeu:

– Rosana, eu e Lígia não estamos namorando.

– Ah, é? Pois fique sabendo que ela me disse que estão.

– Lígia está equivocada. Se você falar agora que se casa comigo, nenhuma mulher neste mundo me fará desistir de pedir sua mão.

Rosana silenciou pensativa. Olhou no pequenino relógio dourado que tinha no pulso e falou:

– Preciso ir. Já demorei muito e ninguém sabe que estou aqui...

Lindolfo a segurou pelo braço e praticamente implorou:

– Não vá embora sem me dar uma resposta, por favor!

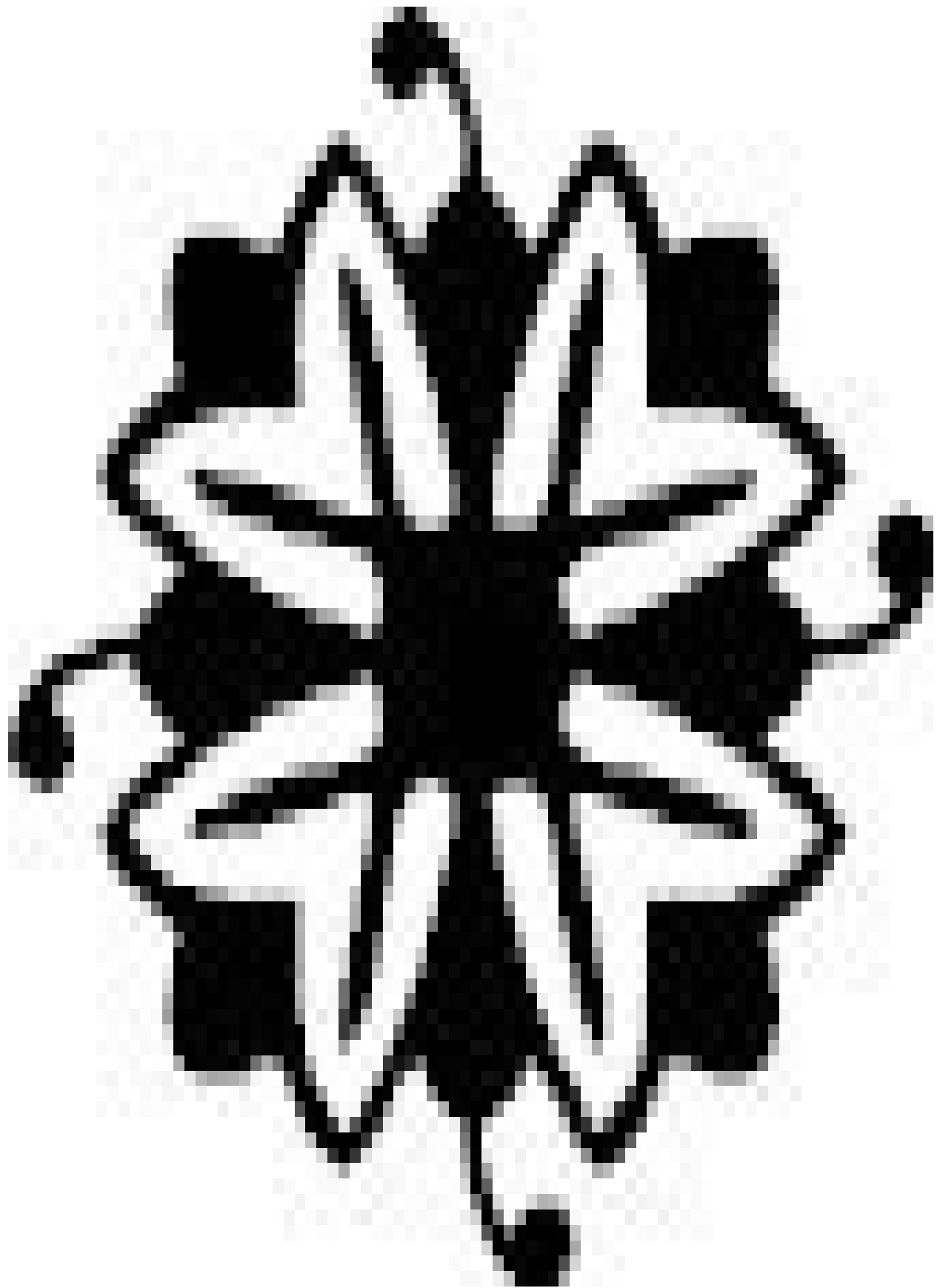
Rosana inundou os olhos dele com a claridade de seus olhinhos claros e esboçou um sorriso antes de dizer:

– Pois bem. Fale com o meu pai. Se ele aceitar, serei sua esposa.

Lindolfo a puxou pelos ombros e a beijou nos lábios com delicadeza. Rosana se afastou empurrando-o com as duas mãos e foi embora apressada. Ele adentrou a casa em êxtase. Finalmente havia conseguido vencer os muitos empecilhos e chegar ao coração da moça que amava em desespero. Começou a rir feito um retardado, a pular feito um menino, socando o ar e dizendo para si mesmo como era bom ser feliz.

Porém, aos poucos, os sentimentos se transmudaram para algo confuso. A imagem de Rosana e Eugênio se beijando sob o jacarandá da praça, como seu Djalma dissera tê-los flagrado, tomou forma em seu campo mental e despertou novamente nele a força do ciúme doentio que tantas vezes o dominara.

Lindolfo continuou a dar socos no ar, mas agora imaginava estar esmurrando o rosto de seu rival. Acabara de receber a resposta positiva que tanto almejara, mas já não tinha certeza de ter conquistado verdadeiramente o coração de sua amada.



A semana demorou a passar e o trabalho de Lindolfo foi prejudicado por conta dos sentimentos de euforia e apreensão que o envolveram naqueles dias. No sábado, ele foi à casa da estação e encontrou um clima mais leve no ambiente. Depois do jantar, como de costume, o rapaz e seu Djalma foram conversar na plataforma de desembarque, que estava deserta naquele momento.

Lindolfo ainda não havia tocado no assunto que lhe interessava. Embora estivesse com muita vontade de resolver logo a questão, uma estranha sensação de insegurança continha-lhe o ímpeto. Porém ali, movido pela paz que o silêncio da noite sugeria, ele sentiu que não havia mais como adiar a conversa. Por isso, foi logo dizendo:

– Seu Djalma, eu não sei se a Rosana já comentou alguma coisa com o senhor sobre o que tencionamos fazer. Porém, eu gostaria de aproveitar a oportunidade para...

O ferroviário o interrompeu com um olhar bastante sério ao perguntar:

– O que vocês tencionam fazer, Lindolfo? Rosana não me contou nada.

– Bem... É que eu tenho um carinho muito especial por sua filha e queria, com todo o respeito e consideração que devoto à sua família, pedi-la em casamento.

Seu Djalma saltou do banco bruscamente e o encarou de um modo estranho.

– O quê? Você e Rosana pretendem se casar? – perguntou com os olhos estatelados.

– Sim. E gostaríamos muito de obter o seu consentimento – Lindolfo respondeu, espantado com aquela inesperada reação. – O senhor vê algum problema? Acha que não sou digno de desposar a sua filha?

O guarda-chaves fechou os punhos, olhou para o céu e começou a socar a própria cabeça, numa atitude assustadora.

– Então é tudo verdade! – gritou com a voz estrangulada, como se estivesse sentindo muita dor.

– Do que o senhor está falando? – Lindolfo perguntou, ao mesmo tempo curioso e temeroso de ouvir a resposta.

– A vontade que Roseli tem de se vingar de alguém que foi responsável pela infelicidade dela – seu Djalma respondeu com um tom de revolta na voz. – O que você fez contra a minha filha? Você a matou para se livrar dela e casar-se com Rosana? Você a afogou naquele rio?

Lindolfo nunca imaginou passar por uma situação tão complicada em sua vida. A impressão que teve foi a de que aquele homem, que sempre se mostrara tão equilibrado, estava tendo uma terrível crise emocional. Apesar do susto, tentou manter o autocontrole e chamá-lo à razão.

– Seu Djalma, não há sensatez alguma no que o senhor diz. Pelo amor de Deus, seja coerente! A morte de Roseli ocorreu do jeito que Rosana falou. Além disso, nunca houve nada entre mim e nenhuma das suas filhas. Com Rosana eu pouco falava e, em relação a Roseli, nós éramos apenas amigos...

– A história não é bem assim, meu rapaz. Você seduziu minha pobre Roseli e tinha consciência do que estava fazendo. Minha filha era pura, ingênua e romântica. Ela caiu na armadilha que você preparou, achando que estava lidando com alguém confiável.

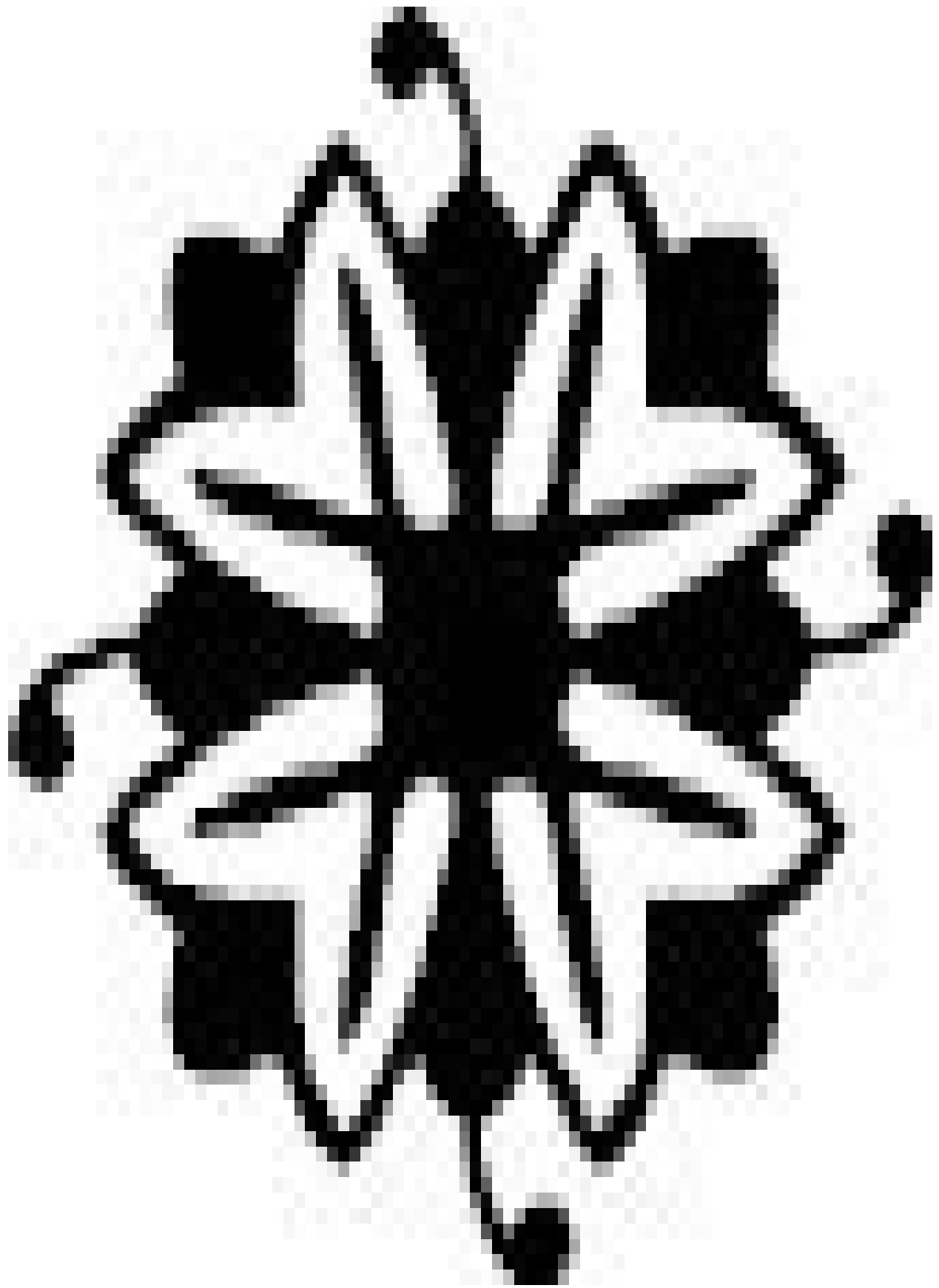
– Eu nunca alimentei qualquer esperança... Nunca disse a ela que a amava...

– Chega! Eu não tenho mais dúvida alguma sobre o que aconteceu naquele dia – seu Djalma pontuou com um tom de voz que sugeria o fim da conversa. – Infelizmente não tenho como provar que você tem culpa na morte da minha filha e não há como metê-lo na cadeia para o resto da vida, mas há duas coisas que eu posso fazer: jamais aceitar que você e Rosana se casem e pedir ao meu primo que o demita do emprego.

Lindolfo ainda tentou argumentar, fazê-lo entender o absurdo daquela postura que soava tão descabida, mas foi tudo em vão. Completamente transtornado e mostrando uma personalidade inflexível, que o rapaz jamais havia notado naquele homem, o ferroviário praticamente o expulsou dali.

Lindolfo saiu devagar. A noite estava escura e fria. Mesmo depois de se distanciar com a caminhonete, viu pelo retrovisor que seu Djalma continuava encolhido no banco da plataforma, o corpo encurvado e os braços cruzados a

amparar o ventre. Foi para casa preocupadíssimo com tudo aquilo, torcendo para que o pai de Rosana reconsiderasse sua posição e não cumprisse o que havia prometido fazer.



No dia seguinte, Lindolfo adiou ao máximo a saída de casa, pois precisaria fazer alguma coisa a respeito do que acontecera na noite anterior. Não teria condições de viajar para o trabalho com a cabeça cheia de preocupações. Aliás, àquelas alturas, talvez nem tivesse mais o emprego.

Por volta das nove horas, tomou a decisão de voltar à casa de seu Djalma para tentar conversar novamente com ele e fazê-lo entender quanto estava sendo insensato e injusto.

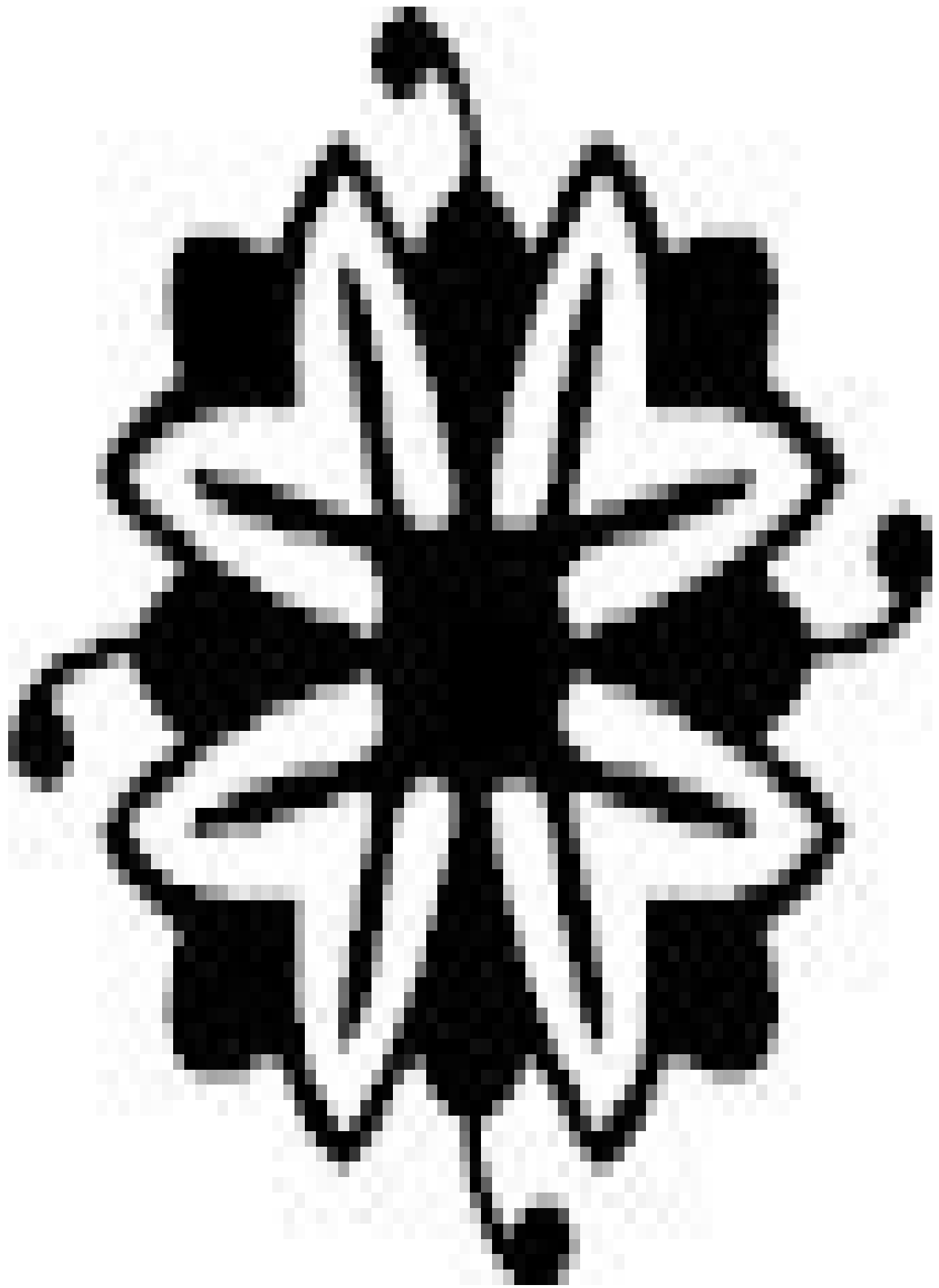
Quando se aproximava da estação, deparou-se com um grande tumulto. Um amontoado de pessoas formava um círculo em torno de algo. Estacionou a caminhonete e, quando se acercava do grupo, ouviu o choro estrondoso de Rosana, que, chegando em correria, atirou-se nos braços dele e disse em meio a um pranto escandaloso:

– Ah, Lindolfo! O meu pai... O meu pai está morto!

O rapaz sentiu as pernas bambearem e precisou fazer um esforço enorme para se manter de pé. Só então percebeu que era o corpo do ferroviário que, caído sobre os trilhos, havia atraído o grande número de curiosos. Mais uma vez o sofrimento de Rosana o contagiou e ele chorou junto com ela. Depois, um pouco mais equilibrado, levou-a para dentro de casa, onde os dois se juntaram a dona Emma, que estava sendo consolada por umas vizinhas.

– Que desgraceira, meu Deus! Que desgraceira! – a mulher repetia entre soluços, como se repetisse um mantra.

Lá fora, os policiais tomavam as providências necessárias para que o cadáver de seu Djalma fosse conduzido ao necrotério.



Quando ficou um pouco mais calma, dona Emma contou a Lindolfo o que havia acontecido e por que estava se sentindo tão culpada.

– Ontem à noite, depois que você foi embora, Djalma ficou um longo tempo lá fora, sozinho. Quando entrou, eu já estava quase dormindo. Então ele disse que tinha um assunto muito sério para tratar comigo e com Rosana, mas que o faria hoje. Embora já fosse tarde, ele não conseguia pegar no sono. Ficou rolando na cama. Para que dormisse, ofereci a ele um dos comprimidos que Roseli tomava quando ficava muito agitada e que a acalmava.

Nesse momento, dona Emma teve uma forte crise de choro. Só depois de se acalmar, retomou a narrativa:

– Djalma pensou que o remédio era para dor de cabeça e, em vez de tomar apenas um comprimido, tomou dois ou três. Então o efeito sedativo foi muito forte. Além de ter perdido a hora de acordar, meu marido saiu de casa se queixando de tonturas e moleza nas pernas. Eu me preocupei, mas não imaginei que fosse haver uma consequência tão grave para os efeitos colaterais do remédio que lhe dei. Foi por isso que ele se desequilibrou enquanto ajudava nas manobras do trem, caiu e bateu a cabeça no trilho, sofrendo morte instantânea.

Nesse momento, dona Emma começou a socar o peito e disse retomando o choro:

– Como podem ver, fui eu que matei o Djalma. Eu sou uma assassina! Eu matei o meu marido!

Rosana se aproximou com cautela, segurou a mão da genitora para que parasse de se agredir e falou com suavidade:

– Mamãe, não se culpe. Foi um acidente, uma infelicidade. A senhora não tinha noção do que iria acontecer. Perdoe-se! Esqueça isso!

Enquanto mãe e filha choravam abraçadas, Lindolfo avaliava o lado positivo do trágico acontecimento, apesar de se encontrar bastante abalado com tudo aquilo. O emprego estava preservado e a reprovação de seu Djalma não seria mais empecilho para que seu casamento com Rosana se concretizasse. Afinal, a tal conversa que ele ficara de ter com a esposa e a filha, assim como o pedido ao

primo para demiti-lo, não tinham chegado a ocorrer.

## **Capítulo 16**

### **Sequestro**

*Quantas pessoas arruinadas por falta de ordem, de perseverança, por má conduta ou por não terem sabido limitar seus desejos!*

*Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 5 – item 4*

Pouco tempo depois, com todos os entraves aparentemente superados, Lindolfo e Rosana estavam prontos para se unirem em matrimônio. Com a morte de seu Djalma, foi a dona Emma que o rapaz acabou expondo seus planos.

– Infelizmente a morte levou a sua filha e o seu esposo de modo inesperado e isso provocou um abalo terrível em todos nós.

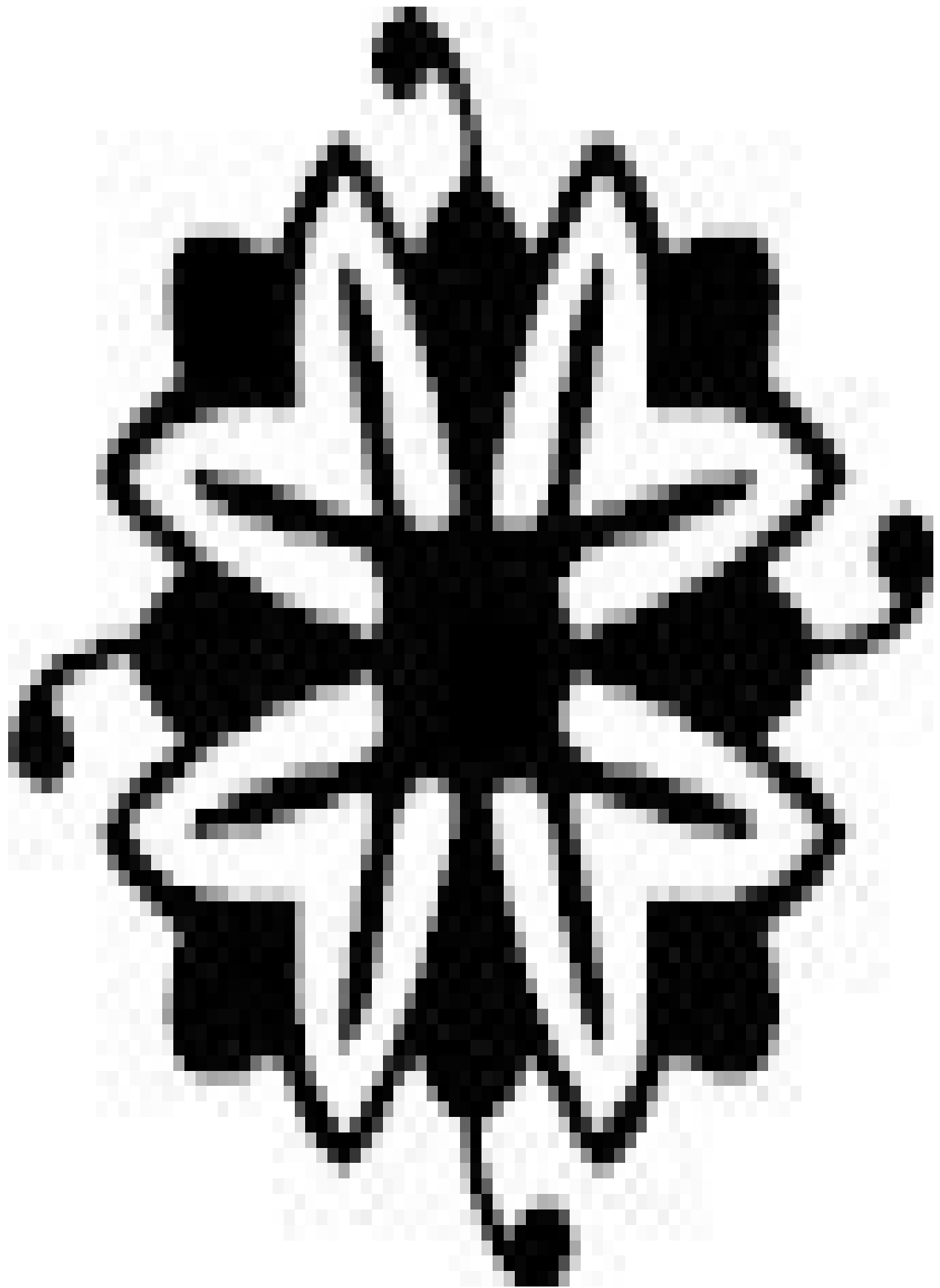
– Ah, meu filho, nem me diga – suspirou a mulher. – Minha vida parece ter virado de pernas para o ar.

– Eu sei, dona Emma. Para mim também não está sendo fácil. Perdi dois amigos queridos num curto intervalo de tempo. Mas o que quero lhe dizer é que eu estava prestes a falar com o seu Djalma na semana que ele faleceu. Eu pretendia pedir a mão de Rosana em casamento, mas infelizmente não tive a oportunidade.

Sem demonstrar surpresa, como se já tivesse conhecimento daquela situação, a viúva ficou olhando para ele por um bom tempo, em silêncio. Depois assentiu com um leve aceno de cabeça e disse sem muita convicção que estava de acordo.

– Façam como acharem melhor – ela respondeu sem o menor entusiasmo. – Vocês estão começando a vida. Quanto a mim, embora continue aqui, é como se já estivesse sepultada.

Não dá para dizer que Rosana ficou feliz ao receber as alianças de noivado. Os trágicos acontecimentos ocorridos nos últimos tempos eram difíceis de ser superados, mas a possibilidade de construir a própria família inseria um pouco de esperança em sua alma. É certo que ela não morria de amores por Lindolfo, mas se considerava privilegiada por casar-se com alguém que lhe devotava verdadeira adoração e que se empenhara tanto para conquistá-la.



Com o falecimento de seu Djalma, a família de outro funcionário da ferrovia ocupou a casa da estação, que pertencia à empresa. Dona Emma decidiu ir embora para uma região distante daquele município onde encontrara tanto sofrimento. Seu objetivo era viver em companhia da irmã caçula, a quem não via há muito tempo e com quem sempre se dera muito bem.

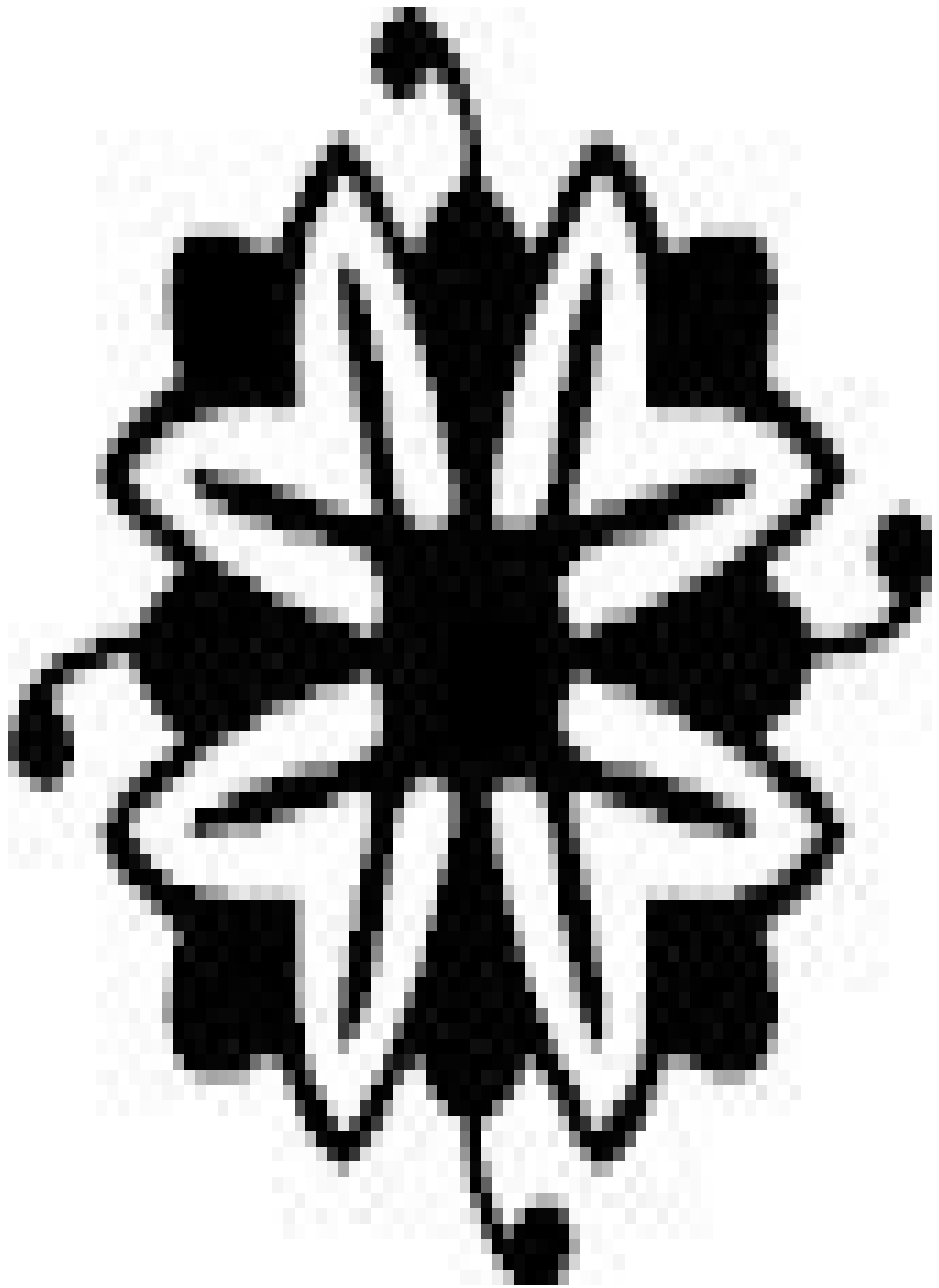
Quando Lindolfo soube dessa novidade, apressou-se em dissuadi-la.

– Para que ir embora, dona Emma? Hospede-se em minha casa, que é grande, tem lugar para todos nós e ainda sobra espaço para um acampamento cigano – brincou, tentando em vão fazê-la sorrir. – Depois do casório, a senhora decide se fica morando conosco ou se vai ao encontro de sua irmã.

A viúva recusou o convite dizendo que não iria ficar com a filha solteira na casa de um rapaz que morava sozinho.

– Isso também não é problema – ele respondeu bastante convicto. – Enquanto ajeitamos a papelada e aguardamos a data do casamento, a senhora e Rosana ficam em minha casa e eu me hospedo no hotel.

Dona Emma relutou, criou mil dificuldades, mas Lindolfo conseguiu convencer Rosana a persuadi-la. Assim, as duas se mudaram provisoriamente para a residência dele e o rapaz se hospedou no único hotel que havia na cidade. Não demorou muito para que o seu casamento com a filha do ferroviário morto recentemente se tornasse o assunto mais comentado entre a gente faladeira daquele lugar.



Faltando pouco mais de um mês para a celebração do matrimônio, em uma noite chuvosa e bem escura, Lindolfo estava deixando o veículo no estacionamento do hotel quando alguém, surgindo de um esconderijo, golpeou-lhe a cabeça com algo bastante pesado e o fez perder os sentidos.

Cerca de meia hora depois, ele acordou com os solavancos do carro passando por uma estrada vicinal. Estava jogado na carroceria de sua própria caminhonete, que era coberta por uma lona. Encontrava-se com os pés e as mãos fortemente amarrados, a boca estava amordaçada e um capuz encobria-lhe a cabeça. Não havia nada que ele pudesse fazer para escapar daquela situação.

Após um longo tempo, o carro parou. Alguém o arrancou com força da carroceria e o conduziu para dentro de uma tapera, onde ele foi amarrado a uma cadeira. Só depois de confirmar que o rapaz não tinha como escapar, o agressor retirou-lhe o capuz e a mordaça.

– Surpreso em me ver? – perguntou um sujeito grandalhão, de barbas cerradas e cabelos desgrenhados.

Uma saliência na cintura do homem, sob a camisa rota, denunciava a presença de um revólver preso pelo cinto. Lindolfo deduziu que o golpe que levara na cabeça fora com a coronha daquela arma.

Depois de muito pensar, lembrou-se de que aquele homem era Arildo, filho problemático de um ex-prefeito da cidade, que se envolvera com o crime ainda na adolescência. Aos vinte anos de idade, Arildo fora preso e condenado por formação de quadrilha e por ter praticado vários assaltos, além da acusação de pelo menos dois assassinatos nos municípios adjacentes.

Depois de cumprir pena por algum tempo, ele conseguiu, com a ajuda do genitor influente na política, ser transferido para um sanatório, pois advogados importantes conseguiram provar que Arildo era portador de deficiências mentais que o tornavam criminalmente inimputável.

Anos mais tarde, com a morte do pai, que o protegia de todas as formas possíveis, o sujeito desapareceu de vez. Muita gente acreditava, inclusive, que estivesse morto. Como Lindolfo era apenas uma criança na ocasião em que Arildo se envolvera naquelas ocorrências, nem se lembrava mais de sua

existência e ficou surpreso ao ver que era ele o seu sequestrador.

Por mais que pensasse, não vinha à mente de Lindolfo qualquer razão que justificasse o fato de estar ali, subjugado por aquele indivíduo, a não ser que ele pretendesse lhe arrancar algum dinheiro. Porém, as palavras que Arildo disse a seguir deixavam claro que o objetivo do sequestro não era aquele.

– Você pensa que é muito esperto, mas não passa de um idiota – o sequestrador falou gargalhando, enquanto ingeria grandes goles de cachaça pelo gargalo da garrafa. – Pensou que podia fazer o que bem quisesse e ficar impune? Não, seu moço, há coisas que não se faz.

– Por que está me dizendo isso? – Lindolfo perguntou com dificuldade, pois sua boca estava ressecada devido à mordada e ele se encontrava ainda bastante zozno em função da pancada na cabeça e dos solavancos da viagem.

– Calma, rapaz! No momento certo, você saberá de tudo – o sequestrador respondeu em tom de zombaria.

Depois de verificar que Lindolfo estava realmente bem amarrado, Arildo voltou a amordaçá-lo e a encobrir-lhe o rosto com o capuz. A seguir foi embora assobiando, sem largar a garrafa.

Assim que ele saiu, Lindolfo começou a fazer um esforço sobre-humano para se livrar das cordas, mas a tarefa parecia impossível.

## Capítulo 17

### Apreensão

*Suponhamos a Humanidade transformada em homens de bem, ninguém procuraria fazer o mal ao seu próximo, e todos seriam felizes, porque seriam bons.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 8 – item 15*

Algumas horas mais tarde, já de madrugada, Arildo reapareceu e não estava sozinho. Lindolfo ouviu uns grunhidos, que identificou como sendo de uma mulher que relutava em entrar na tapera e era arrastada à força.

– Meu querido Lindolfo – o sequestrador disse, em tom de deboche, assim que entrou. Descobriu-lhe o rosto, apontou para a mulher que estava sentada em um canto e debochou: – Veja que linda moça veio se juntar a nós. Acho que eu e ela vamos nos divertir bastante até o sol nascer. Você terá o privilégio de assistir a tudo.

Lindolfo ficou desesperado quando viu que a moça sequestrada era Rosana. Ela estava de camisola, demonstrando que fora surpreendida enquanto dormia. Tivera as mãos amarradas e estava amordaçada, mas sem o capuz.

Dando ruidosas gargalhadas, Arildo se aproximou dela e passou a alisar-lhe os cabelos. Rosana começou a chorar e a movimentar freneticamente a cabeça para os lados.

– Isso, querida! Adoro mulheres relutantes, mas vou desamarrar suas mãos para ficarmos mais à vontade – ele disse, abaixando-se para desatar os nós que prendiam as mãos dela.

O que Arildo não sabia era que Lindolfo, durante as horas em que ficou sozinho no cativeiro, tinha conseguido afrouxar os nós que lhe prendiam as mãos. Havia também desamarrado as pernas, que foram presas aos pés da cadeira. Minutos antes de Arildo chegar, Lindolfo estava prestes a arrombar a porta da tapera e fugir, mas teve de desistir quando ouviu o ronco da caminhonete, que se aproximava.

Enquanto o criminoso estacionava e retirava Rosana do veículo, Lindolfo sentou-se na mesma posição em que estava, envolveu de qualquer maneira a corda nas próprias mãos e fingiu que dormia quando Arildo entrou. Depois restou torcer para que o sequestrador não fizesse uma verificação nas cordas, até porque, com sua repentina chegada, não houve tempo para Lindolfo enleá-las também nas pernas.

Por sorte, o interior da tapera estava sob intensa penumbra, e o sujeito, bêbado e mais preocupado em molestar Rosana, foi bastante relapso em relação a Lindolfo, que apenas fingia continuar amarrado.

Aproveitando aquele momento de distração, em que Arildo se abaixou para desamarrar Rosana, voltando-lhe as costas, Lindolfo se ergueu em um salto e, usando como arma a própria cadeira na qual estivera preso, acertou um golpe violento na cabeça do algoz, que caiu gritando um palavrão e levou a mão à cintura para sacar o revólver. Atento aos seus movimentos e bastante ágil em função da dose extra de adrenalina que as circunstâncias lhe injetaram no sangue, Lindolfo pisou com força na mão dele e conseguiu desarmá-lo.

Nesse momento, Arildo parou de relutar e, ainda caído de bruços, disse com a voz mole pela carraspana:

– Calma, calma! Você venceu... Não precisa atirar em mim...

Quando ele começou a se erguer, ainda bastante grogue pela pancada que acabara de levar na cabeça, Lindolfo retribuiu a coronhada na nuca e o colocou para dormir. A seguir, arrastou o corpo do criminoso para a cadeira onde estivera preso, amordaçou-o e o amarrou do mesmo modo que fora amarrado, só que com mais força e com uma quantidade maior de nós.

Jogada a um canto da tapera, Rosana, que havia acompanhado toda a ocorrência em grande aflição, chorava copiosamente. Lindolfo a envolveu em um abraço apertado e disse:

– Acalme-se. Agora está tudo bem. Vamos embora daqui.

Saíram do cativeiro, entraram no veículo, que estava com a chave no contato, e Lindolfo dirigiu pelo único caminho possível: uma estradinha horrível, que serpenteava em meio a um matagal fechado. Ele não fazia a menor ideia de onde estava, mas nem pensava em parar para tentar descobrir.

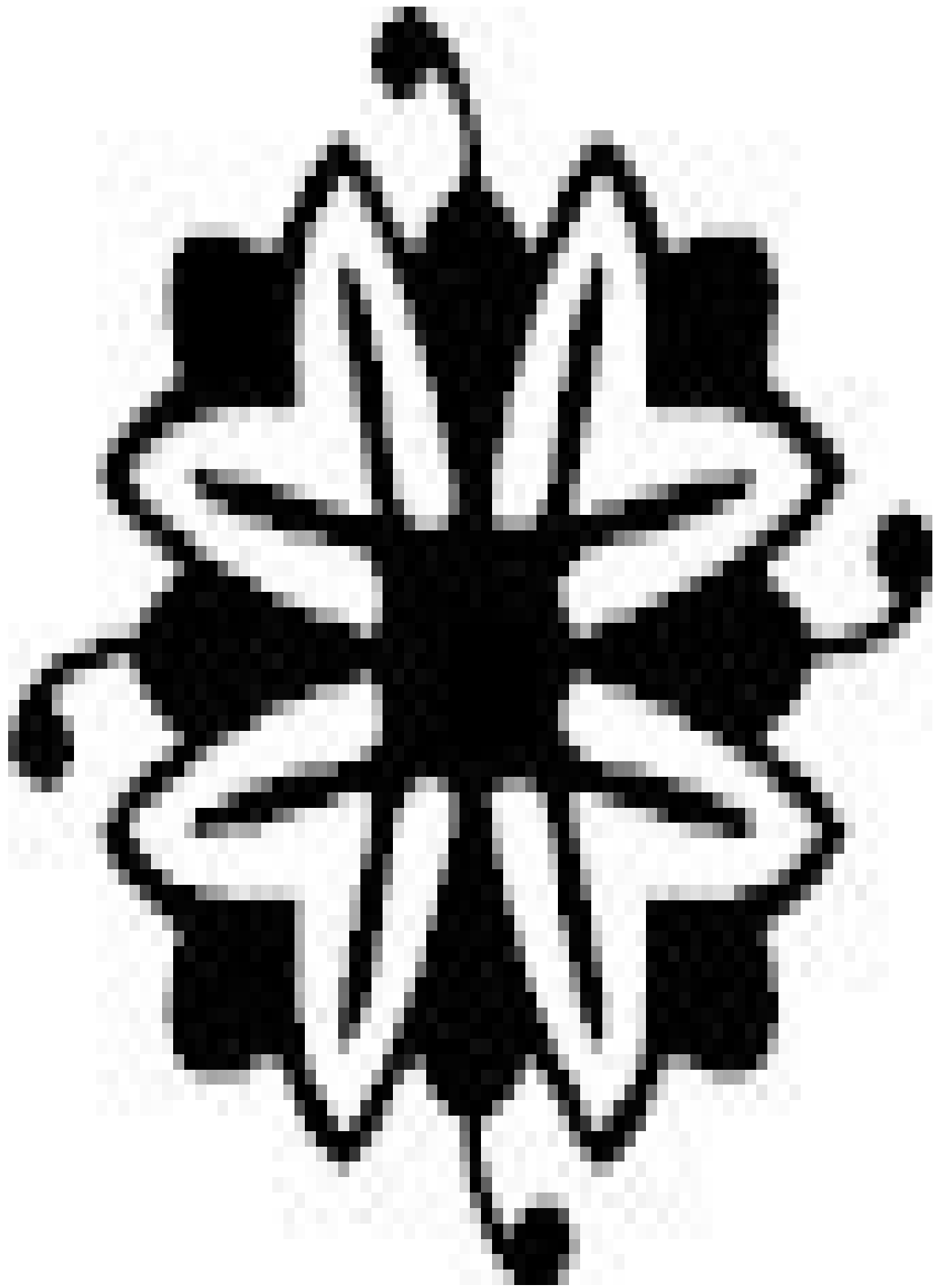
Cerca de dez quilômetros à frente, desembocaram em uma estrada mais bem conservada e, à medida que avançavam, o rapaz começou a reconhecer a paisagem, até que finalmente chegaram à rodovia. Estavam a pouco mais de vinte quilômetros de casa. Durante o trajeto, Rosana, chorando e bastante nervosa, contou o que havia acontecido:

– Ah, Lindolfo, aquele sujeito asqueroso entrou em sua casa de madrugada, invadiu o quarto onde eu e minha mãe dormíamos e me arrancou da cama à força. Fiquei apavorada, achando que ele iria me matar... A mamãe, coitada, eu nem sei como está.

– Mas o que houve com dona Emma? Ele fez alguma maldade a ela? – perguntou Lindolfo enquanto dirigia em alta velocidade.

– Sim. Mamãe acordou na hora em que eu estava sendo retirada de casa à força e começou a gritar. Para silenciá-la, o sujeito a acertou na cabeça com o cabo da arma. Acho que ela está muito mal...

Lindolfo deduziu que Arildo havia usado as suas próprias chaves, que estavam no porta-luvas da caminhonete, para invadir a residência. Ele só não conseguia entender qual era o objetivo daquele duplo sequestro.



Antes de chegar à Rua do Comércio, Lindolfo avistou a viatura policial e pediu ajuda. Em poucas palavras contou o que tinha acontecido. O delegado Uribe, que estava acompanhado do Carranca, perguntou:

– Você consegue nos conduzir ao local do cativo?

– Sim. Acredito que consigo chegar lá, mas preciso primeiro socorrer dona Emma, que foi atacada por aquele miserável e pode estar com sérios problemas.

– Está bem – o delegado respondeu. – Já que o sequestrador está imobilizado, como você falou, vamos primeiro à sua casa. Depois cuidaremos dele.

Dona Emma foi encontrada caída ao lado da cama, com uma grave ferida na cabeça. Ela não estava inconsciente, mas, em estado de choque, não conseguia se mover. Ao olhar para Rosana, a viúva falou com um tom lamentoso na voz:

– Ah, minha filhinha! Que bom que está viva! Eu não iria suportar perdê-la também... – e as duas se abraçaram chorando.

O delegado foi buscar Donana para cuidar de dona Emma e, assim que a benzedeira os tranquilizou, dizendo que estava tudo sob controle, Lindolfo e os policiais se dirigiram para o local do cativo.

Quando chegaram à tapera, depararam com uma surpresa: Lígia se encontrava lá. Ela havia libertado o sequestrador e os dois estavam prestes a entrar no carro da moça para fugirem. O delegado deu voz de prisão e o sequestrador respondeu atirando em direção à viatura. Só então Lindolfo se lembrou de que, preocupado em acudir Rosana, acabara se esquecendo de pegar o revólver, que ficara jogado no piso da tapera.

O Carranca revidou aos tiros e Arildo recebeu um balaço fatal na cabeça. Muito assustada, Lígia ergueu as mãos e se entregou. A partir daí, os fatos começaram a ser esclarecidos da seguinte forma:

No dia em que Lindolfo tivera a ideia de convidar Lígia para almoçar na casa da estação, ela aceitou sem titubear, considerando o convite um pedido de namoro. Mas, assim que o rapaz se acertou com Rosana, voltou a deixá-la de lado e nunca mais lhe dirigiu a palavra. Lindolfo só não contava com a grande revolta

que havia provocado ao ignorar quanto aquilo ferira o amor-próprio de Lígia e quão vingativa ela poderia se tornar.

Quando ela percebeu que havia sido ludibriada, principalmente depois de saber que Lindolfo e Rosana iriam se casar, teve a ideia de se vingar, pois se considerava duplamente traída. Juntamente com Arildo, a quem contratou para fazer o trabalho sujo, elaborou o plano com todos os detalhes, escolhendo inclusive o local do cativo: a tapera abandonada, que no passado fora usada por caçadores e que ficava situada em um lugar bastante ermo, em uma das fazendas de seu pai.

Quando se dirigiu para lá, naquela manhã, ela considerava que o casal já estivesse morto e queria apenas se certificar de que tudo saíra a contento, para pagar os honorários combinados com o assassino.

O corpo de Arildo foi sepultado no dia seguinte. Lígia, por conta de um acordo entre seu genitor e o delegado, não foi indiciada como cúmplice daquele crime, mas, pelo que foi pactuado informalmente, teria de ir para a Espanha e nunca mais retornar ao Brasil.

## Capítulo 18

### Altercações

*É em vão que o homem, ávido de prazeres, se queira iludir sobre a sua destinação nesse mundo, sustentando que lhe é permitido não se ocupar senão da sua felicidade.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 11 – item 13*

Lindolfo não permitiu que o sequestro malsucedido provocasse qualquer alteração em seus planos. A data do casamento foi mantida e a cerimônia – simples, breve e com a igreja quase vazia, como ele fez questão que fosse – ocorreu numa manhã de sábado.

O casal viajou no mesmo dia e ficou hospedado por uma semana em um hotel-fazenda. Ele pretendia permanecer por mais tempo naquele lugar paradisíaco, mas Rosana, que se queixou o tempo todo de indisposição e dor de cabeça, implorou pelo fim da curta e insípida lua de mel.

Mesmo com toda a frieza demonstrada pela jovem esposa, Lindolfo se sentia um vencedor. Afinal, havia conseguido realizar o projeto de que nunca abrisse mão e, com o “peixe” que lhe interessava devidamente fígado, o desmantelamento da “lagoa” já não tinha importância alguma.

Alguns dias depois de terem voltado para casa, dona Emma, alegando estar traumatizada com os trágicos acontecimentos de que fora vítima naquela cidade, resolveu que iria mesmo viver com a irmã caçula. Entretanto, essa alegação era apenas parte do problema. Ocorre que o bom relacionamento entre ela e o genro havia deixado de existir e um clima de antipatia recíproca ganhara vulto entre os dois.

Rosana, abalada com a decisão da mãe, perguntou:

– A senhora vai mesmo embora? Vai me abandonar para sempre?

– Isso não dependerá de mim – dona Emma respondeu com voz ríspida, já que a indisposição com Lindolfo a deixava irritada também com a filha. – Você sabe com quem estou indo viver. Quando quiser me ver, dará um jeito de encontrar o endereço. – E, num tom mais baixo, completou: – Mas apenas você, hein?

Rosana fez um longo discurso, tentando convencê-la a mudar de ideia, porém a viúva estava irredutível.

Lindolfo, que ouvia o diálogo entre as duas em silêncio, fingindo estar distraído com uma papelada do trabalho, vibrava de contentamento por aquela decisão. Ocorre que, desde a morte de seu Djalma, dona Emma não era mais a mesma. Vivia chorosa, largada pelos cantos, e a cada dia se tornava mais ranzinza, criando implicâncias exageradas e desnecessárias, segundo o ponto de vista do

genro.

Na verdade, os desentendimentos entre os dois começaram uma semana antes do casamento, no início de uma noite chuvosa em que Lindolfo fora buscar umas roupas. Rosana estava tão empolgada com um romance que andava lendo, que começou a contar a história para ele. Aproveitando o fato de a moça estar tão faladeira naquele dia, coisa que raramente acontecia, ele fingiu interesse no assunto, os dois entabularam uma longa conversa e o rapaz foi adiando ao máximo o momento de retornar ao hotel.

A certa altura, Lindolfo percebeu que dona Emma estava inquieta, andando de um lado para o outro, com o semblante fechado, deixando tão clara a sua insatisfação que ele perguntou à noiva:

– O que está havendo com sua mãe? Parece que andou sentando num formigueiro.

Rosana, que também já havia percebido a inquietação da genitora, levantou-se dizendo:

– Espere um pouco. Vou falar com ela.

O zum-zum-zum sussurrado no cômodo ao lado chegou aos ouvidos atentos do rapaz. Não dava para entender claramente o que as duas diziam, mas era certo que discutiam aos murmúrios. Pouco depois, Rosana voltou à sala e falou sem graça:

– Não leve a mal, Lindolfo, mas a mamãe está com sono e quer descansar.

– É claro que não levo a mal – ele respondeu com ironia, fingindo não ter compreendido a indireta. – Há mais de uma cama na casa e ela pode dormir onde bem quiser.

Rosana sorriu sem graça e falou:

– É que ela... Bem... Ela disse que só vai dormir depois que você for embora. Não quer nos deixar sozinhos aqui.

Lindolfo suspirou profundamente, coçou a nuca e falou alto para ter certeza de que a futura sogra iria ouvir:

– Só me faltava ser expulso de minha própria casa. Ora bolas, essa é muito boa!

Rosana franziu o cenho e assumiu a defesa da mãe:

– São os princípios dela, Lindolfo, e precisam ser respeitados.

– Ah, é? E o respeito dela para comigo?

– Pois saiba que minha mãe lhe tem muito respeito...

– É mesmo? Então por que não respeitou a decoração que me custou uma fortuna e entulhou os cômodos da minha casa com esses móveis horrorosos que trouxe da casa de vocês?

Rosana se ressentiu e retrucou com voz alterada:

– O quê? Você está de implicâncias por causa disso? Um detalhe tão irrisório? Não vê que minha mãe tem apego afetivo pelos móveis que estão com ela desde que se casou com o meu pai? Aliás, a sugestão para ocuparmos a sua casa partiu de você mesmo. Ninguém lhe pediu isso.

As palavras de Rosana foram ditas com tamanha irritação, que Lindolfo se surpreendeu. Quis dizer qualquer coisa, mas ela voltou a interrompê-lo:

– Já que estamos incomodando tanto, vamos mudar a condição atual: nós ficamos no hotel e você volta para o que é seu. Minha mãe não merece ser humilhada desse jeito.

Diante da delicada situação, Lindolfo se viu obrigado a controlar a raiva. No fundo, tinha vontade de mandar dona Emma para o inferno com os seus princípios moralistas e aquelas tranqueiras ultrapassadas.

Por sorte, esses desaforos apenas lhe passaram pela cabeça e ele conseguiu se conter. Do contrário, possivelmente os planos de casamento teriam se diluído em poucos segundos. Mais calmo, o rapaz disfarçou o mal-estar. Precisava reprimir seu mau gênio até conseguir a façanha de enfiar a aliança de ouro no dedo de Rosana. Depois disso, veria o que fazer. Olhou no relógio de pulso e falou, fingindo surpresa:

– Meu Deus, como a hora passou rápido! Achei que fosse mais cedo. Não me

admira que dona Emma esteja com sono, coitada. Peço desculpas pelos atritos.  
Boa noite!

Rosana respondeu com um leve aceno de cabeça e um sorriso forçado. Lindolfo estava ainda destrancando o portão para sair quando ouviu dona Emma perguntar:

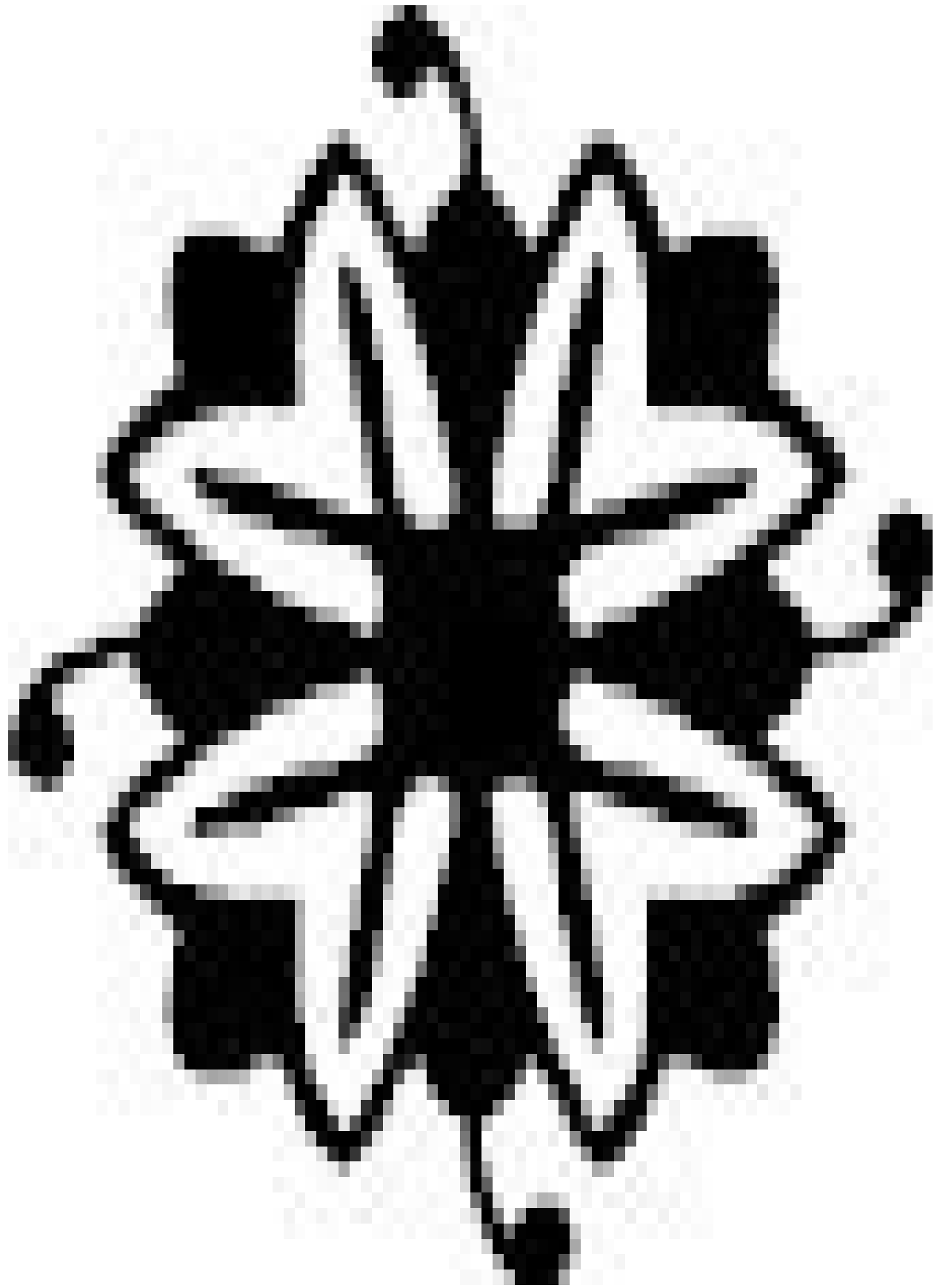
– Ele foi embora?

E Rosana respondeu secamente:

– Sim, mamãe. A senhora já pode ir dormir em paz.

Lindolfo voltou para o hotel agastado com o ocorrido e convicto de que a convivência com dona Emma seria um grande incômodo. Ficou pensando em como ela podia ter mudado tanto de comportamento em tão pouco tempo, até que um raciocínio lógico o apanhou em flagrante: dona Emma não havia mudado; ele é que não a conhecia integralmente. Porém, antes que a posicionasse em definitivo na condição de vilã, questionou-se sem saber por que o fazia:

– E você, Lindolfo? As pessoas o conhecem como verdadeiramente é, ou conhecem apenas o que você deixa transparecer?



Depois do casamento, as contendas familiares se tornaram insuportáveis. A primeira providência que Lindolfo tomou para se vingar das provocações que dona Emma lhe fazia o tempo todo foi retirar os móveis que ela tinha levado para a casa dele e remontar a decoração original. A mobília da viúva acabou entulhada no porão e a única resposta que o rapaz deu, quando questionado sobre a grosseira atitude, foi:

– Estou apenas deixando meu lar como ele sempre foi.

Outra iniciativa tomada por Lindolfo, e que deixou dona Emma bastante contrariada, foi o fato de ele haver contratado uma empregada doméstica e dado ordens expressas para que a mulher não deixasse ninguém se aproximar do fogão.

Depois de ouvir um rosário de lamentações de dona Emma, Rosana o procurou contrariada e cobrou explicações:

– Lindolfo, por que não deixa a mamãe cozinhar? Você sempre elogiou a comida dela.

E ele respondeu encarando-a:

– Dona Emma deve ter desaprendido a cozinhar, pois ultimamente sua comida tem me feito muito mal. Acho que o choque provocado pelas mortes da Roseli e do seu Djalma deixou-a impossibilitada de temperar os alimentos.

A esposa tentou contornar a situação usando argumentos que o fizessem mudar de postura, mas tendo o cuidado de não ampliar as contrariedades.

– Mas, Lindolfo, você sabe que cozinhar é a única atividade que a distrai...

– Ela que procure outra coisa para fazer. Eu não vou correr o risco de ficar doente apenas para satisfazer os caprichos da sua mãe – ele interrompeu encarando a moça com um olhar severo. – Rosana, entenda de uma vez por todas: em minha casa, quem manda sou eu, e as decisões que eu tomar não serão revogadas apenas para satisfazer a vontade dos outros moradores.

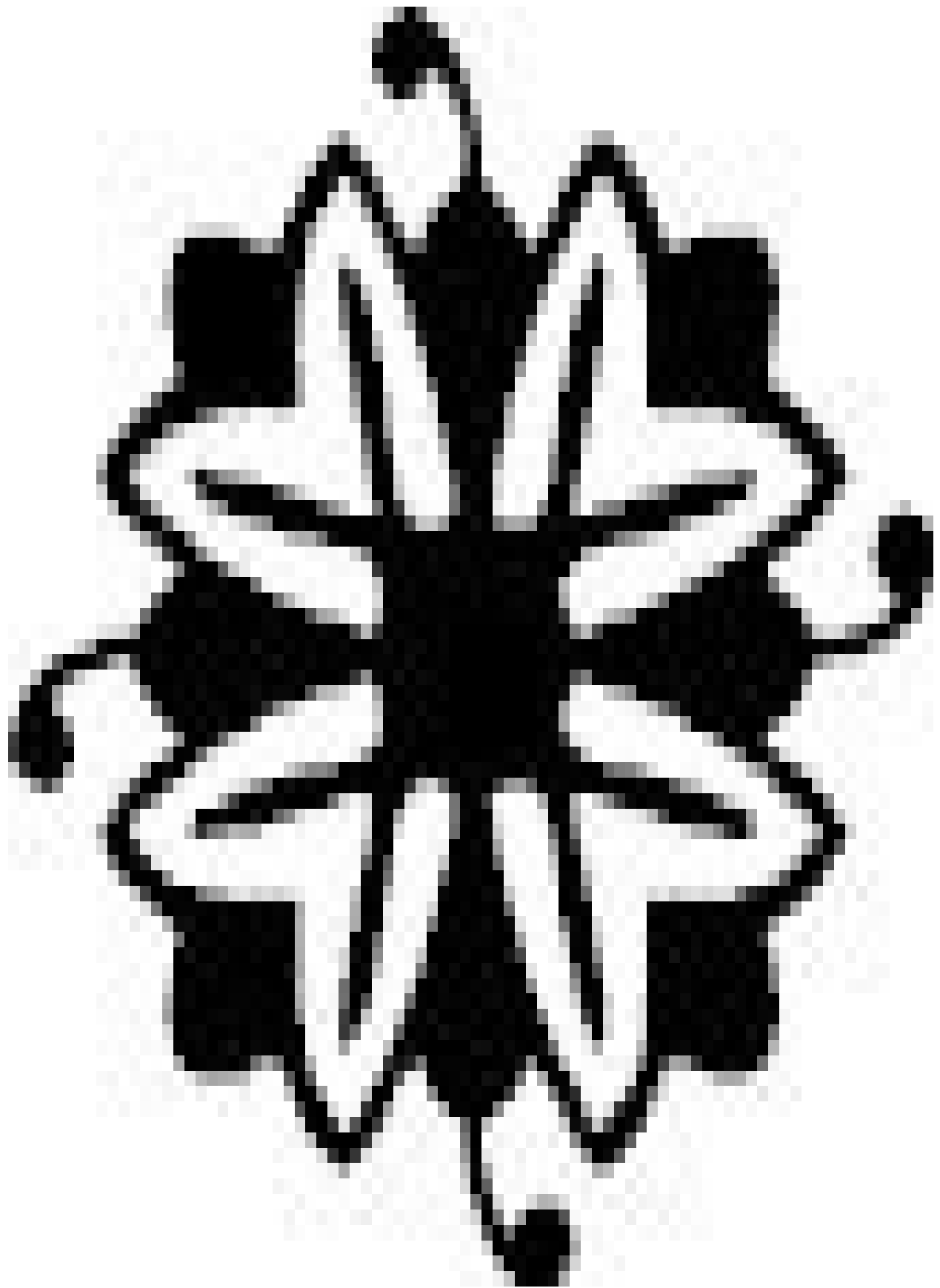
– Outros moradores? – ela perguntou indignada. – É assim que você nos vê?

Somos hóspedes em sua casa?

O rapaz meneou a cabeça de modo confuso ao responder:

– Você é minha esposa... É diferente...

Rosana estapeou as próprias coxas, provocando um estalo, levantou-se e saiu pisando duro. Lindolfo também saiu apressado, fingindo que precisava resolver alguns assuntos na rua.



Pressionada pelas contendas entre o marido e sua mãe, Rosana tateava com cautela no ambiente conflituoso criado por aquela recíproca aversão. Amava a genitora e estava sempre tentando defender o ponto de vista dela, mas às vezes achava que dona Emma também poderia amenizar a situação, tendo um comportamento menos agressivo.

Porém a mulher havia desenvolvido uma ojeriza imensa pelo genro e o acusava de ter sido falso e mentiroso nos tempos em que frequentava a casa da estação, passando a imagem de bom moço, sempre sorridente, gentil e galanteador. Em contrapartida, Lindolfo a acusava de ter escondido o mau gênio que possuía e de somente tê-lo revelado depois que fora morar sob o seu teto.

Rosana ficava angustiada a cada rusga entre os dois. E a situação se tornou tão insustentável que ela acabou abandonando a função de conciliadora. Amava a mãe, mas não queria colocar a perder a relação familiar recém-iniciada. Lindolfo podia não ser o grande amor de sua vida, mas era quem a sustentava, oferecendo-lhe uma vida digna e materialmente confortável.

Assim, sempre que surgiam novas altercações entre dona Emma e Lindolfo, Rosana simplesmente se afastava, trancava-se no quarto e mergulhava em suas leituras. Mas essa atitude provocava dois tipos diferentes de reação: o marido achava ótimo não ter que ficar dando satisfação a ela sobre aqueles desentendimentos, situação que provocava desgastes desnecessários entre o casal; no entanto, dona Emma encarava a isenção da filha como covardia e ingratidão.

Por esse motivo, as duas também começaram a se desentender, pois dona Emma achava que Rosana deveria ter uma postura mais firme e usar a influência afetiva que exercia sobre o marido para convencê-lo a tratá-la com mais respeito, achando que Rosana não estava se esforçando o suficiente para defendê-la. Assim, o ambiente doméstico, mesmo com um grupo familiar tão reduzido, tornou-se um campo de batalha onde todos se desgastavam cotidianamente e não chegavam a nenhum acordo.

Com tanto desgaste, a decisão que dona Emma tomou de ir embora trouxe grande alívio a Lindolfo, que achou ótimo ter todo o espaço da casa apenas para si, Rosana e os futuros filhos. Sem a interferência da sogra encraveira, ele

tinha certeza de que seria mais fácil conquistar o amor da jovem esposa, pois sabia que isso ainda não havia ocorrido.

O sentimento que Rosana nutria por Eugênio se mostrava claro em vários momentos, projetando-se na tristeza que se refletia no olhar dela. Aquilo o incomodava sobremaneira, e Lindolfo vivia pensando em um modo de derrotar aquela constante ameaça à felicidade de seu lar, mas acabava sempre se convencendo de que se tratava de uma batalha impossível de ser vencida.

Agora alimentava a pálida esperança de que a ausência de dona Emma e o fim de suas interferências no ambiente doméstico contribuíssem para melhorar a relação entre ele e Rosana.

## Capítulo 19

### Possessão

*Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos animais, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai e encontrareis, quase sempre, por base, o orgulho ferido.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 9 – item 9*

Não demorou muito para que as esperanças de uma vida harmônica e feliz se evaporassem. Rosana não conseguia retribuir à desmedida exigência de atenção que Lindolfo lhe cobrava e jamais houve entre o casal qualquer gesto de carinho por iniciativa da moça. Era sempre o marido que a procurava e na maioria das vezes acabava dispensado com as desculpas mais esfarrapadas do mundo.

Quando cedia às investidas de Lindolfo, Rosana deixava claro que o fazia por obrigação, de modo frio, evasivo, como se estivesse em um território desconhecido, a grande distância do leito conjugal. Essa atitude deixava o rapaz bastante irritado e ele colocava tudo na conta do rival. Ficava pensando em qual seria o comportamento de Rosana se fosse Eugênio que estivesse em seu lugar.

Lindolfo vivia assombrado pela insegurança de não se sentir amado pela própria esposa, e isso o fazia sentir-se ameaçado o tempo todo. Em represália a tamanha frustração, reagia deixando-se dominar pelo ciúme doentio que lhe dilacerava a alma. Ele não gostava que Rosana saísse de casa e menos ainda que recebesse visitas.

Assim, em atitudes dissimuladas no início, que sugeriam apenas excesso de zelo e proteção, foi cerceando a liberdade de ação de Rosana e passando a controlar todos os movimentos dela. Com o passar do tempo, a dissimulação deixou de existir, cedendo lugar a uma obstinada e diuturna possessão.

Ciente de que a leitura era o único passatempo com que Rosana se entretinha, Lindolfo mandou construir prateleiras em todas as paredes de um dos cômodos da casa e o encheu de livros, transformando aquele espaço em uma biblioteca quase tão grande quanto a municipal.

Entretanto, até mesmo a leitura dos romances passou a ser motivo de discórdia entre os dois. Um dia, vendo a esposa derramar uma torrente de lágrimas, agarrada a um livro, ele teve a curiosidade despertada. Discretamente deu uma olhada na capa e leu o título da tal obra.

Na primeira oportunidade, apanhou o livro e deu uma folheada. Obviamente não leu todo o conteúdo, pois não tinha paciência para tanto, mas no pouco que conseguiu entender viu que se tratava da história triste e com final infeliz de um rapaz e uma moça que se amavam e que foram separados por imposição patriarcal e religiosa.

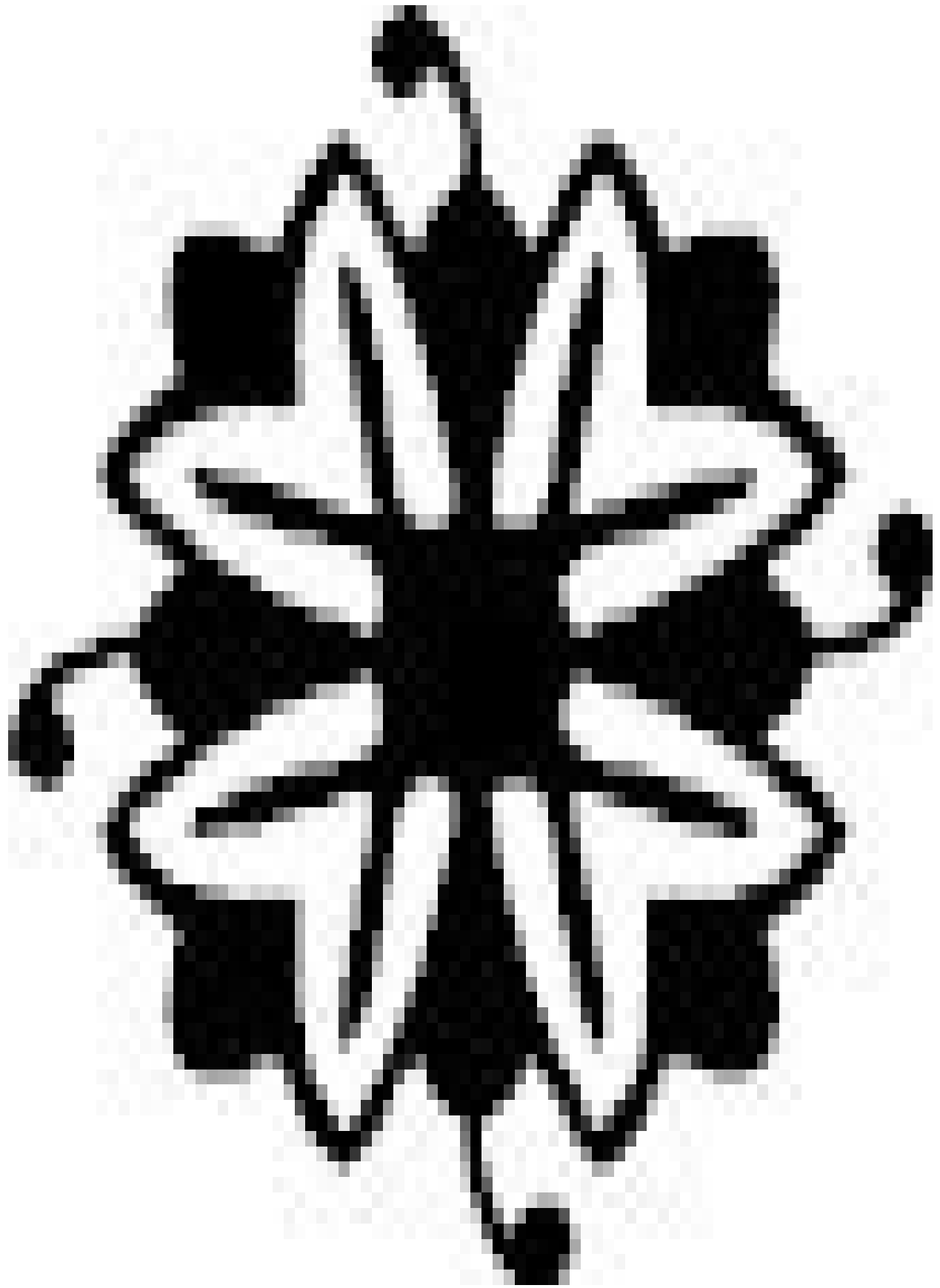
Mais tarde, vendo Rosana novamente de olhos úmidos agarrada à obra, Lindolfo perguntou com voz irritada:

– Por que você insiste em ler essas histórias, se elas lhe deixam sempre tão triste?

– Eu não fico triste – Rosana respondeu. – Fico emocionada, e isso é muito diferente.

– Ou será que é porque você projeta esses dramalhões em sua própria vida? – o marido cutucou-lhe a ferida emocional. – Afinal, não me parece que sua história também esteja tendo um final muito feliz. Eu não sou o homem com quem idealizava se casar, não é mesmo?

Ela deu um profundo suspiro, lançou um olhar desalentado para Lindolfo e se retirou em silêncio. Naquele momento, o rapaz desejou muito que Eugênio estivesse morto.



Mesmo com esses contratempos e o ciúme de Lindolfo se impondo cada vez mais, a vida seguia sem maiores aborrecimentos, até porque Rosana foi se acomodando à condição da esposa submissa e vivia em função de manter o ambiente familiar em paz, ainda que isso representasse abrir mão de suas próprias vontades e de fingir-se de surda ao ouvir provocações e acusações sem o menor fundamento.

Um dia, Rosana estava lendo quando ouviu tocarem a campainha do portão. Ela não foi atender de imediato, pois sabia que o marido não aprovava essa atitude. Quem atendia ao portão era sempre a empregada. A campainha tocou novamente e só então ela se lembrou de que Carmem havia saído para comprar algo que estava faltando na despensa para fazer o almoço.

Como a campainha continuasse a tocar insistentemente, Rosana abandonou a leitura e foi atender. Chegando ao portão, que estava trancado e que tinha apenas uma portinhola gradeada por onde podia ver o rosto do visitante, ela se deparou com um rapaz bem jovem que lhe disse:

– Bom dia, senhora! Eu poderia lhe falar por um instante?

– Bom dia – ela respondeu. – Qual é o assunto?

– Bem... Eu gostaria de lhe mostrar um aparelho revolucionário, que a ajudará bastante na rotina da casa. Vejo que sua residência, além de linda, é bem grande, e o que estou vendendo será de grande valia para a senhora.

– O senhor terá de voltar outra hora – ela explicou. – Meu marido não está em casa e eu não poderei deixá-lo entrar.

– Sem problemas, senhora – disse o vendedor. – Vou visitar outras residências do bairro e passarei aqui mais tarde. Qual é o melhor horário para encontrar seu esposo em casa?

Naquele dia, por uma infeliz coincidência, Lindolfo, que nunca estava em casa naquele horário, havia esquecido o mostruário de uma nova ferramenta agrícola na garagem e voltou para buscá-lo. Quando estacionou a caminhonete em frente à residência, viu o rapaz sorridente conversando ao portão. Imaginou que o diálogo fosse com a empregada, mas, ao se aproximar, constatou que era Rosana

quem o atendia.

Lindolfo sentiu o sangue ferver naquele momento. Sua vista chegou a escurecer, o coração entrou em um ritmo frenético e ele começou a gritar, enquanto caminhava em direção ao vendedor com os punhos cerrados:

– Que diabos está acontecendo aqui? Quem é você?

O rapaz levou um susto e respondeu com voz trêmula:

– Não está havendo nada de mais, senhor. Estou apenas oferecendo um eletrodoméstico a esta senhora...

– Esta senhora é a minha esposa, ouviu? – Lindolfo gritou ainda mais alto, apontando o dedo indicador para Rosana. – Esta senhora me pertence e eu não lhe dou o direito de ficar conversando com ela.

O jovem ainda tentou conciliar:

– Ah, que bom que o senhor chegou. Talvez queira presentear a sua esposa com este...

– Não quero comprar coisa alguma – ele esbravejou ameaçando partir para a agressão. – Só quero que você desapareça daqui.

Bastante assustado, o vendedor se afastou rapidamente. Lindolfo destrancou o portão, entrou furioso, lançou para Rosana um olhar de ódio e vociferou:

– O que significa isso, mulher? Quer dizer que enquanto eu estou trabalhando você fica de conversinha com homens ao portão? Iria convidá-lo para entrar? Para ficarem mais à vontade?

Rosana baixou a cabeça. Certamente teve vontade de retrucar, expor sua indignação diante daquele insulto, mas conhecia bem o marido para saber que tudo o que dissesse naquele momento seria inútil e só iria complicar ainda mais a situação.

Nesse instante, Carmem chegou e ficou tentando entender o que estava acontecendo. Lindolfo virou-se para ela e perguntou:

– E você? Onde estava? Perambulando pelas ruas?

A empregada estremeceu e gaguejou ao responder:

– Só saí por um minuto, seu Lindolfo. Fui ao armazém comprar tempero pro almoço...

– Pois não vá mais. Quando precisar de qualquer coisa, me avise que eu resolvo o problema. Não quero que arrede pé daqui quando eu estiver ausente, entendeu?

A empregada baixou a cabeça e disse timidamente:

– Sim, senhor. Me desculpe.

Ainda bastante descontrolado pela raiva, Lindolfo entrou pisando duro na garagem, pegou o mostruário e gritou ao sair, batendo o portão:

– Ah, dona Rosana, e não pense que a nossa conversa terminou aí, ouviu? Vou querer muitas explicações quando voltar.

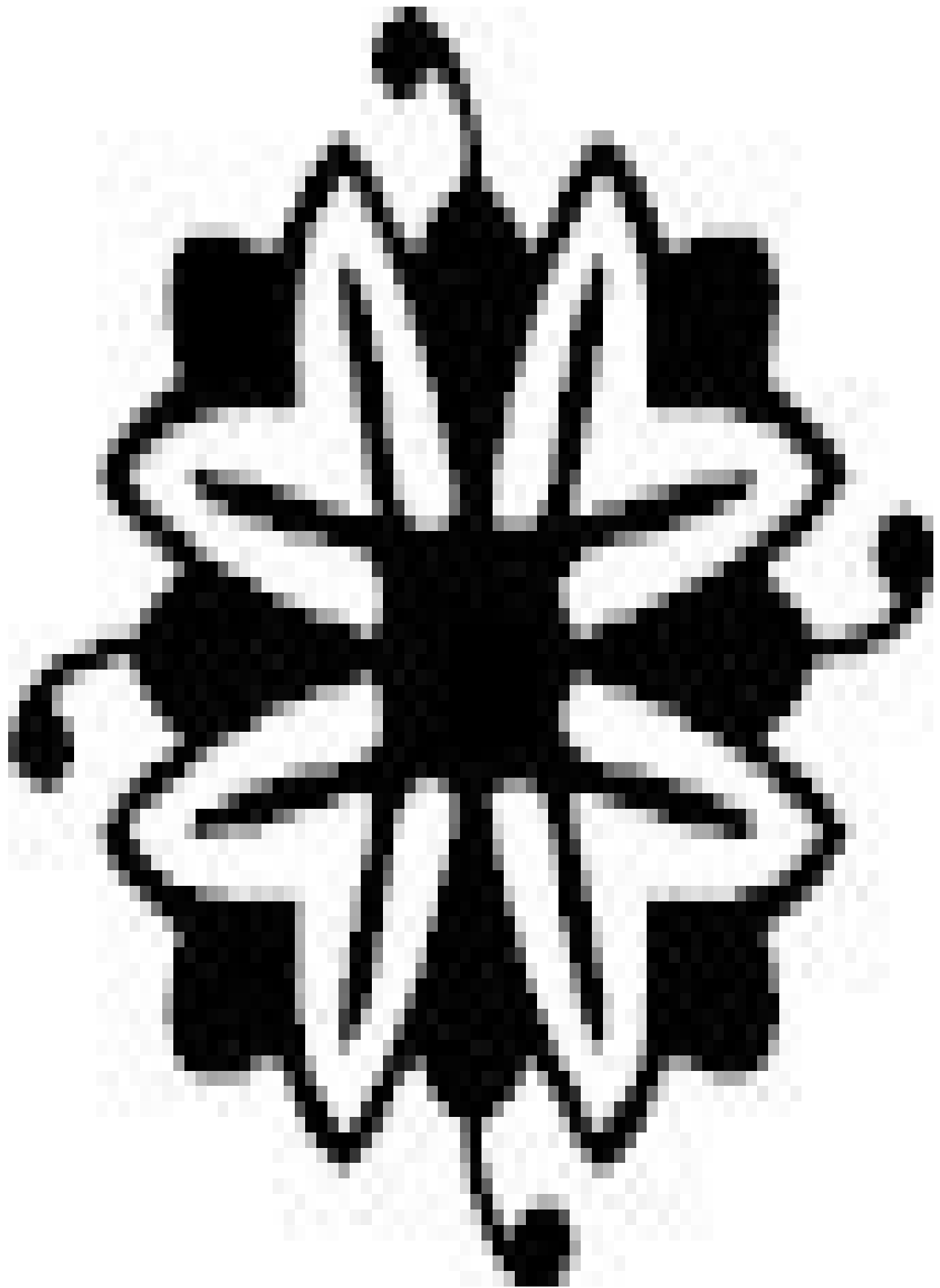
Assim que ele partiu com a caminhonete em uma velocidade exagerada, Carmem, ainda trêmula e assustada, perguntou:

– O que aconteceu aqui, dona Rosana?

– Nada de mais – a patroa respondeu, minimizando o ocorrido enquanto se recolhia ao interior da residência.

– Meu Deus! Mas por que o seu Lindolfo está com tanta raiva? – insistiu a empregada.

– Foi uma infelicidade, apenas isso. Meu marido apareceu em um mau momento e viu maldade onde não havia.



Aquele lamentável episódio e vários outros que ocorriam quase diariamente iam ampliando o desgaste na relação do casal. Lindolfo vivia criando confusão e acusando Rosana de infidelidade pelos motivos mais absurdos, até porque a esposa vivia trancafiada em casa, sem receber visitas e obedecendo cegamente a todas as suas imposições.

O resultado daquele cerco foi a escalada de um sentimento recíproco de amargura e frustração. Lindolfo se tornava cada vez mais intratável em casa e Rosana assumiu uma postura definitivamente triste e pesarosa. Quem passasse por aquela rua e olhasse para a suntuosa residência do jovem casal jamais poderia imaginar os angustiosos dramas que se desenrolavam em seu interior.

## Capítulo 20

### Crime

*Deus quer o progresso de todas as suas criaturas; por isso, Ele não deixa impune nenhum desvio do caminho reto; não há uma só falta, por pequena que seja, uma só infração à sua lei, que não tenha consequências forçadas e inevitáveis mais ou menos tristes.*

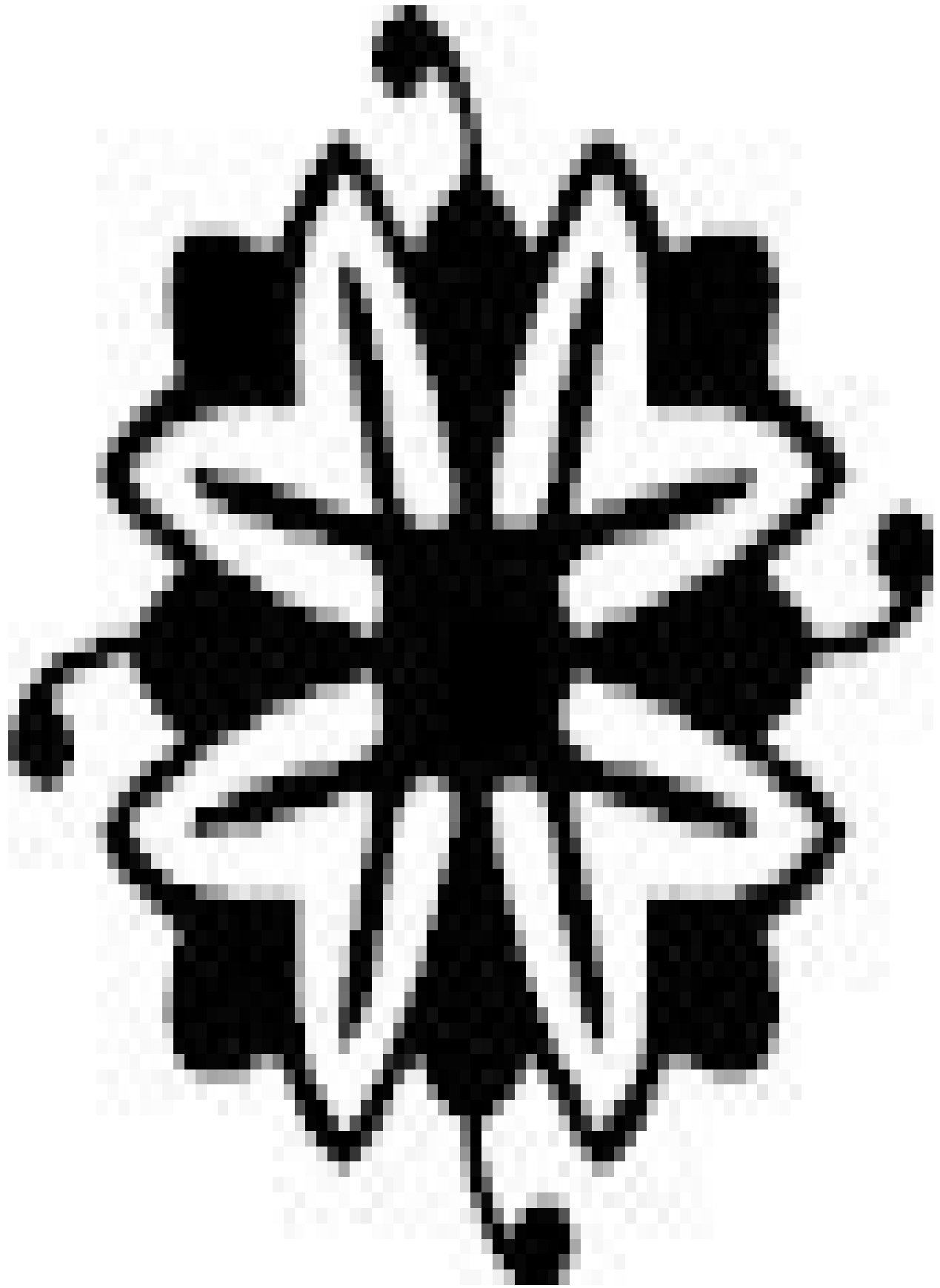
*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 5 – item 5*

Apesar dos problemas que envolviam a vida conjugal de Lindolfo e Rosana, uma novidade acabaria gerando um clima bastante positivo entre eles. Ocorre que Rosana engravidou e isso provocou uma transformação incrível em seu comportamento. Quando teve a certeza de que esperava um filho, ela passou a ter atitudes tão otimistas, que fizeram o marido voltar a vê-la como a adolescente encantadora por quem tinha se apaixonado anos atrás.

Durante o período de gestação, Rosana acordava animada, fazia planos para o futuro, alimentava-se bem e conversava com o marido como jamais o fizera. E esses renovados sentimentos contagiaram o coração de Lindolfo, que passou a ser mais tolerante e atencioso com ela.

As discussões corriqueiras cessaram, cedendo espaço para diálogos bem-humorados e até mesmo divertidos. O quarto que seria destinado ao bebê, e que ficava geminado ao cômodo onde o casal dormia, foi preparado caprichosamente para recebê-lo.

À medida que o ventre de Rosana intumescia, ela se tornava mais sensível e amorosa. Passava longo tempo acariciando a barriga e conversando com o bebê que ali se desenvolvia. Lindolfo observava a cena à distância e chegava a se emocionar. Finalmente começava a ver a possibilidade de seus sonhos se concretizarem e o lar perfeito com que sonhara ao lado de Rosana se tornar uma realidade.



Quando estava se aproximando o período de Rosana dar à luz, Donana, como era de costume naquela cidade, passou a frequentar a residência do casal para acompanhar o desenvolvimento da gestação e afirmou que, pelo formato da barriga, a esposa de Lindolfo estava esperando um menino.

O marido achava que o parto não deveria ser feito em casa, pelas mãos da parteira, mas a cidade que tinha hospital preparado para atender parturientes ficava muito distante. Além disso, a própria Rosana pediu que o nascimento de seu filho ocorresse do modo como tradicionalmente era feito no município. Na verdade, ela não estava disposta a viajar para tão longe nem queria ser cuidada por pessoas estranhas.

Nessa mesma ocasião, Donana cuidava também de Carmela, a vizinha infortunada, que a procurara alguns meses atrás com o mesmo discurso das vezes anteriores:

– Ah, Donana, vou precisar da sua ajuda!

Mesmo já prevendo do que se tratava, a benzedeira quis confirmar:

– O que aconteceu, Carmela?

– Vou ter um filho.

Percebendo o olhar de reprovação de Donana, a outra foi logo dizendo:

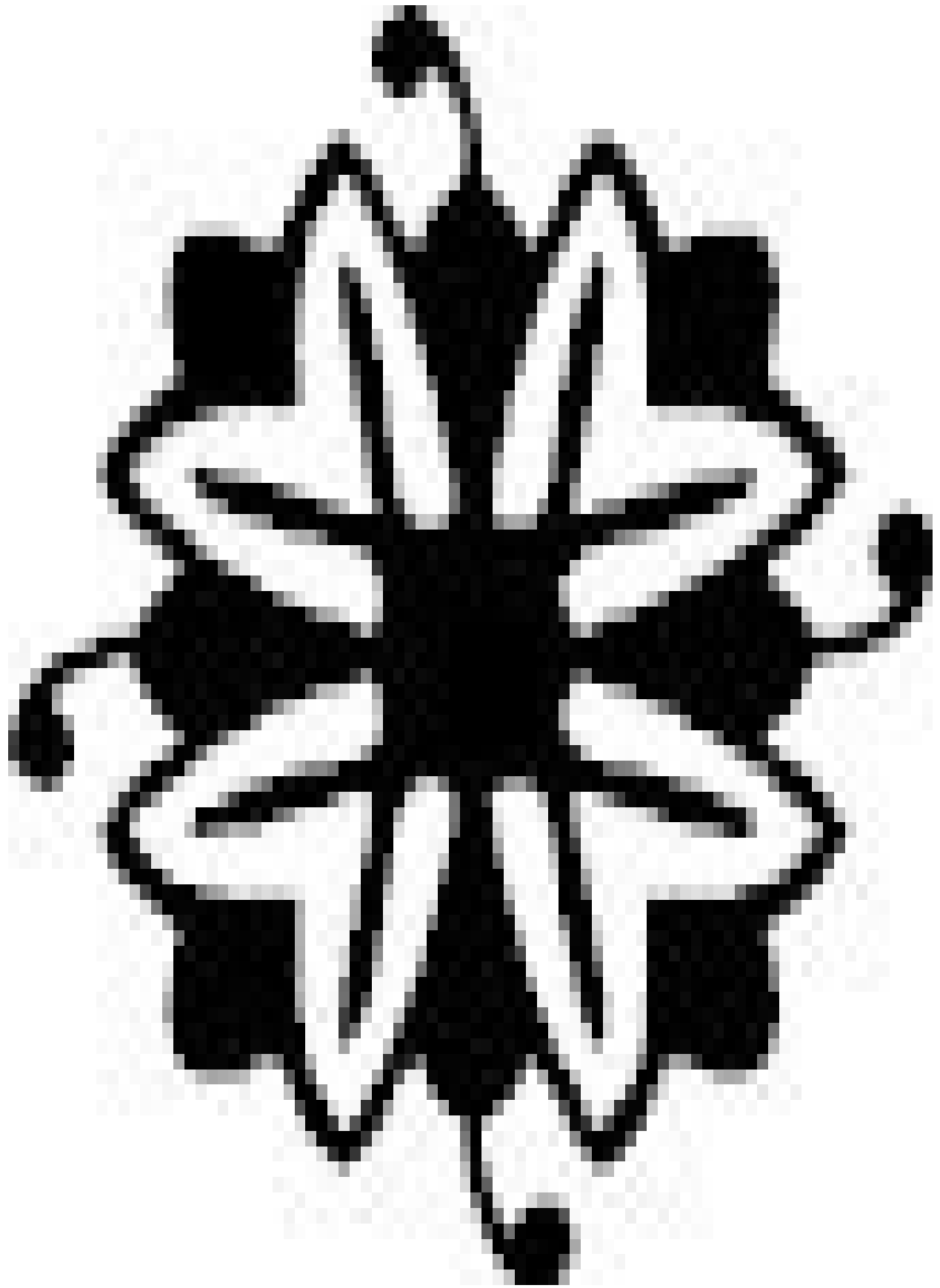
– Mas desta vez sou eu que vou criar. Não importa o que aconteça, Donana, ninguém vai levar meu filho embora.

– Até que enfim criou juízo, hein? – a benzedeira falou sorrindo. – E por que você tomou essa decisão?

– É que estou sentindo um amor muito grande por esta criança – a mulher respondeu acariciando o próprio ventre. – Sinto que é um anjinho que está vindo pra me fazer companhia.

Donana chegou a se emocionar ao ver o modo carinhoso como Carmela se referiu à criança em gestação e desejou muito que tudo corresse a contento com

a mãe e seu bebê.



Num início de noite, Rosana começou a sentir fortes contrações e Lindolfo saiu à procura de Donana. Foi ao casebre onde ela morava e não a encontrou. Então começou a percorrer a cidade e a perguntar pela parteira, mas ninguém a tinha visto naquele dia.

– Se a Donana não aparecer, faça o parto sem ela – disse Joca, o atendente do armazém, uma das pessoas a quem Lindolfo recorrera em busca de informações sobre o paradeiro da mulher.

– Fazer o parto sem uma parteira? Você está louco?

– Bom, eu estou dizendo isso porque acabei de saber que a Carmela, que vive sozinha no meio do mato, ganhou o filho dela ainda há pouco sem a ajuda de ninguém. Ah, e dizem que é um meninão cheio de saúde.

– O quê? Aquela desmiolada ganhou outro filho? – Lindolfo perguntou indignado.

– Pois é. A mulher já tem uma penca de filhos que foram doados e estão espalhados pelo mundo. E dizem que ela nem sabe quem são os pais dessas crianças – o rapaz comentou em tom condenatório. – Para mim, aquela despuorida merece é uma bela surra e uma castração.

Lindolfo entrou no carro, deu a partida e saiu devagar, sem saber quais lugares ainda devia percorrer em busca de Donana. Bastante preocupado, voltou para casa e se deparou com a esposa aos prantos, sendo amparada pela empregada.

– Cadê a Donana? – ela perguntou assim que o viu entrar. – Nosso filho já está quase nascendo.

– Ela já está vindo – Lindolfo mentiu para tranquilizá-la e voltou correndo para a rua.

Percorreu uns quinhentos metros e encontrou a parteira caminhando apressadamente em direção à sua casa.

– Por onde a senhora andou, Donana? Eu estava desesperado à sua procura – ele falou, enfiando a mulher na cabine da caminhonete e fazendo o caminho de

volta.

– Eu estava ocupada, seu Lindolfo. Acabei de chegar do sítio Taquaral. Fui fazer o parto da nora do seu Mauro.

– Mas o sítio dele fica muito longe.

– Isso mesmo. É quase um dia inteiro de caminhada na ida e outro na volta. Também, parece que todas as crianças da cidade resolveram nascer ao mesmo tempo – a parteira falou preocupada. – Nem pude dar assistência à pobre Carmela, coitada! Assim que puder, eu vou lá dar uma espiada nela.

– Fiquei sabendo pelo Joca do armazém que o parto do filho dela ocorreu sem dificuldades.

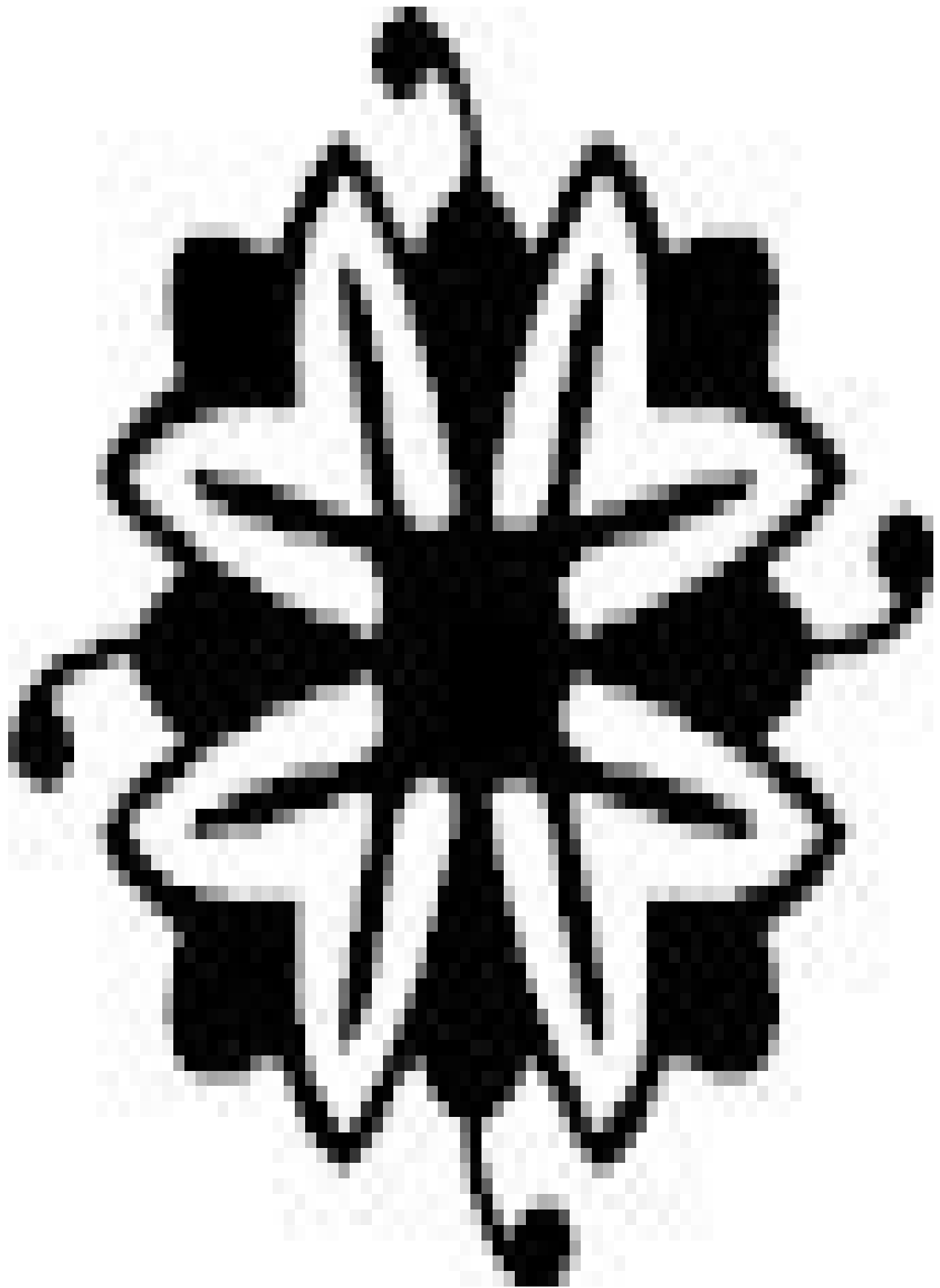
Ouvindo a informação, Donana sorriu ao dizer:

– Graças a Deus! Eu ia me sentir muito mal se acontecesse alguma coisa ruim com ela ou com o bebê.

Lindolfo estacionou o veículo em frente à casa, destrancou o portão e falou praticamente empurrando a parteira para dentro:

– Vamos entrar rápido, Donana. A Rosana deve estar quase ganhando...

– Não se preocupe – ela respondeu com voz calma. – Dará tempo.



Enquanto Donana, com a ajuda de Carmem, cuidava dos preparativos para acolher a criança, Lindolfo sentou-se em um banco que ficava posicionado na varanda e ficou olhando as poucas estrelas espalhadas no céu, que estava carregado de nuvens escuras naquela noite. Depois de algum tempo, ouviu um chorinho fraco que logo cessou. Encaminhou-se para o interior da casa e encontrou Carmem no corredor.

– O que houve? – perguntou à empregada. – Por que você não está lá dentro?

– Porque a Donana me pediu pra sair – a mulher respondeu.

– Mas houve algum problema?

Ela arqueou os lábios ao responder:

– Que eu saiba, não. A criança nasceu, chorou, e Donana está cuidando dela.

Carmem se afastou e Lindolfo bateu à porta do quarto. A parteira abriu uma pequena fresta, projetou o rosto para fora e falou:

– Seu Lindolfo, por favor, me espere lá na varanda. Estou cuidando da criança. A dona Rosana está descansando. Já vou lá conversar com o senhor.

Mesmo contrariado, mas sem coragem de contestar as orientações daquela mulher que exercia uma poderosa ascensão moral sobre ele, Lindolfo voltou à varanda, sentou-se e ficou esperando. Nesse meio-tempo, Carmem se aproximou e perguntou:

– Agora que seu filho nasceu, eu posso ir pra casa? Meu marido fica de implicâncias se eu chegar muito tarde...

– Pode ir, Carmem – ele autorizou e ficou pensando que o esposo de sua empregada deveria ter boas razões para implicar com ela.

Poucos minutos depois, Donana se aproximou vagarosamente. Sentou-se ao lado dele e falou:

– Seu Lindolfo, quero lhe dizer que dona Rosana está muito bem. Mas, como

estava muito agitada, eu dei a ela uma beberagem que a fará dormir até amanhã cedo.

– Obrigado, Donana. E o meu filho? É menino mesmo, como a senhora previu? Ele está bem?

A mulher acenou a cabeça positivamente e respondeu:

– Sim. É um menino, mas...

Lindolfo se sobressaltou com o tom de voz desanimado dela e perguntou:

– Mas o quê? O que está havendo, Donana?

– Mas eu tenho a impressão de que ele não tem boa saúde – ela completou. – Eu sinto muito, seu Lindolfo, mas seu filho deverá ser levado o mais rapidamente possível ao hospital, pra receber assistência médica.

Ele levou as duas mãos ao peito e levantou-se em um salto.

– Não. Isso não é verdade... Cadê o meu filho? Eu quero vê-lo...

– Seu Lindolfo, por favor, se acalme. Não complique mais as coisas. O senhor poderá ver o seu filho depois que se acalmar, pra não provocar nenhum rebuliço que possa prejudicar a sua esposa.

– Mas qual é o problema dele?

Donana movimentou negativamente a cabeça.

– Eu não sei qual é o problema. Minhas vistas estão fracas, principalmente à noite, mas posso lhe assegurar que o parto ocorreu da melhor maneira possível. Na verdade, foi um dos mais fáceis que eu fiz. O problema é que eu senti a criança muito fraquinha, quase sem energia quando a peguei nas mãos.

Lindolfo respirou fundo e, acompanhado pela parteira, dirigiu-se ao quarto destinado à criança. No berço, o recém-nascido encontrava-se bem agasalhado e respirava de modo tênue, quase imperceptível.

Naquele instante, pensamentos pessimistas passaram pela cabeça de Lindolfo e o

deixaram arrasado. Se a criança morresse, tudo estaria perdido. Rosana voltaria a ser a esposa fria de sempre ou talvez até piorasse em função do trauma de ter perdido o filho. Toda aquela alegria e a reaproximação dos últimos tempos deixariam de existir.

Em silêncio, voltou para a varanda, onde permaneceu em grande inquietação. Donana, que o observava penalizada, disse:

– Seu Lindolfo, não fique tão agastado pelo que aconteceu. Deus tem o poder de curar o seu filho. Mas, se acontecer o pior, o senhor e sua esposa são muito jovens. Deus não haverá de lhes negar a bênção de terem outros filhos. Releve a frustração do agora e pense no futuro.

Ele permaneceu em silêncio, o olhar perdido no firmamento. Donana suspirou fundo e falou:

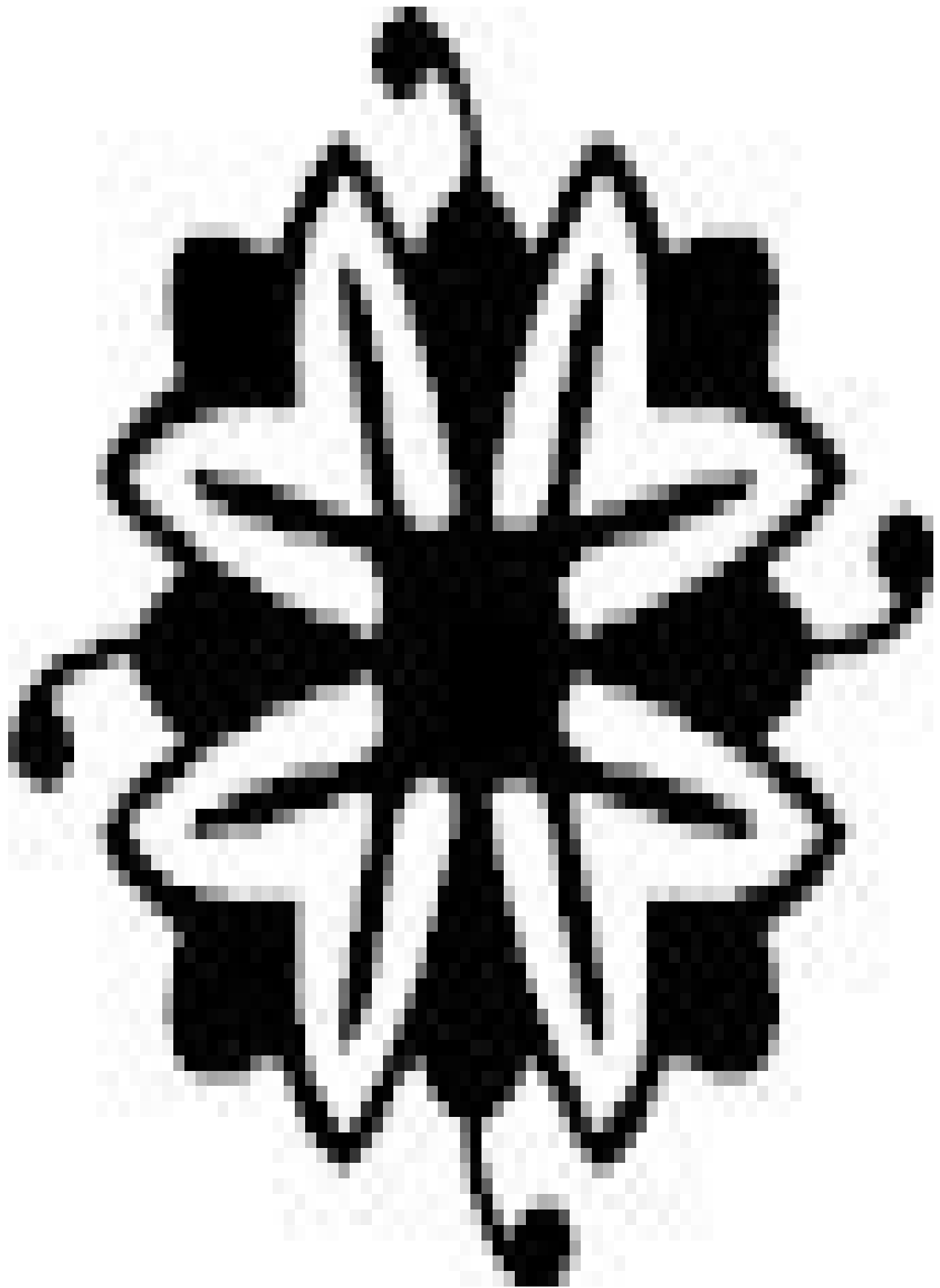
– Se o senhor achar que não há necessidade da minha presença aqui, eu gostaria de ir descansar um pouco. Mas posso voltar amanhã cedo pra ajudar no que for preciso.

– Agradeço, Donana! Quer que a leve de carro?

– De jeito nenhum – respondeu a parteira. – Estou habituada a andar a pé. Além disso, o senhor precisa fazer companhia para o seu filho e pra dona Rosana. Ah, se puder, leve amanhã mesmo a criança ao hospital.

Lindolfo a acompanhou até o portão. Depois voltou para o quarto e, examinando cuidadosamente o bebê, constatou que ele havia parado de respirar. Nesse instante, foi assaltado pelos pensamentos mais pesados, lembrando-se de como Rosana havia mudado para melhor depois da gestação.

Avaliando negativamente a questão, ele considerou a possibilidade de a esposa, movida pela frustração da perda do filho, pedir a separação conjugal e ir viver com a mãe. Foi então que um plano ardiloso começou a se delinear em sua mente e ele achou que era uma coisa perfeitamente factível.



Sem parar para refletir sobre o crime que cometia, Lindolfo pegou o corpo sem vida do bebê, colocou-o no banco da caminhonete e saiu apressado. Não demorou a chegar ao seu destino. A noite, quase totalmente às escuras, era iluminada naquele momento apenas por um fiapo de lua escondida entre as nuvens.

Como ele já esperava, a porta da residência não ofereceu resistência e foi aberta com facilidade. Lindolfo entrou sorrateiramente, ouvindo o ressonar de Carmela. No quarto, sobre a cama, viu que ela dormia pesadamente ao lado do filho recém-nascido.

Ele pegou a criança com bastante cuidado, levou-a até a caminhonete, despiu-a e a vestiu com as roupas de seu filho. Depois colocou na criança morta as roupas do filho de Carmela e voltou ao interior do casebre, depositando o corpinho morto ao lado dela. A seguir, saiu em disparada levando para casa o menino saudável que acabara de sequestrar.

## Capítulo 21

### Artimanhas

*Não se engana a Deus; não se esquiva do destino; e as provas, credoras mais implacáveis que a matilha excitada pela miséria, espreitam vosso repouso ilusório, para vos mergulhar, de repente, na agonia da verdadeira infelicidade.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 5 – item 24*

No dia seguinte, pela manhã, Donana estava se preparando para ir à casinha de Carmela a fim de conhecer o bebê e ver se ela estava precisando de algum tipo de ajuda. Depois pretendia ir à residência de Lindolfo para saber se ele tinha seguido a orientação de levar o recém-nascido ao hospital.

Quando a parteira já estava saindo, um garoto, montado em uma bicicleta, chegou até a portezinha que dava acesso ao casebre dela e começou a chamá-la.

– Donana, tenho um recado pra senhora – ele disse assim que foi atendido.

– Um recado de quem, menino? – ela perguntou se aproximando bastante dele, pois estava quase surda.

– É do seu Mauro do sítio Taquaral. Ele pediu pra senhora dar uma chegada lá o mais rápido que puder.

A parteira coçou a cabeça e perguntou:

– Uai! Será que é problema com a nora dele ou com a menina que nasceu ontem?

– Não sei, não senhora. A única coisa que me disseram foi o que lhe falei.

Acostumada àquele tipo de situação, em que pedidos de ajuda chegavam por todos os meios, Donana nem teve a curiosidade de saber quem havia mandado o menino procurá-la. Sempre disposta a servir a quem lhe pedisse auxílio, disse que iria preparar o farnel para a longa caminhada e partiria em seguida.

O menino montou na bicicleta e retornou apressadamente para o centro da cidade, pois fora essa a orientação que Lindolfo lhe passara ao dizer um pouco antes, quando o abordara na rua:

– Ei, garoto! Quer ganhar um dinheirinho?

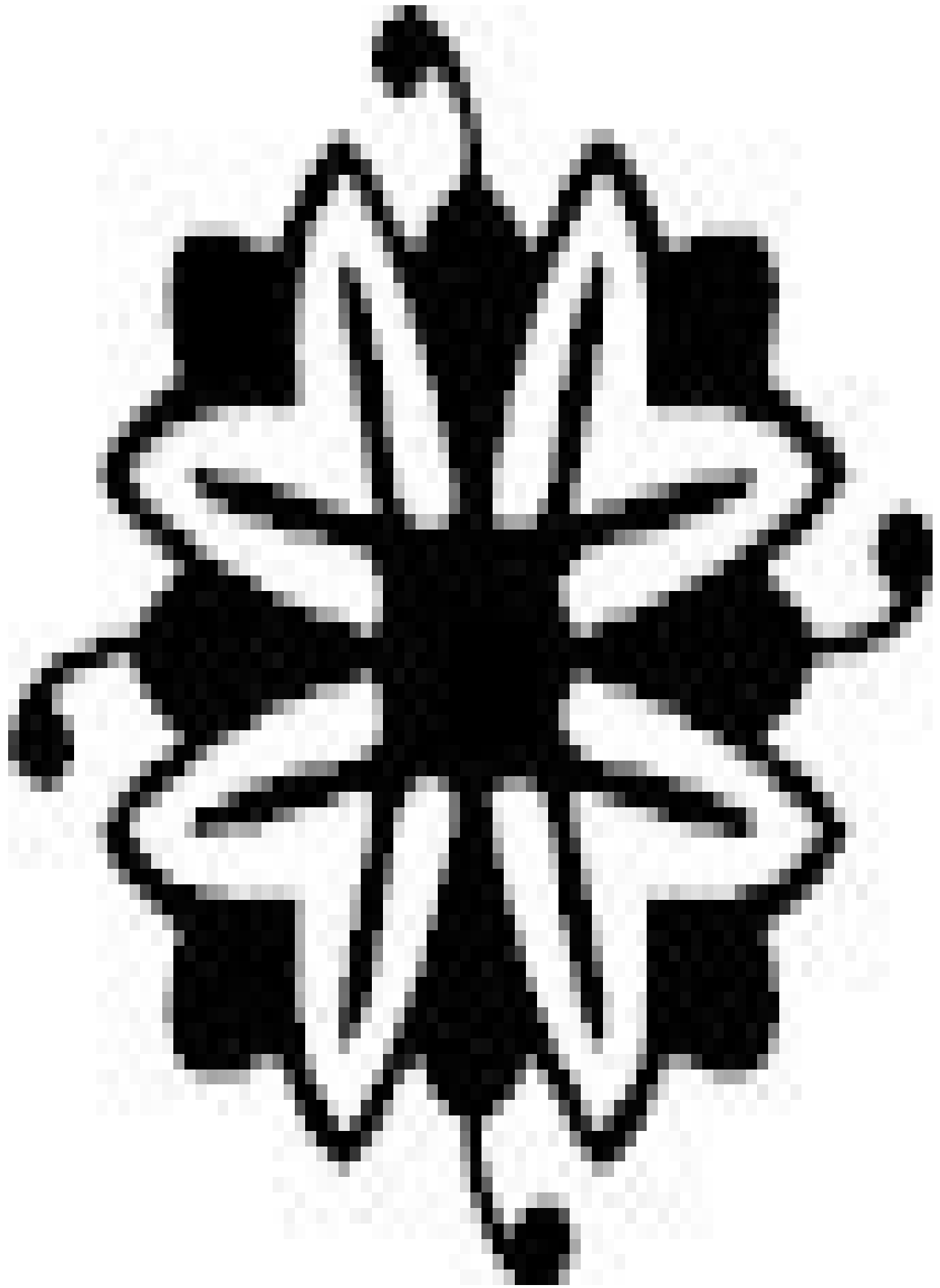
– Sim, senhor – ele respondera sorridente. – É pra fazer o quê?

– Só levar um recado para a Donana.

O rapazinho se animou ao ver as notas que Lindolfo lhe daria quando retornasse.

– Diga a ela que o seu Mauro do sítio Taquaral mandou chamá-la com urgência. Só não diga que fui eu que o mandei dar o recado, está bem?

A incumbência foi feita com presteza. Logo o menino estava de volta, informando a Lindolfo que o recado fora dado e que Donana já estava a caminho do sítio.



A parteira caminhou durante horas e, quando chegou ao destino, já estava entardecendo. Ao vê-la, o sitiante disse aliviado:

– Donana, foi Deus que a mandou aqui! Acontece que a minha neta tem chorado muito e minha nora também não deve estar se sentindo bem, porque fica chorando o tempo todo junto com a filha.

Curiosa, a benzedeira perguntou:

– Uai! Não foi o senhor que mandou me chamar?

– Não mandei ninguém lhe chamar, mas estava pensando justamente em fazer isso. Ia pedir ao meu filho que fosse lhe buscar de charrete.

Donana não acreditava em milagres, mas tinha convicção de que muitos eventos ocorridos no plano físico contavam com a participação de entidades espirituais. Ela mesma havia testemunhado inúmeras situações desse tipo e as achava perfeitamente normais.

Assim, acreditando que a visita do rapazinho à sua casa fora por obra de benfeitores espirituais, a benzedeira foi cuidar de mãe e filha sem elaborar questionamentos que julgava desnecessários.

Realmente, o quadro com que se deparou era desolador, mas nada de grave estava acontecendo. A criança chorava em desespero porque a genitora, bastante jovem e inexperiente, não estava amamentando-a o suficiente para matar-lhe a fome; e a mãe chorava por estar abalada emocionalmente, situação corriqueira no período pós-parto.

Ainda assim, atendendo ao pedido do sitiante, a parteira ficou dois dias em companhia de mãe e filha, ajudando-as a superar aquelas dificuldades iniciais. Deixando as coisas mais tranquilas por lá, aceitou a carona oferecida pelo filho do fazendeiro e retornou ao seu casebre.

No dia seguinte, bem cedo, dirigiu-se à casa de Lindolfo e foi recebida por Carmem, que lhe disse:

– Bom dia, Donana! O seu Lindolfo e a dona Rosana viajaram anteontem. Foram

levar o bebê ao médico. Segundo o patrão, foi a senhora mesma que o aconselhou a fazer isso.

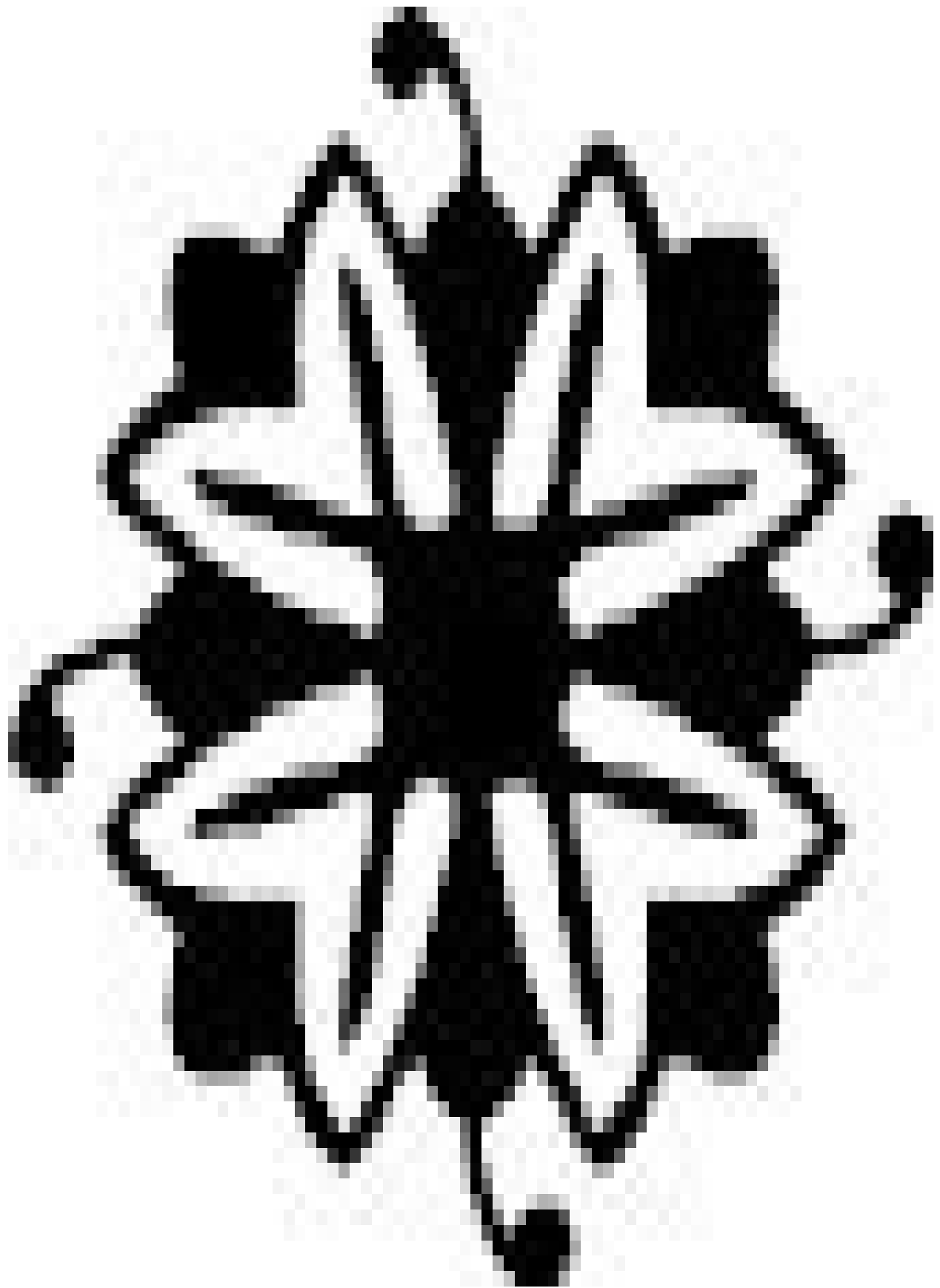
– Sim. É verdade. Mas o menino estava bem?

– Pra ser sincera, eu não sei lhe dizer. Mas acredito que não, porque senão eles não iam fazer uma viagem tão longa, sacrificando a criança e a coitada da dona Rosana num momento delicado como esse, não é mesmo?

– Pois fizeram a coisa certa – falou Donana, benzendo-se. – Que Deus os ampare e abençoe!

– A senhora quer entrar? Acabei de coar café...

– Não, minha filha. Deus lhe pague! Tenho outros afazeres me esperando. Quando seus patrões chegarem eu volto aqui.



Finalmente Donana pôde visitar Carmela e teve uma desagradável surpresa. A mulher se encontrava em um estado lastimável. Assim que viu a parteira, correu em direção a ela e a abraçou chorando escandalosamente.

– Ah, Donana! Deus levou o meu filhinho! Deus me castigou por todas as coisas erradas que eu tenho feito.

A benzedeira arregalou os olhos, afastou Carmela e a encarou ao perguntar:

– Como assim? O seu filho está morto?

– Sim, senhora – confirmou Carmela. – Ele nasceu direitinho, eu mesma cortei o cordão umbilical. Cuidei bem dele, coloquei meu filhinho na cama, ao meu lado, e peguei no sono. De madrugada, quando acordei e fui dar de mamar, meu bebê estava morto!

– Ah, meu Deus! – exclamou Donana. – E onde está o corpinho dele?

– Foi sepultado ontem. O pessoal da prefeitura e da funerária cuidou de tudo pra mim... Não tive nem coragem de acompanhar o enterro, Donana. Estou arrasada. Queria tanto o meu filhinho. Havia prometido que ele ia ficar comigo, que desta vez eu não ia dar ele pra ninguém...

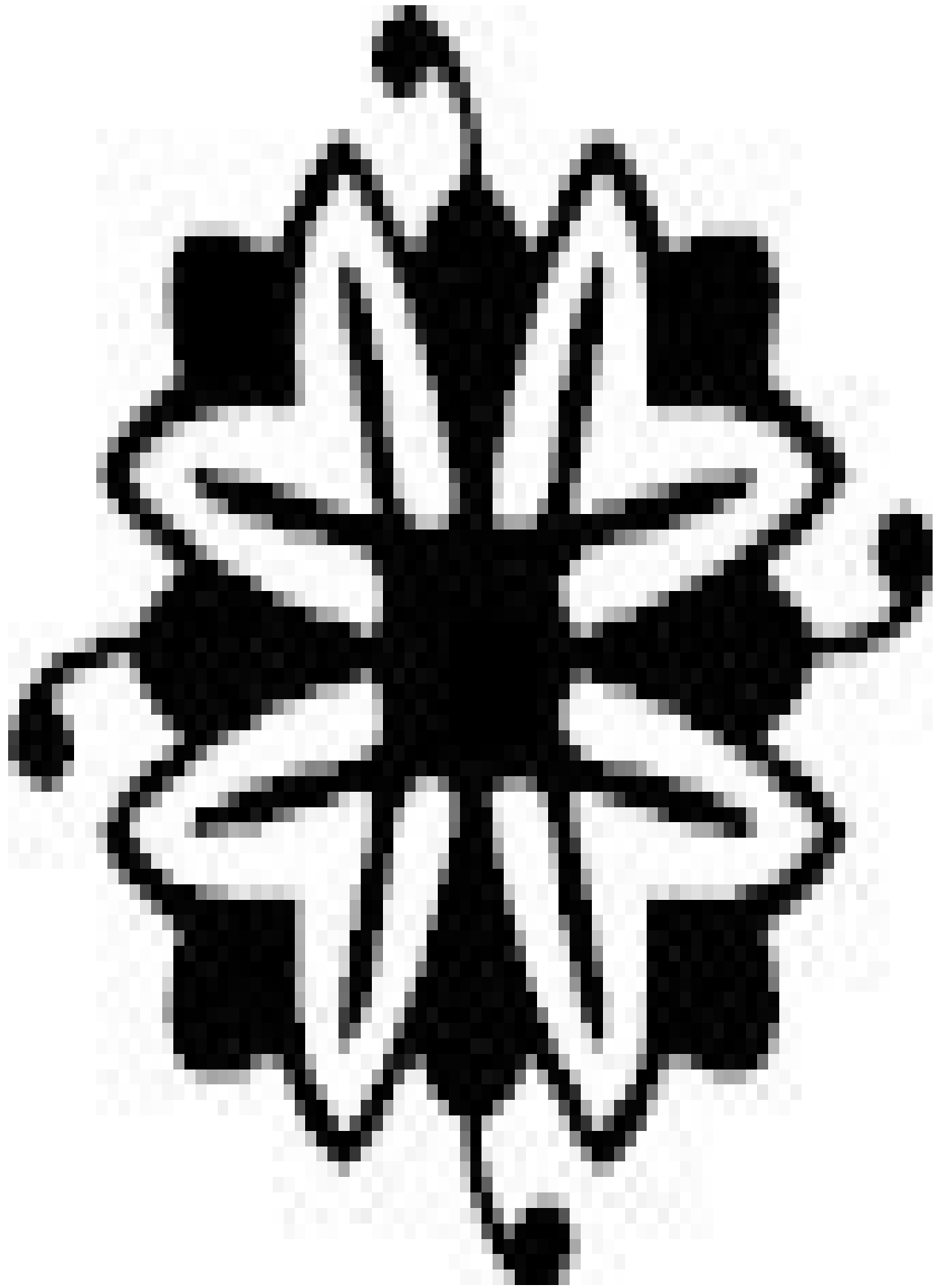
E a infeliz mulher, abraçada a Donana, ficou chorando por um longo tempo. Com paciência e compaixão, a parteira a confortou. Enquanto amparava Carmela, Donana tentava espantar uns pensamentos tenebrosos que lhe passavam pela cabeça, pois a suspeita sugestionada era grave demais para ser levada em conta.

Donana passou algum tempo ao lado daquela mãe desesperada e, vendo que ela continuava bastante abalada, disse-lhe:

– Carmela, pegue algumas roupas e objetos pessoais do seu uso. Você vai ficar uns dias em minha casa, está bem?

Bastante fragilizada, a mulher a obedeceu sem resistência. Colocou suas poucas coisas em uma trouxa e, em passos vacilantes, acompanhou Donana.





Nos dias seguintes, Carmela entrou em um estado emocional bastante crítico e Donana fazia de tudo para ajudá-la. Aconselhava-a, envolvia-a em preces e a medicava com as beberagens sedativas que sabia preparar, mas o efeito de tamanha dedicação era quase nulo.

Num dia em que a mulher se mostrou mais equilibrada e pegou no sono, a parteira saiu em busca de notícias sobre Lindolfo, mas não o encontrou. A informação que lhe deram foi a de que ele continuava em viagem, cuidando da saúde do filho.

Então Donana ficou mais conformada, achando que a desconfiança que tivera em relação aos fatos ocorridos naqueles dias não tinha razão de ser. Lindolfo não iria passar tanto tempo longe de casa e do trabalho se seu filho não estivesse realmente necessitado de cuidados médicos.

Somente duas semanas depois o casal retornou para casa. Lindolfo e Rosana estavam felizes, pois o filho, que recebera o nome de Renato, encontrava-se saudável e risonho.

Assim que soube da novidade, Donana foi visitar Rosana e pôde comprovar que a criança havia se desenvolvido bastante. Aproveitando que Lindolfo não estava em casa, encheu a jovem mãe de perguntas:

– E então, dona Rosana, qual foi o diagnóstico do médico?

– Ele disse que o Renatinho estava com icterícia.

– Uai, apenas isso?

– Sim. A senhora acha pouco?

– Não... É que eu pensei que fosse alguma coisa mais grave.

– Bem, para mim se tratava de algo grave. Tanto é que o tratamento foi demorado.

Donana achou tudo aquilo bem estranho e, na primeira oportunidade que teve de falar a sós com Lindolfo, tentou descobrir alguma coisa.

– Seu Lindolfo, eu soube que o problema de saúde do seu filho era apenas uma icterícia.

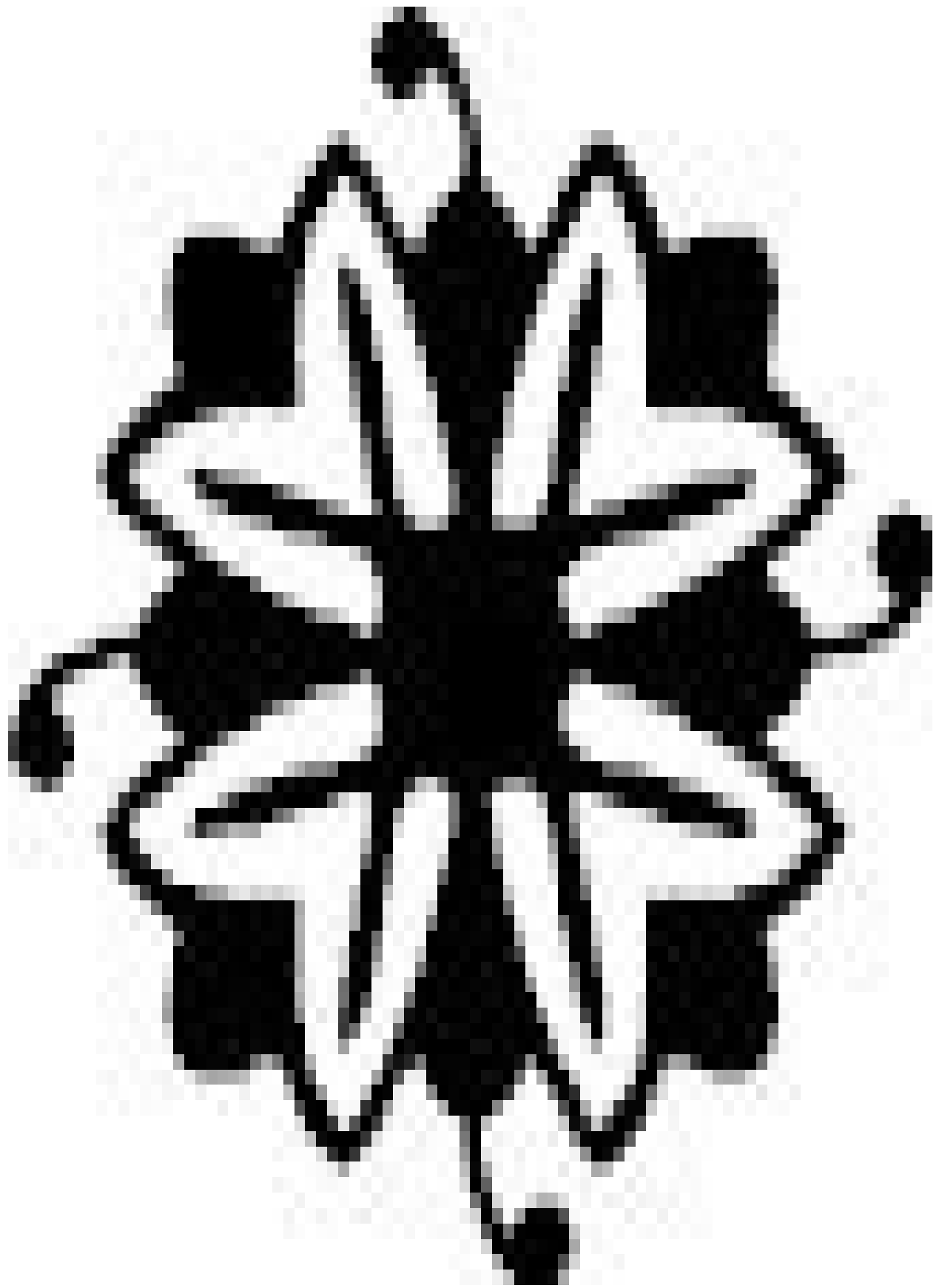
Ele respondeu em voz baixa, como se estivesse confidenciando um segredo:

– Donana, a doença do Renatinho era bem mais grave do que isso. Na verdade, havia a suspeita de que ele estivesse com meningite.

– Meningite? – Donana perguntou enquanto o olhava com desconfiança. – Mas não foi isso que a dona Rosana me disse.

– Ela não falou nada sobre a gravidade do problema porque não sabe desse detalhe – Lindolfo respondeu tentando impor segurança à voz. – Não contei à minha esposa, porque fiquei com medo de que ela passasse mal com o excesso de preocupação. Consegui, inclusive, convencer o médico a omitir a verdade. Aliás, gostaria de pedir a mesma coisa à senhora. Embora o menino já esteja curado, Rosana pode sofrer algum abalo psicológico se souber que o nosso filho não nasceu saudável como esperávamos.

Donana o encarou por um longo tempo, em silêncio. Depois virou as costas e foi embora sem nada dizer. Ela sabia que algo naquela história estava em desacordo, mas não dispunha de provas para fazer acusações.



Ocorre que, no dia seguinte ao nascimento da criança, Lindolfo havia convencido Rosana a viajar em busca de um hospital para cuidar da saúde do bebê, alegando que fora uma advertência da própria Donana, o que não deixava de ser uma meia verdade.

Mesmo não notando nada de irregular com a criança, Rosana, submissa como sempre e inexperiente no papel de mãe, não ousou contestar a decisão do marido. Assim, os dois partiram para o município onde havia o hospital. Ali o bebê foi submetido a exames, pois Lindolfo relatou ao médico que a parteira tinha percebido sinais de anomalia no menino e aconselhado que o levassem com urgência a um hospital.

– É uma moléstia simples que o seu filho tem – o médico disse a Lindolfo. – A icterícia pode ser tratada em casa mesmo. Não há necessidade de ficar internado.

– Mas, doutor, eu gostaria muito que ele ficasse em observação por alguns dias. Só para termos certeza de que nada de ruim vai acontecer ao menino. Minha esposa é muito sensível emocionalmente e não vai ficar em paz com a criança nesse estado.

Ao dizer isso, Lindolfo tirou do bolso uma boa soma em dinheiro e passou a contar as cédulas sob o olhar atônito do médico, que era bastante jovem. Lindolfo sabia o risco que estava correndo, pois poderia ser denunciado por tentativa de suborno e ter de explicar às autoridades a razão de tal atitude. Mas ele contava com a sorte que sempre parecera estar ao seu lado e reforçou o pedido com uma dramática atuação.

– Doutor, eu peço que me perdoe, porém não vejo saída – suplicou com fingida voz de choro. – Eu pago o que for preciso, mas quero que meu filho e minha esposa fiquem internados aqui, só para que ela se sinta mais segura. Viemos de muito longe e não podemos simplesmente voltar para casa como se nada houvesse acontecido.

O médico achou tudo aquilo muito estranho, mas Lindolfo estava certo ao pensar que o plano iria funcionar. O jovem doutor era bastante ambicioso e optara pela profissão com o intuito de montar sua própria clínica e enriquecer o mais rapidamente possível. Assim, diante da oportunidade de ganhar dinheiro fácil, apenas perguntou:

– O senhor não vai me meter em nenhuma enrascada, vai?

– De jeito nenhum – respondeu Lindolfo com bastante ênfase. – As razões pelas quais lhe faço este apelo são exatamente essas que relatei. Nada mais que isso.

Depois de pensar um pouco, o médico falou quanto custaria o tal “favor” e recebeu o pagamento de imediato. A seguir, emitiu uma ordem de internação para mãe e filho por motivos que Lindolfo nem se deu ao trabalho de saber quais eram.

Foi desse modo que Rosana e o bebê ficaram internados por duas semanas. Durante esses dias, Lindolfo, que havia pedido um afastamento do trabalho alegando problemas de saúde com o filho recém-nascido, hospedou-se em um hotel que ficava próximo ao hospital e fazia visitas diárias aos dois.

## Capítulo 22

### Depressão

*Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se contradiz; é o mesmo diante do mundo e na intimidade; ele sabe, aliás, que, se pode enganar os homens, pelas aparências, não pode enganar a Deus.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 9 – item 6*

Foi um período de paz e alegrias para Lindolfo e Rosana ao lado do bebê saudável e risonho que se desenvolvia a olhos vistos. Porém, um dia, certo acontecimento deixou Lindolfo preocupado. Ele estava recostado no balcão do armazém, fazendo algumas compras. Encontrava-se de costas para a rua. De repente, o rapazinho que o atendia lançou um olhar sobre os ombros dele, deu uma risada de deboche e disse:

– Ah, essa Donana! Deve estar caducando mesmo...

Lindolfo se surpreendeu ao ouvir o nome da parteira. Ele não a via desde a conversa que haviam tido a respeito da saúde do menino.

– Por que está dizendo isto? – perguntou ao balconista, tentando disfarçar a inquietação.

Joca voltou a rir.

– Ela estava entrando aqui. Vinha distraída, contando umas moedas. Quando olhou pra nós, estacou ali na porta, arregalou os olhos, benzeu-se e saiu em disparada, como se tivesse visto o diabo aqui dentro. Eu acho que essa velha já passou da hora de esticar as canelas...

Donana, pela importância dos trabalhos realizados voluntariamente, indo de casa em casa, atendendo às parturientes, compensando a ausência médica sem cobrar um centavo, deveria ser mais respeitada. Mas as pessoas, de modo geral, não lhe tinham muita consideração, lembrando-se dela apenas quando precisavam de seus préstimos.

Depois que saiu do estabelecimento, Lindolfo ficou de prontidão, discretamente escondido atrás do jacarandá da praça. Ficou observando o que a parteira iria fazer. Realmente a atitude da mulher o deixara com uma pulga atrás da orelha.

Poucos minutos depois de sua saída, Donana voltou ao armazém. Demorou-se pouco tempo no interior da loja e saiu carregando uma pequena sacola com os mantimentos que havia adquirido.

Donana fazia o trajeto até sua casinha sempre a pé, pois ninguém costumava transitar de veículo por aquela estradinha horrível, cheia de buracos em tempos de seca e de lama em época de temporais. Vendo que ela estava indo para casa,

Lindolfo deixou que seguisse. Alguns minutos depois entrou na caminhonete e foi atrás. Alcançou-a meio quilômetro adiante. Ao ouvir o ronco do motor, a parteira foi para o canto do caminho a fim de dar passagem, mas Lindolfo parou ao lado dela, abriu a porta do carona e disse:

– Donana, entre aqui.

Ela reagiu contrariada, depois de olhá-lo com desconfiança:

– Não, senhor.

– Quer fazer o favor de entrar? Preciso lhe falar... – ele insistiu.

Ela apertou o passo.

– Não tenho assunto com o senhor. É melhor que siga seu caminho.

Aborrecido, Lindolfo desceu do veículo e pôs-se a caminhar ao lado dela.

– Por que está com raiva de mim? O que eu lhe fiz de mal?

Donana finalmente parou e voltou a encará-lo.

– E o senhor ainda pergunta? Não tem noção da desgraceira que aprontou?

Ele a segurou pelo punho da blusa.

– Do que a senhora está me acusando, afinal? O que foi que eu fiz?

– Seu Lindolfo, eu não tenho como provar, mas sei que o menino que está em sua casa não é o mesmo que eu acolhi nos braços na hora do nascimento.

Ele sentiu um baque ao ouvir aquelas palavras, mas não deu o braço a torcer.

– Donana, a senhora deve estar caducando. Eu só não vou levar a sério essa acusação infundada por consideração e em respeito à sua idade avançada.

Ela suspirou profundamente, olhou-o com um pouco mais de serenidade e falou:

– Está bem.

– O que é que está bem? – Lindolfo perguntou cheio de cisma.

– A carona, uai! O senhor não me ofereceu uma carona? Pois bem, eu vou aceitar.

Os dois voltaram até onde a caminhonete ficara estacionada, entraram no carro e seguiram em silêncio. Lindolfo queria dizer alguma coisa sensata, mas não encontrava palavras, e Donana não fazia a menor questão de encorajá-lo.

Numa situação normal, ele poderia discorrer sobre o tempo, a ausência de chuvas nos últimos tempos, a geada que havia calcinado a pastagem, transformando-a em um imenso tapete amarronzado. Poderia falar sobre a magreza do gado que andava comendo poeira junto com a raiz do que sobrara de relva em um canto ou outro... Mas não havia clima para um diálogo ameno e trivial entre os dois.

Chegando ao casebre, Donana finalmente quebrou o silêncio, dizendo enquanto descia do veículo:

– Faça o favor de me acompanhar.

– Não há necessidade – Lindolfo respondeu. – Podemos conversar aqui fora mesmo.

A idosa o encarou de modo firme e circunspecto.

– Eu não lhe obedeci? Não aceitei a carona? Não entrei no seu carro? Agora eu faço questão que o senhor me obedeça e entre comigo em minha casa.

Surpreendido pela inflexibilidade com que a benzedeira o tratou, Lindolfo aquiesceu e só então entendeu a razão de tudo aquilo. Donana o conduziu ao único quartinho que havia na pequena moradia e ele levou um susto ao ver Carmela deitada sobre um colchão de palhas que fora estendido no piso sobre umas peles curtidas para evitar a friagem.

Carmela parecia um cadáver; magérrima, os olhos fundos, a pele amarelada...

– O que essa mulher está fazendo aqui? – ele perguntou sobressaltado.

Donana ajeitou o cobertorzinho que estava em desalinho, expondo os cambitos

magros da enferma, e respondeu:

– Ela está doente e eu estou cuidando dela, uai. Se não a tivesse trazido pra cá, a pobrezinha já teria morrido.

Lindolfo segurou no braço da parteira e a arrastou de volta para o quintal, onde falou cheio de razão:

– Donana, a senhora está equivocada quando me acusa de ter feito o que não fiz. Mas, se houvesse feito, eu teria prestado um grande serviço a Carmela e ao filho dela. Como é que uma mulher nessas condições iria cuidar de um recém-nascido?

A idosa meneou a cabeça negativamente.

– O senhor não está entendendo nada, seu Lindolfo, ou finge não entender porque precisa aliviar o peso na consciência. Carmela ficou assim depois que o seu filho foi enterrado como se fosse o menino dela. A doença que essa pobre coitada tem chama-se tristeza... E ela vai morrer por causa dessa confusão que o senhor arranjou por puro egoísmo.

Lindolfo fez um gesto de descaso com as mãos, depois voltou as duas palmas para o alto e tentou se justificar.

– Se Carmela morrer é porque chegou a hora, Donana. Quando a morte vem, todos nós temos que nos conformar e acatar o destino. Fazer o quê?

A parteira chegou bem perto e flechou os olhos dele com um olhar de desprezo.

– É mesmo, seu Lindolfo? Então por que o senhor não se conformou com a morte do seu filho? Ou achou que no caso dele a morte chegou antes da hora? Dois pesos, duas medidas, seu Lindolfo?

A vontade que ele teve naquele momento foi de esganar Donana, já que não possuía uma resposta sensata para rebater tais acusações. Embora continuasse insistindo que ela o acusava injustamente, Lindolfo era traído por gestos e expressões que a sábia e experiente mulher percebia com clareza.

Quando cuidou de Roseli, no dia em que seu Djalma fora até seu casebre em busca de ajuda, Donana ficara sabendo da participação de Lindolfo na morte da

filha do ferroviário. Soube que o desejo de vingança que Roseli expunha era direcionado a ele e só não revelou essa informação por uma questão de caridade ética e para não correr o risco de provocar mais desgraças.

Meses depois, a benzedeira cuidou de seu Djalma, que, após o trágico desencarne, encontrava-se também perdido no plano espiritual. Com preces fervorosas e as faculdades mediúnicas direcionadas ao caridoso resgate, ela conseguiu entrar em sintonia mental com o ferroviário e acalmá-lo. Seu Djalma, que era um homem pacífico e confiante na justiça divina, aceitou ser acolhido pelas equipes socorristas e teve o sofrimento atenuado, mas a benzedeira percebeu os liames formados por sentimentos negativos que o ligavam a Lindolfo.

Donana sabia que o homem que estava à sua frente colocava a paixão por Rosana acima de qualquer coisa. Por aquele sentimento abrasivo, que o deixava tão desassossegado, ele cometia os maiores desatinos sem pestanejar. Depois, à semelhança da ação de um apagador sobre a escrita do giz em um quadro-negro, ele simplesmente eliminava o registro deixado em suas lembranças. Se não pensasse naquilo, era como se nunca houvesse acontecido.

Como Lindolfo continuasse em silêncio depois da pergunta que Donana havia feito, ela o advertiu:

– Ainda está em tempo de corrigir este erro. Se o senhor voltar atrás, se decidir colocar tudo em pratos limpos, eu prometo que ficarei do seu lado e o ajudarei no que for necessário para abrandar as consequências do seu ato. O que me diz?

– O quê? Você só pode estar louca – ele respondeu girando o dedo indicador ao lado da própria cabeça para ilustrar a suposta loucura de Donana. – Acha que, se eu tivesse feito mesmo a asneira de que me acusa, iria desistir só porque aquela infeliz está acamada?

– Então não temos mais o que conversar – a idosa disse virando as costas e seguindo em direção ao casebre.

Lindolfo pensou em impedi-la, mas desistiu. Convenceu-se de que era impossível que entrassem em um acordo.

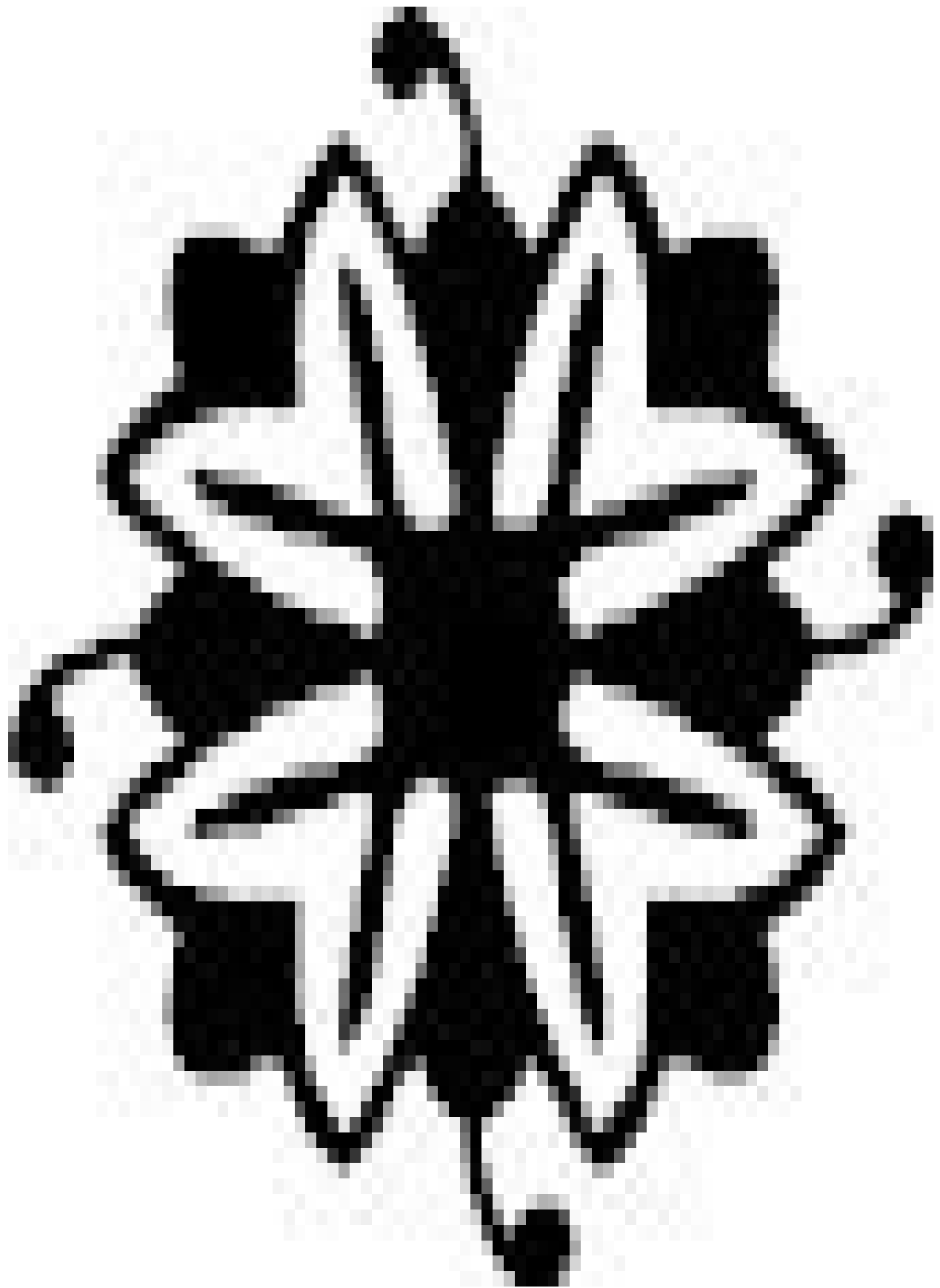
– A senhora não precisa ter raiva de mim – ele falou por falar, enquanto entrava na caminhonete. Na verdade, pouco se importava com o tipo de sentimento que a

parteira lhe dispensasse, contanto que não lhe complicasse a vida.

Porém, a resposta de Donana o surpreendeu:

– Não sinto raiva do senhor, seu Lindolfo. Sinto pena. Quem está complicando a sua vida é o senhor mesmo, uai.

Donana entrou, fechou a porta do casebre e passou a tramela por dentro. Não queria dar a ele a chance de voltar e tentar convencê-la de uma inocência que ela sabia não existir.



Depois daquele evento, Lindolfo não voltou a se encontrar com Donana, mas ficou sabendo, na semana seguinte, que Carmela havia desistido de viver. Entregue a uma prostração irremediável, recusando-se a se alimentar e até mesmo a tomar água, acabara definhando.

Em vez de se sentir culpado, ele ficou ainda mais convencido de haver tomado a decisão correta ao fazer a troca dos bebês. Em seu pragmático raciocínio, havia oferecido um abastado lar à criança saudável e colocado o menino morto nos braços de uma mulher que já estava prestes a morrer também.

Alguns meses depois foi a vez de Donana despedir-se do plano material. Faleceu enquanto dormia solitariamente em seu casebre. Apesar de haver ajudado tanta gente, quase não houve comentários sobre o falecimento da benzedeira. O velório do corpo foi assistido por meia dúzia de pessoas, as mesmas que acompanharam o sepultamento no dia seguinte.

O único arrependimento que a benzedeira levou para o além-túmulo foi o de não ter se empenhado mais para que o crime cometido por Lindolfo fosse desvendado. Durante aquele curto período de convivência com Carmela, Donana acabou descobrindo que ela era portadora de uma grave doença e que lhe restava pouco tempo de vida quando trouxe o filho ao mundo, mas sabia também que o desgosto de acreditar que o menino houvesse morrido contribuiu para que a desencarnação se antecipasse.

Nessa ocasião, a partir de um convênio firmado entre o município, por iniciativa de um jovem prefeito recém-empossado e autoridades estaduais, um hospital foi construído naquela cidade. Tinha uma estrutura limitada e o médico só atendia à população local dois dias por semana. Entretanto, um quadro funcional formado por enfermeiros e auxiliares estava sempre a postos, assim como uma ambulância para, se necessário, transportar os portadores de doenças graves a cidades maiores, onde o sistema de saúde era mais eficiente.

Iniciava-se naquelas pequenas cidades o fim das ações de pessoas como Donana, que, colocando em prática o que aprendera com os antepassados, exercia um tipo de medicina baseada no conhecimento popular e no nobre desejo de servir ao próximo.

## Capítulo 23

### Tristeza

*Há pessoas que, sem serem positivamente más, tornam infelizes todos aqueles que as cercam, pelo seu caráter; qual é para elas a consequência?*

*Essas pessoas, seguramente, não são boas, e o expiarão pela visão daqueles que tornaram infelizes, e isso será para elas uma censura. Depois, numa outra existência, suportarão o que fizeram suportar.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 989*

Dona Emma estava vivendo a grande distância de Rosana. Fora acolhida na casa de sua irmã caçula. Valquíria havia se casado bem jovem, com o primeiro namorado, e fora viver em uma cidadezinha minúscula ao norte do estado de Minas, próximo à divisa com a Bahia, onde o marido havia adquirido uma propriedade rural.

A vida a dois durou pouco tempo, pois ela ficou viúva com apenas cinco anos de casada. O esposo se desentendera com um vizinho por questões ligadas à divisa de terras e, depois de muitas discussões e ameaças recíprocas, apareceu morto, vítima de uma emboscada em que levou diversos tiros. Um dos assassinos, ao ser detido pela polícia, informou ter sido contratado pelo tal vizinho, que simplesmente desapareceu no mundo. As terras que faziam divisa com o sítio acabaram abandonadas e viraram um capoeirão improdutivo.

Sozinha, com duas filhas para criar, Valquíria enfrentou muitas dificuldades, mas se mostrou forte e determinada. Manteve as atividades do sítio e conseguiu até ampliar os domínios da propriedade. Luana, a filha mais nova, casou-se com um comerciante e passou a morar no centro da cidade. A filha mais velha, Joelma, que optara por ficar solteirona, jamais se separou da mãe e a ajudava nas infindáveis tarefas do sítio.

Quando dona Emma se encontrou com a irmã, achou-a bem diferente desde a última vez em que se viram. Apesar de demonstrar alegria por recebê-la, Valquíria estava visivelmente abatida, com uma sombra de tristeza no semblante. Porém, por mais que questionasse, dona Emma não conseguiu descobrir nada que justificasse suas suspeitas. Foi Joelma que acabou contando o que se passava.

– A mamãe está triste por causa do Toninho – a moça comentou com a tia, num momento em que as duas se encontravam a sós.

– E quem é Toninho? – perguntou dona Emma.

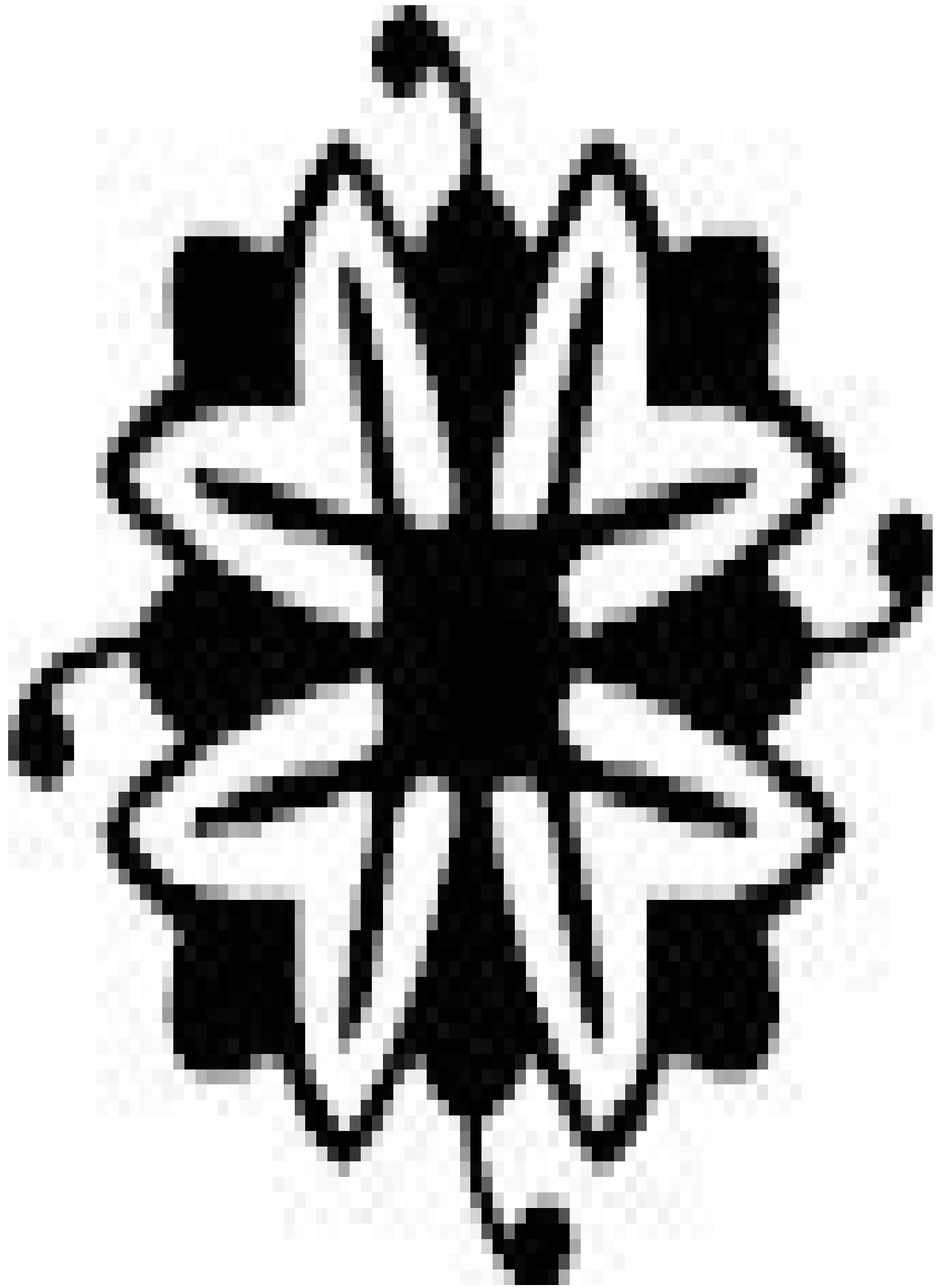
A sobrinha explicou que se tratava de um rapaz por quem Valquíria estava apaixonada. De vez em quando ele dava as caras no sítio, passava algum tempo por lá prometendo permanecer e aquecendo o leito da viúva. Depois pedia dinheiro, alegando necessidade de viajar, e desaparecia. Nessas ausências, a sitiante se tornava melancólica e saudosa.

Alojada em um cômodo da casa de sua irmã, dona Emma passou a ser dominada por uma saudade imensa da vida que tivera ao lado da família. Sonhava quase todas as noites com o marido e com as filhas. Acordava de madrugada e ficava remoendo lembranças do tempo em que viviam juntos. Era impressionante como situações corriqueiras, que muitas vezes passavam despercebidas, mostravam-se agora valiosas e sentimentais.

Ela rememorava o início da vida de casada, o nascimento das meninas, o sofrimento pela doença de Roseli e a superação das dificuldades, sempre contando com o amparo incondicional do esposo, único homem que amou na vida. Dona Emma chorava baixinho no silêncio das madrugadas e buscava algo em que se agarrar para se manter otimista diante das incertezas do futuro. Roseli e seu Djalma estavam mortos, mas Rosana, não. Aliás, será que a filha já não estaria grávida? Um netinho àquelas alturas da vida seria algo maravilhoso, pensava.

E foi assim que dona Emma começou a considerar a possibilidade de fazer o caminho de volta. Havia contrariado a filha e estava certa de que a convivência com o genro, que de repente passara a se comportar de modo arrogante e insolente, não seria um mar de rosas. Entretanto, o fato de estar junto a Rosana e a probabilidade de acolher no colo um netinho poderiam lhe restituir a alegria de viver.

Foi pensando assim que ela resolveu escrever à filha falando sobre sua decisão. Dependendo da resposta que recebesse, iria providenciar o retorno.



Lindolfo estava saindo de casa quando se deparou com o carteiro, que ia depositar a correspondência na caixa de correios.

– Não precisa colocar aí – ele disse estendendo a mão. – Pode deixar isso comigo.

Lindolfo viu que em meio às cartas havia uma endereçada a Rosana. Observando que fora enviada por dona Emma, guardou-a no bolso e a levou consigo. Quando leu o que ali estava escrito, não gostou nem um pouco. Depois de uma longa explanação em que se queixava de saudade, dona Emma assim finalizava:

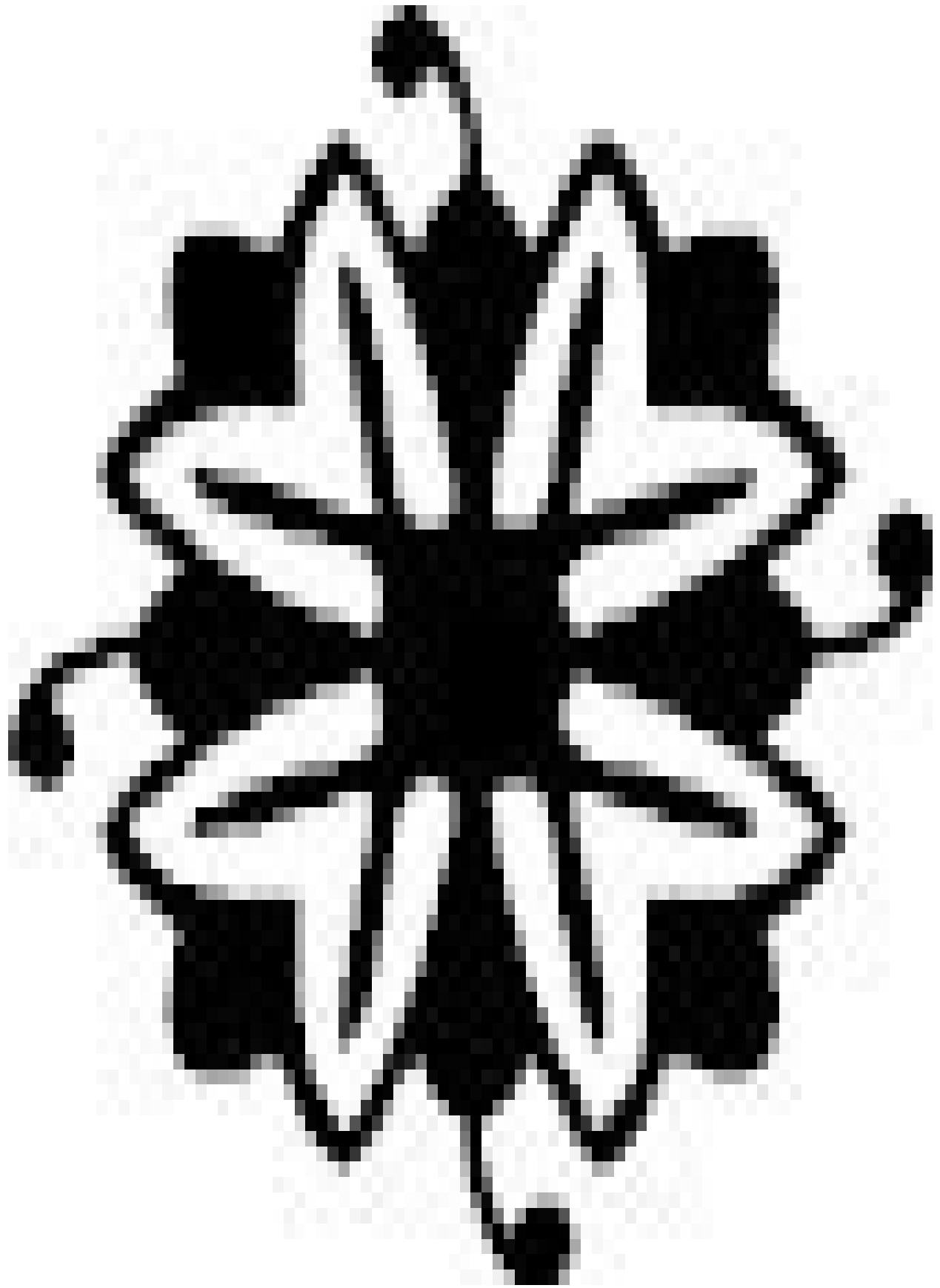
*Rosana, minha filha. Estou pensando seriamente em reconsiderar a minha decisão e voltar para junto de você. Tenho pensado muito em nossa família e acho que não agi com bom senso. Deveria ter ouvido o seu conselho e ficado aí mesmo. O que você acha? Vou ficar aguardando ansiosamente a sua resposta.*

Lindolfo ficou tão irritado com a possibilidade de ter que aturar a presença da sogra em sua casa novamente, que não pensou duas vezes antes de rasgar a carta em pedacinhos bem miúdos e jogá-los numa lixeira. Depois deu um jeito de se encontrar com o carteiro, que era um velho conhecido, e pedir a ele que a partir daquele dia não entregasse mais a correspondência em sua casa.

– Estou tendo uns probleminhas de ordem pessoal e gostaria que você não deixasse mais as cartas em minha residência. Deixe que eu vá buscá-las na agência dos correios, por favor.

O carteiro ameaçou perguntar a razão, mas, diante da bela gorjeta que recebeu, apenas disse com um largo sorriso:

– Deixa comigo, seu Lindolfo. A partir de agora farei desse modo.



Passado pouco mais de um mês, outra carta de dona Emma chegou às mãos de Lindolfo. Ela praticamente repetia as palavras e perguntava a Rosana se ela não havia recebido a correspondência anterior. O destino dessa carta foi o mesmo da outra: transformada em pequeninos pedaços e atirada ao lixo. Depois da terceira carta de dona Emma, recebida alguns meses mais tarde e que teve o mesmo destino das anteriores, Lindolfo não voltou a receber mais nenhuma.

Rosana havia implorado inúmeras vezes que o marido a levasse para visitar a mãe, de quem sentia imensa saudade. Ela não ousava pedir que Lindolfo a deixasse viajar sozinha, pois tinha perfeita noção de que, se o fizesse, acabaria provocando mais uma daquelas insuportáveis crises de ciúme.

No início, Lindolfo inventava desculpas e prometia que em breve os dois fariam a tal viagem. Entretanto, com o passar do tempo e como ele ficou sem paciência para ampliar o repertório de desculpas, os pedidos de Rosana também se tornaram motivo para brigas.

– Por que você quer ver aquela mulher desnaturada, que abandonou a única filha para viver naquele fim de mundo? – ele perguntou num dia em que estava irritado com a insistência da esposa.

Rosana tentou argumentar. Disse que o que afastara dona Emma de seu convívio fora o relacionamento conturbado entre os dois.

– Se não fosse pelas discussões agressivas que você e mamãe travavam todos os dias, ela estaria aqui conosco. Eu tenho certeza de que ela não está feliz e...

– Discussões que ela provocava – o marido a interrompeu com o dedo em riste. – Se sua mãe fosse menos ranzinza e tivesse mais humildade, teria se colocado no lugar de subalterna e não iria se arvorar a querer mandar aqui, como se fosse ela a dona da casa.

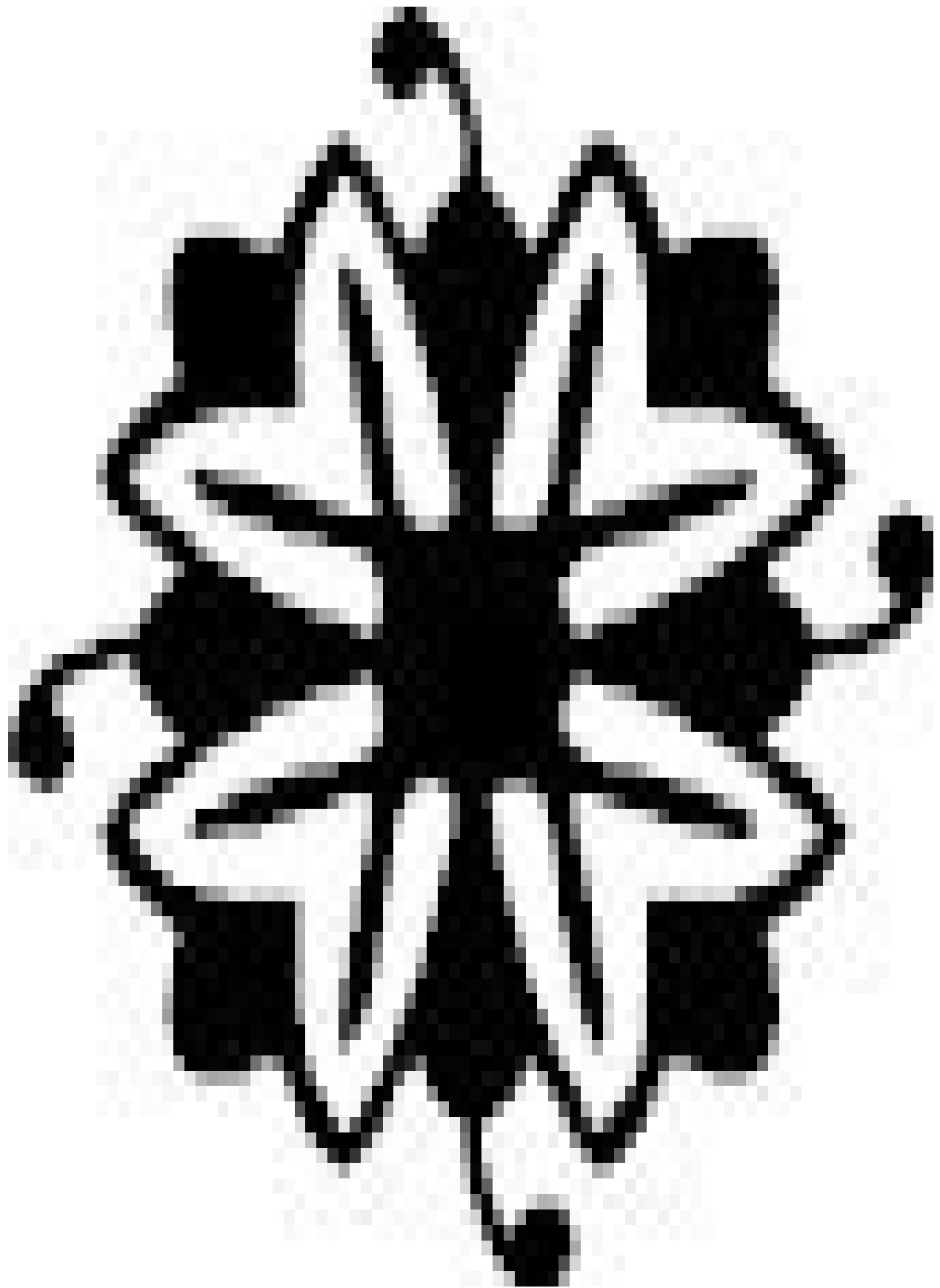
Todos os argumentos colocados pela esposa eram imediatamente rebatidos por ele. E essas conversas geraram tanto desgaste, que Rosana, mais uma vez se deixando vencer pelo temperamento impositivo do marido, parou de tocar no assunto.

Para ter um pouco de paz na própria consciência, Rosana se convenceu de que

talvez Lindolfo não estivesse tão errado. Dona Emma fora embora por vontade própria. Se um dia sentisse saudade, seria recebida de braços abertos, mas a iniciativa do retorno deveria partir também de quem havia tomado a decisão de se afastar.

Com esse pensamento devidamente ajustado em sua mente, Rosana acabou alojando a lembrança da mãe na mesma gaveta mental onde se encontravam as recordações da irmã e do pai. Já que dona Emma não demonstrava arrependimento por ter partido e não voltava a procurá-la, ela deveria aprender a conviver com mais aquela ausência.

Percebendo a desistência da esposa, Lindolfo mais uma vez se congratulou, sem conseguir evitar a sensação de ter se saído vitorioso em mais uma batalha para fazer valer as suas vontades, em detrimento dos anseios da pessoa a quem dizia amar.



Sempre que Valquíria deixava o sítio para ir à casa da filha caçula, na cidade, dona Emma pedia para ver se tinha chegado carta de Rosana, pois o endereço enviado era o dela, uma vez que os correios não entregavam correspondência na zona rural.

Sem obter resposta da filha, dona Emma passou a ter as madrugadas ainda mais inquietas e insones. As imagens da família reunida à mesa de refeições, os momentos de descontração em seu antigo lar e até mesmo os pequenos aborrecimentos diários eram agora motivo de saudade e tristeza. A viúva chorava muito e acordava com os olhos inchados e vermelhos.

Um dia, bem cedo, percebendo-lhe o aspecto de amargura no semblante, Valquíria perguntou:

– Que está acontecendo com você, minha irmã? Pelo jeito, não está conseguindo dormir direito.

Com voz desanimada, dona Emma falou da preocupação com Rosana e terminou dizendo:

– Já mandei três cartas para a minha filha, mas ela não respondeu nenhuma.

– Por que você não viaja pra lá e vai ver pessoalmente o que está acontecendo?

– Não posso – respondeu dona Emma. – Tenho medo de sofrer uma grande decepção e me sentir ainda pior do que já estou.

– Ora, minha irmã, se as coisas piorarem, você volta. Minha casa estará sempre aberta pra você.

– Eu agradeço, Valquíria, mas não é bem assim – ela respondeu melancólica. – Estou ficando velha e não tenho condições emocionais de enfrentar mais desavenças. Prefiro ficar aqui mesmo, bem quietinha, e deixar que Deus tome conta do meu destino.

– Não acredito que Deus fique vigiando as nossas vidas o tempo todo, nem faz o que compete a nós fazermos – a irmã observou. – Eu penso que Ele nos oferece a oportunidade de escolha e deixa que caminhemos com nossas próprias pernas.

Dona Emma ficou em silêncio depois de ouvir as palavras de Valquíria, que ficaram ecoando em sua mente. A vida estava se tornando para ela um grande vazio para cujo preenchimento as companhias da irmã e da sobrinha eram insuficientes.

## Capítulo 24

### Escuridão

*A inveja e o ciúme! Felizes aqueles que não conhecem esses dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme, não há calma, nem repouso possível para aquele que está atacado desse mal: os objetos de sua cobiça, de seu ódio, de seu despeito, se levantam diante dele como fantasmas que não lhe dão*

*nenhuma trégua e o perseguem até no sono.*

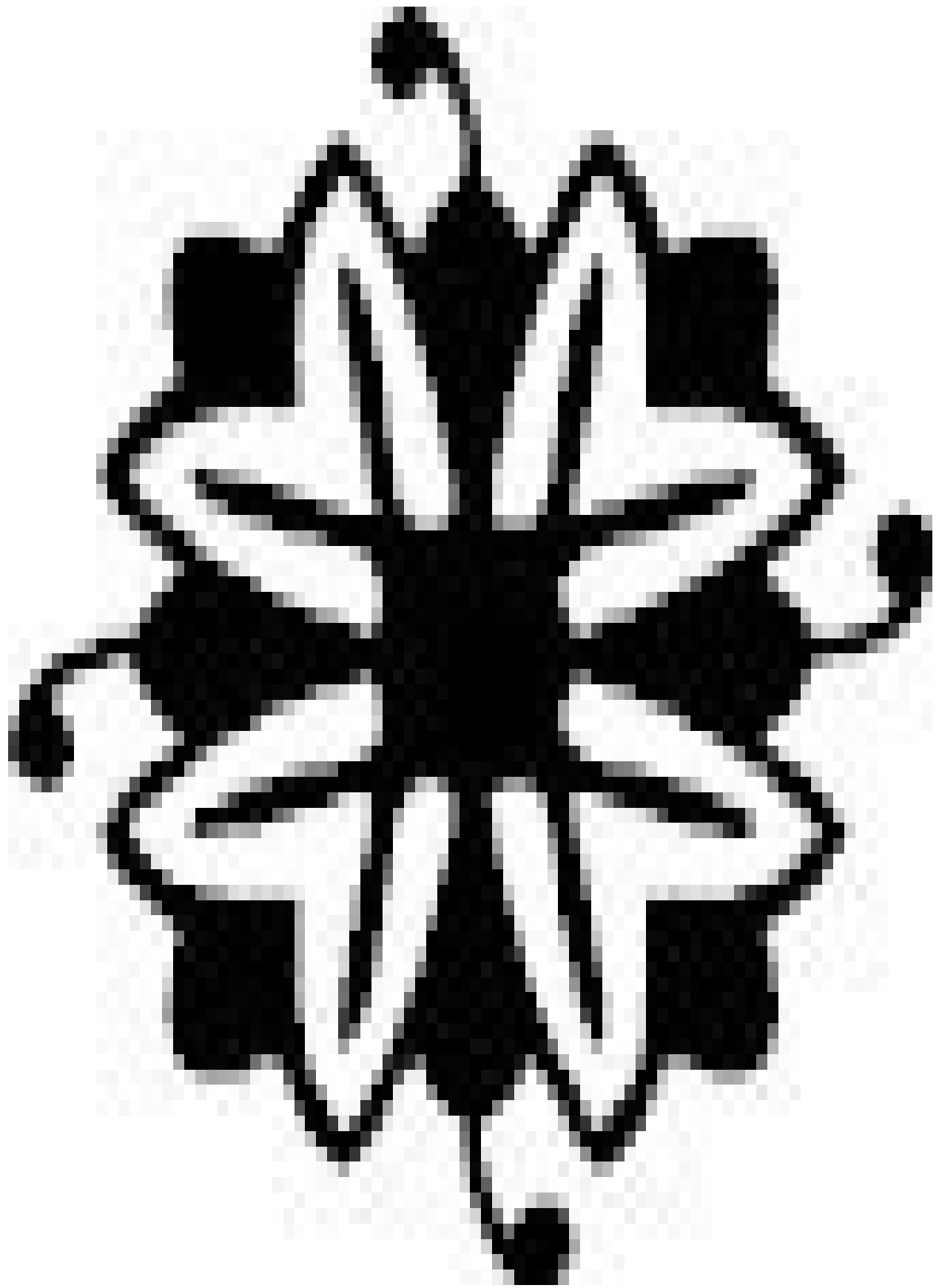
*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 989*

Em contraste ao sucesso da vida material de Lindolfo, o lado afetivo seguia aos trancos e barrancos. E ele era o único responsável pelo fracasso no ambiente familiar, pois em nenhum momento mudou sua postura inflexível e ditatorial. Rosana, que não voltara a engravidar, continuava sendo a esposa submissa de sempre. Trancafiada em casa, passava o tempo lendo ou cuidando do menino robusto que Renatinho se tornara.

O ciúme que Lindolfo nutria pela esposa fora abrandado apenas durante o período de gestação e os poucos meses em que ela estivera cuidando exclusivamente do bebê. Depois, a vigilância obsessiva voltou com força redobrada. Lindolfo reassumiu a postura do tirano de sempre e Rosana retomou o papel da esposa submissa e passiva, abdicando de sua própria personalidade e cedendo às imposições do marido para manter relativa paz no ambiente doméstico.

Outro fator negativo naquela relação foi que, à medida que o menino crescia, Lindolfo ia desenvolvendo uma grande antipatia por ele. Vendo o esmero com que Rosana o tratava, o ciúme doentio que o comandara a vida toda passou a ser direcionado para o relacionamento carinhoso entre a esposa e o menino que ele sabia não ser filho deles.

Em função disso, Rosana precisou desempenhar novamente o papel pacificador do passado, quando andara apaziguando as contendas entre o marido e a mãe. O problema era que agora, tendo de interferir na agressividade de um homem adulto contra uma criança, seu coração pendia, naturalmente, para o lado do menino. Desse modo, o distanciamento entre o casal foi se ampliando ainda mais.



Uma noite, durante mais um dos rompantes de raiva que costumava ter, pelo fato de Rosana dar mais atenção ao menino do que a ele, Lindolfo deu umas palmadas em Renatinho, provocando na criança uma escandalosa crise de choro. O menino, que estava ainda aprendendo a andar sozinho, havia se desequilibrado e, ao tentar se apoiar em um aparador, acabou derrubando o móvel e quebrando uma jarra de vidro que ficava sobre ele.

Foi uma das poucas vezes na vida que Rosana enfrentou o marido, dizendo que não havia razão para aquela agressividade toda. Essa postura foi o suficiente para que ele passasse a agredi-la verbalmente, usando termos aviltantes para humilhá-la. Bastante irritada com tudo aquilo, Rosana não conseguiu conter a única palavra de revolta que lhe veio à mente e deixou que saísse como um desabafo:

– Covarde!

Lindolfo a encarou com ódio.

– Do que me chamou? Repita se tiver coragem.

Rosana se sentiu envolvida por uma força descomunal. Lembrou-se de todas as humilhações a que fora submetida e sustentou o que havia dito:

– Covarde!

O marido segurou com força nos braços dela e a empurrou. Rosana caiu sobre os estilhaços da jarra que Renatinho havia quebrado um pouco antes e sofreu alguns cortes na mão. Em silêncio, ergueu-se com dificuldade, pegou no colo o menino que chorava desesperadamente e se trancou no quarto dele, decidida a passar a noite ali.

Algum tempo depois, Lindolfo bateu à porta e demonstrou constrangimento ao perguntar:

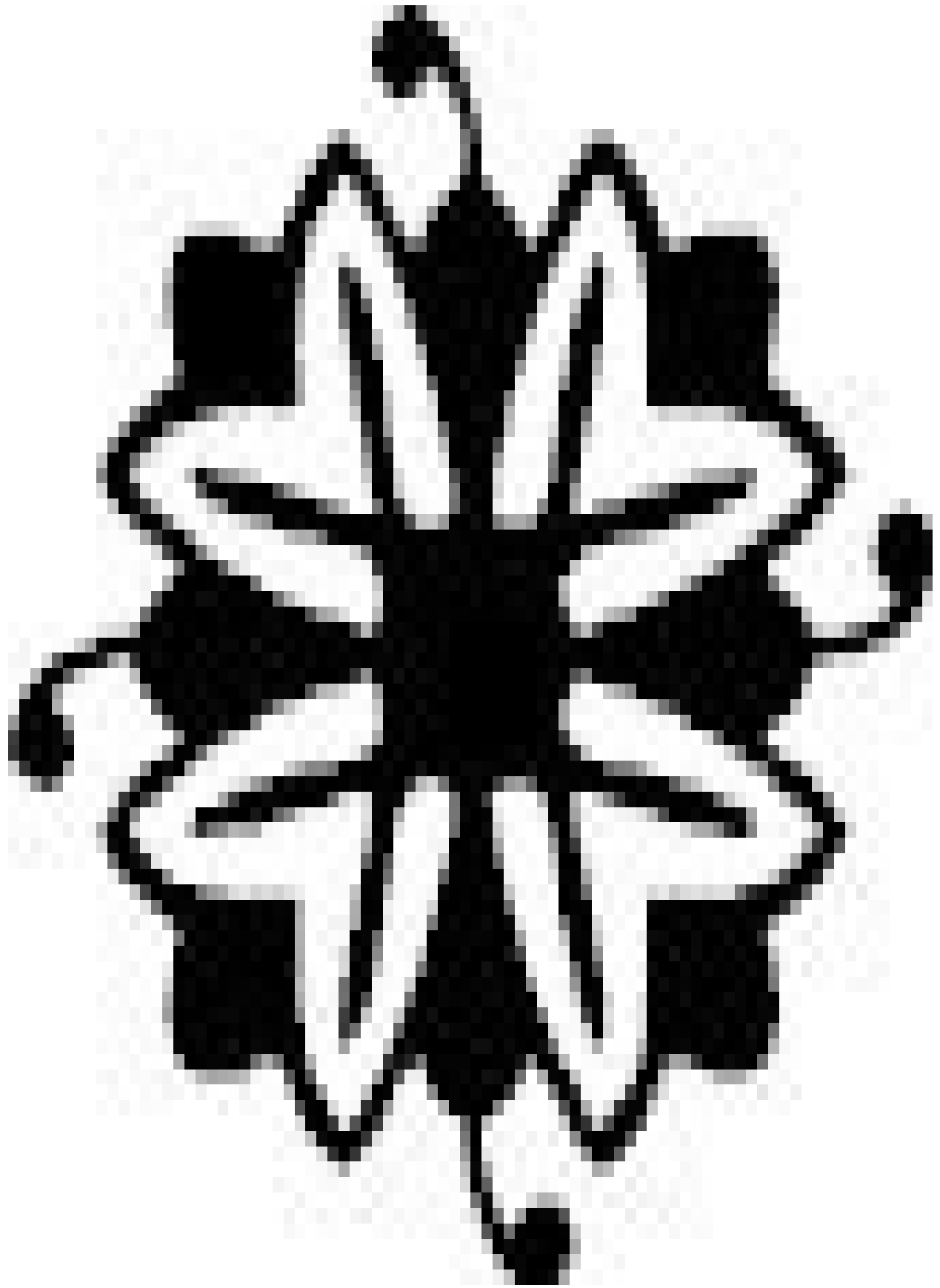
– Você não vem dormir em nossa cama?

Rosana se manteve em silêncio. Ele repetiu a pergunta por três vezes e, como não obteve resposta, se deu por vencido:

– Está bem, sua birrenta! Durma onde quiser que eu não me importo.

Renatinho se encolheu assustado com o tom de voz agressivo de Lindolfo e começou a chorar novamente. Rosana abraçou o menino e o acalmou:

– Sossegue, filho. Ele não vai entrar aqui.



Lindolfo teve uma noite bastante agitada. Em sonhos inquietantes, reviu cenas que jaziam esquecidas em sua mente: o corpo morto de Roseli sobre a florida toalha do piquenique, a revolta de seu Djalma enquanto o acusava de ter culpa na morte de sua filha, as intermináveis discussões com dona Emma, o desprezo no olhar de Donana e o corpo cadavérico de Carmela sendo consumido pelo sofrimento. Essas imagens ficavam se revezando em frenéticas repetições que o deixaram atordoado e o fizeram acordar em sobressalto.

Depois ele voltou a pegar no sono e sonhou que Rosana lhe mostrava o ferimento na mão. Lindolfo se aproximou, tentando tocá-la, mas a esposa o repeliu com nojo e fugiu para longe, em direção a uma ponte. Ele tentou alcançá-la, mas seus pés pareciam estar presos ao chão. Do outro lado da ponte, alguém acenava e abria os braços para acolher Rosana em um abraço. Lindolfo tentou identificar aquela pessoa, firmou bem a vista e acordou assustado com o som da própria voz:

– Eugênio, seu maldito!

Na manhã seguinte, antes de sair para o trabalho, ele bateu novamente à porta do quarto do filho. Sem obter resposta, gritou do lado de fora:

– Vai continuar emburrada, mulher? Estou saindo...

Rosana, que havia passado a noite em claro, profundamente magoada com ele, expôs sua indignação ao responder:

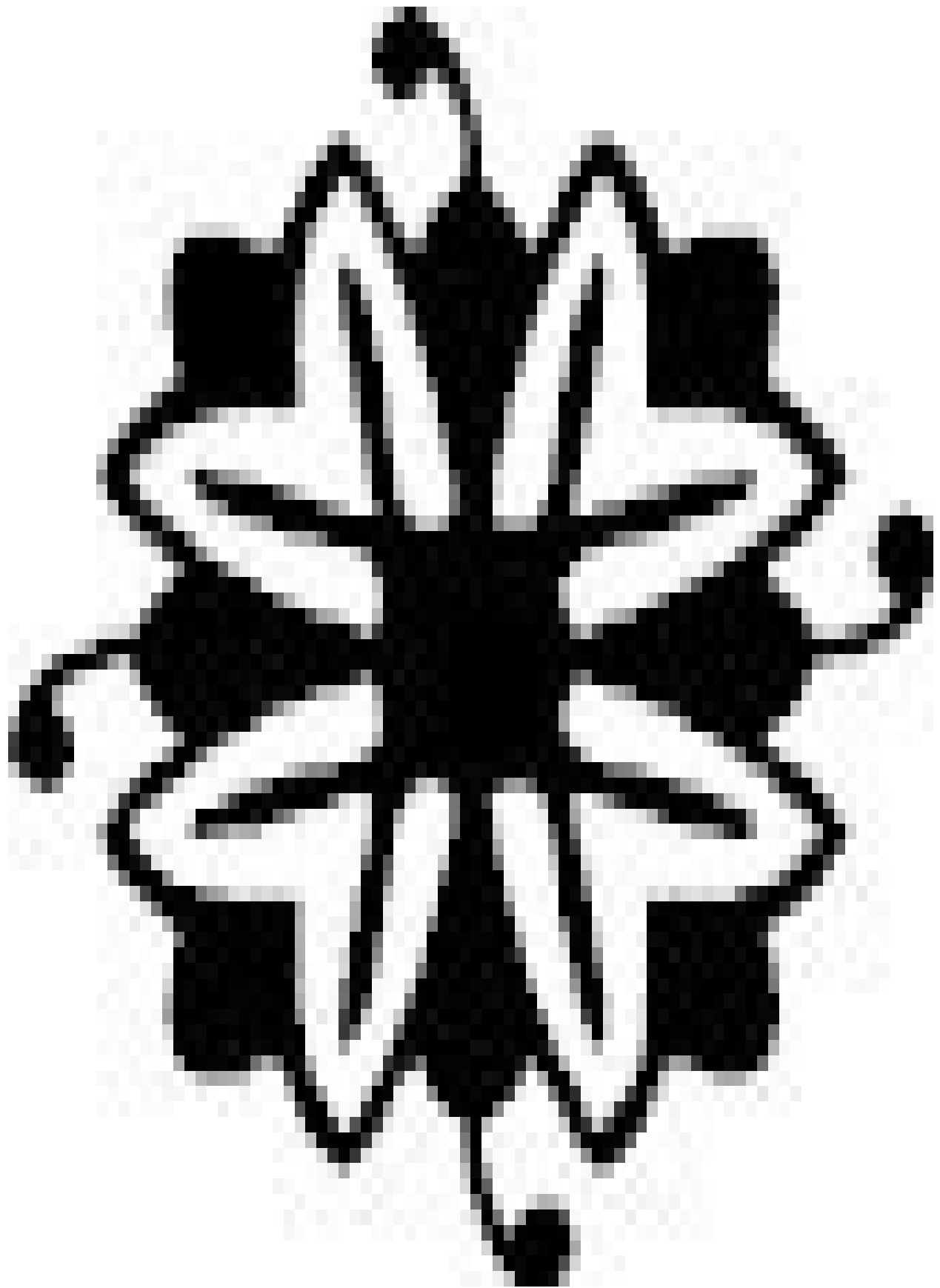
– Já vai tarde. Ah, e não tenha pressa de voltar.

Lindolfo teve vontade de rebater, mas acabou se contendo. Embora não admitisse, sabia que havia exagerado na noite anterior. Além disso, estava atrasado. Por isso, foi embora sem mais delongas.

Quando ele se ausentava do lar, nas constantes viagens que fazia a serviço, o ambiente se tornava harmônico e silencioso. Porém, em sua presença, tudo se complicava. Era como se uma intensa carga negativa o acompanhasse o tempo todo, transformando a atmosfera à sua volta em algo irrespirável.

Sempre de mau humor em casa, procurando motivos para tecer críticas e

reclamações, ele agia de modo bem diferente nas relações profissionais e sociais, quando se comportava com educação e cavalheirismo. Era uma pessoa benquista na rua e ninguém poderia imaginar que fosse tão diferente no trato com a família.



Lindolfo passou o dia visitando os clientes de algumas cidades vizinhas. Ao fim do expediente, estava a cem quilômetros de casa e, como havia desabado um forte temporal na região, pensou em se hospedar numa pousada e passar a noite ali, já que no dia seguinte precisaria partir para outros municípios ainda mais distantes. Isso fazia parte de sua rotina de trabalho.

Entretanto, quando se dirigia para a hospedagem, teve a impressão de ouvir a voz de Rosana repetindo o que dissera de manhã, ou seja, para ele não ter pressa de voltar. Seus rompantes de ciúme e insegurança provocavam esses estranhos fenômenos e o deixavam descontrolado. Aquela lembrança o inquietou e alguns questionamentos passaram a incomodá-lo imediatamente: por que a esposa lhe dissera para ficar longe de casa? Estaria tramando alguma coisa?

Nesse instante, lembrou-se do sonho em que Eugênio a esperava de braços abertos. Imagens de Rosana nos braços de um possível amante, refestelando-se em sua própria cama, tomaram forma na mente insana de Lindolfo. Junto a essas imagens chegaram-lhe à memória antigos diálogos, como quando seu Djalma dissera ter flagrado a filha e Eugênio aos beijos.

– Será que aquele maldito voltou para o Brasil sem que eu saiba e anda se encontrando com a minha mulher? – perguntou em voz alta, como se dialogasse com alguém. – Isso explicaria o fato de Rosana estar me tratando com a mesma frieza dos tempos em que alimentava esperanças em relação a ele.

Movido por um impulso extraordinário, Lindolfo decidiu voltar para casa. Mudou a direção do veículo e seguiu para a rodovia. Nesse mesmo momento, o temporal que havia cessado voltou a cair em grande intensidade.

Lindolfo tinha percorrido uns trinta quilômetros e, em vez de dirigir com mais cautela, já que sua visão estava bastante prejudicada pela escuridão e pela chuva, acelerava perigosamente o veículo. A quase certeza de que iria flagrar Rosana nos braços do homem que, em seus delírios, tinha a mesma aparência de Eugênio induzia-o àquele febril estado de descontrole emocional.

– Hei de matar os dois – ele dizia para si mesmo, socando o volante da caminhonete, envolvido pela projeção de imagens cada vez mais comprometedoras entre Rosana e o suposto amante. – E ainda vou mandar aquele fedelho insuportável ao encontro da mãe, no quinto dos infernos –

acrescentou, referindo-se a Renatinho.

Ao pensar no menino, as imagens projetadas em seu campo mental se tornaram profusas, recriando tudo o que ele tinha visto nos sonhos da noite anterior, principalmente o corpo cadavérico de Carmela estirado sobre o colchãozinho de palha, no quarto de Donana.

Nesse exato momento, a claridade instantânea de um relâmpago iluminou a cabine do veículo e Lindolfo teve a impressão de ver a mulher de quem havia sequestrado o filho, e que estava morta e enterrada há mais de um ano, sentada no banco do carona, olhando-o com muito ódio.

Em função dessa assustadora visagem, ele perdeu a direção na curva fechada pela qual transitava e não conseguiu controlar a caminhonete, que pareceu criar vida própria, atravessou a pista e despencou em uma ribanceira.

O acidente, atingindo o ápice da sequência de erros que Lindolfo vinha cometendo, ocorreu de modo tão abrupto, que ele não teve tempo de pensar em nada. Apenas sentiu seu corpo ser jogado de um lado a outro feito um boneco de pano, seguido de um baque estrondoso e um mergulho na escuridão.

## Capítulo 25

### Verdades

*Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Não há nenhuma, por insignificante que nos pareça, que não possa lhe ser a violação. Se suportamos as consequências dessa violação, não a devemos imputar senão a nós mesmos, que nos*

*fazemos, assim, os próprios artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 964 (Comentário de Kardec)*

Choveu durante a noite toda naquela estrada deserta, apagando os sinais provocados pelo acidente, que só foi descoberto no dia seguinte. No início da tarde, um motorista precisou parar no acostamento a fim de verificar um problema mecânico em seu veículo. Como havia estacionado bem próximo ao despenhadeiro, teve a visão atraída para a caminhonete que se encontrava destrocada entre as rochas, a uns cinquenta metros abaixo do nível da estrada.

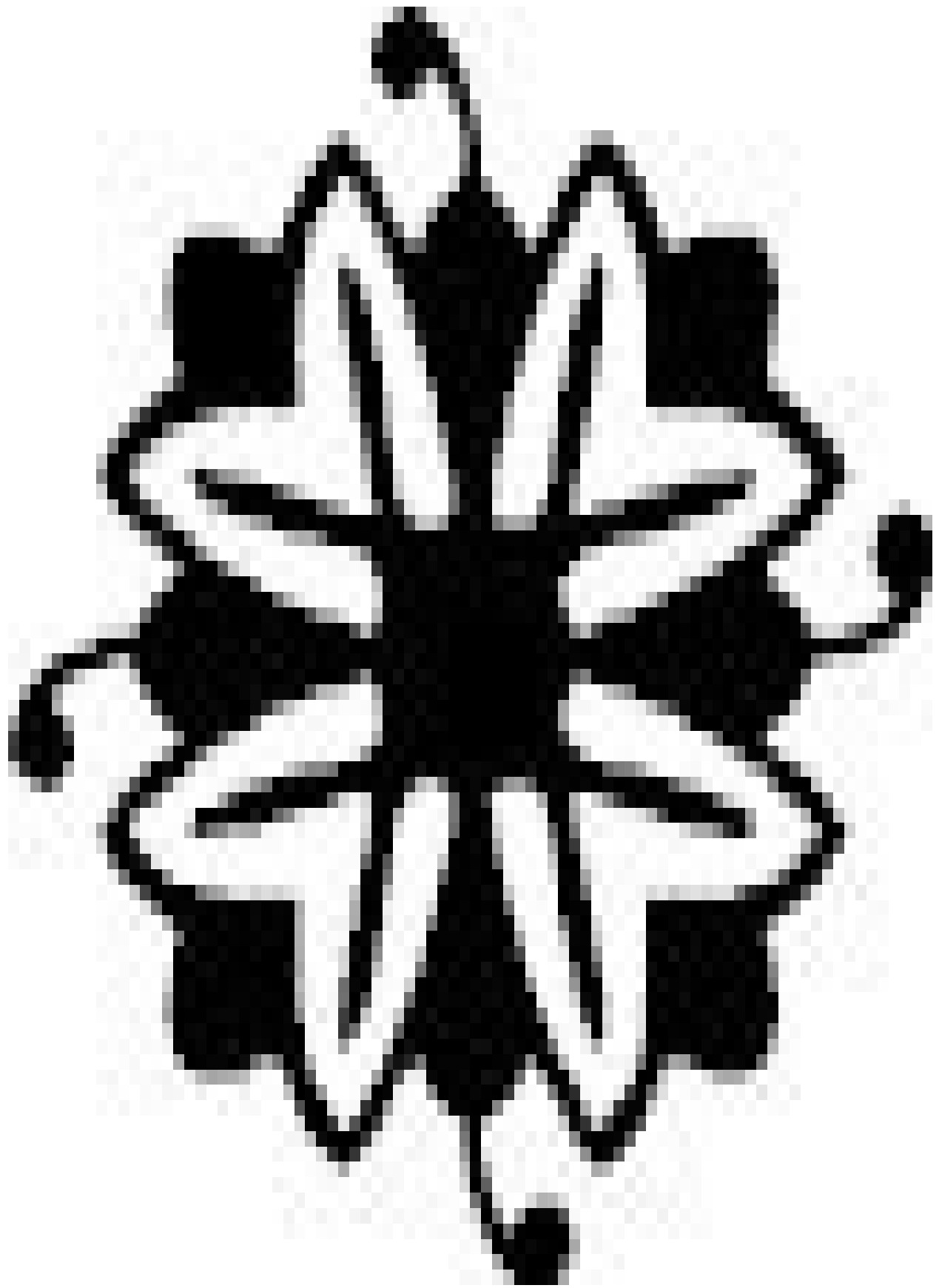
Horas mais tarde, inconsciente e apresentando gravíssimos ferimentos, Lindolfo foi conduzido ao hospital mais próximo. Depois de receber ali o atendimento emergencial, foi removido para uma unidade hospitalar mais apropriada, já que teria de passar por vários procedimentos cirúrgicos. Com diversas fraturas pelo corpo, inclusive no crânio, poucos acreditavam que fosse sobreviver, porém os médicos trabalharam com afinco para salvá-lo.

Lindolfo permaneceu em coma por quase dois meses. Quando recuperou a consciência, lembrava-se de pouquíssimas coisas. Submetido a várias cirurgias, ficou internado por mais oito meses e em nenhum momento esteve fora de perigo. Entretanto, contrariando todos os prognósticos negativos, ocorreu uma considerável melhora em seu estado de saúde.

Ele ainda não estava em condições de receber alta, mas pôde ser transferido para o hospital de um município mais próximo à sua cidade natal, já que o tratamento agora se limitava ao acompanhamento do processo de cicatrização, fisioterapia e outros procedimentos desse tipo. Ironicamente, esse era o mesmo hospital em que Rosana e Renatinho estiveram internados logo após o nascimento do menino.

Foi justamente nesse estabelecimento de saúde que Lindolfo acabou desencarnando, depois de quatro meses de internação. Sua morte não ocorreu em função das sequelas provocadas pelo acidente, mas por causa de uma infecção generalizada contraída no próprio hospital.

Nesse período, ele acabou se afeiçoando à enfermeira chamada Angelina, profissional dedicada e atenciosa que cuidou dele com muito carinho durante aqueles quatro meses e a quem Lindolfo, dois anos depois de ter desencarnado e de se encontrar perdido e solitário naquele fundo de poço psicológico, continuava esperando para os cuidados rotineiros.



Chegamos ao fim daquela viagem mental e, logo depois dos esclarecimentos, Lindolfo se deixou mergulhar em um silêncio aterrador. Agora ele tinha certeza de que o pedaço de céu esquadrihado pela moldura da janela e as nuvens brancas entrecortadas pelo voo lento dos abutres faziam parte de uma lembrança remota, uma paisagem que não se assemelhava em nada à realidade atual.

O ambiente onde se encontrava era muito diferente do quarto do hospital em que estivera internado nos derradeiros dias de sua vida física e no qual permanecera por dois anos, depois da desencarnação. Tratava-se de um lugar de angustiada atmosfera; algo triste, desolador e melancólico. O fato de seus olhos se manterem fechados não ocorria por desobediência física, mas porque, inconscientemente, o próprio Lindolfo se recusava a abri-los, com receio de se deparar com a visão assustadora das vítimas de suas atitudes inconsequentes.

Aos poucos, com todas aquelas lembranças se fixando em sua mente, eu tive de interferir para acalmá-lo, aplicando fluidos reparadores e emitindo preces em que rogava aos benfeitores que o amparassem. Cheguei a pensar que ele fosse tomado pelos mesmos sentimentos de revolta, ódio e ciúme que haviam norteado sua vida física, mas acabei surpreendido por uma reação bem diferente.

O desequilíbrio emocional que o subjugou naquele momento foi provocado pelo sentimento de culpa. Deduzi que Lindolfo não era necessariamente uma pessoa ruim, mas alguém que travava ferrenha luta contra más inclinações morais advindas de antigas reencarnações e que, infelizmente, não conseguira superar.

Ao encarar a realidade das escolhas equivocadas e as consequências por elas geradas, ele foi envolvido por um forte sentimento de frustração e autocensura. Acabara de ver que havia falhado diante dos compromissos assumidos antes de reencarnar, sabendo que passaria por fortes provas no campo afetivo e que deveria agir com bastante cautela para não deixar aflorar o temperamento agressivo e ciumento que sempre o conduziu à infelicidade.

Perscrutando o passado daquele homem e colhendo mentalmente informações que seriam necessárias à orientação que ele aguardava com ansiedade, acabei surpreendido mais uma vez. É bastante comum que conflitos relacionais ocorram entre Espíritos que se tornaram inimigos em encarnações passadas e que, novamente juntos, em busca de reconciliação, acabem recaindo em erros. Porém

esse não era o caso de Lindolfo e das pessoas com as quais ele havia se relacionado em sua última experiência no plano físico. Nenhum elo de afeição ou antipatia os ligava. Confesso que isso me causou estranheza, pois foi a primeira vez que me deparei com tal situação.

Lindolfo tinha um histórico bastante complicado. Suas últimas encarnações ocorreram em épocas de guerras sangrentas, nas quais ele praticara e sofrera todo o tipo de torpezas e abusos que a insanidade dos campos de batalha acaba provocando, principalmente numa era em que punição pelos chamados “crimes de guerra” não passava de utopia. Essas experiências moldaram-lhe o caráter a ferro e fogo. Depois, buscando abrandar a ira que lhe corroía a alma, reencarnou em condições que lhe propiciaram um modo de vida mais pacífico.

Dessa vez houve uma inversão de papéis. Na condição de homem pacato, Lindolfo se tornou vítima de violência, exploração, engodo e traição. Uma das questões que mais o revoltou foi o fato de ter sido abandonado pela esposa, que o trocara pelo homem que ele considerava seu melhor amigo.

Na verdade, eram dois inimigos que Lindolfo, por sua brutalidade enquanto soldado, angariara no passado e que, reencontrando-o naquela encarnação, praticaram um ato de vingança. Mesmo protegidos pela lei do esquecimento e, portanto, sem se recordarem da razão por que o faziam, não deixaram de cobrar caro pelo que haviam sofrido nas mãos dele.

A provação foi dura demais e acabou despertando a natureza violenta que norteava grande parte da existência de Lindolfo. Além de perseguir o casal traidor até conseguir fazer com que os dois pagassem alto preço pela deslealdade, ele adotou a desconfiança e o ciúme como novos aleijões morais a demarcar-lhe a personalidade.

Portanto, nessa última reencarnação, mesmo tendo, no período de erraticidade, tomado consciência de suas fraquezas e se comprometido a ter um comportamento mais amistoso, Lindolfo sabia que o desafio seria imenso. Sua alma estava infectada pelo pessimismo, à semelhança de um doente malcurado. Embora se esforçando ao máximo para se manter firme em seus propósitos, ele sabia que a qualquer momento poderia sofrer uma recaída.

A paixão desmedida por Rosana e o fato de a moça rejeitá-lo no início, somados ao sentimento de rivalidade que passou a nutrir por Eugênio, despertaram a

violência que se encontrava adormecida em sua alma. Aliás, trouxeram à tona o somatório do que houve de pior em suas últimas reencarnações: a brutalidade do soldado no campo de batalha e a revolta do homem pacato, que fora vilipendiado e traído por pessoas com quem havia criado fortes laços afetivos.

Guardadas as devidas proporções, já que tais sentimentos, ainda que negativos, se mostravam bastante atenuados em relação às experiências passadas, Lindolfo recaía nos mesmos erros cometidos enquanto soldado e, depois, na condição de homem pacato traído. O problema era que, agora, grande parte do que comandava suas ações não passava de devaneios de uma mente insegura e enferma. Por causa disso, mesmo as circunstâncias positivas acabavam descambando para territórios negativos criados por sua própria insanidade.

Embora Rosana não fosse a mulher que o traíra e abandonara no passado, era assim que Lindolfo a via. Eugênio, com quem não tivera também qualquer vínculo em vidas passadas, era tido como o falso amigo que lhe tomara a esposa naquela encarnação. Além disso, todas as pessoas que, de um modo ou de outro, compartilhavam a sua relação com Rosana eram consideradas entraves que deveriam ser afastados de qualquer maneira, para que nenhuma delas se tornasse um empecilho à concretização da felicidade que ele buscava desesperadamente e que julgava só poder alcançar ao lado da eleita do seu coração, ainda que isso custasse o sacrifício de vidas alheias e a infelicidade da mulher amada.

Assim, em atitudes equivocadas como a que levava Roseli ao suicídio, tendo como consequência a trágica morte de seu Djalma; as implicâncias com dona Emma, levando-a a se afastar da filha; a vigilância insana e o encarceramento de Rosana; além do sequestro e da posse do filho de Carmela, Lindolfo agia sob o impulso do que havia de pior em sua personalidade.

Estava, porém, tão decidido a não ser infeliz novamente e a não voltar a ser vítima de traições e desaforos, que recriou as artimanhas do pragmático soldado em um campo de guerra, servindo-se delas como bem quis e transformando a própria vida em um manancial de dores e aflições.

Ou seja, foi justamente o medo desesperado de evitar novas decepções que o levou a cometer tantos enganos e a praticar crimes que não ficarão impunes ao jugo da lei divina e que terão de ser expiados e reparados em algum momento do futuro.

Ao magoar tantas pessoas, Lindolfo se deparou com um resultado bem contrário ao que buscava e, ainda que tardiamente, compreendeu que a lágrima do outro causa maior sofrimento em quem a provoca do que em quem a derrama.

## Capítulo 26

### Enganos

*Qual é a consequência do arrependimento, no estado espiritual?*

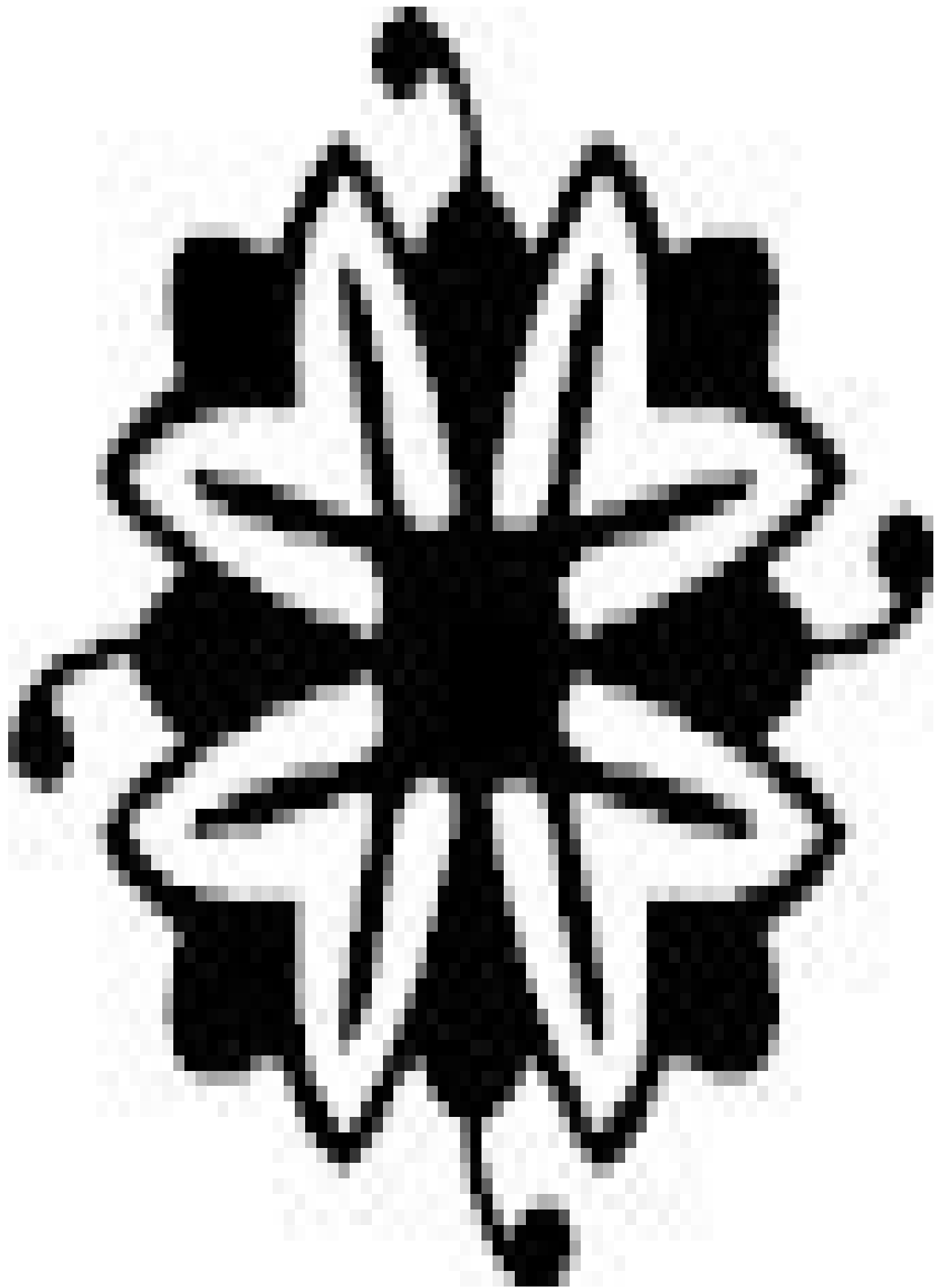
*O desejo de uma nova encarnação, para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e, por isso, aspira a uma nova existência, em que poderá expiar suas faltas.*

*O Livro dos Espíritos – Boa Nova Editora – Questão 991*

A conclusão a que cheguei depois de receber por via mental as informações referentes ao passado de Lindolfo foi rápida e inequívoca: estava diante de um Espírito sofredor; um infeliz que se deixou arrastar pelas próprias fraquezas e terminou no fundo solitário de um precipício cavado por suas próprias ações.

Olhando agora para aquele homem à minha frente, com o semblante amargurado e apreensivo de quem se vê em grande enrascada, fui tomado por terna compaixão. Sei que nem todos pensam desse modo. Há pessoas que criticarão a minha atitude e dirão que alguém como ele não merece senão a condenação pelos atos praticados, mas a minha função ali não era a de juiz e eu dou graças a Deus por isso.

Fiquei pensando na quantidade imensa de almas desajustadas que travam hercúleas batalhas, transitando periodicamente de um plano a outro em busca de uma regeneração que se mostra tão fugidia. Lembrei-me de Paulo de Tarso, que, mesmo depois do encontro com Jesus na Estrada de Damasco e da transformação moral e ideológica de suas ações, lamentava os inquietantes tropeços que de vez em quando o subjugavam. Recaídas que o levaram a dizer: O que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo.



Lindolfo me fitava com olhos lacrimosos e perguntou, depois de um longo período de introspecção:

– Fiz tudo errado, não fiz? Falhei de novo...

Suspirei fundo, segurei na mão dele e respondi meneando levemente a cabeça em um movimento afirmativo:

– É, meu irmão, infelizmente você foi vencido mais uma vez pelas más tendências e acabou decepcionando muita gente, mas, principalmente, a si próprio. Porém não se pode afirmar que não tenha evoluído ao menos um pouco. Cada experiência vivida no plano físico, ainda que repleta de equívocos, representa alguns passos em direção ao aperfeiçoamento moral que todos nós conquistaremos um dia.

Lindolfo continuava bastante introspectivo, e eu conseguia sentir a energia caótica emitida pela profusão de questionamentos que o deixavam tão inquieto.

– Francisco, me esclareça, por favor – ele pediu quase implorando –, que tipo de relação eu tive anteriormente com a família do seu Djalma? Que mal eles me fizeram no passado para que eu os prejudicasse tanto?

– Não houve qualquer tipo de conexão entre vocês antes de sua última reencarnação – esclareci. – Na verdade, este foi o primeiro encontro entre você e as pessoas com quem conviveu. Portanto, não havia nenhum vínculo positivo ou negativo nesse relacionamento.

– Mas e em relação à Rosana? Teria ela me traído na condição de esposa em outras encarnações? E Eugênio... Por que eu o odiei tanto? Que tipo de mal ele me fez anteriormente?

– Como eu lhe disse, Lindolfo, não havia qualquer vínculo entre você e aquelas pessoas. Nenhuma delas. Confesso que até eu estou surpreso com essa informação, mas é a mais pura verdade. Você teve uma reencarnação neutra em termos de laços afetivos.

– Mas por qual motivo eu fui desagregado de pessoas ligadas a mim em outras reencarnações?

– Certamente foi um auxílio extra para que você superasse seus maus instintos. Em seu histórico de vidas sucessivas há muitos desafetos e quase nenhum amigo. Assim, os benfeitores acharam melhor livrá-lo, nessa última encarnação, da convivência com pessoas ligadas ao seu passado. Uma ação de caridade para que você pudesse criar novos vínculos, conquistar novas amizades, enriquecer o seu histórico relacional...

– Os meus pais também? É por isso que não consigo ter nenhuma lembrança deles em encarnações anteriores?

– Eles também são neutros em relação a você. Aceitaram acolhê-lo como filho, mas, na condição de Espíritos imperfeitos, não se esforçaram por conquistar-lhe o afeto.

Lindolfo suspirou enquanto falava pensativo:

– É... Isso explica por que me tratavam com tanta frieza e por que eu praticamente não conhecia os meus parentes. Todos eles viviam em cidades distantes da minha e nunca me procuraram para saber como eu estava... Nossos vínculos eram apenas carnais.

Depois de refletir por mais um tempo, ele voltou a questionar:

– Francisco, se eu não tinha nada contra essas pessoas, por que as tratei tão mal? Por que as fiz sofrer tanto?

Voltei a segurar na mão dele e usei um tom de voz paternalista, mas ao mesmo tempo severo, ao dar a delicada resposta:

– Porque faltou maior esforço da sua parte para derrotar os velhos defeitos, meu irmão! Porque você se deixou dominar novamente pelos aleijões morais que têm conduzido os seus passos há várias encarnações.

Dessa vez, Lindolfo não se conteve e deixou fluir o pranto que estava represado em seu peito.

– Ah, meu Deus! – exclamou entre lágrimas. – Como pude ser tão falho? E por que não recebi orientação sobre os meus desmandos?

– Desculpe discordar, meu irmão, mas você foi orientado, sim – falei com

severidade, para não estimular nele o subterfúgio de se colocar como vítima. – Vou citar apenas duas pessoas que tentaram conduzi-lo ao bom caminho: padre Júlio e Donana.

Lindolfo sentiu um leve estremeamento ao ouvir os dois nomes e concordou por fim, meneando levemente a cabeça.

– Tem razão. O padre Júlio e Donana me deram conselhos, tentaram me alertar sobre o caminho errado que eu estava trilhando, mas eu os ignorei. E quanto ao filho que eu tive com Rosana e que morreu logo depois de nascido? Quem era ele?

– Trata-se de um Espírito ligado a ela e que precisava daquele curto período de vida como resgate de um crime cometido no passado. A perda da criança era também um tipo de provação pela qual a própria Rosana pediu para passar; uma espécie de remédio amargo que, por meio do sofrimento, serviria de ajuste moral para ela em sua vida futura, já que fora cúmplice do crime cometido pelo Espírito reencarnante. Ambos necessitavam daquela experiência.

– Então eu...

– Você prestou um desserviço a Rosana ao preencher a lacuna que seria deixada pelo menino morto, usando para isso os artifícios da mentira e da deslealdade. Assim, não permitiu que ela passasse pelo amadurecimento imposto pela perda do filho. Além disso, evitou também que Renatinho tivesse um importante período de convivência com Carmela, o que seria essencial para os dois.

– Meu Deus! – exclamou Lindolfo ao tomar conhecimento das sérias consequências de suas más ações. – E eu posso saber por que a convivência entre Carmela e Renatinho era tão necessária?

– Sim. É importante que saiba. Renatinho é a reencarnação de um Espírito que Carmela, ainda bem jovem, abortou quando atuava como prostituta em um bordel. Esse aborto provocou grande revolta ao Espírito reencarnante, que almejava muito estar ao lado dela. Quando teve o corpinho ainda em formação dilacerado e arrancado do ventre de sua futura mãe, ele entrou em forte desequilíbrio e levou alguns anos até que estivesse novamente preparado para reencarnar.

– E, quando esse Espírito reencarnou, eu o arranquei dos braços de sua mãe... –

Lindolfo choramingou.

– Infelizmente é a realidade – confirmei com tristeza.

Ele refletiu por alguns segundos e falou pensativo, demonstrando ter chegado a uma conclusão:

– Ah, então foi por isso que Carmela me assombrou na noite do acidente...

Encarei-o seriamente e discordei:

– Ninguém o assombrou naquela noite, Lindolfo, a não ser você mesmo.

– Como assim? Eu vi o fantasma dela no banco do carona da caminhonete... Ou seria outra pessoa fingindo ser Carmela para me assustar e provocar o acidente?

– Nem uma coisa nem outra – afirmei com convicção. – Você viu a projeção da imagem criada pelo peso de sua própria consciência. Ou seja, as mesmas imagens ilusórias que o perturbaram durante o sono na noite anterior.

Para deixar bem claro o que eu dizia, pedi a ele que se concentrasse no que seria projetado a seguir em sua tela mental. A primeira imagem mostrou uma praça arborizada em uma bela colônia espiritual. Sentados em um dos vários bancos que ficavam dispostos sob as árvores, um homem e uma mulher dialogavam. Ambos mantinham na estrutura perispiritual a mesma aparência dos corpos físicos da última encarnação. À medida que a imagem ia se tornando mais nítida, Lindolfo os reconheceu e falou bastante surpreso:

– Seu Djalma e Roseli... São eles mesmos?

– Exatamente. Como você pode ver, os dois estão tranquilos. Depois de um curto período de distúrbios, pediram auxílio, submeteram-se a importantes processos de conscientização, adaptaram-se à nova realidade e agora vão se preparar para a próxima experiência no plano terreno. Quanto a Carmela, quando retornou ao plano espiritual, ela permaneceu algum tempo em estado de inconsciência. Despertou agitada e confusa, mas está se reequilibrando desde que passou a receber a atenção de uma amiga muito querida.

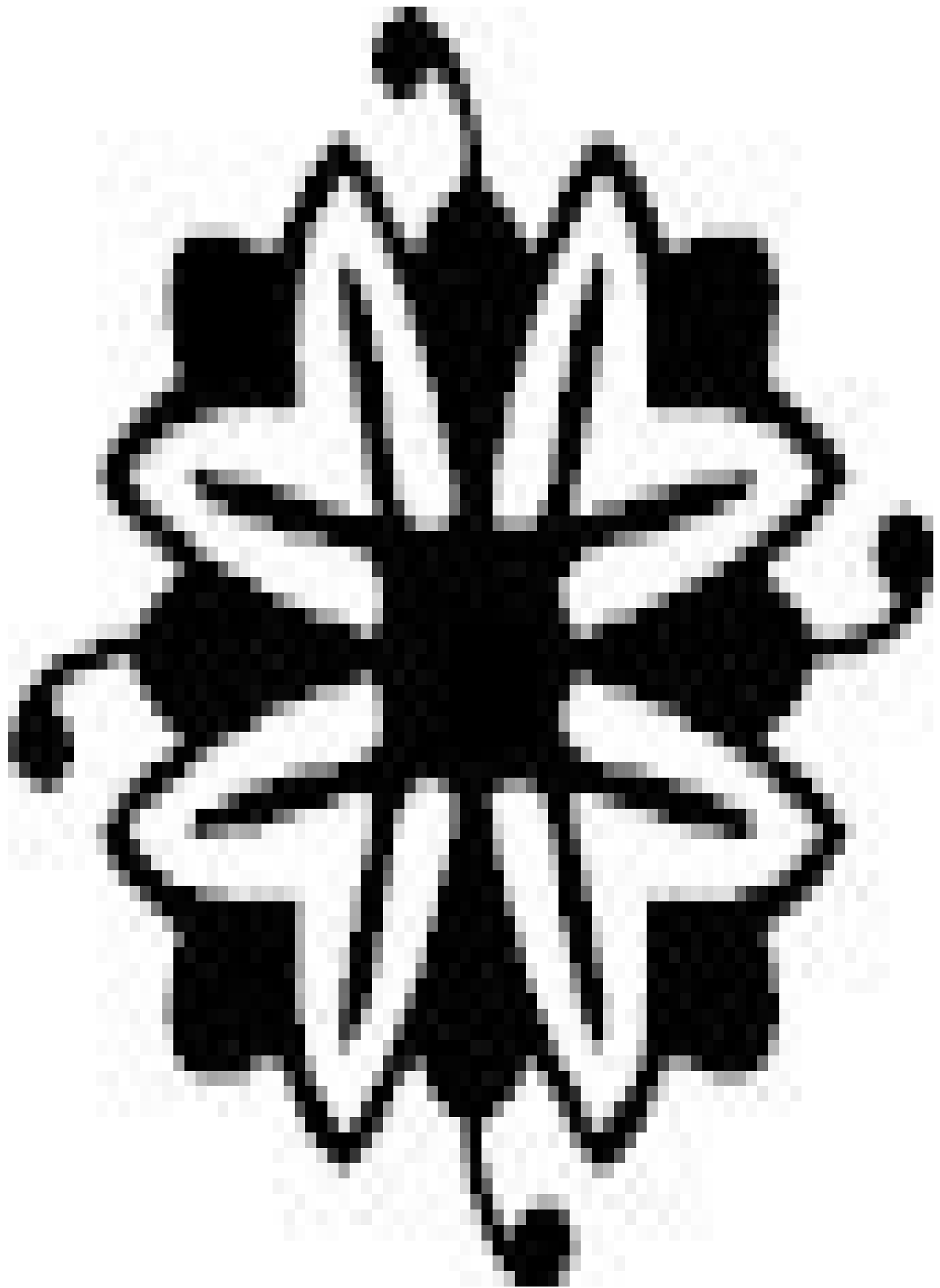
Nesse momento, em nova projeção em sua tela mental, Lindolfo viu Carmela num hospital-colônia, sendo amparada por uma pessoa que ele conhecia bem.

– Donana, a benzedeira! – exclamou. – Ela continua cuidando da Carmela...

– Isso mesmo – confirmei. – Pessoas especiais como Donana sempre encontram afazeres, independentemente do lugar em que estejam.

Não comentei nada com Lindolfo sobre o curto diálogo que pude ouvir entre Carmela e Donana, pois achei desnecessário ou, talvez, até mesmo inconveniente. O que ficou claro para mim foi que a benfeitora informava sobre a destinação de Renatinho de um modo bastante positivo e fez a seguinte promessa à amiga:

– Assim que for possível, nós iremos até o seu filho pra você ver como ele está lindo!



Depois de todos aqueles esclarecimentos, deduzi que Lindolfo, devidamente conscientizado e arrependido de seus atos, estava pronto para dar início às próximas fases de sua futura regeneração: a expiação e a reparação, que são as condições necessárias para apagar os traços de ações faltosas e suas consequências.

Em que circunstâncias e em qual momento ele iria voltar à vida terrena, eu não tinha como saber. Entretanto, nós dois sabíamos que dolorosas e difíceis provas o aguardavam. O período que ainda deveria permanecer na erraticidade – agora bem consciente de suas equivocadas escolhas – dar-lhe-ia a sagrada oportunidade de refletir profundamente e se preparar para, quem sabe, lograr melhor êxito em sua próxima reencarnação.

Enquanto ele recebia a assistência das equipes socorristas, afastei-me fitando-o amorosamente e acenei enquanto me despedia:

– Até um dia desses, meu irmão! Cuide-se!

Lindolfo, que permanecia chorando copiosamente, esticou os braços em minha direção, à semelhança de uma criança travessa que, vendo-se em apuros, pede proteção.

– Não se preocupe, meu rapaz! Você não estará desamparado – falei com voz firme, para não deixar dúvida de que minhas palavras eram verdadeiras. – Confie em Deus! Confie em Jesus!

Depois de estar acomodado em uma maca, ele foi retirado do ambiente tenebroso: uma espécie de casulo criado pelos miasmas densos que se projetaram de sua mente enferma durante aquele período de ilusória fuga de si mesmo, no qual enfrentara angustiada solidão e intraduzíveis sofrimentos morais.

Fui envolvido por forte emoção ao notar que, à semelhança de Lindolfo, dezenas de Espíritos sofredores que se encontravam aprisionados à dimensão astral do velho hospital estavam sendo resgatados naquele momento. A equipe de trabalhadores, formada por benfeitores espirituais e médiuns encarnados em processo de desdobramento, conduzia-os com afável ternura, formando uma grande fila que se encaminhava lentamente na direção dos iluminados portais de

uma colônia de acolhimento e reabilitação.

Elevei os pensamentos e emiti uma prece de agradecimento a Deus pela oportunidade de ser útil levando esclarecimentos a Lindolfo, ajudando-o a ser resgatado, e também ao ter permissão para transformar em literatura a experiência adquirida junto àquele infeliz irmão, para que os ensinamentos do Cristo se expandam e conscientizem um número cada vez maior de almas que enfrentam rigorosos estágios nessa morada planetária de provações, onde a plena felicidade, em decorrência da imperfeição de seus habitantes, ainda não pode ser alcançada.

Uma infinidade de Espíritos ainda portadores de graves viciações e de sentimentos mesquinhos, angariados no curso da longa jornada, como ódio, inveja, orgulho e egoísmo, seguirão alternando os papéis de vítimas e algozes, até que a consciência espiritual do homem seja plenamente despertada, o perdão das ofensas seja adotado por todos e a paz verdadeira finalmente possa ser conquistada.

## **Epílogo**

*Atingistes o tempo do cumprimento das coisas anunciado para a transformação da Humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado na seara do Senhor com desinteresse e sem outro móvel senão a caridade!*

*O Evangelho segundo o Espiritismo – Boa Nova Editora – Cap. 20 – item 5*

Despontando detrás das serras espigadas que se projetavam ao longe, o sol começava a espalhar seus raios dourados sobre a bucólica cidade do interior de Minas Gerais. Iniciava-se um domingo festivo, com o som de músicas sacras sendo reproduzidas nos alto-falantes da torre da igreja, cuja paróquia seguia sob o comando de padre Júlio.

Na sala de refeições da bonita residência, mãe e filha faziam o desjejum, conversando descontraidamente.

– Hoje está fazendo dois anos que o Lindolfo morreu – disse Rosana. – Sonhei que ele estava sendo retirado de um lugar escuro, por umas pessoas de roupas claras, como se fossem médicos ou enfermeiros. Ele estava sendo levado para uma sala ampla e muito iluminada.

– Cruz-credo – benzeu-se dona Emma. – Esse negócio de ficar sonhando com gente morta já nos trouxe grandes problemas no passado. Lembra-se de como o seu pai ficou abalado no tempo em que andou tendo pesadelos com a sua irmã?

– Lembro, sim. O coitado vivia numa tristeza danada! Mas o sonho que eu tive com Lindolfo não foi ruim, não. A impressão que me deu foi a de que ele finalmente encontrou um pouco de paz.

– Seu marido só não teve paz enquanto vivo porque não quis, minha filha. Olha quanta coisa boa ele tinha e não soube dar valor – disse dona Emma movimentando a cabeça negativamente. – Um bom emprego, casa confortável, esposa linda, filho saudável... Se tivesse sido menos arrogante, egoísta e ciumento, estaria desfrutando de tudo isto. Nada me tira da cabeça que aquele acidente aconteceu por causa do descontrole que ele tinha. Lindolfo devia estar dirigindo a caminhonete feito um louco naquela noite.

– A senhora tem razão, mãe, mas eu não me sinto bem pensando nele desse modo. Lindolfo possuía muitos defeitos, porém tinha qualidades também. Teve, inclusive, a preocupação de fazer um bom seguro de vida pra que eu e o Renatinho não ficássemos desamparados. Apesar de tudo que aconteceu, sou muito grata a ele.

– Olha, se o seu marido tinha qualidades, escondeu-as muito bem de mim – dona Emma falou com ironia. – Logo que o conheci, eu o achava perfeito. Porém, depois que passamos a viver sob o mesmo teto, ele revelou ser o oposto do que

eu pensava.

– O dia a dia com ele não era uma tarefa muito fácil – concordou Rosana. – Eu já tinha resolvido me separar. Tomei essa decisão na noite em que ele bateu no Renatinho e praticamente me jogou em cima dos cacos de vidro. Percebi que a tendência era piorar o grau de agressividade com que Lindolfo vinha nos tratando. Estava só esperando ele voltar de viagem pra ter uma conversa definitiva, mas isso nunca aconteceu.

– Eu sei – disse dona Emma. – Você já me contou essa história algumas vezes. Na noite seguinte ele sofreu o acidente, não foi?

– Isso mesmo. Foi quando precisei viajar até a cidade onde ele estava internado e tomei a iniciativa de ir atrás da senhora, pois precisava de alguém de confiança pra tomar conta do Renatinho. Mas, mesmo tendo visitado Lindolfo várias vezes, não chegamos a conversar quase nada. No início, ele estava completamente sem memória; depois, quando começou a ter os primeiros sinais de lembranças, adquiriu a infecção que o matou em pouco tempo.

Dona Emma demonstrou não ter ouvido as últimas palavras da filha, pois estava com a mente presa a um momento afortunado.

– Ah, Rosana! O dia em que você chegou no sítio de Valquíria foi um dos mais felizes da minha vida – ela falou emocionada, deixando que as lágrimas umedecessem seus olhinhos verdes. – Eu andava muito triste e cheguei a pensar que estava sonhando quando vi você e o meu netinho chegando naquele fim de mundo onde minha irmã mora. Eu tinha mandado cartas pra você e não havia recebido respostas, por isso estava tão desolada.

– Como já lhe disse, mãe, eu nunca recebi essas cartas.

– Eu sei, filha, esqueça isso... Poder abraçá-la naquele dia e acolher no colo o meu netinho foi um momento de felicidade que eu jamais esperava ter nesta vida. Eu achava que nunca mais iria vê-la e que acabaria morrendo de tristeza naquele lugar tão ermo.

– Ermo? Aquilo lá é o fim do mundo – Rosana falou rindo. – Não foi nada fácil encontrá-la. O senhorzinho do táxi se perdeu várias vezes, mas era um homem persistente. Depois de pedir dezenas de informações, acabou encontrando o sítio da tia Valquíria. Não sei como ela e a prima Joelma conseguem viver tão

isoladas daquele jeito.

– Estão acostumadas, minha filha, e, acredite, elas não saberiam viver de outro modo. São dois bichinhos do mato.

As duas começaram a rir. Nesse momento, Renatinho, que havia acabado de acordar, aproximou-se cambaleando de sono e esfregando os olhinhos. Abraçou as pernas da avó e apoiou a cabeça no colo dela. Dona Emma envolveu a fronte do menino com as mãos e a beijou várias vezes.

– Deus o abençoe, meu netinho!

Depois ele se aproximou de Rosana e pediu colo. Ela o acolheu nos braços, beijou-lhe a face e disse:

– Vamos lá cuidar da sua higiene. Enquanto lhe dou um banho, a vovó, que é a melhor cozinheira do mundo, vai preparar um lanche bem gostoso pra você.

A energia de amor entre as duas mulheres e o menino envolvia todo o ambiente num clima de paz e harmonia. Isso podia ser percebido na dimensão espiritual, onde duas desencarnadas observavam a cena com vivo interesse:

– Está vendo, Carmela, como eu lhe disse a verdade? Seu filho recebeu a bênção de conviver com pessoas que o amam verdadeiramente.

– Ah, Donana, a senhora tem toda razão – a outra respondeu comovida, quase chorando. – Isso me deixa mais tranquila e me faz sentir menos culpada por tê-lo rejeitado naquele aborto inconsequente que fiz...

– Coisas do passado – Donana disse procurando confortá-la. – Naquela época, você ainda não sabia o que o aborto representava. De qualquer forma, o fato de não ter convivido com o seu filho na segunda vez que o concebeu não foi por sua culpa.

Com os olhos marejados, Carmela falou:

– Foi muito difícil saber que alguém trocou o meu filho saudável por uma criança morta e me deixou passar por todo aquele sofrimento... Ah, Donana, se não fosse pelos conselhos que a senhora me deu, eu jamais iria perdoar aquele homem.

– A melhor coisa que você fez foi deixar a justiça nas mãos de Deus. Acredite, minha irmã, o seu gesto de caridade para com o seu algoz se reverterá em alegrias futuras e Deus recompensará a nobreza da sua atitude. O pobre infeliz que a fez sofrer ajustará contas com a única justiça que não falha nunca: a divina.

– Eu acredito na senhora, mas será que vou ter chance de voltar a conviver com o meu filho e com as outras crianças que acabei doando? – Carmela perguntou com a voz um pouco embargada.

– Não tenha dúvida disso – a benfeitora respondeu com segurança. – Porém, antes, você precisará estar preparada para essa convivência.

– E como farei isso? Como vou conseguir me preparar para uma tarefa tão especial? – ela perguntou insegura.

Donana estendeu a mão e disse:

– Conte comigo e com outros companheiros que terão grande alegria em auxiliá-la. Acredito que teremos muito tempo até a sua próxima reencarnação. Até lá, estaremos ao seu lado, orientando-a no que for necessário. Trabalho por aqui é o que não falta e eu tenho certeza de que, atuando ao lado de crianças rejeitadas, amparando-as e convivendo com suas dores e frustrações, você estará se preparando para os futuros compromissos.

De mãos dadas, as duas retornaram à colônia espiritual. Enquanto se distanciavam, ouviam as gargalhadas estridentes de Renatinho. Rosana, esfregando deliberadamente as mãos ensaboadas nas axilas do menino, provocava-lhe cócegas e gargalhava junto com ele.



**DESEJO DE SER FELIZ**  
**Roberto de Carvalho Ditado por Francisco**

**ROMANCE | 16x23 cm | 224 páginas**

**Julia tinha quinze anos quando foi obrigada pelo pai a se casar com um homem a quem não amava. Aos vinte anos, presa ao casamento indesejado, conhece o jovem Abel e seu coração desabrocha para uma paixão avassaladora que lhe fará descobrir um mundo fascinante. A benzedeira Januária e o enigmático Zé Tristeza dão a tônica espiritual à história e terão papel relevante no destino dos protagonistas.**



**17 3531.4444 | [boanova@boanova.net](mailto:boanova@boanova.net) | [www.boanova.net](http://www.boanova.net)**

Av. Porto Ferreira, 1031 | Parque Iracema CEP 15809-020 | Catanduva-SP [www.](#)

Rejeitado pela moça por quem está apaixonado, Lindolfo passa a agir de modo dissimulado, egoístico e cruel, eliminando tudo o que representa empecilho aos seus objetivos e causando transtornos às pessoas que em algum momento lhe foram úteis. Ao se deparar com as consequências de suas escolhas equivocadas, aprende tardiamente que a lágrima do outro causa maior sofrimento em quem a provoca do que em quem a derrama.

